



**UMA TRAJETÓRIA DES-VIÁVEL  
O PERCURSO PROFISSIONAL DE ARIALDO PINHO  
ENTRE NATAL E FORTALEZA**

**Frederico Augusto Luna Tavares**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE/  
CENTRO DE TECNOLOGIA/PPGAU**

**NATAL/RN**

**2017**

**Universidade Federal do Rio Grande do Norte**  
**Centro de Tecnologia**  
**Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**

**Frederico Augusto Luna Tavares**

**Uma Trajetória Des-Viável**  
O Percorso Profissional de Arialdo Pinho  
Entre Natal e Fortaleza

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do  
Rio Grande do Norte para a obtenção do título de  
Doutor em Arquitetura e Urbanismo, na área de  
concentração de Urbanização, Projetos e Políticas  
Físico-Territoriais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Lúcia Ferreira

**NATAL/2017**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN  
Sistema de Bibliotecas – SISBI  
Catalogação da Publicação na Fonte - Biblioteca Central Zila Mamede

Tavares, Frederico Augusto Luna.

Uma trajetória des-viável: o percurso profissional de Arialdo Pinho entre Natal e Fortaleza / Frederico Augusto Luna Tavares. - 2017.  
232f. : il.

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Natal, RN, 2017.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Lúcia de Araújo Ferreira.

1. Arquitetura - Nordeste-Brasil – Tese. 2. Arialdo Pinho (1927-1985) – Documentário – Tese. 3. Projetista prático– Tese. 4. Trajetória profissional – Tese. 5. Patrimônio construído – Tese. I. Ferreira, Angela Lúcia de Araújo. II. Título.

RN/UF/BCZM CDU 72-057.83

**Frederico Augusto Luna Tavares**

**Uma Trajetória Des-Viável**

O Percorso Profissional de Arialdo Pinho Entre Natal e Fortaleza

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte para a obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo, na área de concentração de Urbanização, Projetos e Políticas Físico-Territoriais.

Aprovada em: 30/01/2017

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Angela Lucia de Araújo Ferreira (orientadora)**  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão (examinadora externa)**  
Universidade Federal do Ceará

---

**Prof. Dr. Fernando Atique (examinador externo)**  
Universidade Federal de São Paulo

---

**Prof. Dr. José Clewton do Nascimento (examinador interno)**  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Wani Fernandes Pereira (examinadora interna)**  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

*Dedico esta Tese a todos aqueles  
que se apaixonam pelo outro,  
pela história de vida do outro e compartilha  
suas emoções nem sempre contidas,  
para o enriquecimento de recentes passados,  
presentes nas paredes da cidade  
e no invólucro dos corações.*

## AGRADECIMENTOS

Reconhecer, agradecer, explicar e “esquecer”. Considero tarefa daninha do tempo a sua curta temporada na lembrança afetiva nomeadamente condensada nesta fria página branca. Entretanto, na paleta afetiva destes anos últimos, quase múltiplos, venho pincelar as matizes diversas que me fizeram chegar até aqui, nesta difícil, provocadora, estimulante (nem sempre, porém), desafiadora e encantadora experiência doutoral. Adianto que a ordem dos nomes próprios que aqui aparecem estão livres de qualquer medição afetiva, no sentido prático da palavra.

Pois bem, desde que comecei a frequentar o Centro de Tecnologia da UFRN, novos mundos foram se abrindo para mim. O principal deles, no fim do corredor do edifício, por trás da última porta, no primeiro andar. Passagem que eu já havia cruzado durante o mestrado, quando paguei disciplina com a coordenadora daquele universo ético-intelectual-afetivo, a professora Angela. Replicada n@s coleg@s pesquisador@s, experienciei momentos de imensurável maturidade acadêmica, potencializados durante os anos do doutoramento, de modo que, assumo e reconheço que este trabalho trilhou tantos caminhos para se chegar ao fim de seu começo, uma vez que tive a felicidade de partilhar e aprender com veemência este mundo novo, por meio do Grupo.

Recortando a geografia, em Fortaleza, gratidão aos descendentes de Pinho: Arialdo de Mello, Paulo e Alberto, que me receberam com respeito e carinho para contar (suas) histórias, assim como, dos arquitetos e urbanistas Delberg Ponce de León, Fausto Nilo, José Neudson Braga e o colunista social Lúcio Brasileiro. No Planalto Central, os valiosos arquivos do neto de Arialdo Pinho, o arquiteto Arnaldo (filho de Arnaldo Pinho). Muito obrigado a vocês!

Aos queridos recordadores: Maria da Conceição Bezerra, Moacyr Gomes da Costa, Kleber Bezerra, Edgard Dantas e dona Zênia, Adniura Moura, Margarida Medeiros, Massília Tillinger, Ademar Carvalho e Ilma Pereira de Carvalho, Franklin Garcia, Nelson Galvão, Ilca Lima e Heloisa Tinoco, com quem tive a sorte e o privilégio de tê-los neste trabalho.

... E, num momento anterior, com carinho, a Jorge Vargas Soliz, Caio Torres, Arlete Borelli, Pedro Júnior, dona Martha e seu filho querido arquiteto/tocador Marcelo Tinoco – que tão abruptamente partiu, dona Marlene Galvão, Ítalo Trindade, Hercília Medeiros, Analice Lemos, que tão bem me receberam para contar suas histórias, reservadas no escaninho de histórias futuras.

Aos pesquisadores entrevistados: George Dantas, Frederico de Holanda e Fernando Atique, os esclarecimentos primordiais.

Decerto que as viagens físicas só puderam ser concretizadas por causa da paciência e do carinho das diversas pessoas que me receberam em suas casas durante momentos de felicidade e angústia com o desarmar das minhas fontes documentais, ao mesmo tempo em que a chama da afetividade nos unia novamente. Em Fortaleza, por exemplo, Tetê, Dani e Júnior reforçaram tudo isto. Em Recife, Analba e sua gentileza (e personagem inquisidora para o meu bem e da tese também), regadas a cafés da manhã de majestades mundo afora. Na Paraíba, numa surreal Campina Grande à beira do colapso hídrico, na casa de Angelina; por sua vez, na capital do Estado, usufruindo da mais linda vista, cujos afazeres não me permitiam usufruí-la, todavia recarreguei minhas baterias com a bela Bella e sua linda irmã Gabi, e os adultos da casa: o primo querido Judson Faheina, sua flor de mãe-tia Sonia e Silvana. Em Natal mesmo, um dos refúgios para a alma acadêmica recarregar-se teve lugar na casa da linda Inês, em Curitiba, Luciano Medeiros e no Rio de Janeiro, Ivan Loutfi.

À seara das etapas acadêmicas, Julie Cavignac e Clewton pelas generosas e saborosas contribuições para desatar os nós da etapa de Qualificação da tese. Na pré-banca, contar novamente com José Clewton, mais a riqueza de ter as professoras Socorro Aragão e Lisabete Coradini coroando a mesa, tão somente agradeço, principalmente porque pude (re)encontrar novas possibilidades de direcionar o meu trabalho.

Na defesa da tese, admiração pessoal e acadêmica juntaram-se na composição da banca. Fiquei muito honrado com o aceite dos pesquisadores Socorro Aragão, Fernando Atique, José Clewton mais uma vez e Wani Pereira.

Obviamente, não posso esquecer-me de registrar quão importante foi a minha ida para Lisboa, a fim de cumprir estágio de doutoramento “sanduíche” sob os auspícios da CAPES, e, uma vez na cidade dos sete miradouros, agradeço ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil – LNEC, onde estive lotado. A bagagem intelectual e a experiência foram marcantes e inesquecíveis. Agradeço, assim, bastante, à minha orientadora nesta instituição, a pesquisadora incansável e aguerrida Marlucci Menezes, que me guiou entre bibliografias, incentivos experienciais na cidade, contatos acadêmicos e a preocupação em me transmitir e “me atualizar” sempre.

Ao CREA-CE e CREA-PE, por terem possibilitado a minha busca pelas fontes documentais de seus acervos.

À agência CAPES, pelos meios de viabilização da pesquisa no exterior e pela bolsa de estudos.

Um dos pilares que sustentaram a tese vem em forma de agradecimento às dicas, indicações de personagens, cessão de livros, comentários, disponibilidades, abraços, preocupações, advindos de Douglas Lima, Edna Maria da Silva, Bellita meu amor, Mário Maia, Márcia Pinheiro, Márcio Pinheiro, Giuliano Orsi (por tudo aqui, acolá e d'além-mar), Angela Dieb, Auana Maroni, Heitor Andrade, Raissa Salviano, “Seu” Carlos de Miranda Gomes, Adriana Araújo, Fred Rossiter, Ana Elvira, Helder Viana, Marcus Vinícius, Carol Villaça, Marizo Vitor, dona Denise Gaspar, Aldão Garcez, Haroldo Maranhão, Iésu de Andrade, Thiago Cavalcanti, Flavio Rezende, Pedro Urano, Saulo, aos queridos colegas do HCurb, e tantos e tantas outras que vou lembrar assim que enviar estas páginas para a impressão, quando o susto atrasado far-se-á instantâneo.

Ao PPGAU e ao querido Nicolau, sempre onipresente.

À Bembe Produtora – Erik Medeiros e Kleyton Canuto, pela seriedade e simbiose na montagem do documentário madrugadas adentro *e fora* também.

Ao MusA pela gentileza dos arquivos acessados.

Novamente, por outras esferas, a George Dantas e os Líquidos & Modernos pela cessão da trilha sonora para o documentário, a Giovana, Yuri, Leopoldino, Désio, Luiza, Adielson, Tamms, Paulo e às outras flores do Hcurb.

E, em especial à professora Angela Lúcia, por quem admiro a sua forma de se encantar (mesmo desencantando às vezes) com os detalhes da vida, seja ela real ou fictícia. Obrigado, professora! Obrigado e obrigado de novo e sempre.

Natal, sol causticamente tropical de janeiro, 2017.



## RESUMO

Parte significativa da produção arquitetônica das décadas de 1950 e 1960 está sendo destruída em Natal, atingindo não somente o acervo edilício, mas levando consigo testemunhos de reminiscências dessa época, incluindo-se os autores desses projetos, que muitas vezes sequer foram devidamente mencionados ou reconhecidos pelos estudos acadêmicos. Entre esses profissionais com distintas formações e procedências, veio à tona, na busca irrequieta pelo registro do ainda existente, Arialdo Pinho. Nascido no Rio de Janeiro, com o domínio da técnica laboral e o significativo aporte cultural, à margem da instrução formal, chega a Natal em 1951 e torna-se importante referência da escola modernista residencial. Em 1958, já em Fortaleza-CE, dá continuidade ao potencial conquistado à luz de suas funções intelectuais e às estreitas relações sociais. Ao custear as fendas atinentes a estas circunstâncias, pergunta-se: como os decursos pessoal, intelectual e profissional de Arialdo Pinho materializado nos empreendimentos nas duas cidades podem ser apreendidos na construção historiográfica dos bens culturais edificados? Acredita-se, assim, que o momento fazia-se favorável para a execução de seus projetos nestas capitais, que vivenciavam a insuficiência de profissionais com formação de nível superior, e cuja clientela composta pela elite, passava a exigir, entretanto, uma arquitetura diferenciada. Nesse delinear perceptivo, configura-se como ponto de partida as trajetórias e as vicissitudes profissionais e o conhecimento e registro da prática da arquitetura. Pretende-se, então, compreender a distinção dos caminhos traçados pelo profissional Arialdo Pinho na sua atuação entre Natal e Fortaleza, contribuindo para a construção de uma ferramenta que condense as informações e ao mesmo tempo estimule e publicize novas reflexões acerca da história da arquitetura e da cidade. Para abranger essas nuances, os aportes teóricos basearam-se nas contribuições concernentes à memória, ao patrimônio e ao audiovisual. Os acervos estáticos experienciados pelo uso dos dispositivos na vivência de campo resultaram no encontro com Arialdo Pinho e no desfolhar de sua trajetória. A experiência empírica manifestou o documentário “Arialdo Pinho: Uma trajetória desviável” como produto material, em livre criação argumentativa, da tese. Desses caminhos particulares esquecidos, muitas vezes alijados pela literatura especializada, evidenciou-se um retrato pouco compreendido e explorado das incursões da prática da arquitetura e, portanto, da história das cidades.

**Palavras-chave:** *Projetista prático; Trajetória profissional; Patrimônio construído; Documentário sobre arquitetura modernista; Nordeste-Brasil.*

## ABSTRACT

A significant part of the architectural production of the 1950s and 1960s has been destroyed in Natal, reaching not only the building collection, but also bringing with it reminiscences of that time, including the authors of these projects, which were often not even mentioned or recognized in academic studies. Among those professionals with different formations and provenances, came up, in the restless search for the register of the still existing, Arialdo Pinho. Born in Rio de Janeiro, with the mastery of work technique and significant cultural contribution, on the edge of formal education, he arrives in Natal in 1951 and becomes an important reference of the residential modernist school. In 1958, already in Fortaleza-CE, continues the conquered potential in the light of his intellectual functions and to the narrow social relations. By supporting the gaps related to these circumstances, one wonders: how can the personal, intellectual and professional course of Arialdo Pinho materialized in the ventures of the two cities can be apprehended in the historiographical construction of edified cultural goods? It is believed, thus, that the moment was favorable for the execution of his projects in these capitals, which experienced the insufficiency of professionals with higher education, and whose clients composed by the elite, now demanded a differentiated architecture. In this perceptive outline, it is configured as starting point the trajectories and the professional vicissitudes and the knowledge and record of the architecture practice. It is intended, then, to understand the distinction of the paths traced by the professional Arialdo Pinho in his work between Natal and Fortaleza, contributing to the construction of a tool that condenses the information and at the same time stimulate and publicize new reflections about the architectural history of the city. To embrace these nuances, the theoretical contributions were based on the contributions concerning memory, patrimony and audiovisual. The static collections experienced by the use of the devices in the field experience resulted in the encounter with Arialdo Pinho and in the unfolding of his trajectory. The empirical experience manifested the documentary "Arialdo Pinho: A nonviable trajectory" as a material product, in free argumentative creation, of the thesis. Of these forgotten private paths, often neglected by specialized literature, it was evidenced a little understood and explored portrait of the incursions of the practice of the architecture and, therefore, of the history of the cities.

**Keywords:** *Practical designer; Professional trajectory; Built heritage; Documentary about modernist architecture; Northeast-Brazil.*

## RESUMEN

Parte significativa de la producción arquitectónica de las décadas de 1950 y 1960 está siendo destruida en Natal, tocando no solamente el acervo edilicio, pero llevando consigo testigos de reminiscencias de esta época, incluyéndose autores de estos proyectos, que muchas veces ni siquiera fueron debidamente mencionados o reconocidos por los estudios académicos. Entre estos profesionales con distintas formaciones y procedencias, surge, en la búsqueda inquieta por el registro que todavía existe, Arialdo Pinho. Nacido en Río de Janeiro, con el dominio de la técnica laboral y el significativo aporte cultural, a la imagen de la instrucción formal, llega a Natal en 1951 y se torna importante referencia de la escuela modernista residencial. En 1958, ya en Fortaleza-CE, dá continuidad al potencial conquistado a la luz de sus funciones intelectuales y a las estrechas relaciones sociales. Al costear las hendiduras atinentes a estas circunstancias, se hace la pregunta: ¿Cómo los decursos personal, intelectual y profesional de Arialdo Pinho materializado en los emprendimientos en las dos ciudades pueden ser aprendidos en la construcción historiográfica de los bienes culturales edificados? Se cree, de este modo, que el momento se hacía favorable para la ejecución de sus proyectos en estas capitales, que vivenciaron la insuficiencia de profesionales con formación de nivel superior, y cuyos clientes compuestos por la elite, exigía, sin embargo, una arquitectura diferenciada. En este delinear perceptivo, se configura como punto de partida las trayectorias y las vicisitudes profesionales y el conocimiento y registro de la práctica de la arquitectura. Se pretende, entonces, comprender la distinción de los caminos hechos por le profesional Arialdo Pinho em su actuación en Natal y Fortaleza, contribuyendo para la construcción de una herramienta que condense las informaciones y al mismo tiempo estimule y haga público nuevas reflexiones acerca de la historia de la arquitectura y de la ciudad. Para alcanzar estos matices los aportes teóricos se basaron en las contribuciones concernientes a la memoria, al patrimonio y al audiovisual. Los acervos estáticos experimentados por el uso de los dispositivos en la vivencia del campo resultaron en el encuentro con Arialdo Pinho. Una trayectoria “des-viable” como producto material, en libre creación argumentativa, de la tesis. De estos caminos particulares olvidados, muchas veces alejados por la literatura especializada, se dio relieve a un retrato poco comprendido y explorado de las incursiones de la arquitectura y, por lo tanto, de la historia de las ciudades.

**Palabras-clave:** *Proyectista práctico; Trayectoria profesional; Patrimonio construido; Documental sobre arquitectura racionalista; Nordeste-Brasil.*

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IAB	Instituto de Arquitetos do Brasil
IAPI	Instituto de Aposentadoria dos Industriários
IAPs	Institutos de Aposentadorias e Pensões
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAU	Conselho de Arquitetura e Urbanismo
CCDM	Centro Cultural Dragão do Mar
CIAM	Congresso Internacional de Arquitetura Moderna
CONFEA	Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura
CREA	Conselho Regional de Engenharia e Agronomia
DER	Departamento de Estradas e Rodagens
D.O.	Diário Oficial
CRNT	Conjunto Residencial Nova Tirol
DARq	Departamento de Arquitetura e Urbanismo
DER	Departamento de Estradas e Rodagem
ENBA	Escola Nacional de Belas Artes
FIFA	Federação Internacional de Futebol
HCUrb	Grupo de Pesquisa História da Cidade, do Território e do Urbanismo
IAPC	Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Correios
IAPE	Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Estivadores
IAPTEC	Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Estivadores e Transportes de Cargas
IAPI	Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários
IHGRN	Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte
INAMPS	Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social

INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
INSS	Instituto Nacional de Seguro Social
IPASE	Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores do Estado
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LNEC	Laboratório Nacional de Engenharia Civil
MUsA	Grupo de Pesquisa Morfologia e Usos da Arquitetura
PPGAU	Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UNB	Universidade de Brasília

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b> Trecho de Petrópolis na década de 1960 .....	32
<b>Figura 02:</b> Arialdo Pinho com a primeira esposa, Djanira .....	71
<b>Figura 03:</b> Montado no cavalo, à esquerda, Arialdo em 1949 em Lima Duarte .....	72
<b>Figura 04:</b> Virada do ano 1951 em Teresópolis-RJ .....	72
<b>Figura 05:</b> Documento datado de 1983 .....	73
<b>Figura 06:</b> A ambiência revela Arialdo de Melo Pinho agarrado ao pai.....	76
<b>Figura 07:</b> Primeira casa à esquerda na rua Dr. João Chaves, 971 .....	77
<b>Figura 08:</b> Da esquerda para a direita, Arialdo e, provavelmente, José Alcy .....	79
<b>Figura 09:</b> Sulamita e Pinho, em montagem de foto pós-falecimento dele .....	82
<b>Figura 10:</b> No escritório na rua Monsenhor Tabosa, Arialdo, e foto de Paulo .....	83
<b>Figura 11:</b> Em evento social na década de 1980 .....	83
<b>Figura 12:</b> Painel da exposição A Palavra e o Traço em homenagem a Nilo, no CCDM .....	84
<b>Figura 13:</b> Pinho responde a Brasileiro: obstinação, crença e arquitetura .....	87
<b>Figura 14:</b> Evento na granja do empresário potiguar Aurino Suassuna.....	89
<b>Figura 15:</b> Djanira no Carnaval em Natal .....	90
<b>Figuras 16 e 17:</b> O abraço ao amigo de décadas, Lúcio Brasileiro .....	90
<b>Figura 18:</b> Pinho com vestimenta despojada.....	90
<b>Figura 19:</b> Inauguração da boutique de Djanira em Natal .....	91
<b>Figura 20:</b> Alberto e Arialdo quando do almoço oferecido pela família .....	91
<b>Figura 21:</b> Arialdo e o Teatro de Cultura de Natal.....	92
<b>Figura 22:</b> Citação como cenógrafo .....	95
<b>Figura 23:</b> Um cachimbo, uma alusão .....	96
<b>Figura 24:</b> Arialdo, Sula e um dos filhos do casal em fim de tarde no Cumbuco.....	97
<b>Figura 25:</b> Hábito das caminhadas merecia nota em jornal.....	97
<b>Figura 26:</b> A vida decorada num papel.....	98
<b>Figura 27:</b> A descentralização das entidades como tema .....	101
<b>Figura 28:</b> Uma nova etapa se abria com a concretização do Conselho no RN.....	107
<b>Figura 29:</b> Posse do prefeito Djalma Maranhão, 1956.....	113
<b>Figuras 30 e 31:</b> Exercício ilegal, entidade pede explicações a Pinho .....	119
<b>Figura 32:</b> Reincidência.....	120
<b>Figura 33:</b> A presidência da entidade .....	120
<b>Figura 34:</b> Começo, meio e fim de um processo .....	120
<b>Figura 35:</b> Maquete da UNIFOR.....	122
<b>Figura 36:</b> Em primeiro plano, a capela da UNIFOR.....	123
<b>Figura 37:</b> As inúmeras atribuições .....	124
<b>Figura 38:</b> Anúncio de condomínio residencial “privê” .....	125
<b>Figura 39:</b> O mesmo anúncio titulado com a fala de Arialdo.....	126
<b>Figura 40:</b> Anúncio em formato de selinho.....	126
<b>Figura 41:</b> Amplo destaque de projeto publicado em revista.....	127
<b>Figura 42:</b> Projeto “em estilo moderno” .....	128
<b>Figura 43:</b> Projeto retratado para uma matéria.....	129
<b>Figura 44:</b> A casa de praia da família de Arialdo .....	129
<b>Figura 45:</b> Assumindo a profissão de decorador .....	131
<b>Figura 46:</b> Em Fortaleza, Roberto Burle-Marx .....	132
<b>Figura 47:</b> Recorte sobre foto da Agência Pernambucana .....	139
<b>Figura 48:</b> À esquerda, o errado (com “fachada primitiva”).....	141
<b>Figura 49:</b> No <i>frame</i> , o custo-benefício.....	142
<b>Figura 50:</b> Experiência com resultado.....	142

<b>Figura 51:</b> Croquis em policromia com encadernação em espiral .....	143
<b>Figura 52:</b> Incidência de luz e conforto térmico.....	143
<b>Figura 53:</b> Didatismo no anúncio para despertar público consumidor.....	144
<b>Figura 54:</b> Modesta - porém moderna - é a representação da “casa popular” .....	144
<b>Figura 55:</b> Plantas de instalações elétricas e hidráulicas para habitação popular.....	145
<b>Figura 56:</b> Frame de gravura de residência projetada no estado do RJ .....	145
<b>Figura 57:</b> Diferentes opções de janelas, portas e materiais.....	146
<b>Figura 58:</b> “Cada macaco no seu galho” e “o barato que sai caro” .....	146
<b>Figura 59:</b> Edição 156, ano 1977, bilíngue .....	149
<b>Figura 60:</b> Revista paulista veiculada de 1938 a 1971 .....	150
<b>Figura 61:</b> Edição 317 da acrópole, ano 27, de maio de 1965.....	150
<b>Figura 62:</b> Revista suíça multilíngua AC110 La Revista del Fibrocemento .....	151
<b>Figura 63:</b> Publicação em cuja capa adianta-se o nível e o direcionamento ao leitor .....	151
<b>Figura 64:</b> Detalhe da capa da figura anterior arquivo de desenho, de Marc Szabo .....	152
<b>Figura 65:</b> Móveis em perspectiva .....	153
<b>Figura 66:</b> Edição do professor alemão Neufert.....	153
<b>Figura 67:</b> Publicação de <i>design</i> americana Lifespace, de 1977 .....	154
<b>Figura 68:</b> Caráter instrutor de obra do desenhista e quadrista paraense Edmundo Rodrigues.....	154
<b>Figura 69:</b> Catalogado como livro nº 01, Desenho para Apresentação de Projetos.....	154
<b>Figura 70:</b> Elementos de Teoria de La Arquitectura – Introducción al Curso y Rudimentos de Partidos .....	155
<b>Figura 71:</b> Projetos de móveis na única planta de Pinho encontrada em Fortaleza .....	156
<b>Figura 72:</b> Mesa de refeições com tampo em compensado e revestido em fórmica .....	157
<b>Figura 73:</b> Bancada baixa feito de madeira rústica .....	157
<b>Figura 74:</b> <i>Rooftop</i> onde funcionou um dos escritórios de Pinho .....	159
<b>Figura 75:</b> Frame de Delberg de Leon, adolescente, no escritório de Arialdo no Ed. Jalcy .	160
<b>Figura 76:</b> Fausto Nilo adolescente .....	161
<b>Figura 77:</b> Perspectiva relacional da clientela .....	171
<b>Figura 78:</b> Em quinze anos, o prisma sobre prisma com modificação.....	173
<b>Figura 79:</b> Uma ainda tranquila avenida Mal. Hermes da Fonseca, Tirol.....	174
<b>Figuras 80 e 81:</b> Zoneamento dos pavimentos .....	177
<b>Figura 82:</b> Na testada, pilotis, pedra de Parelhas e avenida de paralelepípedo .....	179
<b>Figura 83:</b> Outro ângulo da habitação, que se destaca pelos dois pavimentos.....	179
<b>Figura 84:</b> Ao centro, a praça Pio X.....	180
<b>Figura 85:</b> Aspecto praiano atinente aos pavimentos e telhado aparente.....	183
<b>Figura 86:</b> Planta de reforma empreendida pelo engenheiro.....	187
<b>Figura 87:</b> Em <i>frame</i> , a habitação de Sânzia Bezerra .....	189
<b>Figura 88:</b> O adensamento de Tirol e Petrópolis .....	190
<b>Figuras 89 e 90:</b> os canteiros ornamentais ainda preservados no lote.....	191
<b>Figura 91:</b> A casa cor de rosa .....	192
<b>Figura 92:</b> Heloisa (na extremidade direita) nos 15 anos da irmã.....	193
<b>Figura 93:</b> <i>Frame</i> de fotografia com elementos originais .....	197
<b>Figura 94:</b> Início dos anos 1970, com reforma nos pilotis .....	200
<b>Figura 95:</b> Planta longitudinal da habitação .....	203
<b>Figura 96:</b> Edificação com reforma no piso superior .....	204
<b>Figura 97:</b> Cobogós, muxarabis e elementos vazados.....	205
<b>Figura 98:</b> Escada em mármore, guarda-corpo de madeira.....	205
<b>Figura 99:</b> O quatzó rosa na sala de jantar .....	206

<b>Figura 100:</b> Planta original da casa .....	207
<b>Figura 101:</b> Casa modernista de fazenda.....	208
<b>Figura 102:</b> Cumeeira invertida.....	208
<b>Figura 103:</b> <i>Frame</i> de gravação feita de dentro do automóvel .....	210

## **LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1</b> – Perspectiva relacional das entidades de classe convergentes à arquitetura.....	103
<b>Quadro 2</b> – Cinco décadas de publicações com assuntos voltados a arquitetura.....	137



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>23</b>
<b>CAPÍTULO 1 - MOLDANDO MEUS PILOTIS DE PINHO .....</b>	<b>31</b>
1.1 - Diálogos e caminhos da pesquisas .....	31
1.2 - Aproximações teóricas .....	41
1.3 - O audiovisual como ferramenta de coleta de dados .....	52
<b>CAPÍTULO 2 – DAS AVENTURAS PROFISSIONAIS .....</b>	<b>68</b>
2.1 - Dos trajetos e trajetórias .....	69
2.2 – Das partidas .....	74
2.3 - Das chegadas .....	77
2.4 - Das fitas sociais .....	84
2.5 - Creme no <i>cream</i> .....	92
2.6 - Dos milagres não materializados .....	96
<b>CAPÍTULO 3 – A MÃO QUE FORMA, A PRÁTICA REFLETE.....</b>	<b>99</b>
3.1 - Traço (há) risco.....	99
3.2 - Atinências projetuais .....	108
3.3 - Em campo fértil .....	109
3.4 - Bela desconstrução .....	113
3.5 - Audaciosas querelas .....	115
3.6 - Mar verde, Céu azul.....	123
<b>CAPÍTULO 4 - PRÁTICAS POSSIBILIDADES.....</b>	<b>134</b>
4.1 – Das ideias circundantes.....	134
4.2 – De Sugestões pronunciadas.....	139
4.3 – Alumbramentos materiais .....	147
4.4 - Da forma-ação .....	158
<b>CAPÍTULO 5 – MODERNIDADE SORTIDA.....</b>	<b>170</b>
5.1 – Modernidade e pretensão .....	170
5.2 – Modernidade agrária .....	206
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>211</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>218</b>
<b>APENDICES .....</b>	<b>227</b>

*Porque, enfim, tudo passa  
Não sabe o Tempo ter firmeza em nada  
E a nossa vida escassa  
Foge tão apressada  
Que quando se começa é acabada*

*Luís Vaz de Camões*

## INTRODUÇÃO

Prática indissolúvel da construção edilícia das cidades, a criação e execução de projetos de arquitetura no plano da moradia no Brasil, devido à limitada oferta de instituições de ensino no país ainda na década de 1950, era composta – em sua maioria – por mestres de obras, engenheiros, engenheiros-arquitetos e desenhistas projetistas. Vinculado a estas experiências, prevalece um grupo de profissionais autônomos, informais, de cujas autorias projetuais materializadas em formas e partidos, pouco se conhece em profundidade. Conjurado, parte significativa desse patrimônio edilício nas cidades permanece à margem do reconhecimento e da publicização, ou, ainda, se reconhece a importância das obras, mas não de seus autores.

Um desses personagens tomou uma dimensão especial pela contribuição que deu à historiografia de pelo menos duas cidades. Contudo, foi tratado como coadjuvante pela quase totalidade dos trabalhos acadêmicos relacionados ao tema. Como se palíndromo invertido fosse, a ele reservavam não muito mais que citações, molduras sem contextos. Assim tem-se o escasso e raso registro voltado para o prático Arialdo Pinho: dele, pouco se escreve; quase nada se fala. Nessa conformidade, desvendar-se-iam as circunstâncias inseparáveis solicitadas à compreensão de seu caminho profissional, através das entrelinhas da arqueologia submersa nas muitas *ausências* dos registros oficiais.

Pinho foi um dos profissionais que se destacaram no projeto de diversos e variegados empreendimentos. Nascido no Rio de Janeiro/RJ, desempenhou funções que o obrigaram a residir nas regiões Sudeste, Centro Oeste e Nordeste do país. Em Natal, Rio Grande do Norte, de 1951 até 1958, torna-se uma importante referência da escola modernista residencial da cidade, onde deixa um considerável acervo de habitações identificadas, incluindo-se, neste repertório, exemplares fora da área urbana.

Ao final da década, muda-se para Fortaleza, no Ceará. Nesta capital, exerce influência significativa na formação intelectual e profissional de uma geração de colaboradores de seu escritório, dentre eles, adolescentes que se tornariam conceituados arquitetos e urbanistas. Sua personalidade controversa e empreendedora leva-o a diversificar o repertório projetual, criando propostas com linguagens diversificadas e evoluindo para os segmentos da indústria, turismo, comércio, decoração de interiores,

desenho de móveis, além do envolvimento com outras atividades artísticas, seja promovendo salões culturais ou executando cenografia para teatro e festas particulares, trabalhando até 1985, ano de seu falecimento, aos 58 anos.

Entretanto, em ambas as capitais, os fatos delineadores da transmutação do cenário urbano são marcados por diversas forças e segmentos atuantes, destacando-se no mercado arquitetural os serviços de profissionais não habilitados oficialmente para desempenhar as funções *intrínsecas* à categoria. A ausência de conhecimento de terceiro grau de Arialdo não o impediu de deixar sua arquitetura, imputando-o com notoriedade entre os profissionais que trabalharam em Natal e Fortaleza no referido período cronológico.

Ao tratar desses hiatos, mirando a busca pela faculdade acerca da contribuição para o patrimônio construído, desponta a questão de pesquisa: como os decursos pessoal, intelectual e profissional de Arialdo Pinho materializado nos empreendimentos nas duas cidades podem ser apreendidos na construção historiográfica dos bens culturais edificados? Este ponto suscita outra questão complementar, a ver: como Arialdo insere sua produção face aos arquitetos com formação em curso superior?

A importância desse reconhecimento deságua na pressuposição de que ao chegar a Natal no pós-Guerra, Arialdo Pinho encontra um ambiente singular para a implementação de seus projetos de arquitetura, visto que os profissionais existentes, com certo diferencial, não eram suficientes para uma demanda elitizada que crescia e que exigia propostas de qualidade individualizada. Por sua vez, seu vínculo basal com as elites locais lhe permitiu exercer a profissão com reconhecimento a ponto de conquistar novos clientes, que percebiam as novidades intrínsecas a sua contribuição projetual. Além disso, a ruptura de sua produção em Natal e a consequente ida para Fortaleza também conduziu a relações semelhantes, somando-se ao pequeno número de arquitetos e urbanistas que se afirmavam, efetivamente, como categoria corporativa num momento em que a exigência para o desenvolvimento formal da atividade tomava corpo no país.

Nesse delinear perceptivo, configura-se como objeto de estudo as trajetórias e as vicissitudes profissionais e o conhecimento e registro da prática da arquitetura. Tem-se, como objetivo geral, compreender a distinção dos caminhos traçados pelo profissional

Arialdo Pinho na sua atuação nestas capitais, contribuindo para a construção de uma ferramenta (video-documentário) que é ao mesmo tempo meio - registro (obtenção da informação) - e fim - auxílio (produto) a novas reflexões acerca da história da arquitetura e da cidade. Mais especificamente se pretende entender o papel dos práticos na constituição espacial da cidade por meio de seu patrimônio construído; contextualizar as circunstâncias que o levaram a ser um dos pioneiros da escola modernista em Natal, cuja produção constitui considerável acervo ainda em condições favoráveis de reconhecimento; interpor os desdobramentos de sua atuação em Fortaleza; fomentar um novo olhar para a reconfiguração dos espaços numa perspectiva histórico-temporal e disseminar o registro documental com vistas a contribuir para o alcance democrático dessa importância na representatividade e complexidade das urbes.

Para se chegar a Pinho, um extenso e variegado caminho se perfazia quando cursei o mestrado, ocasião em que Tirol e Petrópolis já me despertavam para a sua riqueza material e historiográfica. Naquele momento, trabalhar com as sociabilidades da juventude levaram-me à compreensão acerca da ocupação de suas ruas e avenidas, os investimentos no arruamento, na energia elétrica, o ocaso dos bondes, a ocupação dos espaços públicos e privados com lazer, esporte e eventos cívicos, momentos que permitiram elucidar características da elite natalense, a quem se direcionavam investimentos e oportunidades, na cidade onde ter o sobrenome de família abastada imbricava – assim mostra a historiografia desses grupos locais - o habitar nas vivendas que ocupavam generosos lotes, alguns, quarteirões inteiros. Dessa maneira, o doutoramento se apresenta como um desdobramento amadurecido, gestado na perspectiva acessada a partir das sutilezas reveladas destes bairros.

Cabe ressaltar que este processo encontra rumo definido quando do conhecimento das pesquisas desenvolvidas pelo grupo de pesquisa História da Cidade, do Território e do Urbanismo, nomeadamente as investigações relacionadas à produção de moradias, assim como sua linha de pesquisa “Atores sociais e circulação de ideias arquitetônicas e urbanísticas”, constituíram-se acervos determinantes para que se chegasse a conexões genuínas às habitações modernistas, garantidas pela catalogação do Banco de Dados dos Empreendimentos.

O período que Arialdo Pinho passou em Natal e outros detalhes de sua vida profissional constituíam-se incógnitas crescentes. Esse percurso é guarnecido pelas

habitações projetadas em Natal – incluindo-se um dos dois exemplares encontrados na zona rural do Rio Grande do Norte -, com recordadores<sup>1</sup> compostos por ex-moradores dessas habitações e a contribuição de arquitetos locais. No Ceará, o projetista deixa um rastro mais amplo de possibilidades circunstanciais reveladoras de sua vida nos vinte e sete anos de raízes fincadas naquele Estado, facultando, sobremaneira, os relatos orais de descendentes, amigos e arquitetos, os quais forneceram elementos para se extrair os meandros definidores de suas relações. Desta feita, tais aspectos se intensificam quando se percebe que há poucos trabalhos acadêmicos que contemplem, sob a ótica do audiovisual, as cidades de Natal e Fortaleza, fato que se agrava na medida em que percebemos não existir nenhum registro documental desta categoria que tenha como prerrogativa a trajetória profissional de figuras da arquitetura.

Neste painel de informações reticuladas, a leitura de livros não acadêmicos confrontada com revistas locais, solicitou outras buscas por este tipo de literatura, cujo teor informativo, se não era específico sobre o prático, trazia novos fatos para a sua figura durante o período em que desenvolveu trabalhos em arquitetura na capital do Rio Grande do Norte e em outros Estados do Nordeste. Em determinado momento, publicações, entrevistados e documentação conseguida com o trabalho de campo, permitiu o encaixe das peças; noutro, ficava evidente a incompatibilidade entre elas. Diversificadas versões e interpretações de fatos das fontes escritas suscitou novos desenlaces, confirmados pelos depoimentos orais, de modo que o testemunho, em alguns instantes, admitiu mais fortemente os fatos do que as páginas impressas.

Os aportes teóricos que embasaram a investigação remetem, de maneira sucinta, às eminentes contribuições legitimadas às fontes orais, história oral temática, memória, narrativa biográfica, memória/identidade/patrimônio, memória/história, trajetória intelectual, heranças urbanas, fotografia/biografia/rememoração. Dos valores audiovisuais, a tese articula as heranças distintas à manufatura documentária, cosendo a

---

<sup>1</sup> No limiar da pesquisa, os recordadores – termo utilizado por Ecléa Bosi para classificar os depoentes orais – formava um espectro amplo, cuja escolha pautou-se pelos vínculos diretos com o projeto, profissão, moradia, locação de residências modernistas e relações humanas. Entretanto, com a necessidade real de estreitamento do objeto, necessário para que se descortine o momento da disseminação dos pressupostos da arquitetura modernista, tais recordadores e o novo olhar que se descortinava às demais fontes primárias, juntos, corroboraram para a relevância personificada em Arialdo Pinho.

narrativa nos esforços éticos expressa no conceber, fazer e experienciar, em que a sensibilidade aflora o diálogo entre a história e enseja a convocar a cidade.

Contemplar as perspectivas de registro manifestadas neste trabalho foram o bastante para que eu voltasse os olhos de comunicador social a provocar a realidade, indagando, desconfiando, manifestando sensações de conforto, até então lineares à minha percepção de mundo. A presente tese vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte foi escrita por um jornalista não-arquiteto, com mestrado em História, sugerindo, porventura, uma escrita com raízes, sobretudo, literárias, se comparada às características modais concernentes às tecnológicas.

Nesse sentido, novas reflexões convocavam ao desbravar outros caminhos. Então, entre 2014 e 2015, cumpri, sob os auspícios da CAPES, estágio de Doutorado Sanduíche no Laboratório Nacional de Engenharia Civil – LNEC, em Lisboa-Portugal, sendo orientado pela geógrafa e doutora em Antropologia, Marlucci Menezes. Esta experiência enriqueceu o meu olhar acerca da cidade, onde realizei trabalhos de campo no bairro modernista Alvalade, formei um extenso banco de dados acerca da cidade, do patrimônio construído, dos espaços públicos, fiz ensaios fotográficos, escrevi trabalhos acadêmicos que contribuíram para reordenar e evoluir a pesquisa. Estive em Curitiba-PR – onde filmei e fotografei externamente a primeira casa modernista daquela capital, projetada pelo arquiteto Frederico Kirchgässner na década de 1930. Na cidade do Rio de Janeiro, munido do Guia da Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro (2000), fiz o reconhecimento iconográfico predial das habitações identificadas no bairro de Copacabana e demais bens da cidade, dentre eles o Edifício Gustavo Capanema (Lucio costa, Carlos Leão, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Ernani Vasconcelos e Jorge Machado Moreira – consultoria de Le Corbusier) e o Museu de Arte Moderna do RJ. Na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, visitei, principalmente, acervos edifícios projetados pelo arquiteto Oscar Niemeyer.

Tais experiências fundamentaram o escopo desta “trajetória des-viável”, conduzindo a reflexões e práticas constituintes de seu conteúdo, nomeadamente arriadas. O Capítulo 1 – *Moldando os meus pilotis de Pinho*, traz os meandros percorridos e vivenciados durante o curso de doutoramento. Abre-se um preâmbulo à próxima parte,

em específico acerca da arquitetura modernista de Natal na década de 1950. Dessa conjuntura, irrompe-se o personagem-título da tese, cuja pessoa é manifestada nas linhas do Capítulo 2 - *Das aventuras profissionais*, que trata dos elementos pessoais, sociais e principalmente profissionais de Arialdo Pinho, ao traçar aspectos de seu percurso desde o Rio de Janeiro até o Ceará. Na sequência, *A mão que forma, a prática reflete* intitula o Capítulo 3. Nele, interpõem-se de maneira sucinta a evolução da profissão, as particularidades autorais inerentes a projetos, para inserir Pinho no cenário arquitetural de Natal na década de 1950, além de sua relação com os arquitetos e os vínculos políticos, indispensáveis artifícios em *background* alicerçal junto a esses grupos. *Práticas possibilidades*, 4º Capítulo, retrata o mercado de produções editoriais voltadas para o segmento da arquitetura e decoração que abasteciam locais de venda além das capitais, fontes primordiais de circulação de ideias que faziam parte do acervo pessoal de Pinho. Os subsídios intelectuais amealhados por Arialdo Pinho durante sua vida foram disciplinadores para a materialização das possibilidades criativas postas em prática nos projetos. O Capítulo 5, nominado *Modernidade sortida*, traz alguns elementos visuais que, ora sugerem, ora fortalecem esses casos.

Estes caminhos profissionais deram vida ao documentário “Arialdo Pinho: Uma trajetória des-viável”. Ele foi construído junto com tese e a partir dela. Pode, entretanto, ser visto como um produto de compreensão independente, porém, não está dissociado de sua origem primeira. É uma licença poética tendo como personagem principal o prático atuante, suas idiossincrasias, relações sociais, conquistas mercadológicas e influências intelectuais. É libertário, entretanto, mantém a veracidade e originalidade do conteúdo resultante da pesquisa empírica.

A não inclusão do roteiro neste trabalho é proposital. Explica-se: não há roteiro formal. A carga dramática, a narrativa, o encadeamento das cenas elencadas para a montagem e pós-produção com vistas ao produto final resultaram num documentário com duração de 67 minutos, fundamentado pelos aportes teóricos e ratificado por depoimentos de familiares, arquitetos e urbanistas, pesquisadores, ex-moradores de habitações projetadas por ele, amigos, sistematizados por outras fontes, como documentos pessoais, publicações na imprensa e veículos editoriais, fotografias de família, atas de instituição de classe, acervos bibliográficos de Pinho, plantas e croquis



originais. Este vasto material foi potencializado pelo trabalho de campo e aprofundado pelos relatos orais.

*Saberei reconhecer a verdade  
De tudo que por ti não é dito?  
Que calma é essa que te ampara  
E a mim joga em precipício?  
Nossas cicatrizes são mapas  
Sem nenhum tesouro escondido  
Só sorrisos enterrados  
Num passado morto vivo  
Escavarei mais de mil palmos  
Para descobrir o que preciso  
Se a hora é de apostar no acaso  
Ou se de vez perdi meu juízo.  
Adriana Araújo*

## CAPÍTULO 1 – MOLDANDO MEUS PILOTIS DE PINHO

### *1.1 - Diálogos e caminhos da pesquisa*

Eu tinha o hábito de fotografar edificações abandonadas e casas *art-déco* da cidade. Minhas inquietudes levaram-me a olhar para a urbe representada pelos meus próprios questionamentos, que refletiam o patrimônio cultural construído de alguns dos primeiros bairros de Natal. A paixão pelas modernistas veio depois, junto com o amadurecimento das informações acerca da gênese delas. Uma vez no doutoramento, havia chegado a hora de romper o véu da ignorância contemporânea, visto que, eu não tinha informação relevante acerca destas habitações. Ao perceber o nítido apagar das residências, aonde quer que fosse, sempre levaria um dispositivo para registrar estas testemunhas imponentes – porém, discretas, esquecidas, abandonadas, mutiladas, plastificadas, altivos exemplares meritórios de atenção.

Desta feita, este construto compreende as descobertas, as angústias e os desafios que acompanharam a formalização de Arialdo Pinho como personagem importante para se retratar a arquitetura. A solidificação do seu nome, em crescente, ao amadurecimento dialógico entre o pesquisador, a pesquisa e o programa de pós-graduação, decorreram buscas por arquivos além-Rio Grande do Norte, como Ceará e Pernambuco, momentos nem sempre compostos de caminhos previsíveis e derradeiros: em Natal (Figura 01), a existência de diversos exemplares de sua produção edilícia ainda permanece identificável, em Fortaleza as relações sociais mais intensas e fecundas reverberariam em outros desdobramentos de sua carreira. Ademais, apresenta uma contextualização e discussão acerca das fontes orais, ressaltando a importância da biografia profissional e considerações ao aspecto intelectual. Para abranger essas nuances, que viriam a ser deliberadamente compostas por extenso material iconográfico, bibliográfico e depoimentos, utilizou-se o registro em vídeo-documentário, cujos aportes teóricos fundamentaram a técnica documental no trabalho de campo<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Salienta-se veementemente que o ritmo concernente à narrativa proposta pela metodologia do audiovisual contempla (também) os registros fotográficos das famílias e de outras fontes documentais, enquanto que neste documento escrito optou-se por sistematizar a inclusão das iconografias pontualmente, a fim de proporcionar a independência destes dois veículos (impresso e em multimídia).

**Figura 01** - Trecho de Petrópolis, 1960, com destaque para o colégio Atheneu Norteriograndense, o ginásio Sylvio Pedroza e ao fundo a ex-sede do A.B.C. Futebol Clube



Fonte: acervo Fred Rossiter.

Pode-se dizer que foi percorrido um caminho de idas e vindas que me levaram a redimensionar as investidas iniciais para além de Natal, ampliando a busca por fontes documentais em Fortaleza em momentos distintos, e recorrendo a entidades localizadas em Recife, Pernambuco, embrenhando-me no rastreamento por mais informações que contribuíssem às peças do *quebra-cabeças* Arialdo Pinho e sua passagem por diversos lugares<sup>3</sup>. Ao mesmo tempo em que penetrava em sua figura, a busca por outros personagens fizeram-se necessários, delegando novas acareações. Em Natal, a existência de exemplares de sua produção edilícia ainda permanecia reconhecível. Em Fortaleza as relações sociais mais intensas e fecundas reverberariam em outros desdobramentos de sua carreira.

Ao fecundar essas escolhas, conduzidas ao longo das primeiras investidas, a pesquisa redimensiona-se. Decorria-se para uma formalização com vieses patrimoniais, em cujos entremeios evidenciados desses registros surgiu o personagem da tese. Porém,

---

<sup>3</sup> Para mais informações acerca do conflito e suas influências/mudanças em Natal, diversos trabalhos de pesquisadores do Grupo HCUrb compõem esta temática, entre eles as teses de Angela Lúcia Ferreira (1996) e Giovana P. de Oliveira (2008), a dissertação de Luiza de Lima (2011), além de outros trabalhos alusivos a este momento.

os ecos apontavam para a formalização da maioria das obras existentes, constituída de trabalhos acadêmicos, livros, cartilhas, fotografias e revistas, produções editoriais cujos conteúdos voltavam-se para engenheiros e arquitetos/urbanistas que detinham o diploma universitário. São profissionais cuja passagem pela Academia trouxeram-lhes reconhecimento, respeito e admiração em diversas escalas da sociedade. Àqueles desviantes à competência formal significativa das habilidades criativas, restavam-lhes o declínio.

De modo que, das poucas citações em entrevistas e publicações que se reportam à Arialdo Pinho, as maiores referências à sua criação continuam sendo algumas das residências que projetou em Natal, passíveis de serem encontradas sob a forma de reuso, abandonadas, reformadas, avariadas ou em (processo de) demolição, além de informações insinuosas e não documentadas que balizaram o liame entre si e a arquitetura também em Fortaleza, cuja carência de conteúdo dessas informações requisitaram uma investigação mais aprofundada acerca do prático, alicerçada pelo amadurecimento de suas relações sociais e desenvolvimento profissional.

Certo momento, esforços empreenderam esclarecimentos que (re)compuseram novos paradigmas acerca da arquitetura modernista da capital, fazendo alcançar particularidades até então pretendidas à qualidade de cada fonte. Assim, o que parecia ser uma desconstrução, o processo de escolha demandou contornos particulares, consubstanciando obrigatoriamente outras riquezas teóricas em paralelo a distinção de mais fontes documentais. Neste sentido, a falta de uma documentação oficial mais abrangente de suas origens e dados escolares, aliados a não fixação territorial – e, por conseguinte, empregatícia – refletiram uma sistematização conflituosa que, em algumas passagens, mais provocavam do que explicavam.

Acerca destas questões, o arquiteto e urbanista Fernando Atique<sup>4</sup> esboça algumas práticas (e a falta delas) que se valem da recorrência da carência de estudos que ampliem o entendimento das dimensões da cidade e sua representatividade. Para o professor, essa incapacidade de reconhecimento do patrimônio cultural traz desdobramentos que incidem sobremaneira nas estatísticas de seu desaparecimento total ou parcial.

---

<sup>4</sup> Entrevista gravada no HCUrb em 28.04.2014.

[...] se essa naturalidade da arquitetura moderna no nosso ambiente urbano, por um lado, é longa, por outro, ela gera na população mais recente, essa última geração, [com 25 anos], uma idéia de que aquilo sempre existiu e de que é o corriqueiro, não tem simbolismo nenhum, não ajudou a construir nenhum tipo de organização espacial. Eu acho que desnaturalizar o olhar é uma prática que deve ser aplicada pra qualquer habitante da cidade. Essa ideia de que habitamos o espaço e temos conforto com ele, nos tornam mais propensos a não enxergar.<sup>5</sup>

As considerações de Atique evidenciam a falta de prioridade destinada a inclusão de temas acerca da (própria) cidade, seja na educação escolar ou no dia a dia dos cidadãos, evidenciando uma nítida separação entre o que se vê e o que não se reconhece importante. A carência dessa referência ao cenário cultural reproduz uma banalização involuntária da vida e morte da urbe. Tais fatos materializaram-se continuamente durante os registros de campo.

Os caminhos percorridos para construir a trajetória profissional de Pinho permitiram um aprendizado simultâneo à prática; as respostas não se apresentavam claramente ou exigiam novas comprovações que nem sempre se concretizavam, e para estes momentos que reclamaram o benefício da dúvida, clareei estes desvios de informação fazendo o uso das notas de rodapé. Isto porque, no decorrer da pesquisa, a pluralidade das fontes e acervos documentais, mais a carência de informações complementares, requisitaram uma investigação mais aprofundada acerca de Pinho. A leitura de livros e produções (acadêmicas ou não), confrontada com revistas locais, solicitou outras buscas por este tipo de literatura, cujo teor informativo, se não era específico sobre o prático, trazia novos fatos para a sua figura durante o período em que desenvolveu trabalhos de arquitetura.

Em determinado momento, produções editoriais, entrevistas e documentações adquiridas com a pesquisa de campo permitiram o encaixe das peças; noutro, ficava evidente a incompatibilidade entre elas. Diversificadas versões e interpretações de fatos foram ratificados pelas entrevistas orais, enquanto algumas fontes escritas ampliaram as incertezas, como se o testemunho confirmasse mais fortemente do que as páginas impressas, algumas delas evidenciadas em razão das poucas, limitadas e – inclusive –

---

<sup>5</sup> O professor Fernando Atique foi entrevistado no HCUrb em 28.04.2014.

referências equivocadas acerca de sua pessoa em livros, revistas e produções editoriais acadêmicas.

O enredamento ao trilhar uma trajetória profissional e, mais que isto, a proposta de construir ao mesmo tempo uma narrativa até certo ponto aberta, acarretaram várias urgências/exigências que se fizeram necessárias dentro do escopo traçado. Os desafios constituíram-se de encontros com os descendentes, arquitetos e amigos do prático, de levantamento de arquivos em entidades de classe. Dentre as investigações em entidades de classes, por exemplo, os arquivos do CREA-CE ajudaram a compreender a relação entre o prático e a sua atuação, além de informações concernentes ao desenvolvimento da profissão naquele momento. Já no DER-RN não havia indícios materiais da passagem de Pinho como integrante do funcionalismo da entidade<sup>6</sup>.

Destaca-se, entretanto, a oportunidade de descoberta e encontros com os recordadores, momento que proporcionaram à pesquisa o enriquecimento historiográfico contido nas fotografias antigas e recentes dessas habitações, plantas projetuais, processos do INSS, arquivos de entrevistas videografadas em outros momentos, reportagens de periódicos, acervos de entidades de classe e iconografias das famílias. Os documentos foram armazenados rua por rua, avenida por avenida, terrenos, outras habitações modernistas (desde as identificáveis visualmente àquelas em cuja documentação comprovava pertencer à escola), condomínios verticais, instituições de lazer, equipamentos e serviços, juntamente com fotografias, atas, plantas e croquis, juntamente com outras fontes primárias e secundárias. Equanimemente, neste caso, houve a necessidade de se trabalhar com todos estes paradigmas, algumas vezes, pensando no fim até mesmo antes do começo dos registros audiovisuais. Cada descoberta era uma surpresa, cuja importância provocava um novo destino e outras buscas que desfaziam o novelo, para, imediatamente depois, compor outro.

Esta etapa da pesquisa foi marcada por diversos momentos em que as informações obtidas com os recordadores requisitaram diferentes maneiras para se obtê-las. Partindo desse desígnio, utilizaram-se extensos questionários em forma de perguntas abertas - ,

---

<sup>6</sup> O Departamento de Estradas e Rodagens do RN não tinha provas materiais da passagem de Pinho como integrante do funcionalismo da entidade; fui informado por um funcionário que parte do acervo havia sido destruído por um sinistro nas dependências do órgão, e que as informações documentais acerca do período de trabalho de Arialdo Pinho (1956-1958) perdeu-se na ocorrência (Não tive acesso ao arquivo da entidade; tal informação cedida foi via telefone, mesmo eu aguardando ter acesso às dependências do edifício). Com relação ao CREA-RN, CAU-RN, CAU-PE e CAU-CE, não foram encontrados indícios acerca de Arialdo Pinho.

adaptados às “categorias” de informantes<sup>7</sup>. Dessa maneira, por exemplo, quando da abordagem com ex-moradores das residências, as linhas gerais esquadriharam com mais intensidade as relações e percepções (vivências) no espaço da habitação, sem deixar de situar essas famílias no contexto social citadino. Apesar de não haver vínculo de amizade com os recordadores, a confiança, o respaldo do HCUrb e do PPGAU quando mencionados, mais a importância do tema, levaram, em determinados momentos, os próprios entrevistados a indicar outras pessoas de relevo para contribuir com a tese.

Salienta-se, também, as contribuições da rede social Facebook e da ferramenta virtual *Google* e *Google Street View* nestas etapas. As ferramentas virtuais proporcionaram a descoberta de novos dados acerca das fontes já pesquisadas, estreitou o contato com novos recordadores e colaboradores, como aconteceu com o neto de Pinho, Arnaldo, arquiteto de Brasília, e o filho do prático Paulo, cujos contatos foram possibilitados pelo Facebook.

Para as entrevistas, foram utilizados roteiros, sempre adaptados à relação que os personagens tinham com o trabalho. Porém, em alguns encontros, optou-se por conversas abertas, visto que, preferi propor uma conversa mais informal, para dirimir o “peso” simbólico que o momento da filmagem, algumas vezes, parecia ter. Seguindo a proposta metodológica do documentário, não houve ensaios durante estes encontros; a familiaridade com os assuntos e as informações obtidas com os recordadores alicerçaram a credibilidade tão cara à pesquisa.

Esses momentos constituíram-se de expectativa durante o olho a olho com os recordadores. Apesar da confiabilidade e crença no projeto, havia-se domar a ansiedade, as possíveis ameaças físicas devido à exposição do corpo e do maquinário, corridas contra o relógio, incertezas factuais permeadas por alegrias e frustrações, com os dois olhos se dividindo entre o *display* da câmera, o campo focal, seu entorno, e o roteiro de perguntas, quando necessário. Indispensável registrar nesta fase a visão de futuro que o diretor deverá ter ao captar as imagens, visto que, há de se prever que o material bruto deverá antecipar o seu aproveitamento quando da montagem.

---

<sup>7</sup> Os referidos roteiros para os apontamentos encontram-se disponíveis no final deste trabalho.



Em Natal, as entrevistas empreenderam encontros com professores/ pesquisadores, engenheiros, arquitetos e urbanistas, além de ex-moradores dessas vivendas. Porém, para se chegar aos recordadores, buscaram-se duas alternativas: procurava-se endereço e telefone das fontes, para posteriormente marcar a entrevista, que poderia acontecer nas próprias residências – atuais ou antigas -, nas ruas e avenidas, estabelecimentos comerciais/escritórios, ou em eventos de arquitetura e urbanismo; o contato era estabelecido diretamente com a provável fonte, ou com qualquer habitante que pudesse estreitar esse laço (o que nem sempre fora positivo, visto que o convite suscitava, por vezes, a desconfiança acerca dessa possibilidade, que conferia a invasão da intimidade familiar e, por conseguinte, “jurídica” da habitação). Em nível institucional, além do banco de dados do HCurb, foi feito um inventário sobre os acervos do MUSA, do PPGAU, do DARq, do IHGRN, INSS, CREA, CAU, arquivo memorial do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (módulo centro), além do acervo do arquiteto Haroldo Maranhão.

Nas filmagens, não se evitou o som sincrônico (transmitido simultaneamente com a imagem captada), tanto que fora preferido correr o risco de recolher os ruídos externos diretamente do microfone da filmadora, de modo que, com intensidades variadas, fizessem-se presentes os veículos circulando, os eletrodomésticos em uso, as vozes em intensidades diversas, portas abrindo ou fechando, passos, etc. Deu-se agilidade às oportunidades que se apresentaram na rua, dialogando com o inusitado e levando em consideração - mesmo que antecipadamente - a usar a sensibilidade para trabalhar a abrangência do trabalho, cujos atributos facilitaram conjuntamente o roteiro aberto e a montagem.

Durante a captação (que já seriam testemunhas de sua importância na narrativa antes mesmo de traçar a história), tive interferências do pouco tempo disponível com entrevistados (às vezes), do barulho do vento, o cair da chuva, do som do ar-condicionado, a captação das conversas paralelas, do trânsito, dos recordadores darem entrevista no próprio ambiente de trabalho, para momentos de tensão vivenciados na pesquisa de campo. O mais importante, então, seria garantir o registro em vídeo; em segundo, documentar com a fotografia, havendo, ainda, a possibilidade de interpelar algum possível depoente que se mostrasse favorável à minha abordagem “corpo a corpo”.

Assim sendo, a etapa empírica fora documentada com uma filmadora da marca Sony modelo HDR PJ-10, com as imagens captadas na qualidade *full-hd*, ou seja, em alta definição. Esta câmera faz parte do acervo do HCUrb<sup>8</sup>, que, ciente da importância de se aprofundar e impulsionar as suas pesquisas e projetos, também adquiriu outros equipamentos, como uma câmera fotográfica digital também da marca, além de computador, caixa de som, gravadores de som, microfone de lapela, DVDs para o armazenamento deste material etc<sup>9</sup>. Encerradas as entrevistas e após a decupagem, os dados foram concomitantemente cruzados com a bibliografia selecionada e a análise documental. Entretanto, esta etapa delineou novos olhares, apresentou fatos extraordinários que direcionaram para diversificadas investigações, a ponto de ser necessária a busca por leituras complementares nem sempre encontradas à venda.

Estes dispositivos permitiram-me filmar do parapeito da varanda do 30º andar; adentrar em residência abandonada, alojei-me escondido em ambientes “perigosos”, predefinindo, entretanto, que estas imagens dariam uma ótima contribuição à história que seria contada. Sentimentos de frustração eram comuns; algumas vezes, quando ficava impossível montar o tripé para se captar detalhes e ângulos reveladores, pois atraía uma atenção nem sempre desejada. Nalguns momentos, fui mirado com desconfiança pelos passantes, fiquei vulnerável a sofrer alguma violência em virtude de se usar um material eletrônico incomum e considerado de valor monetário alto, sendo, inclusive, por vezes alertado que estava em uma região onde os assaltos eram uma constante. Em outras ocasiões, corri outros riscos de morte ao me posicionar no meio de agitadas avenidas e ruas, ao afastar-me para abrir o ângulo de captação e garantir o melhor *take*; as lentes 2,1-63mm f/1.8-3.4, com ângulo reduzido, requeriram adaptações para a documentação de parte das fontes. Dificuldades, por exemplo, para registrar a amplitude de plantas baixas ou o enquadramento de diversas edificações.

Cada saída a campo era uma nova experiência. Para estes momentos, não havia equipe, como motorista, secretário, produtor, assistente, iluminador, nem operadores de

---

<sup>8</sup> Um dos destaques do caminho percorrido pelo HCUrb voltados para o potencial do audiovisual como fonte de discussão, foi a sua contribuição efetiva na Ação de Extensão A Cidade em Cena, que se desdobrou em A Cidade [Moderna] em Cena, exibidos nos semestres 2013.1 e 2013.2, além da participação extraordinária durante a XVI SemanAU - Semana Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo da UFRN: 40 Anos Do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Ufrn. A Ação de Extensão exibiu filmes com temas ligados à arquitetura e urbanismo em geral.

<sup>9</sup> Para registros momentâneos ou “não oficiais”, fez-se uso da câmera fotográfica do celular.

som e de câmera. Ou seja, a objetividade e a atenção seriam os “suportes” de cena. Os meus objetos de trabalho constituíram-se de: um tripé, câmera filmadora, um microfone de lapela, um aparelho de telefone celular (que me servia como outra opção de registros), um bloquinho de anotações e uma máquina fotográfica digital. Foi necessário dialogar com os ambientes onde aconteciam as entrevistas; várias ocorreram em ambientes fechados, como escritórios, salões de restaurantes, salas das habitações, o que exigiu decisões como posicionar a câmera, o enquadramento dialogando com a luz e o que estava em segundo plano. Em várias delas, não foi possível obter um cenário menos frio do que venezianas, paredes brancas, iluminação branca, aparelhos de TV, que nem sempre traduziam mais amplamente a ocupação do entrevistado.

Os planos escolhidos uma vez são emoldurados com imagens contextuais ou mesmo decorativas, visto que, a câmera gravava por muito tempo, limitando outros recursos (algumas entrevistas duravam mais de um encontro, em virtude da disponibilidade e da contribuição informacional do recordador). Por exemplo, entrevistei Heloisa Tinoco de dentro do automóvel dela. Explica-se: devido ao pouco tempo que a entrevistada tinha disponível, aproveitei a ocasião em que voltávamos da fazenda Cunhaú, juntamente com a outra recordadora - sua prima Ilca Lima Liguori - e paramos em frente à sua ex-residência, na avenida Prudente de Moraes<sup>10</sup>. De dentro do automóvel, desarrolei as perguntas: eu, no banco de trás, ela, ocupando o lugar do motorista. Com o vidro de sua porta fechado e o condicionador de ar desligado, equilibrei a câmera filmadora e segui suas palavras descrevendo a testada da atual creche, buscando localizar as características da fachada atual que não mais existia e suas emoções durante o discurso<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Os roteiros de entrevista não foram totalmente rígidos, pois, às vezes surge a necessidade de adaptá-los aos personagens no momento da gravação, tornando-se maleáveis. Também, em alguns momentos, o pesquisador teve de ser mais explicativo na introdução das perguntas, visto que, cada um dos personagens tem um entendimento específico acerca do assunto, que, às vezes, torna-se um pouco técnico.

<sup>11</sup> Diferentemente, por exemplo, do documentário Estrada Real da Cachaça (Pedro Urano, Brasil, 2008), *roadmovie* que refaz um dos caminhos por onde a aguardente de cana-de-açúcar escoava de Minas Gerais até o litoral do Rio de Janeiro, é permeado de depoimentos, cujas riqueza das descobertas no trajeto e diversidade cultural reveladas, privilegiam a densidade do discurso oral, evitando o foco na história pessoal dos entrevistados. Durante a captação das imagens, tive interferências do pouco tempo disponível com entrevistados (às vezes), do barulho do vento, o cair da chuva, do som do ar-condicionado, a captação das conversas paralelas, do trânsito, de os recordadores darem entrevista no próprio ambiente de trabalho, para momentos de tensão vivenciados no trabalho de campo.

As propostas de tratamento da narrativa, seja sua construção, o olhar do diretor, os conflitos, a importância da montagem etc., são cabíveis na criação deste documentário, inclusive, desde antes de minha experiência com a câmera na mão, vide minhas sensações e sensibilidades para descobrir e documentar as plurais fontes. Recorro a Teoria do Auto-conhecimento, de Carolina Rivas, a ser tratada mais adiante, que evidencia os caminhos seguidos, também perceptíveis nos olhares sensibilizados para a arquitetura e o urbanismo, as temporalidades e cronologias, escolha dos ângulos de captação, trechos específicos para elipses até mesmo o aprofundamento das entrevistas... seguindo sempre uma proposta intuitiva, pois, o (re)conhecimento do meu campo de trabalho, seus problemas mais evidentes, seus silêncios. De maneira que, as emoções captadas nas imagens juntamente com o que é retratado em conjunto ou separadamente a elas, em grande parte pressagiam, de fato, o que não mais encontraremos conforme o passar do tempo, como se se antecipasse uma fugacidade da vida, ou seja: pessoas, edificações, a paisagem (natural ou não), os documentos, os próprios arquivos gravados, os automóveis, as vozes, os corpos, não são para sempre, não são estáticos, tampouco serão testemunhas simbolizadoras de uma época possível de se preconizar<sup>12</sup>.

Etapas como montagem e a pós-produção eram pensadas concomitantemente aos novos achados, como trilha incidental, efeitos visuais, tratamento de cores, uma provável *voz off*<sup>13</sup>, etc. juntamente com a visualização dos planos e enquadramentos. Estes, “aconteciam” rápida e previamente, pois, nem sempre a saída às ruas obedecia a um roteiro predeterminado (embora, a proposta inicial da tese implicasse a obrigatoriedade de se contemplar diversas outras ruas além do traçado de 1904). Tentava manter-me longe dos olhares dos moradores, trabalhadores, passantes. Busquei uma postura que não constrangesse quem quer que fosse. Muitas imagens externas aconteceram em início de manhãs, quando podia documentar fachadas e detalhes sem tanta interferência de ruídos, automóveis e pessoas. Quanto à iluminação, seja em externas ou em ambientes fechados, escolheu-se gravar com a luz do local, embora nem

---

<sup>12</sup> Salienta-se que o ritmo concernente à narrativa proposta pela metodologia do audiovisual contempla (também) os registros fotográficos das famílias e de outras fontes documentais, entretanto, atenta-se para a independência destes das imagens nos dois veículos (impresso e em multimídia), de modo que a inclusão delas na tese não significa obrigatoriamente a repetição no documentário.

<sup>13</sup> Narração sem a identificação do locutor. Este recurso não se concretizou.

sempre pudesse conseguir um bom ângulo e uma boa fotografia. Era consciente que a falta de um iluminador e equipamentos específicos de iluminação traria à narrativa, porém, a luz era a mais natural possível (por natural, entenda-se a luz da locação), com seu ônus e bônus.

## *1.2 – Aproximações teóricas*

Para formar a tese, foram consultados arquivos particulares, como material iconográfico e bibliográfico, que nortearam e aprofundaram mais eficazmente o rol dos entrevistados, assim como, pontuaram a personalidade/produktividade de Arialdo Pinho. De modo que, a metodologia da história oral aplicada ao audiovisual convergiram, ora individualmente, ora conjuntamente, para que se compreendesse a figura desse personagem tão pouco citado com relação à contribuição para a arquitetura nas cidades elencadas para este trabalho.

Vozes e imagens juntas ampliam a percepção e a compreensão intelectual do universo dos entrevistados. Ademais, permitem com mais clareza a contextualização acerca da historiografia da cidade quando se tem, principalmente, como objeto de documentação uma fonte que viveu há décadas, quando se é impossível ter o registro recente da sua voz, dos seus pensamentos, ideias e ideais. Entretanto, existe a possibilidade de se desenrolar todo um eixo a ser seguido e descoberto acerca da fonte primária, de acordo com as informações conseguidas durante o trabalho de campo, dando vida às vozes que surgiram e foram instigando as novidades, assim adianta o historiador catalão Emili Ferrando Puig (2006):

El estudio principalmente se basa en fuentes orales, es decir, en la recogida de testimonios personales e historias de vida (de personas del pueblo y de las masías, de hojos del pueblo que emigraron en su día o de gentes inmigradas, de veraneanos y visitantes habituales, de hombres y mujeres, jóvenes y mayores) mediante entrevistas grabadas y posteriormente transcritas, catalogadas, analizadas e interpretadas en función de las hipótesis establecidas y de los objetivos del estudio. Creemos que la entrevista nos llevará a descubrir y recoger otro tipo de fuentes: escritas, fotografías, objetos de la vida ordinaria, etc. (PUIG, 2006, p. 33).

Costurando-se o exercício da descoberta, vai-se percebendo que as fontes orais e documentais convergem para novos cenários que se avizinham, instigam e interrogam as informações. Desse modo, utilizar a história oral como ferramenta de trabalho permite um amplo espectro de alcance de sua eficácia. A historiadora Márcia Regina Barros da Silva (2009) reforça o caráter revelador imbuído na metodologia; para corroborar seus argumentos, cita o sociólogo britânico Paul Thompson, um dos pioneiros a fazer uso desta possibilidade de se registrar a história:

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança, isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história. E revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádios ou cinema -, pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras (SILVA, 2009, p. 52).

De modo que, dentre o espectro que se amplia, depara-se com diversas versões acerca de uma mesma informação. Memória e história representam realidades, uma complementando a outra, mas sempre requerem que essa relação seja tratada com certo cuidado, alertando para que se tenha ciência de que há diferenças consideráveis entre elas, conforme adverte José Carlos Sebe Bom Meihy (1996). Para o historiador, a dicotomia entre as duas é tênue, o que requer mais responsabilidade no trato com as fontes.

História oral e memória se valem de depoimentos, mas não se confundem. Memórias são lembranças e, como tais, dependem das condições físicas e clínicas dos depoentes, bem como das circunstâncias em que são dadas. Sendo que a memória é sempre dinâmica, muda e evolui de época para época, é prudente que seu uso seja relativizado, posto que o objeto de análise, no caso, não é a narrativa objetivamente falando nem sua relação contextual, mas a interpretação do que ficou (ou não) registrado nas cabeças das pessoas (MEIHY, 1996, p. 65).

Para que tal fato seja dirimido conforme se busca, quando possível e extremamente imprescindível, deve-se cercar do maior e mais confiável número dessas fontes antes da ida ao campo, a contrastar – ou não – com as versões de cada informante acerca do grande tema da entrevista: “La entrevista, con una apoyatura documental

escrita previa, permite evaluar los problemas que surgen respecto de la mentira, el olvido y la memoria de las gentes. La mentira en la fuente oral se puede contrastar con lo escrito o con otros testimonios” (PUIG, 2006, p.88). Evitando, assim a supervalorização da informação, as dúvidas, os desencontros, os interesses particulares, os proteccionismos e tudo o mais que venha a ser dito no momento da interlocução e que porventura não corrobore com as demais fontes primárias.

A través de la mentira podemos llegar también al conocimiento de las variables sociales que presionan al individuo y hace que oculte la realidad pasada. A veces la percepción falsa se extiende a grupos enteros y puede convertirse en una gran mentira colectiva, los mitos y las leyendas se viven con frecuencia como realidades históricas indiscutibles. No hemos de preguntar sobre el porqué pasa todo esto. Al olvido como vacío de información hemos de oponer el olvido como aportación. Analizar lo que no se recuerda o lo que se oculta y su porqué abren nuevas posibilidades de investigación relacionadas con el subconsciente (PUIG, 2006, p.88).

Relatos descritivos ajudam a compor uma teia repleta de significados, entretanto, isto não quer dizer que se “aproveita” ou deve-se acreditar na veracidade das fontes orais. O historiador suíço Paul Zumthor (1997) alerta:

Nossas culturas só se lembram esquecendo, mantêm-se rejeitando uma parte do que elas acumularam de experiência, no dia a dia. A seleção dreña assim, duplamente, o que ela criva. Ela desconecta, corta o contato imediato que temos com nossa história no momento que a vivemos (ZUMTHOR, 1997, p. 15).

No exercício de ouvir a fonte oral e posteriormente compará-la com as informações prévias recolhidas com o intuito de alicerçar este momento máximo, que é a entrevista, firma-se a parte principal de um ciclo que já vinha se sedimentando com os arquivos reunidos até então (livros, entrevistas, fotografias, documentos, gravações videográficas, revistas etc.). “La entrevista puede revelar la verdad oculta tras un documento oficial. En muchas ocasiones la evidencia oral emana de una experiencia personal directa y su valor deriva de que no podría provenir de ninguna otra fuente” (PUIG, *ibid.*, p.90). Este trabalho prévio, imprescindível, necessário e norteador, permite que se equivoque o menos possível na reunião das informações que irão compor o questionário ou o roteiro da entrevista; ademais, tão logo exista, como foi o caso

experienciado na tese, oportunizam-se novas inquirições durante ou após a colheita dos dados orais.

A escolha pela personagem Arialdo Pinho aconteceu após o surgimento consequentemente, mas não de modo denso, na literatura e entrevistas voltadas a arquitetura. O prático torna-se objeto da tese devido à sua historiografia intelectual, de vida e, de modo completo, a trajetória profissional, corroborado pelo período de seus projetos em Natal, de 1951 até 1958, e a posterior mudança para Fortaleza, onde permaneceu até falecer em 1985. Isto quer dizer que estes caminhos trazendo o rigor das análises em amplitude coletiva para o personagem individual, todavia não há prejuízo às conquistas já efetivadas durante o percurso, tampouco na – qualidade da - categorização do problema. Essa postura é defendida pela historiadora Verena Alberti:

[...] em que medida a experiência individual pode ser representativa? Até que ponto uma história de vida fornece informações sobre a história da sociedade? Alguns autores que defendem o uso da biografia no estudo da história consideram que as biografias de indivíduos comuns concentram todas as características do grupo. Elas mostram o que é estrutural e estatisticamente próprio ao grupo e ilustram formas típicas de comportamento. Mesmo uma biografia excepcional é capaz de lançar luz sobre contextos e possibilidades latentes da cultura (ALBERTI, 2006, p. 167).

Adaptar e incluir novos vieses para a pesquisa é um ato de coragem, com fartas doses de confiança de que o seu novo objeto adentra no diálogo que já vinha escrevendo suas linhas dentro dos recortes preestabelecidos. É ter a sensibilidade de perceber que a jóia em vias de lapidação, transmutaria-se da pérola para o diamantino. É reconhecer que a importância de uma fonte, apenas, reúne as características necessárias para se destacar em meio às demais, trilhar o caminho dantes traçado pelo coletivo, sobressaindo-se individualmente, caminhando-se para contar a história de alguém.

A historiadora Vavy Pacheco Borges (2006) distingue o gênero literário, ajustando uma provável dicotomia ou incerteza quando da abordagem dos fatos: “a biografia dita 'científica' ou dita 'literária', obras mais importantes, com preferência narrativa e finalidade histórica, que trabalham com documentação numerosa e variada. É sobre essa que estamos refletindo” (BORGES, 2006, p. 213). Adentrando a este conceito, retratar a historiografia de um personagem não necessariamente requer o contato direto com ele.



Citando o especialista francês em autobiografia, Philippe Lejeune, uma das biografias categorizadas se aproxima do que intento na tese “a 'biografia pura', aquela na qual o narrador não conheceu seu objeto de estudo e visa a dar uma imagem completa de sua existência a partir de documentos e testemunhos” (BORGES, id., p. 213).

De modo que, o desafio de se trabalhar os caminhos profissionais exigiu também ampliar e miscigenar as contribuições de outros aportes teóricos. Temos, então, o diálogo com a memória, anteriormente focado na coletividade, agora volta-se para um sujeito, fato que requer olhares atentos para o grupo ao qual o personagem está inserido. Esta condição é tão importante quando as percepções também se voltam para o tempo, o espaço, as experiências vivenciadas por esse conjunto de indivíduos. Borges pontua acerca da importância que se deve dar às vicissitudes, às entrelinhas dos sinais que ajudam a *diminuir* as complexidades que formaram o personagem em sua vida diária. Ou seja, ficar atento para um processo de humanização da pessoa, capaz de agir como qualquer um outro quando da escolha de suas ações, proativamente, sem exageros e romantismos.

Os caminhos percorridos na pesquisa são balizados pela busca mais aprofundada do prático Arialdo Pinho. Durante o período em que permaneceu em Natal, deixou sua marca de talento nas residências modernistas que projetou para as famílias ricas locais. Desvinculado da Academia, mas com talento e informação suficientes e necessários ao desenvolvimento da arquitetura, reforçam a necessidade de aprofundamento de sua historiografia pessoal, pública e profissional, desenvolvida mais incisivamente no Ceará. Uma oportunidade de incluí-lo no rol das “trajetórias individuais de pensamento e ação profissional”, conforme diz a historiadora Heliana Angotti Salgueiro (2001, p. 20) ao citar como atores sociais arquitetos, engenheiros e mestres de obras vinculados à construção da nova capital mineira, Belo Horizonte.

De modo que a personagem Arialdo Pinho suscita uma série de respostas aos vácuos que permeiam a sua passagem por Natal e Fortaleza, suas relações pessoais/profissionais, desenvolvimento intelectual e produção arquitetônica. Tais hiatos, por si, demonstram a importância de sua pessoa para a historiografia arquitetônica da cidade, sobressaindo-se aos demais entrevistados selecionados para este trabalho em virtude de seu desempenho profissional. Salgueiro (1997) ressalta que a preferência por um único personagem não dirime a dimensão do trabalho.

A escolha do *individual* não significa pensá-lo como contraditório ao social: seguir o fio do itinerário particular de um homem implica inscrevê-lo num grupo de homens que, por sua vez, são situados na multiplicidade dos espaços e tempos de trajetórias convergentes. (SALGUEIRO, 1997, p. 14).

A sobreposição da importância da história de um indivíduo aos demais de um determinado grupo<sup>14</sup>, que dantes pensava-se mister para trazer à tona as realidades vivenciadas, nas últimas décadas vem ampliando seu espaço e prestígio informacional, sem detrimento da qualidade, profundidade e verdade das suas ações e impressões. É o que Lucien Febvre, num pensamento contemporâneo, classifica como “Biografia Intelectual” (SALGUEIRO, id., p. 15).

Ao trazer o conceito de Trajetória Intelectual a ser aplicado na biografia profissional, o engenheiro-geógrafo, urbanista, professor e político paraense Aarão Reis, responsável pela planta de Belo Horizonte-MG em fins do século XVIII, dialoga com um vasto campo de investigação, valendo-se, inúmeras vezes, de documentos oficiais e pessoais deste profissional. Adentrar mais especificamente neste tema, significa perceber a pluralidade inerente a cada traço que compõe Reis, as situações e articulações por ele utilizadas e vivenciadas. Para Salgueiro, tais pontos ajudam a perceber que

Ao estabelecer pontos de contato entre atores sociais que viveram experiências biográficas tão diversas - Reis e os autores que convoca e nos quais se apóia -, não significa que se tenha postulado igualdade de pensamento. O acesso às idéias em circulação, repito, é sempre descontínuo, parcial e dependente de cada contexto histórico, estruturando-se segundo seu horizonte possível” (SALGUEIRO, *ibid.*, p.171).

Tais prerrogativas são norteadoras às que se buscou para pinçar as entrelinhas de Arialdo Pinho. Ou seja, atentar para a sociedade da época, para a sua história de vida, a

<sup>14</sup> O historiador italiano Giovanni Levi (1989) ressalta a importância e os usos da biografia para se traçar perfis e histórias de vida, principalmente contextualizando-os socialmente. Para ele, é salutar a forma e o cuidado quando se aborda um personagem, quando se constrói uma biografia. Por isto, elenca diversos tipos de maneiras de se chegar aos indivíduos com o intuito de construir suas trajetórias, o que ele classificou de “tipologias de abordagens”, intituladas de: prosopografia e biografia modal, biografia e contexto, a biografia e os casos extremos e biografia e hermenêutica. Elas passeiam entre relações sociais, singularidades e ambiências (aqui, ambiência não tem o mesmo significado material utilizado pela arquitetura e urbanismo), escolhas, importância do contexto histórico, o ato interpretativo e outras contribuições.

Natal dos anos 1950, a arquitetura do pós-Guerra, a cultura técnica, a circulação das idéias, a ida para outro Estado. Significa dizer que é mister se valer de caminhos a serem traçados e seguidos. Dentre outras singularidades, é estar aberto para perceber que

A dimensão histórica e as condições locais das leituras e práticas permitem-nos colocar as questões sob o ângulo dinâmico da apropriação, que supõe, na comparação, as diferentes experiências de cada *case study*, em termos das competências dos atores sociais e das condições de possibilidades dos contextos em que atuam (SALGUEIRO, *ibid.* p. 20).

Nessa contextualização, a pesquisa empírica e as entrevistas videografadas colaboram para solidificar o profissional Arialdo Pinho, mesclado com suas nuances pessoais, reverberado na importância historiográfica que sua trajetória representa para a arquitetura e urbanismo de Natal e Fortaleza, contribuindo, também, para seguir seu traçado mediante a circulação de idéias elencadas.

Assim sendo, o suporte da memória, antes coletiva no sentido abrangente da palavra, cuja intenção anterior seria o de traduzir, através do depoimento de muitos, toda uma realidade vivenciada por cada depoente ao transpor suas vozes para significar determinado momento na historiografia da cidade, de certa forma, transmutou-se. A memória pessoal, individual, a participação oral de cada depoente escolhido para a pesquisa, deu formas aos grupos, apresentou sinais de compreensão da sociedade, com uma diferença: esta amálgama permitiu que se delineasse a configuração do personagem principal e, mais, que o contextualizasse no problema que buscou-se desenvolver, para, em seguida, desatá-lo.

Partindo dessa pormenorização, Lucília de Almeida Neves Delgado (2006) salienta que, no registro do presente, há de se levar em consideração, sempre, a perpetuação informacional resultante do trabalho com a fonte oral.

Ao se gravar um depoimento de história de vida ou mesmo uma entrevista temática, o pesquisador está, de forma deliberada, inscrevendo-se no processo de registro do passado e de produção de documentos sobre ele. Ao registrar no tempo presente as memórias sobre o tempo que passou, o historiador e os demais profissionais vinculados a pesquisas que utilizam a metodologia da história oral fazem dos testemunhos recolhidos *fontes de imortalidade* – documentos/monumentos, sob a forma de vozes e de textos, que ficarão arquivados como registros vivos da

multiplicidade de experiências que constituem a vida humana na sua essência (DELGADO, 2006, p. 62).

Essas conjecturas são sustentadas pela historiadora Ecléa Bosi (1994), cujo significativo *alerta* leva a um caminho a ser trilhado, com as devidas atenções e veracidade que os encontros demandam:

Não dispomos de nenhum documento de confronto dos fatos relatados que pudesse servir de modelo, a partir do qual se analisassem distorções e lacunas. Os livros de história que registram esses fatos são também um ponto de vista, uma versão do acontecido, não raro desmentidos por outros livros com outros pontos de vista. A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida (BOSI, 1994, p. 37).

Conforme dito, o vínculo com as fontes orais foram se estabelecendo após as leituras e, principalmente, depois dos encontros, cujas pistas e dicas foram sugeridas pelos próprios recordadores que, de alguma maneira, tinham conhecimento suficiente para indicar os prováveis recordadores que contribuiriam para enriquecer o trabalho. Além disso, a confiança e o respaldo do HCUrb e do PPGAU quando mencionados, além da importância do tema, conferiram seriedade às prováveis barreiras da desconfiança que porventura surgissem. E, tão importante quanto, verificou-se que o próprio nome Arialdo Pinho firmou-se como bom medidor de confiança, principalmente em Fortaleza.

A maioria do elenco de recordadores escolhidos para colaborar com a tese tem idade acima dos 70 anos. São pessoas que vivenciaram o próprio crescimento dos bairros em que moraram e/ou ainda habitam. Elas experienciaram a vida pessoal, muitas vezes, quando a própria vida passava por mudanças. Era a saída da casa dos pais para contrair matrimônio e mudar para a casa nova, construída com o fim de marcar esse momento particular. A condição social favorecia. A habitação modernista contribuía para localizar, literalmente, o local que o casal recém-casado ocuparia – com todo o cuidado que esta assertiva carrega em si – na sociedade. A imponência da residência, a localização, o terreno, o espaço para o automóvel, a decoração e principalmente a contratação do profissional responsável pelo projeto da casa, eram símbolo de *status*, de ascensão social.

A velhice, a qual Ecléa Bosi classifica de “categoria social” (Bosi, id., p. 77), perfeitamente *adaptada* à “sociedade industrial”, é o termômetro, a ponte entre o passado nem sempre tão distante e o presente. Este, por sua vez, vai sendo costurado pelas próprias experiências vividas na atualidade pelos recordadores, pois, é através da percepção e desse processo, que se aproxima do passado.

Na linha de raciocínio de Bosi, segue o pensamento do sociólogo francês Maurice Halbwachs, cujos trabalhos se voltam profundamente para analisar a memória – a par, coletiva –, com licença poética para reservar o seguinte trecho: “Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (Bosi, 1994, p. 441). O detalhe da afirmação, no que se refere ao “poder” do “indivíduo que recorda”, se intensifica justamente pelo poder que a voz de cada depoente traz consigo, (re)afirmando ou não os acontecimentos.

Deixamos de ser, por um momento, os visionários da cidade antiga que só existia em nós, e que, de repente, ganha a sanção de uma testemunha: passa a ser uma lembrança coletiva, portanto uma realidade social. O mapa de nossa infância sofre contínuos retoques à medida que nos abrimos para outros depoimentos (BOSI, *ibid.*, p, 81).

Neste resumido elenco de coisas e lugares possíveis de serem trabalhados, a narração da vida de uma pessoa encontra seu lugar. Clarice Ehlers Peixoto (2011) expõe que o terreno recente de abordagem para este tipo de escrita se apresenta efetivamente como:

Um dos novos campos de interpretação que apresenta recursos analíticos fecundos nas ciências sociais é aquele pelo qual são estabelecidas correlações entre trajetórias intelectuais e formulação de matrizes teóricas de pensamento. Tal perspectiva parte do pressuposto de que biografias podem ser fontes metodológicas extremamente eficazes para a compreensão dos processos de construção de memória social<sup>15</sup> (PEIXOTO, 2011, p. 19, 20).

Numa abordagem mais direcionada, Joël Candau (2011) se refere à memória voltada, digamos, para a habitação, quando esta ajuda a recompor o quebra-cabeça de

---

<sup>15</sup> Halbwachs tem em conta que a memória social é uma *soma* das memórias individuais.

um período importante para a arquitetura e o urbanismo, contribuindo para se aproximar do sentimento de pertencer ao lugar. Para ele, há intrínseca relação entre a memória, identidade e patrimônio, vertentes interligadas que em muito interessam para a tese, em virtude de dialogar com cidade e pessoa. De acordo com o antropólogo, sem memória, a identidade desaparece, o “sujeito se esvazia”. Na vertente análoga, o patrimônio requer a mesma linha de pensamento; e mesmo que sugerido,

Segue o movimento das memórias e acompanha a construção das identidades: seu campo se expande quando as memórias se tornam mais numerosas; seus contornos se definem ao mesmo tempo em que as identidades colocam, sempre de maneira provisória, seus referenciais e suas fronteiras; pode assim retroceder quando ligada a identidades fugazes ou que os indivíduos buscam dela se afastar (CANDAUI, 2011, p. 163).

A respeito de lugares e memória, Candau corrobora com o pensamento do historiador Pierre Nora (1981), entretanto, flerta com olhares voltados para as sociedades modernas e seu momento atual, localizadas num espaço, no concreto, que tem imagem, é objeto, é síntese de lugares e identidade nacional. Assim, para Nora, os lugares de memória “são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos”.

E por mais que esses lugares tentem parar o tempo, signifiquem estagnação (no caso com os bairros em questão), materializados, eis que “os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações” (NORA, id, p. 22). O autor também reserva parte de sua obra à narrativa e ao audiovisual, convergindo com os propósitos deste trabalho.

Ao tratar as crises que envolvem o patrimônio arquitetônico e urbano, a historiadora e professora de urbanismo Françoise Choay não se desvencilha da arquitetura e da cidade (para ela, cidade, urbano e urbanismo perderam seu significado original). De acordo com a historiadora, as sociedades contemporâneas não dão conta das transformações que elas não dominam “e nem a profundidade nem o ritmo acelerado, e que parecem questionar sua própria identidade” Nora, *ibid.* p.21). Numa abordagem mais recente, o amadurecimento das querelas que envolvem sobremaneira o patrimônio construído – e o que/como a questão é aprofundada, Choay revê o problema sob a ótica

de uma ode inversa, em se tratando dos papéis que cabe a cada cidadão, seja na figura da própria pessoa ou nas vestes das instituições. Nesse vascojejo, incita:

É reaprendendo a inscrever as problemáticas sociais do presente à escala e na base de uma herança local (natural e edificada) que serão inventadas as novas entidades espaciais para, sobre a fundação destas, reencontrar-se e continuar a enriquecer a hierarquia das identidades regionais, nacionais, europeias (CHOAY, 2011, p. 41).

As heranças urbanas e uma necessária tomada de consciência incitadas por Choay são alertas para a celeridade que ocorre nas cidades, que sepultam vertiginosamente a gênese da arquitetura e urbanismo na figura dos seus projetistas primeiros. De modo que, se destruir é aceitar a perda, não se pode concordar com tal feitio quando se volta ao (culto do) patrimônio.

A tese inclui outros autores complementares que ampliam as discussões em franco processo de ebulição. Dentre eles, insere o historiador italiano Enzo Traverso (2007), que analisa a utilização pública do passado através da memória e ressalta a importância do testemunho, personagem este essencial na construção do nosso quebra-cabeça imagético. Este autor tem uma perspectiva de análise acerca da memória que é complementar à de Halbwachs, inclusive, sendo este uma grande referência de sua obra. Para ele, que o cinema faz uso da memória, o que reforça a proposta metodológica do audiovisual, ao qual será dada especial atenção no último capítulo desta tese.

Em contrapartida, o geógrafo fluminense Mauricio Abreu (1998), destaca a necessidade de se preservar a memória urbana, e que esta permeia a memória social, a identidade, as memórias histórica, individual e coletiva. Abreu reserva especial atenção à urgência de documentar essa memória urbana, que os vestígios do que são a história das cidades se apaga a uma velocidade crescente, que não se pode perder tempo em registrá-la, em perpetuar a história “do e no lugar”.

Essas condições, em conjunto, solicitaram uma proatividade em nível prático que congregasse as sutilezas intrínsecas às criteriosas abstrações conceituais predominantes até então. As observações, então, requestariam o auxílio de uma metodologia dinâmica, dissertada a seguir.

### 1.3 - O audiovisual como ferramenta de sistematização de dados

Dedico algumas linhas para ressaltar as noções e derivações do cinema documentário na obra do professor e pesquisador Fernão Pessoa Ramos, cujas bases teóricas estão publicadas em “Mas afinal... o que é mesmo documentário?” (2008). Por meio de ensaios, o teórico percorre cronologicamente sua evolução empregando uma perspectiva dialógica que se apodera – e muitas vezes ladeia – (d)as mudanças físicas, tecnológicas e conceituais do cinema, entretanto, situando o documentário como detentor de características próprias, independentes e específicas.

Desde o princípio, uma característica muito cara ao processo de desenvolvimento do documentário esteve lado a lado com os dispositivos que me foram disponibilizados. Por conta própria, aprendi a manusear a câmera filmadora e, juntamente com o tripé, microfone (que preferi não utilizar pelo tamanho pouco discreto e por perceber que deixaria os entrevistados menos à vontade) e máquina fotográfica, embarquei para a prática do projeto. Desde o princípio, não encarei a falta de outras condições de trabalho, que permearam desde a pré-produção ao apoio técnico. Mas, sabia que o esforço físico e intelectual deveria ser encarado, também, com consonância com estas condições.

Intuitivamente, eu queria, da maneira mais verossímil que pudesse ser, não manipular nem as falas, tampouco as imagens. Estas, que denunciasses se pisei em falso durante uma filmagem, ou tenha tremido fortemente em outras, parecessem afobadas, afoitas, ansiosas – e assim o foram, muitas delas. As circunstâncias que se apresentaram, as quais encarei com curiosidade, cuidado e responsabilidade, primeiro, dizem respeito à minha função como pesquisador, todavia, aos sentimentos citados neste capítulo, respaldados pela metodologia do Autoconhecimento proposta por Carolina Rivas.

A construção narrativa do produto final da tese envereda pela concepção – inspirando-se, aqui, na arquitetura e urbanismo – estilística, densidade e *formal* do documentário. Não afeitando sobremaneira na cronologia deste modelo, hei de situá-lo nas considerações mais meritórias que ordenaram o meu pensamento, minhas atitudes, condições de filmagens e olhares quando/para as fontes. Na construção desse processo,



alguns dos autores que foram selecionados e que se aproximam desse conjunto são, além de Rivas, Rafael Hagemeyer, Silvana Olivieri, Fernão Ramos e Silvio Da-Rin.

Ou seja, reforça-se, a escolha multidisciplinar das contribuições teóricas elencadas para a tese. O pesquisador ampliou a busca pelos conceitos, temas e trabalhos, para suprir arestas de produções acadêmicas específicas nesta área, ao mesmo tempo em que se procurou imbricá-las, a saber: a novidade de se voltar à arquitetura e urbanismo, os meios audiovisuais, a biografia.

As escolhas proporcionaram uma aproximação documental-cinematográfica plural pela sua diversidade de temas, liberdade técnica, metodológica e estética, explicitadas no documentário. Entretanto, cabe ressaltar que não se cumpriu as etapas mormente concernentes à feitura deste produto. Ou seja, coube ao pesquisador “antecipar mentalmente” etapas – para, em seguida, partir para o papel – que não seguiram uma trajetória linear para a construção do documentário; o produto fora executado a partir da importância e da diversidade de arquivos obtidos.

De forma abreviada, os documentos foram armazenados rua por rua, avenida por avenida, terrenos, casas modernistas (desde as identificáveis visualmente àquelas em cuja documentação comprovava pertencer), condomínios verticais, instituições de lazer, equipamentos e serviços, mais arquivos processuais do INSS, fotografias, assinaturas, atas, plantas, croquis, entrevistas, aspectos meteorológicos, juntamente com outras fontes primárias e secundárias. Neste caso, houve a necessidade de se trabalhar com todos estes paradigmas, algumas vezes, pensando no fim até mesmo antes do começo. Cada descoberta era uma surpresa, cuja importância provocava um novo destino e outras buscas que desfaziam o novelo, para, imediatamente depois, construir outro.

Viver e dialogar com tranquilidade no momento da gravação, preparando-se para eventuais imprevistos, deixar a ação acontecer e ter a convicção de que se deu o ponto de partida para a esses caminhos. Atento às sensibilidades propostas pela Teoria do Autoconhecimento como exercício crítico de interação com o mundo, utilizo a comunicação midiática na escolha do audiovisual, em virtude das possibilidades oferecidas de exploração do tema, como oportunidade de expor idéias, vozes, palavras, imagens, documentos, momentos e edificações, de forma consciente, rica e direta. Trago à superfície os meus conhecimentos e emoções, pô-los em prática com o intuito de

construir uma história de forma problematizada, real, personificada, sensível e conceitual. Até porque, a cidade é mutante, seus bairros idem. Moradores chegam e saem, habitações são modificadas, destruídas e novas são construídas, oportunidades de trabalho e tensões intensificam a historiografia da urbe.

Deixo claro que todo esse processo de conhecimento adquirido, minhas inquietudes, curiosidades, a busca pelo fato concreto, as experiências de campo, por exemplo, estão transpostas no documentário. Ou seja, o espectador é parte do exercício de construção da narrativa, desde o processo de captação das imagens até a sua finalização. Ademais, ele próprio deverá fazer esse exercício consigo durante o processo de exibição, experienciando-o, pois, de acordo com Rivas, “De todas las artes, el cine tiene la facultad de reconstruir una experiencia vital a través de la imagen y el sonido; expresa nuestras emociones y sentimientos; toca lo no explorable. Al mirar una película, el espectador obtiene autoconocimiento. El cine es un instrumento de autoconocimiento” (RIVAS, 2010, p. 20).

De modo que, sentir e perceber com sensibilidade a relevância de fazer chegar essas referências a um público amplo e plural utilizando a metodologia do Autoconhecimento de Rivas, alvitra a um sistema capaz de franquear “caminhos de conhecimento em dois sentidos”:

*1) conocerse a uno mismo, y 2) conocer la naturaleza de las acciones que van a articularse en una película. Al unir nuestra naturaleza humana y la naturaleza creativa comprenderemos que nuestras potenciales (humanas y creativas) deben guiar el camino para la creación de una película” (RIVAS, id., p. 52).*

Nesse campo, Eduardo Morettin, quando de sua análise à história e o cinema na obra do historiador francês Marc Ferro, destaca as possibilidades informacionais contidas nas fontes. Ele enaltece a importância que o cinema como fonte, e como a Sétima Arte contribui para situar um contexto histórico: “[...] o referencial é o documento escrito, o saber sobre o passado, ancorado na história e no fato. [...]” (MORETTIN in CAPELLATO et al., 2011, p. 57).

O fato de se propor um produto cujo consumo/compreensão seja efetivamente positivos e provocadores, associados a uma estética visual dinâmica, capaz de gerar estímulos para uma consciência inquiridora, cuja tecnologia é recorrente no mundo atual, só eleva a contribuição do audiovisual como uma metodologia plena para se

preencher um tipo de consumo ainda pouco privilegiado em sua capacidade educacional. Rafael Hagemeyer volta-se para essa combinação entre as tecnologias atribuídas aos meios audiovisuais e a implicação relacional dessa construção junto ao fazer historiográfico.

A questão, portanto, não é apenas em que medida as diferentes tecnologias audiovisuais se estabeleceram a partir de modos de gravar e difundir imagens em movimento. É também a maneira como elas constituem diferentes níveis de simulação para a imaginação histórica, o que nos leva a pensar não apenas em como se faz a história através do audiovisual, mas também – e sobretudo - como os audiovisuais fazem história. Pois de uma forma ou de outra, eles alteram nossa consciência do tempo e ampliam nossa memória visual e capacidade de aprendizado. E em certo sentido fazem com que novas gerações compartilhem, através dos diferentes registros audiovisuais, a memória das gerações anteriores, quando também a memória afetiva dessas últimas é fortemente condicionada pelas imagens vistas no cinema e na televisão (HAGEMEYER, 2012, p. 60).

Há de se cotejar a facilidade de como as maneiras de exibição do audiovisual evoluíram e os benefícios que vieram junto com elas contribuíram para o aumento desse consumo. No Brasil, a partir dos anos 1980, equipamentos como o videocassete, Disc-Laser, CD, Dvd, Blue Ray, e num panorama mais recente, o surgimento de plataformas virtuais como YouTube, as TVs por assinatura e digitais, o uso do aparelho celular como dispositivo para fazer e ver vídeos, permitem a abrangência do público intelectual consumidor. Público este que se prospecta ao aprendizado, à formação de opinião e à difusão do conhecimento, contribuindo para que se firme toda uma causa para esta popularização do audiovisual e a consolide enquanto ferramenta didática. Hagemeyer diz acreditar que “é função da escola expor os alunos a outras linguagens audiovisuais, pois a educação audiovisual deve ser entendida como processo de sensibilização e construção de redes de significado social” (HAGEMEYER, id., p. 113).

Decerto que o audiovisual carrega consigo uma missão formadora, principalmente quando atrelado à raiz histórica. Ao abrir interrogações através dos temas, da contextualização e do modo como é construído, constitui-se, assim, uma alternativa dinâmica e estimulante.

[...]Ao teorizar esteticamente sobre os seus filmes, os autores tomavam uma posição política em relação ao seu papel (artístico, educativo e/ou revolucionário), adotando determinada perspectiva

histórica. É assim que o audiovisual desempenha diversas funções, às vezes simultâneas: testemunho de sua época, agente provocador de transformações sociais, meio de acesso ao conhecimento histórico e ferramenta de exposição e interpretação do mundo (HAGEMEYER, 2012, *ibid.*, p. 11).

A liberdade de se trabalhar temas (e aqui não se trata de ser responsável ou não com os fatos, pois isto é outra seara que também está atrelada ao audiovisual) é uma das mais particulares características do documentário. Justamente por isto, essa diversidade aliada ao jeito de fazer a história – ou, como tratá-la – de forma abrangente, grandiosa, até, porém, profunda<sup>16</sup>. Essa possibilidade de desenraizar temas nem sempre abordados, destacando personagens ainda não reconhecidos, por exemplo, encontra no documentário uma metodologia admissivelmente favorável.

A união entre tecnologia e histórias de vida, a memória da cidade – a cidade construída e vivenciada carece de difusão e aprofundamento. O caráter científico que une a arquitetura e os meios audiovisuais têm um abundante campo a ser fecundo. Juntos, por meio da construção teórica e prática, o manuseio de equipamentos de filmagem, a forma de planejar, contar e argumentar os acontecimentos, restituem um hiato pouco explorado quando se remete à produção intelectual e à criação da habitação. A amplitude de caminhos seguidos para se expor nas telas estabelece a ligação entre estes elos nem sempre conjugados. Assim, é sempre tempo de ressaltar que

[...] De qualquer forma, o que está em questão, no audiovisual, é a produção de uma narrativa, a “exposição” de um argumento, de um processo histórico, de uma biografia, etc. A maneira como as imagens organizadas em sequência e acompanhadas dos sons produzidos diante da câmera, bem como de música, sonoplastia ou comentários em *off*, vai adquirindo sentido, tornando-se uma cópia mais ou menos fiel da “realidade” (HAGEMEYER, *ibid.*, p. 119).

Entretanto, trabalha-se na tese com uma noção de *realidade*, sem aspas. De modo que, tentou-se o acertamento de um número variado de versões dadas para importantes fatos, sempre, atentando aos meandros que abarcam a vida de uma pessoa. Tais cuidados devem ser redobrados quando, na construção da biografia, este personagem passa boa parte da vida mudando de emprego, de moradias e cidades,

---

<sup>16</sup> Sugiro aqui uma discreta acerca da “noção de verdade”, a ser tratada em outro momento da escrita.

constrói sempre novas relações e, algumas vezes, fica à margem de uma organização, por assim dizer, oficial, da profissão. É importante ter a clareza das informações, para não comprometer a veracidade das fontes quando do produto finalizado.

O documentário se distingue da ficção porque é uma espécie de pacto, de acordo, de “carta de intenções” que o cineasta assina com *nós*, espectadores, e com seus personagens. Documentário é aquilo que o seu autor inscreve como um documentário. Durante muito tempo as pessoas acharam que documentário era um gênero didático, chato, em que você ia praticamente assistir a uma “aula audiovisual”. Muitas vezes o documentarista era quase como um “pregador”. A ideia era de que o documentarista estava lá fazendo lições, ou sermões, ou uma coisa assim. Ele não é um artista; porque se ele for um artista, aí ele não é neutro. Se ele não é neutro, ele não está falando a verdade, então ele está mentindo. Se ele está mentindo, isso não é um documentário. É esse o raciocínio maléfico, corrupto que existia na recepção do documentário, não na sua produção (CARUSO; POPPOVIC, 2010, apud HAGEMEYER, *ibid.*, p. 120, 121).

Tal construção do conhecimento proposta em um documentário que analisa uma figura humana específica, um profissional *torto*, sem registro oficial, mas com uma produção intelectual-arquitetural de relevo, une-se ao que se quer mais e mais para – principalmente – as instituições de ensino. Por conseguinte, o estímulo seria direcionado para várias frentes: o docente, os discentes, e a replicação do conteúdo, sintetizadamente, tanto verbal quanto pela própria mobilidade/facilidade de exibição do produto final.

O estabelecimento de um padrão de estrutura formal acadêmica não seria incompatível com registro audiovisual. É possível realizar experiências videográficas – termo cunhado no âmbito da antropologia – onde historiadores se empenham sobretudo no “resgate da memória” de testemunhas do passado. É possível, igualmente, editar os fragmentos de depoimentos e organizá-los, sobrepôr ao som das vozes as imagens a que fazem referência e até mesmo inserir curtas citações escritas que ajudam o espectador a refletir sobre o sentido da história a partir das imagens. É possível produzir um filme com as tantas exigências formais quanto um texto, embora não sejam exatamente as mesmas, e cujo “conteúdo verbal” tenha necessariamente outra linguagem e outras dimensões (HAGEMEYER, *ibid.*, p. 149).

Tal argumento contempla com imagens o que seria preenchido pelo texto. Imagem é texto. Então, pergunta-se: com quantas imagens se faz um trabalho

acadêmico? E, quais tipos de registros seriam: fotografias, vídeos? Como transformá-los para posteriormente traduzi-los em páginas escritas?

[...] não há por que ter pressa. Levando em conta que há um intervalo de cerca de 80 anos entre a invenção do cinema e sua aceitação como objeto de pesquisa acadêmica em história, podemos imaginar que a expressão audiovisual da pesquisa histórica ainda tardará algumas décadas até ser aceita nas universidades (HAGEMeyer, *ibid.*, p.151).

Mesmo assim, diante do exposto, há de se levar em consideração, ainda, a subjetividade que envolve essas representações visualizáveis, repletas de significados, ou seja, existe um caminho a ser encurtado entre um produto audiovisual como o documentário, construído com toda a carga teórica e técnica, e o material escrito, formalmente aceito pela Academia. Fazer compreender a importância da primeira opção e otimizá-la dando-lhe uso, pode explicar ser mais urgente do que a segunda proposta, já solidificada.

Silvana Olivieri (2011) relata uma das experiências mais contundentes realizadas por um arquiteto-urbanista no campo do audiovisual. Coube a Carlos Nelson Pereira dos Santos, justamente por desafiar o discurso específico do campo urbanístico à forma documental “Uma reflexão que, veremos, não pode ser de maneira alguma negligenciada por aqueles que pretendem se lançar na aventura de se colocarem na passagem entre esses dois campos” (OLIVIERI, 2011, p. 170). Ampliando a perspectiva de análise especificamente para a teoria “documental”, a autora reforça prerrogativas que incluem o documentário como sendo uma considerável ferramenta para se abordar a cidade, o que o cinema se apropria muito bem quando se trata de urbanismo. Ampliando a perspectiva de análise especificamente para a teoria “documental”, ela reforça prerrogativas que incluem o documentário como sendo uma considerável ferramenta para se abordar a cidade, o que o cinema se apropria muito bem quando se trata de urbanismo.

O universo urbano captado por meio da observação ajuda a acompanhar e a compreender as mudanças físicas do bairro, selecionar edificações e entrevistados, registrar seus depoimentos e montar as narrativas, numa oportunidade de se enriquecer a pesquisa empírica. Baseado, nessas inúmeras possibilidades,

Supõe-se que este meio de fácil circulação e poder de comunicação contribua para romper a viciosidade das pesquisas inatingíveis para a maioria interessada e levante questões para uma discussão e uma tomada de consciência que, cada dia, parecem mais imprescindíveis às próprias possibilidades de sobrevivência dos valores positivos nas formas de vida urbana” (SANTOS, VOGEL apud OLIVIERI, 1985).

A busca pela cidade em sua essência real, pulsante, diária, a urbe cadente muitas vezes esquecida ou exaltada em sua amostra de beleza pastilhada e espelhada, movida por pessoas, gestos e intenções, torna-se respaldo a guiar o diretor do produto audiovisual. Com o propósito de embrenhar-se nesses canais condutores de técnicas, procedimentos e ideias, intentou-se desabrochar o pensamento de alguns autores e suas contribuições teóricas.

Por seu lado, o cineasta Silvio Da-Rin (2004) traz o “modo auto-reflexivo de representação”, relevante ao aproximar o público do filme. Essa proposta torna patente o processo produtivo da trama (o autor emprega o termo “domínio”, sequaz às fórmulas do cinema, entretanto, devido ao seu caráter plural, não se atém a definições<sup>17</sup>). Assim sendo, no presente caso o “modo interativo” a que se remete, abarca a

[...] intervenção do cineasta, ao invés de procurar suprimi-la. A interação entre a equipe e os "atores sociais" – pessoas convocadas a participar do filme assume o primeiro plano, na forma de interpelação, entrevista ou depoimento. [...] A subjetividade do cineasta e dos participantes da filmagem é plenamente assumida (DA-RIN, 2004, p. 88-89).

Durante o processo de gravação das entrevistas, a “intromissão” de vozes que não eram para se constituírem parte daquele momento - ou o eram, e não se explicitou por opção do diretor -, e imagens de outras pessoas que acompanhavam esta etapa, seja algum entrevistado, ou familiar, não foram preocupações que “desfocassem” os eventos reais, esse *fazer como* (outras formas de complemento da narrativa serão evidenciadas durante a montagem, com suportes visuais às vozes e às imagens de campo). Entretanto, para que pudesse acontecer situações desta natureza, outro “obstáculo” era transposto: a confiança.

---

<sup>17</sup> O documentário como instrumento, que se utiliza de técnicas e tecnologias que ascenderam nos anos 1960, e ficou mais conhecido como “cinema direto”.

Na proposição de Da-Rin, o gênero documentário permite que o espectador acompanhe o argumento de um tema qualquer, estimulado pela possibilidade de exprimir comentários orais ilustrados pelas imagens produzidas, pelo engajamento teórico e identificação com as temáticas, enxergando além das janelas do mundo.

Uma pedagogia da imagem, no atual contexto audiovisual, é aquela que opera com a ambivalência, estimulando o esvaziamento das agências de poder e propondo o descentramento de suas representações prontas e acabadas. Isto não quer dizer que a verdade tenha se tornado intangível e nossos valores devam se atomizar em uma constelação de pura relatividade. A crença em algum tipo de verdade sobre o mundo social e histórico constitui o horizonte remanescente da tradição do documentário (DA-RIN, id., p.200).

O modo auto-reflexivo de representação, dado além do mundo real, explicita o próprio processo de exibição, misto de epistemologia e estética que será evidenciado no documentário. Coabitando o mesmo universo teórico de Da-Rin, Fernão Ramos (2008) traz o conceito de “imagem-câmera”: a importância da forma de filmar aliando-se à construção da narrativa, representando o mundo vivido, a intensidade da linguagem. É o presente acontecendo, característica extremamente importante para o “cinema não-ficcional”. A conformidade com o caráter franco buscado nesses momentos estabelece uma “transferência” de propósitos, atribuído por Ramos com outro conceito:

Chamamos de ética um conjunto de valores, coerentes entre si, que fornece a visão de mundo que sustenta a valoração da intervenção do sujeito nesse mundo. O corpo a corpo com o mundo – através da mediação da câmera, conforme se abre para o espectador e é por ele determinado – sempre foi uma questão premente para o questionário. A ética compõe o horizonte a partir do qual cineasta e espectador debatem-se e estabelecem sua interação, na experiência da imagem-câmera/som conforme constituída no corpo-a-corpo com o mundo, na circunstância da tomada (RAMOS, 2008, p. 30).

Entretanto, no afã de trazer para a história a autenticidade e a intensidade desses instantes, o indivíduo - mente, corpo e atitude na ação - vai a campo. No instante primevo da gravação, não agirá sozinho, mas ocupará as atribuições de um “sujeito” específico, cujos elementos assim descrevem:

[...]A figura do *sujeito-da-câmera* incorpora a dimensão da *presença* que sustenta a *máquina-câmera* e a *máquina-gravador* que tomam imagem e som (falas, ruídos, às vezes música) na *tomada*, para e pelo



*espectador*). A abordagem do que é *tomada* deve ser feita dentro de um viés histórico e diacrônico, pois sua forma e articulação narrativa evoluem em diferentes conjuntos estilísticos. A *tomada* em um documentário feito dentro da estilística do cinema direto possui estatuto completamente diverso daquele de um documentário institucional. A *fruição* do espectador converge para a circunstância da tomada diferentemente, na forma que essa tomada tem de existir para o espectador e pelo espectador. A evidente sobredeterminação da *tomada* pela *montagem* não deve impedir a análise de aprofundar o estatuto da *tomada*<sup>18</sup> (RAMOS, id., p.82, 83).

Ressalta-se, então, que, se a contribuição de Rivas toca na intuição e na sensibilidade, o fazer-como (resumidamente, a minha postura com a filmadora na mão, o momento da/para a gravação) seria fortalecido pela ideia da “imagem-câmera” proposta por Ramos. Todavia, para alcançarmos-la, é deveras salutar assumirmos as proposições de Ramos para o produto proposto ao final da tese: o documentário. Entre toda a contextualização e cronologia que cerca a evolução deste tipo específico de registro e finalização do trabalho com imagens, incluindo os diversos tipos que o cercam, representadas pelas suas características, singularidades e intencionalidade, aquiesce-se que

O *documentário* é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de *asserções* sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das *imagens-câmera* e, principalmente, a *dimensão da tomada* através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados<sup>19</sup> (RAMOS, 2008, p. 22).

Situar a imagem filmada e seu papel nesta narrativa documentária, conforme diz Ramos, é reunir esforços para dar-lhe significados que muitas vezes se sobrepõem ou necessitam de uma base conceitual (para o seu processo de captação, por exemplo), e que possa justificar as intenções do documentarista. Assim, aos poucos, vai-se desfolhando cada uso, em cada momento específico, dando-lhe objetividade e, por fim, solidificando estes acontecimentos com maturidade e objetivo por parte do diretor.

---

<sup>18</sup> Grifos do autor.

<sup>19</sup> Grifos do autor.

Efetivamente, utiliza-se na tese o conceito de documentário proposto por Ramos, cuja definição valida-se, fundamentalmente – mas não somente -, pela importância circunstancial das análises sublinhadas em torno de uma realidade histórica. A partir desse reconhecimento, facilita-se o entendimento para as decisões que representarão na tela o fazer-como, com ênfase ao durante e o depois, atendo-se sempre à presença do espectador. Isto posto, caberá, a partir deste momento, referenciar textualmente outros itens de relevo que levam o autor a estandarizar o terreno documentário e sinalizar a minha postura/atitude nesse decurso. A utilização do termo “narrativa” atravessa a tese para situar o leitor frente a uma perspectiva intencional de entendimento das possibilidades que a proposta de se trabalhar academicamente o tema audiovisual, atrelado à biografia e à arquitetura, permite desenvolver, de modo oportuno, os seguintes esclarecimentos:

Por *narrativa* designamos uma forma de enunciação que possui procedimentos estruturais, no ato de enunciar ao espectador (em nosso caso com imagens, sons e fala), ações incorporadas por personagens. Em nosso caso, a narrativa documentária, a enunciação mistura-se entre o relato e a asserção. A *narrativa documentária*, dentro do conjunto mais amplo de *narrativas*, possui características particulares: a estrutura de signos que a sustenta como fato de comunicação possui uma função claramente *assertiva* (no sentido de que estabelece *afirmações* ou *postulados* sobre o mundo ou sobre o eu que enuncia). É importante distinguir o conceito de *narrativa* do de *narrador*, ou de narração. *Narrativa* é a forma que articula e recebe a *narração* ou a *asserção*, que podem estar bastante diluídas (RAMOS, 2008, p. 23).

De que maneira há uma apropriação do conjunto desta fala que norteie um ponto de partida para o documentário? A minha postura frente às fontes que se apresentaram durante o trabalho de campo estava intimamente conectada com o equipamento e o objeto fílmico. Muito pode ser compreendido por intermédio do sujeito-da-câmera e da imagem-câmera, resumidamente, a pessoa que irá operar o equipamento de filmagem, dando início à gravação, à captação da imagem, à tomada.

[...] A figura do *sujeito-da-câmera* incorpora a dimensão da *presença* que sustenta a *máquina-câmera* e a *máquina-gravador* que tomam imagem e som (falas, ruídos, às vezes música) na *tomada*, para e pelo *espectador*). A abordagem do que é *tomada* deve ser feita dentro de um viés histórico e diacrônico, pois

sua forma e articulação narrativa evoluem em diferentes conjuntos estilísticos [...] <sup>20</sup> (Ramos, 2007, p. 82).

O sujeito-da-câmera funde-se com o instante da tomada. Essa tomada é percebida pelo espectador, pronto a experienciar o agenciamento do momento inicial onde ocorreria a construção documental. Tal agente humano está *aberto* a perceber a magnitude deste instante, registrando proativamente o que será captado, a princípio, como som e imagem para a tela. Notadamente, poder-se-ia pensar que esta condição fizesse mais sentido ocorrer com a presença de grande equipe de filmagem. No documentário aqui proposto, não havia escolha: impossibilitado de contar com pessoal de apoio para a realização dos *takes* (momentos de captação das imagens), coube ao pesquisador-documentarista esta e as demais tarefas delegadas às funções cabíveis à prática da construção da narrativa <sup>21</sup>.

É preciso deixar às vistas, porém, os perigos de reportar ao pé-da-letra o significado literal deste conceito. Ou seja, nesse processo de fabricação da imagem, o operador da câmera não carrega consigo todo o caminho da captação, seja a sua gênese, quiçá a *compreensão*, não devendo creditar-se a este manipulador do dispositivo a conveniência de sujeito-da-câmera, tampouco o resultado de sua ação. Fernão Ramos, em outra publicação, amarra essa concepção:

O *sujeito* que designamos nesse termo se refere, antes de tudo, a uma posição espectral, devendo ser entendido dentro das liberdades que possui uma figura. O que vem permitir sua constituição é o terceiro momento da imagem. Trata-se de algo que somente na fruição se constitui, embora já exista anteriormente em potência, pois originário da presença da câmera no mundo: trata-se da própria imagem, já constituída, no suporte. É o suporte (película ou digital) que, quando atualizado pelo espectador, remete-se à presença da câmera que a fruição da imagem funda, como equivalente à experiência que delimita o campo subjetivo (RAMOS, 2012, p. 17).

A investigação proporcionou contatos com os recordadores, pessoas que eu não conhecia. Essas mesmas, que não sabiam os motivos do contato com elas, pois sequer havíamos tomado conhecimento uns dos outros. Após indicações de amigos, a leitura de

---

<sup>20</sup> Grifos do autor.

<sup>21</sup> Não contei com equipe técnica, tampouco produção e apoio. Entretanto, o que foi possível dirimir em termos de suprimento de equipamentos, ressalto o comprometimento do Grupo HCUrb e do CNPq. A ausência de pesquisas arquitetônicas que usassem o audiovisual, racionalmente, necessitam de financiamento para esta área, de modo que, os esforços do Grupo e do CNPq são louváveis, também, por permitirem a compra do equipamento necessário ao desenvolvimento do trabalho.

trabalhos acadêmicos direcionou a busca para se chegar a estas pessoas, inclusive o rastreamento via redes sociais e até abordagens corpo a corpo com aquelas que viriam a ser entrevistadas. Muitas vezes, a sensação de timidez e risco – afinal, um estranho com uma filmadora ou máquina fotográfica camufladas<sup>22</sup> a fazer perguntas acerca da habitação não é fato corriqueiro... e sequer indico como o meio mais eficaz (e responsável) para isto.

A oportunidade de adentrar nas vivendas é *invadir* a intimidade de trabalho e descortinar alguns segredos institucionais. Um estranho observador, que também era observado, entretanto, escolhia a locação, o enquadramento, montava o tripé, ligava a câmera, pedia para fechar-abrir cortinas e portas (por conta das interferências sonoras e também de luz), além de fotografá-las, foram obstáculos corriqueiros que tiveram de ser transpostos, assim como a chuva, o vento em campo e o sol forte do verão. Ademais, não usufruir de uma equipe de apoio nem equipamentos vultosos (sequer eu tinha iluminação) “fazia parte das dúvidas” tanto à confiabilidade quanto ao êxito do empreendimento. Ter conhecimento em como lidar com essas situações durante a pesquisa pode ser fácil ou difícil, embora não haja um manual a seguir.

A combinação desses elementos, misto de atitude, troca, posicionamento no manusear do equipamento, proposição e visão do *real*<sup>23</sup> foi o procedimento adotado por mim durante as inúmeras experiências em campo que gerariam o documentário. Em consequência, tal como adiantado anteriormente, outras técnicas mesclam-se com o texto: as fotografias. Elas são fundamentais para o entendimento do trabalho escrito.

As fotografias empregadas no documentário tomaram proporções acima do planejado. Elas foram base para se comprovar testemunhos de pessoas, lugares e, principalmente, habitações; sem elas, em diversos momentos, não seria possível colocar em prática o exercício comparativo do “ontem e hoje”. Uma vez que sua importância como testemunho histórico das urbes, elevar-se-á a outro *status*, de maneira lúdica, porém oblíqua, quando se tem a oportunidade de se trabalhar visualmente com momentos de pessoas estreitamente ligadas ao trabalho, no sentido de dar voz quando esta voz, seja por informações das fontes ou através do próprio depoimento, é parte

---

<sup>22</sup> Na maioria das vezes, ao sair às ruas com o objetivo de filmar, colocava a câmera dentro de um saco plástico opaco agarrado à mão. Quanto menos atenção eu provocasse, mais tranquila seria a oportunidade.

<sup>23</sup> No sentido de realidade, do palpável.

importante da narrativa – a história percebida e construída - criada com base nos testemunhos.

Salienta-se veementemente que o ritmo concernente à narrativa proposta pela metodologia do audiovisual contempla (também) os registros fotográficos das famílias e de outras fontes documentais, entretanto, salienta-se independência destes das imagens nos dois veículos (impresso e em multimídia), de modo que a inclusão delas na tese não significa obrigatoriamente a repetição no documentário. Mariana Leal Rodrigues resume parte da seara dialógica a qual o pesquisador, aberto à disponibilidade, pode encontrar:

Avaliando a relação custo x benefício do uso do vídeo na pesquisa antropológica, considero que as desvantagens dizem respeito somente ao *tour de force* e aos custos necessários à sua realização. O pesquisador solitário certamente tem momentos de apuros em que não consegue “registrar, descrever, compreender, explicar, interpretar...”. A maior vantagem é a riqueza de informações – comportamentais, pessoais, temporais, etc. - que um registro de trabalho de campo concentra, fornecendo material para outros recortes analíticos e, até mesmo, outros pesquisadores (RODRIGUES in PEIXOTO, 2011, p. 34).

A oportunidade que a pesquisa proporcionou ao contar com fontes primárias do tipo fotografias dos entrevistados e suas famílias, tendo como cenário suas casas, vida social (dentro e fora delas), ritos de passagem, lazer e sociabilidades, contribuiu sobremaneira para solidificar com mais profundidade o argumento da produção do documentário. Ademais, para o pesquisador, ter acesso a estes momentos e principalmente a estas habitações, diversas delas ainda mantendo os traços originais, firma-se bastante esclarecedor, misto de interpretação do projeto/pensamento criativo/pensamento de uma época/ circulação de idéias etc.

O destaque a esta iconografia, tanto para este trabalho escrito quanto para o documentário finalizado, é proposital e impossível de se renunciar, tal a importância testemunhal que carrega consigo. Como se fosse uma troca mútua entre a verdade que se via na imagem e a veracidade do depoimento, captou-se uma diversidade de informações-explicações acerca da habitação, do projeto, dos pontos positivos e negativos deste, dos lugares experienciados, os cantinhos mais utilizados, as novidades no morar, as relações com a vizinhança, as mudanças no entorno, as dificuldades de

viver em residências modernistas<sup>24</sup> permitiam reconstituir histórias familiares e traçar um perfil pessoal e intelectual com mais propriedade, sobretudo, de Arialdo.

Chega-se, aqui, a um ponto importante: não havia/haveria como separar as residências de seus donos da data dos projetos e suas construções, juntamente com os autores destes. A princípio, a experiência em campo estreitou os laços entre o pesquisador-documentarista com os entrevistados. Depoimentos emocionados de épocas pretéritas emergiram. No entanto, a surpresa aconteceu quando da visita à residência de um dos filhos de Arialdo e Alberto, que seguiu a carreira tal qual o pai. Constatou-se, inclusive, que Alberto não possuía vínculo com a Academia.

À trajetória profissional, soma-se a contribuição metodológica da fotobiografia. Naquele momento, tive acesso a uma pequena parcela do que constituía a biblioteca do prático, anteriormente citada. Junto com a bibliografia, diversas fotografias de Pinho em momentos/situações dantes desconhecidas, reveladoras de uma personalidade elegante, afeito às sociabilidades. Algumas fotografias traziam identificações como lugar, data, evento, o que facilitava ao conhecimento da personalidade do personagem. Evitando-se o saudosismo, a postura que se seguiu corrobora com a intenção relatada por Hagemeyer:

A utilização de fotografias na produção audiovisual deve ser analisada, portanto, a partir de seu “uso criativo”, do que é destacado e valorizado e dos detalhes que muitas vezes se perdem na constituição de uma narrativa a respeito dela. Sua situação de “fragmento”, “parte de uma série de imagens” sobre a qual se deseja estabelecer uma relação de sentido, nos remete às origens do próprio cinema, que surgiu nada mais do que a partir das experiências com fosesquências (HAGEMEYER, *ibid.*, p.118).

Esta perspectiva dialógica entre iconografias e texto será constante nas próximas páginas. Se, para a tese, norteia a imaginação, no documentário, serão fundamentais para se narrar acerca de Pinho. Em ambas, ajudam a reconstruir os caminhos do prático, suas relações pessoais e profissionais, com mais riqueza a seguir.

---

<sup>24</sup> Sim, algumas, de tamanho considerável, trariam consigo problemas como a manutenção.

*Vem de longe*  
*Da morada da memória*  
*Junto construïmo história*  
*Num calor de fim de tarde*

*Amor de antigos*  
*Céu*

## CAPÍTULO 2 – DAS AVENTURAS PROFISSIONAIS

A paisagem construída da cidade de Natal passou por grande transformação de seus espaços vazios. A ocupação dos seus lotes testemunhou tipologias ecléticas, art-déco e, diferenciando-se dos exemplares cheios de detalhes, janelas frisadas, chalezinhos com suas águas visíveis e sala de visitas, fora sendo pontuada com habitações cujo zoneamento quebrava com a rigidez do corredor separatista, interligava os setores, dentre outras novidades, trazia o banheiro para dentro da edificação.

De modo que, a observação externa dessas residências permite perceber as rupturas de um momento anterior, que, na *nova* versão, se apresentaria no telhado borboleta, nas janelas em fita e panos de vidro na fachada, venezianas, na ocultação do telhado, nos jardins frontais decorativos – dignos de observação da vizinhança -, nos brises e pilotis (mormente para segurar a varanda e proporcionar espaço de convivência no térreo), nos muros baixos, na garagem lateral para os automóveis – que já ganhavam espaço na cidade e lugar cativo nas habitações, mais soluções projetuais-construtivas adaptadas ao clima local e uso de materiais da região.

A implementação local dessas idéias atém-se à difusão dos pontos norteadores e característicos da arquitetura modernista, que encontraram oportunidades para sua disseminação. Neste cenário, os Institutos de Aposentadorias e Pensões permitiram que muitos projetos pudessem ser postos em prática com o exercício projetual adaptado às condições fornecidas por essas instituições, consolidando-se efetivamente como canais para o espraiamento da arquitetura modernista das cidades<sup>25</sup>.

Até a metade da década de 1950, o cenário profissional voltado para a arquitetura e construção era preenchido por engenheiros civis, um arquiteto e os práticos. Parte desta produção intelectual assinalava um futuro a se estabelecer mais fortemente não apenas nestes locais, mas em outras freguesias da cidade, por meio da preferência (em ascensão franca consolidação no país), da arquitetura residencial

---

<sup>25</sup> Esse viés, conforme dito, fora o caminho seguido pelo HCurb para conhecer/compreender por quem, como e por onde a arquitetura modernista se consolidou em Natal. Com a finalidade de contextualizar futuramente o patrimônio edilício projetado por Arialdo nos recortes temporal e geográfico elencados na tese, em linhas gerais, contribuíram para contextualizá-lo os trabalhos acadêmicos de: Alexandra Consulin Seabra de Melo (2004), Luiza Medeiros de Lima (2011); o extenso e detalhado banco de dados do HCurb, acervos do INSS, MUsA; artigos, publicações e a pesquisa empírica empreendida pelo autor do presente trabalho.



modernista. Vocação, talento, técnica, criatividade, com ou sem academicismo, costumam propostas e idéias modernas partilhando o mesmo momento da disseminação, desenvolvidas a partir dos preceitos modernos fartamente utilizados nos projetos. E, digno de inclusão neste rol, a seguir, adentra-se aos caminhos do profissional da arquitetura, de interiores, cenógrafo, dos vínculos artísticos, inerentes ao prático Pinho.

### *2.1 Dos trajetos e trajetórias*

Esta parte traça desde sua origem no Rio de Janeiro então Capital Federal, ao *fallecere*, desempenhando suas funções, na praia do Cumbuco, litoral Norte do Ceará, trazendo, a priori, os fatos e fontes que permearam a sua carreira, evidenciando as relações com a política e as elites, além das parcerias empreendidas com arquitetos, fatos determinantes para o estruturamento de sua carreira. Por vezes, a pesquisa deparou-se com um significativo número de versões para distintos fatos. Consideradas como elementos essenciais para se contextualizar a memória documental a estes instantes, optou-se por apreciá-las, oferecendo-as ao leitor o esclarecimento concedido às notas de rodapé.

Logo, caminhos sinuosos para a compreensão da formação intelectual e identitária de Arialdo Pinho trazem consigo hiatos suficientes para não considerar os dados da pesquisa de campo por completo. Esses meandros são percebidos em trechos informacionais que beiram a discrepância: se, por um lado, as versões acerca de determinado tema apresentam sentidos diversos, a falta de documentação ou os silêncios surgem e seguem o caminho oposto, dificultando a reconstituição de relevantes fatos que remontam à sua biografia. Neste sentido, a ausência de comprovação de dados escolares reflete uma sistematização que, em algumas passagens, mais provoca do que explica.

Arialdo Pinho nasce em 29 de maio de 1927 no Rio de Janeiro, membro de uma família com cerca de oito irmãos, todos morando na mesma cidade. Seu pai, também natural do Rio de Janeiro, trabalhava com topografia, o que remete a uma provável influência paterna inspiradora na escolha de uma área profissional, até certo ponto, relacional, na carreira. A Capital Federal vai ser estrada para alinhar suas andanças interestaduais, as relações familiares, afetivas e profissionais.

A vida em diferentes cidades leva a crer que o jovem Arialdo, com pouco tempo de casado e com os primeiros filhos nascendo quase que ano após ano, se confirmaria nos serviços que demandavam deslocamentos geográficos. Desse modo, dos 17 aos 19 anos, no Rio de Janeiro capital, trabalhou na Copag – Companhia Paulista de Artes gráficas; aos 21 anos, casou-se com Djanira, com 18 anos na época (Figura 02), natural de Valença, Rio de Janeiro. De 1946 a 1948, Pinho estava em licenciamento do Instituto de Aposentadoria dos Industriários. O primogênito, Arialdo de Mello Pinho nasce em 1950, na cidade de Lima Duarte, interior de Minas Gerais, época em que o pai permanece, de 1949 a 1951 (Figuras 03 e 04), trabalhando para o Ministério do Interior, desempenhando funções no Departamento de Estradas de Ferro, na ligação ferroviária entre o município e Bom Jesus de Minas.

De 1951 a 1952, firmou vínculo empregatício na Empresa Terezópolis Imobiliária e em Aurélio Baptista – arquiteto, em Petrópolis/RJ (embora tenha residido neste município, os arquivos creditam o 1º projeto de Arialdo em Natal em 1951). Entre 1952 e 1954, prestou serviços para a Mafra Engenharia Ltda - estruturas de madeiras, voltando a residir na cidade do Rio de Janeiro. Essa relação com a Mafra irá repercutir logo depois em Natal, onde Arialdo será vinculado ao Departamento Nacional de Estradas de Rodagens do RN, de 1954 a 1956, para, em seguida, mudar de rota: “Em 1958, veio residir em Fortaleza, trabalhando como autônomo, tendo a contribuição descontada pelo valor dos Recibos Emitidos. Estabeleceu em 1971 firma Individual ‘ARIALDO PINHO DIAGRAMAÇÃO DE INTERIORES’. O documento é assinado por ele em 23 de maio de 1983 (Figura 05). Ele dará, ao sair do sudeste, a direção para se desvendar essa irrequieta trajetória.

Uma personalidade cujas informações acerca da origem e laços genealógicos pouco puderam ser absorvidas pelos descendentes. Talvez seja uma das características que permitam entrever as relações além-parentesco para que se conheçam alguns caminhos seguidos por Arialdo Pinho com o passar dos anos.

Meu pai era uma pessoa muito interessante, porque ele era muito sociável, [...] tinha muitos amigos, entretanto ele não falava muito da própria família. Então eu conheço muito pouco. Não conheço os meus avós...chegamos a ir ao Rio várias vezes [...] A gente ia passar férias no Rio, mas, toda vida não dava certo de a gente conhecer os avós... sei lá... ia passando... e também a gente não puxava muito e ficou por

isso. [...] Não conheço ninguém, nem um irmão dele, nenhum sobrinho...<sup>26</sup>

Os avós paternos sempre se mantiveram distantes dos netos e o contato era escasso, fato pouco diferente com os ascendentes maternos, cuja relação era mais amigável. Por motivo não revelado, Arialdo distanciou-se da família. A estabilidade de moradia mais próxima da Região Sudeste, nunca concretizada, tem influência nesta decisão. Seu filho Alberto Pinho resgata alguns destes muitos caminhos:

Papai era parecido com militar, na situação de trabalho dele; ele calculava pontes para empresas que na época construíam estradas. [...] Eu nasci 13 meses depois em Teresópolis, que papai estava a trabalho. Nós não temos nenhum vínculo com essas cidades. E, em seguida, o Arnaldo, que já foi 3 anos depois, no Rio Grande do Norte, que ele estava a trabalho no Rio Grande do Norte. E daí nós três nascemos cada um em uma cidade [...]<sup>27</sup>

**Figura 02** - Arialdo Pinho com a primeira esposa Djanira, em dia de boda.



Fonte: Acervo Alberto Pinho

---

<sup>26</sup> Paulo Henrique Studart Pinho foi entrevistado no dia 29.03.2016 na COGERH – Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos do Ceará, em Fortaleza, onde exercia o cargo de Diretor Administrativo.

<sup>27</sup> Alberto Pinho, 64 anos, recebeu o pesquisador no dia 9 de julho de 2015, em Fortaleza.

**Figura 03** - Montado no cavalo, à esquerda, Arialdo em 1949 em Lima Duarte



Fonte: Acervo Alberto Pinho

**Figura 04:** Virada do ano 1951 em Teresópolis-RJ



Fonte: Acervo Alberto Pinho

Figura 05: Documento datado de 1983.

ARNALDO PINHO : nascido em 29 de maio de 1927 - brasileiro - casado -  
carteira de contribuição N° 10939833247.

De 1944 a 1946 - COPAG - cda. paulista de artes gráficas, rua  
pedra J - rio de janeiro. Residindo no Rio  
- RJ.

De 1946 a 1948 - Esteve em licenciamento do instituto de aposenta-  
doria dos industriários - IAPI -

De 1948 a 1951 - Trabalhou no ministério do Interior, departamento  
nacional de estradas de ferro - ligação ferroviá-  
ria Lima Duarte, e Bom Jesus de Minas - recolhendo  
ao IAPI - (residindo em Lima Duarte - Minas).

De 1951 a 1952 - Trabalhou na Empresa Terezopolis Imobiliária Ltda.  
e em Aurélio Baptista - Arquiteto - residindo em  
Terezopolis.

De 1952 a 1954 - Trabalhou na Mafra Engenharia Ltda, estruturas de  
madeiras - residindo em RJ-RJ.

De 1954 a 1956 - Trabalhou no Departamento Estadual de Estradas de  
Rodagem do Estado do Rio Grande do Norte.

Em 1958, veio residir em Fortaleza, trabalhando Autonomo, tendo a con-  
tribuição descontada pelo valor dos Recibos Emitidos - Estabeleceu em  
1971 com a firma Individual "ARNALDO PINHO DIAGRAMAÇÃO DE INTERIORES"  
até a presente data.

Fortaleza, 23 de maio de 1983.

Obs- n° Do Benefício-79878362-7

Diversas viagens empreendidas pelo prático dão conta de sua passagem por várias capitais; Arialdo foi o projetista da rede de lojas de varejo Lojas Pernambucanas, o que lhe valeu as idas a Belém, Manaus, São Luiz, Recife, à própria Natal, João Pessoa e Salvador. Mister salientar a importância das iconografias para esta contextualização, visto que, a grande maioria dos fatos que compõem a trajetória são mais explicativos no âmbito geral, não se aprofundando na gênese dos acontecimentos, de modo que essas sutilezas serão potencialmente clarificadas a partir do alcance da família à região nordeste do País.

## 2.2. *Das partidas*

A vinda de Pinho para Natal rega os mais diferentes fatos e versões, de modo que fizeram-se necessárias novas buscas que tentassem, senão confirmar, aproximar o mais exato possível, tanto a sua vinda para a capital potiguar, quanto outros detalhes de sua vida pessoal e, principalmente, profissional, ou seja, quais experiências balizaram seu encontro com a arquitetura, *a priori*, modernista, e o que disto resultou para as edificações projetadas por ele em Natal. Assim sendo, confirmam-se plurais as variantes componentes deste personagem responsável por deixar marcas solidificadas no solo de Tirol e Petrópolis, num momento em que se pode contextualizá-lo nos rumos que a própria Natal e sua elite político-financeira, a arquitetura modernista e as entidades de classe nela imbricadas, aclaravam suas missões.

Indispensável se faz, todavia, levar em consideração estas plurais prerrogativas que supõem os motivos pelos quais o prático aporta em Natal e em Fortaleza, duas cidades onde foi possível se obter contatos com as fontes primárias que norteiam e validam a representatividade de Arialdo Pinho. Desta feita, com o intuito de valorizar as versões apanhadas, optou-se não por omiti-las, mas explicitar as mais contundentes, trazer a público a maior diversidade de fatos que viessem a contribuir com o pouco conhecido Pinho, abrindo uma senda que ora tende a se estreitar.

A identificação e o registro da chegada de Arialdo Pinho em Natal aponta para contradições que inquiram datas, pessoas, locais e a sua capacidade profissional. Do

mesmo modo, permite que se tenha uma compreensão a respeito da arquitetura e do desenvolvimento da cidade na metade do século XX. Sua vivência relacional, onde se incluem aspectos pessoais e profissionais, dá motivos a diversas versões acerca de sua chegada à capital do Rio Grande do Norte, aos 24 anos de idade<sup>28</sup>. Dentre elas, sobressai-se uma, misto de *surrealidade* e *acaso*: vir acompanhar o vice-governador do Estado, Sylvio Piza Pedroza. A missão que se avizinhava era das mais desafiadoras. Pedroza havia sido prefeito de Natal de 1946 até janeiro de 1951. Oriundo de família rica, formou-se em advocacia, com estudos no exterior. Vaidoso, também era praticante de diversas modalidades esportivas, como futebol de salão, tênis, hipismo e esqui aquático. A tragédia da morte do então governador Dix-Sept Rosado, que morreu num desastre de avião como um dos passageiros do vôo em direção ao Rio de Janeiro, e que caiu a três quilômetros da pista de pouso de Aracaju, Sergipe, em 12 de julho do mesmo ano, ironicamente, iria descortinar novos horizontes para Arialdo Pinho. Primeiro arquiteto do Estado efetivamente formado, Moacyr Gomes da Costa recorda o momento em que regressa à cidade e se depara com um profissional de fora exercendo a profissão<sup>29</sup>:

Chegando aqui, eu tomei conhecimento que já tinha aqui em Natal um arquiteto muito prestigiado amigo do governador Sylvio Pedroza. [...] E aqui, rapidamente ele foi absorvido, aceito, pela cidade, população local, e começou a receber a encomenda de projetos, centenas de projetos. Montou um escritorzinho, em princípio na própria casa dele...<sup>30</sup>

Gomes da Costa teve relação estreita com Arialdo. Ele recorda outros detalhes que antevêm o panorama que se descortinaria para a prática e os meandros da profissão em Natal: “Foi pela mão de Veríssimo de Melo que conheci o arquiteto Arialdo Pinho, a cujo talento deve Natal a revolução arquitetônica em que determinado período se operou na sua fisionomia”<sup>31</sup>.

---

<sup>28</sup> O arquiteto e urbanista Fausto Nilo revela – e soma - que a chegada em Natal estava ligada às relações com o político Aluizio Alves, então deputado federal norte-riograndense com mandatos em 1950, 1954 e 1958.

<sup>29</sup> Há duas considerações a serem feitas: Moacyr Gomes relaciona a informação à sua chegada em Natal no ano de 1955. Ele credita ao médico Eudes Caldas Moura essa informação. Moura, por sinal, terá uma casa projetada por Pinho num ainda distante trecho da avenida Marechal Hermes da Fonseca, onde hoje funciona a Associação Médica do Rio Grande do Norte.

<sup>30</sup> Moacyr Gomes, entrevista em 25.10.2015 no escritório de sua residência.

<sup>31</sup> Moacyr Gomes, entrevista em 25.10.2015 no escritório de sua residência.

Todavia, sua vinda para Natal não permitiu que planejasse esta importante decisão, a ponto de vir com a família incompleta (Figura 06): Alberto, o mais novo até então, fica com os avós maternos em Valença, mudando-se em definitivo com o falecimento do avô materno, aportando na capital do RN quando da época do nascimento de Arnaldo, o mais novo dos três filhos. “Arnaldo, me lembro... Minha mãe, eu me lembro, tendo as dores do parto no quarto do lado; eu já tinha 4 anos, o Arnaldo, a diferença é de 4, 5 anos”<sup>32</sup>.

**Figura 06:** A ambiência revela Arialdo de Mello Pinho, à esquerda, agarrado ao pai; ao lado, as crianças da vizinhança.



Fonte: <https://www.facebook.com/arialdopinho?fref=ts>. Acesso em agosto de 2016.

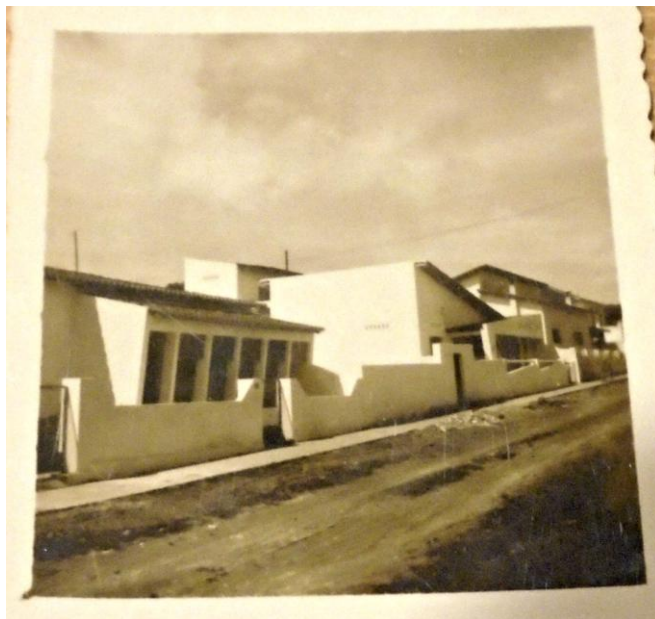
O primeiro de um total de dois escritórios que abriu em Natal ocupou a garagem de sua residência<sup>33</sup> em Tirol (Figura 07), na rua lateral à avenida Marechal Hermes da Fonseca onde, na esquina, localiza-se o seu primeiro projeto na cidade, em 1951, para a família Faria, hoje o estabelecimento comercial Kaza Shopping. O segundo estabelecimento de trabalho fora num dos pontos mais cobiçados da cidade na referida década: o Grande Ponto.

<sup>32</sup> Arialdo de Mello Pinho concedeu entrevista em 01.04.2016; na ocasião, ocupava o cargo de secretário de Turismo do Ceará. Ele foi o primeiro proprietário do parque aquático Beach Park, no litoral sul de Fortaleza. O projeto do empreendimento é de autoria de seu irmão Alberto, com co-participação de seu pai.

<sup>33</sup> Algumas fotos em qualidade inferior terão tratamento adequado; optou-se por colocá-las nesta versão a fim de proporcionar uma contextualização acerca dos assuntos e lugares citados, entretanto, as imagens videografadas estão em alta qualidade.



**Figura 07** – À esquerda, casa onde Arialdo morou, à rua Dr. João Chaves, 971 (a numeração não mais existe), em Tirol



Fonte: Acervo Alberto Pinho.

Durante o período em que estive em Natal, suas relações misturavam-se com outras vertentes, como a artística, a política e as sociais. Do modesto escritório, em uma rua ainda não pavimentada de um Tirol em franco espraiamento, o prático obteve reconhecimento de suas obras pela elite cidadina. A ascensão pessoal por meio de um trabalho que significou conquista material, prestígio e visão diferenciada, possibilitou novas perspectivas relacionais e de um futuro possível a ser vivido ou mesmo copiado e foram fundamentais para que novos horizontes se abrissem para ele.

### *2.3. Das chegadas*

As suposições que permeiam as muitas trocas de cidades empreendidas por Arialdo Pinho, dizem respeito à sua profissão em dois níveis provocativos. Positivos ou nem tanto, misturam o acaso à realidade, fomentam um quadro por vezes estimulante, enquanto outros retomam a subjetividade que desemboca em rupturas.

O que teria levado, então, o prático, cuja teia relacional em Natal fazia-se solidificada, tanto pessoal quanto socialmente, mudar-se para Fortaleza? Alguns vestígios dão conta de que, embora tratado como arquiteto, não teria tido o devido reconhecimento pelo seu trabalho, fato que o levou a conquistar novos clientes, dessa

vez, aportando na capital do Ceará. A troca teria relação direta com a mudança de governo local.

[...] Pois bem, esse jovem arquiteto, talentoso, fecundo, idealista, impregnado de Natal, requeimando-se na paixão das criações que lhe dedica, acabamos por perdê-lo à mudança de Governo, no Estado<sup>34</sup>, a qual importou em cassar-lhe a situação que vinha retendo num serviço público.

De fato foi uma lástima que tenha vindo a faltar a Natal a colaboração de um artista que se apaixonou pela cidade e já lhe havia dado verdadeiras obras primas de bom gosto e inteligência funcional.

Em conclusão, Natal perdeu Arialdo Pinho que, desamparado, acolheu-se a Fortaleza.

Quanto a Natal, não é todo dia que aparece um rapaz daqueles: talentoso, idealista, fanático pela cidade, cujas graças sentia, cujos problemas compreendia, cujas possibilidades sabia valorizar. Depois de Herculano Ramos, já lá vão mais de 80 anos, foi o primeiro... (PEREGRINO. 1989, p. 58, 59).

Profissionalmente, a transferência reafirmou a parceria com Moacyr Gomes da Costa para a construção de um estádio de futebol, cuja maquete ficou exposta, imponentemente, na entrada da prefeitura da cidade:

Tinha paixão pela sua arte, e tomou-se de paixão por Natal, cuja beleza natural o empolgou. Sofria com a deformação dos seus projetos nas mãos dos construtores ou ao capricho dos proprietários. Contudo, sonhava com um grande projeto que pudesse realizar em Natal. Seria, talvez, o Estádio, que chegou a esboçar, mas para cuja execução não encontrou apoio. Também pretendeu projetar a Catedral, então sob nova tentativa de construção. Propunha-se a fazer o projeto de graça, sob única condição de que lhe assegurassem liberdade plástica. Não interessou. Na ocasião, ao que constava, pagaram 300 mil cruzeiros por um rico projeto, estilo grego-romano, contrário, de resto, como acentuava Arialdo Pinho, a toda a tradição da arquitetura religiosa no Brasil, a qual se ficou sempre no estilo manuelino.<sup>35</sup>

Enfrentando entraves para trabalhar a contento em Natal, ou por outros motivos quaisquer, o fato a se realizar é que, em 1958, ano ainda produtivo para Arialdo em Natal e que marcou o seu desligamento do DER, sobressaiu-se um dos grandes responsáveis pela sua saída de Natal: um dos magnatas cearenses, cuja vinda à cidade provoca uma decisão semelhante ao momento em que ele e sua família haviam vivenciado sete anos atrás no Rio de Janeiro. Seu nome: José Alcy Siqueira (Figura 08). A

<sup>34</sup> Não se encontraram evidências acerca deste fato.

<sup>35</sup> Moacyr Gomes, entrevista em 25.10.2015 no escritório de sua residência. A praça esportiva era uma proposta que iria substituir o estádio Juvenal Lamartine, em Natal.

proposta: convidar o profissional para trabalhar para si na capital cearense, onde dinheiro não faltaria para manter essas condições; ademais, o incorporador oferecia condições para que tivesse liberdade para buscar os próprios clientes.

José Alcy Siqueira nasce em 29 de março de 1925 no município de Viçosa-CE. Exportador de peles, empreendedor e *bon vivant*, vaidoso a ponto de alguns de seus edifícios no centro de Fortaleza serem batizados com uma corruptela do seu nome: Jalcy, Jalcy Avenida, Jalcy Metrópole e o Jalcy Beira-Mar (demolido).

**Figura 08** - Da esquerda para a direita, Arialdo e, provavelmente, José Alcy, no centro.



Fonte: Acervo Alberto Pinho.

O primogênito Arialdo testemunha, na casa de muro baixo da rua tranquila de Tirol, o instante que se tornaria o mais importante da vida da família em Natal, reservando-lhes novos rumos dali por diante. Era a oportunidade batendo à porta, literalmente:

José Alcy chega lá na casa; papai conversando com ele. Uma hora lá, conversando. [Siqueira responde] ‘Não, não, não era dinheiro...’. A preocupação não era dinheiro, queria que ele fosse. Ele conheceu, depois foram dar uma olhada numas casas, aí ele convidou [...] acho, que segunda-feira, aí disse: “Não, você tem de ir embora essa semana...”. Nós fomos embora rapidamente. E acho que depois de uma semana a gente chegou no Ceará. A oferta era tão grande...<sup>36</sup>

<sup>36</sup> Arialdo de Mello Pinho foi entrevistado em 1.04.2016 em Fortaleza. Grifo meu.

A partir daí, novas relações iriam surgir em Fortaleza, outros personagens agregar-se-iam ao dia a dia do desenhista. Dentre os amigos fiéis, coube a Siqueira ciceronear e apadrinhar Arialdo Pinho. Na época, a capital do Ceará ainda vivenciava uma situação semelhante tal como aconteceu em Natal: quanto mais a cidade crescia, mais evidente se mostrava a pouca quantidade de arquitetos efetivos na urbe. Naquele momento, haveria de entrar em cena mais um personagem essencial nessa engrenagem: o colunista social mais antigo em atividade no país, Lúcio Brasileiro.

O José Alcy Siqueira me chamou um dia e disse: “Olha, eu trouxe de Natal um arquiteto, mas ele é do Rio, o Arialdo, e queria que você o conhecesse”, e me apresentou, então, ao Arialdo. [...] aqui, praticamente, essa questão era muito vaga, porque a escola de arquitetura daqui veio surgir muitos anos depois. Então Arialdo começou a fazer coisas e a agradar. Tanto casas residenciais como lojas<sup>37</sup>.

A fonte documental que remete ao encerramento das atividades trabalhistas em Natal data de 1958, assinada de próprio punho por Arialdo. Ela ocorre no mesmo ano em que ele se desliga do vínculo trabalhista com o DER e atesta a sua chegada em Fortaleza quando, somente 13 anos depois, “regulariza” os trâmites legais<sup>38</sup>.

Fortaleza, na década de 1950, já tinha na sua paisagem grandes construções verticais que se enquadravam no movimento moderno, algumas delas, caracterizadas pela proposta de uso misto – apartamentos residenciais em cima e lojas no térreo -, outras, de caráter somente habitacional. Arialdo chega à cidade com a incumbência de fazer ajustes nas obras de José Alcyr; os projetos maiores já tinham destino: o engenheiro pernambucano Joaquim Rodrigues. Este, por sua vez, oferece-lhe sala no edifício mais exuberante, no 4º andar, o que não demandou muito tempo: Arialdo fora transferido para a cobertura, ganhando mais espaço para organizar seu escritório, receber o amigo e, saliente-se, com direito a descortinar a paisagem fortalezense, inclusive, o mar. A portentosidade é expressada por Fausto Nilo:

Vi um anúncio de jornal que precisava de um desenhista arquitetônico; era no edifício Jalcy, que era um edifício no centro da cidade. Era o edifício mais moderno da cidade. Havia aqui um empreendedor – é o primeiro empreendedor imobiliário do Ceará –

<sup>37</sup> Arialdo de Mello Pinho, entrevista em 1.04.2016. Grifo meu.

<sup>38</sup>Essa relação com as instituições e entidades de classe será retomada mais adiante.

chamava-se José Alcy Siqueira, ele era um incorporador. Era muito rico, tipo *playboy* [...] E esse cara construiu esse prédio no centro da cidade, que chama-se edifício Jalcy, o primeiro numa *turma* de edifício; tem o Jalcy Metrópole, depois o Jalcy Avenida. O endereço do escritório era na cobertura, o que eu achei o máximo<sup>39</sup>.

Pinho chega em Fortaleza e encontra um amplo mercado de trabalho. Siqueira foi fundamental neste momento de consolidação da sua arquitetura e na socialização com a elite local, cujas portas – muitas delas – foram literalmente abertas no promissor bairro da Aldeota, para onde iriam morar os ricos locais, habitantes de Jacarecanga e do vizinho Varjota.

Surgiu muita coisa nova. Então, a meu ver, ele mudou a fisionomia da Aldeota, sobretudo da nova Aldeota, que era o bairro que surgia com os novos ricos. A Aldeota, antigamente, era Benfica, onde fica a Universidade Federal [...]. Lá era o bairro. O Aldeota, o pessoal que foi ganhando bastante dinheiro, foi passando pra lá. [...] Foi deixando o Sul, foi deixando o Oeste, para... para o Leste, que é na Aldeota. Então povoaram a Aldeota<sup>40</sup>.

Ao sintetizar a chegada da arquitetura modernista na capital, similaridades cronológicas situam a produção de Pinho num momento de expansão e marco desse patrimônio construído. Questionado se haveria outros profissionais que antecederam o prático nessa *nova* arquitetura, o arquiteto e urbanista Delberg Ponce relata que existiam profissionais em plena função:

Pessoas, arquitetos que trabalhavam no âmbito da reitoria da universidade, que fizeram obras no campo e tal, historicamente precedem as obras [...] residenciais do Arialdo. Agora, no período que ele faz suas casas, tem alguns outros também fazendo coisas que têm algumas diferenças pessoais sutis que só um profissional percebe, mas por algum leigo pode ser associado a um mesmo período<sup>41</sup>.

Estabelecida em definitivo na capital do Ceará, a família passa a residir o imóvel na rua Deputado Moreira da Rocha, número 925, época de um “Aldeota nascendo”<sup>42</sup>. As conquistas advinham da amizade entre ele, Newton Quezado, codinome Lúcio

<sup>39</sup> Fausto Nilo concedeu entrevista no seu escritório em Fortaleza, no dia 15.07.2015.

<sup>40</sup> Lúcio Brasileiro foi entrevistado em 17.07.2015 na praia do Cumbuco, Ceará.

<sup>41</sup> Delberg Ponce de León foi entrevistado no dia 15.07.2015 no seu escritório, em Fortaleza.

<sup>42</sup> O recordador José Neudson Braga, arquiteto e urbanista, diz que os ricos de Fortaleza “importaram” Acácio Gil Borsoi para fazer diversas mansões no bairro de Aldeota. Ele concedeu entrevista no escritório de arquitetura do filho, em Aldeota, Fortaleza-CE, no dia 31 de março de 2016.

Brasileiro, e o empresário Edson Queiroz. “Esses três foram os que introduziram a gente aqui em Fortaleza. Eles eram pessoas bem relacionadas, eram os maiores aqui, introduziram o meu pai no meio social. O escritório, aberto na avenida Monsenhor Tabosa, era frequentado por artistas, clientes e amigos.

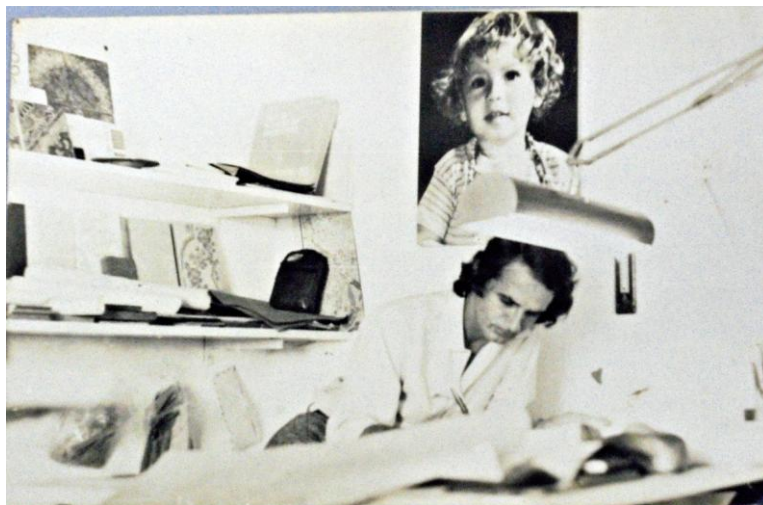
Separado de Djanira em 1968 casou-se com a fonoaudióloga mineira Maria Sulamita Studart (Figura 09), filha de Sebastião Robespierre Alves e Lidia Studart Alves, com quem tem mais dois filhos: Paulo Henrique (Figura 10), nascido em 1969 e Carlos, o mais novo, nascido em 1973. A nova configuração familiar passa a habitar um apartamento na rua Maria Tomázia, no Aldeota, “decorado nos mínimos detalhes” pelo patriarca, lembrou Paulo.

**Figura 09** - Sulamita e Pinho, em montagem de foto pós-falecimento dele



Fonte: Acervo Alberto Pinho.

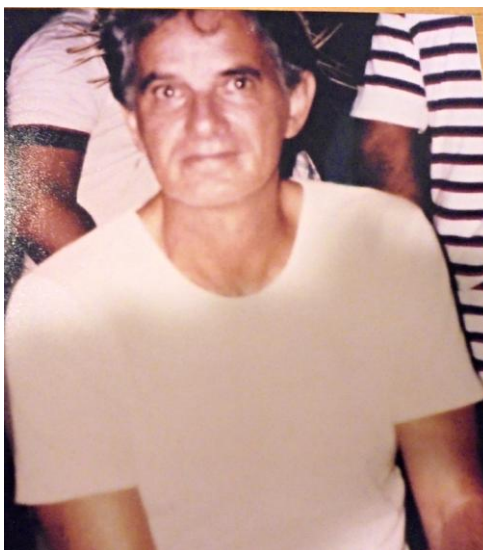
**Figura 10** - No escritório na rua Monsenhor Tabosa, Arialdo, e foto de Paulo.



Fonte: Acervo Paulo Pinho.

Arialdo (Figura 11) torna-se figura pública em ascensão desde Natal, porém, vai ser em Fortaleza que tal condição tornar-se-á crescente e contínua. A quase totalidade dos assuntos evidenciados a ele na imprensa do Ceará manifestava-o como um personagem de forma positiva, relacionando a figura ao profissional exitoso em suas habilidades (as poucas vezes em que se publicou fato negativo direcionado a sua pessoa, para os leitores, mereceu espaço ínfimo).

**Figura 11** - Em evento social na dcada de 1980

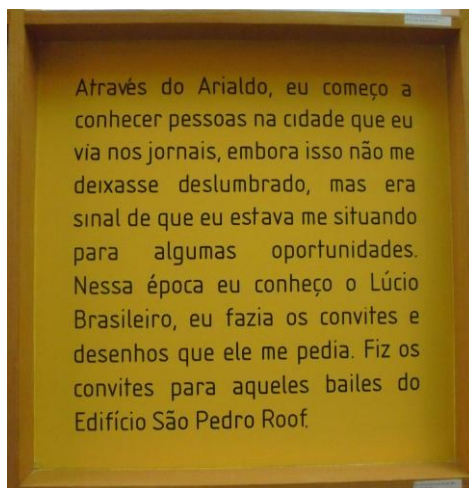


Fonte: Acervo Alberto Pinho.

## 2.4 – Das fitas sociais

O depoimento de Fausto Nilo (Figura 12), publicado na exposição A Palavra e o Traço, no Centro Cultural Dragão do Mar, em sua homenagem, representa a possibilidade de ascensão profissional na capital do Ceará nos anos 1960. Disto, deduz-se que Arialdo Pinho soube cercar-se das pessoas mais propícias para introduzi-lo nos meios sociais em Natal e em Fortaleza. Essas relações imbricadas com o poder era uma via de duas mãos: trazia clientes ao mesmo tempo em que solidificava a própria “grife” profissional. Diversos relatos colhidos em campo fazem alusão ao prático como sendo uma figura discreta, afeita a badalações, à bebida alcóolica e ao fumo. Contraditoriamente a isto, era esse meio social com o qual se relacionava.

**Figura 12** - Painel da exposição A Palavra e o Traço em homenagem a Nilo, no CCDM



Fonte: Acervo do pesquisador.

Fotografias e a frequente aparição nas colunas sociais da imprensa fortalezense descortinam essa propaganda, se não intencional à primeira vista, não se configuraria deveras enganosa. Na cidade, o mérito pela divulgação do profissional Arialdo Pinho coube a Lucio Brasileiro, que publicou diversas entrevistas, soltou notas nos diferentes espaços semanais onde assinava as informações, elevou sua capacidade profissional, além de apresentá-lo (e, até certo ponto incluí-lo) no seleto rol das rodas sociais da elite<sup>43</sup>, concretizando uma relação que dura até o falecimento de Pinho, em 1985.

<sup>43</sup> Não se pretende teorizar acerca do discurso contido nestas notas publicadas, entretanto, sugere-se a atenção para as diferentes nomenclaturas profissionais creditadas ao prático, como decorador, arquiteto, designer etc. Este assunto será abordado com mais veemência no próximo capítulo.



Assim, recortes do jornal *O Povo* (vinculado aos Diários Associados) editado em Fortaleza, é um passeio aos locais, personagens e o charme que era fazer parte daquele momento, junto ao exclusivo estrato social. A seguir, os assuntos relacionados a Pinho encontrados no jornal *O Povo* (Figura 13), cuja leitura informa o ano, a página, o espaço publicado e o nome do autor:

14.05.1962 – p. 4 – Coluna Destaques – de Newton Cavalcante: “A direção do Ideal vai montar um bar na sede do clube. Projeto de Arialdo Pinho”.

26.01.1962 – p. 4 - Coluna Destaques – de Newton Cavalcante: “Os SRS Arialdo Pinho, Renê Salgueiro e Célio Fontenele vão promover uma exposição de arte sacra”.

27.01.1962 – p. 4 - Coluna Destaques – de Newton Cavalcante: “José Alcy Siqueira jantando no Lido com a equipe que elabora os planos do Pirapora Pálace Hotel, incluindo o arquiteto Geraldo Borges e o decorador Arialdo Pinho”.

08.01.1962 – p. 4 - Coluna Destaques – de Newton Cavalcante: “Jantar e show. No próximo dia 31, no San Pedro Roof, êste colunista promoverá uma noite de gravata-preta em que senhoras da sociedade, cantando e tocando violão, farão o ‘show’. A casa está reservada apenas para 40 casais da sociedade e a sala será decorada por Arialdo Pinho. A renda desse acontecimento reverterá em benefício do Patrono Nossa Sra. de Fátima”.

27.01.1962 – p. 4 - Coluna Destaques: “Arialdo Pinho também desenhou bonitos convites para a festa ‘Quando Janeiro Termina’, que será promovida por êste colunista”.

28.10.1964 – p. 6 – Matéria: “Bombeiros salvam um homem de morrer soterrado... residência do sr. Arialdo Pinho à rua Desembargador Moreira, 925...”

30/31.01.1965 – Marc Apesenta (Coluna) – Cultura & Artes: “Semanalmente, Arialdo Pinho recebe, em seu moderno escritório, os arquitetos mais afamados do BR”.

18.02.1972 – p. 4 - Anúncio de ar-condicionado TECFRIL – SERVTEC: “Mais uma obra da Tecfril Servtec projetada por Arialdo Pinho”

Gazeta de Notícias – 09.09.1973 - “Hans Schmidtner teve a semana mais feliz do ano, hospedando seus pais, os Karl Schmnidtner, de Bonn. Primeiro programa: foram a Quixadá”. “Na bonita casa de Gerardo e Albany Barbosa Lima (grifo Arialdo Pinho), Guilherme Neto vai reunir gente de flauta e vida”... [EM: AS REPORTAGENS DE LÚCIO BRASILEIRO – P. 18]

02.10.1974 – p. 13 – RODAVIVA – Lúcio Brasileiro. (Geração Sucesso) – “A minha geração é fogo... Isto posto, Josué de Castro dará a saída depois de amanhã, da Clínica Psiquiatria Josué de Castro, entre a Aldeota e o mar, arquitetada por Arialdo Pinho e com construção de Rui Filgueiras Lima e Jorge Cals Coelho. (...)”

07.11.1974 – Coluna Rodaviva – Lúcio Brasileiro. Rodinha. “Na mesa milionária Fortaleza Fialhiana, já existe mentalidade para lançamento como os que vêm fazendo a Métró (nova nomenclatura da empresa do Banco Mercantil) que vem obtendo ótimos

resultados, com suas casas projetadas por arquitetos do nível de um Aivaldo Pinho e um Pedro Rossi...”

13.11.1974 – p. 15 - Coluna Rodaviva: “Aivaldo Pinho entrega em dezembro a Bolsa de Valores no Palácio do Comércio em cuja ambientação usou aço, acrílico, chão e teto preto”.

# LUCI EXTRA

## Respostas de Arialdo Pinho

- *Qual a cotação da arquitetura brasileira?*  
R- É boa no contexto mundial, apesar de já ter sido melhor.
- *Por que você escolheu o Ceará, tendo grande campo no Sul?*  
R- O fascínio da aventura inicialmente foi o motivo. Mais tarde, a consciência do ter o que realizar.
- *Que trabalho você aponta como o melhor?*  
R- O melhor trabalho é sempre o próximo — onde um somatório maior de experiências e erros nos anima a tentar o melhor.
- *Você, que é antiburguês, como convive com a burguesia?*  
R- Paralelamente. Nos encontramos em pontos obrigatórios e nos cumprimentamos. E volto para a minha trincheira antiburguesa.
- *Que acha das fachadas das nossas casas?*  
R- Elas refletem um mapeamento de formas urbanas do Sul do País, mas já se processa uma renovação e começam a aparecer obras com vocabulário do meio ambiente. Forma não é tradição. Conceito é tradição.
- *E de certos salões pouco vivíveis?*  
R- As salas pouco habitadas, feitas pra mostrar às visitas, denotam uma ascendência da habitação rural elitista. O traslado de famílias de origem rural ao meio urbano ainda fará a permanência de tais cômodos nas soluções urbanas, mas a renovação se encarregar de situá-las obsoletas e as condenará.
- *Cite uma casa ideal?*  
R- A casa ideal é aquela que atende e reflete a personalidade dos seus habitantes, em face do meio ambiente, do progresso tecnológico e científico.
- *Cite um grande arquiteto, e um grande decorador.*  
R- Um arquiteto: Paulo Casé, mas o título "grande arquiteto" ainda é privativo do mestre Oscar Niemayer. Um decorador? Sérgio Rodrigues, dono absoluto da posição, dado a sua extraordinária criatividade.
- *Diga qualquer coisa sobre a família?*  
R- A família é o repouso do guerreiro (às vezes).
- *Sua visão de Deus.*  
R- Deus é o imponderável
- *Sua idéia de política.*  
R- Encaro a política como ciência. Creio que técnicos especializados deviam manejar-lhes os fios tendo como rota a organização dos bens coletivos para uso das coletividades menos desenvolvidas. O desenvolvimento de uma nação carece de disciplina e altivez de propósitos que só especialistas podem solucionar.
- *Sua idéia de nacionalidade.*  
R- Na aldeia global próxima, o nacional será substituído pelo universal. Com os meios de comunicações atuais o caso Aldo Moro nos atinge.
- *Sua idéia de gente.*  
R- Gente é o bicho que mais me fascina.
- *Sua idéia de música.*  
R- A música popular me agrada. Sem compromissos com nacionalidade e folclore me amarro nas músicas de Caé e Antônio Carlos e Jocaí.
- *Idéia de vida.*  
R- A do Onassis era vida demais. A do Pelé é vida muito chata. Fixo no meio: prefiro a minha.
- *Idéia de morte.*  
R- A morte é natural como a vida, mas namora a vida, portanto adiarei a morte o quanto puder.
- *Idéia de guerra.*  
R- A guerra é a cruel solução natural do equilíbrio demográfico. Prefiro a pífula.
- *Idéia de alimentação.*  
R- Comer, oralmente, prá mim é supérfluo. Faço-o o menos possível.
- *Idéia de álcool.*  
R- Adoro ver amigos, em torno de mim bebendo. A bebida liberta as idéias. Mas não bebo nem em ocasiões especiais.
- *Idéia de amizade.*  
R- A amizade irmana os seres. Para mim, os irmãos Lúcio, Hans e Lustosa são o sal da terra.

Arialdo:  
"O melhor trabalho é sempre o próximo".



Figura 13 - Pinho responde a Brasileiro: obstinação, crença e arquitetura.

Fonte: Jornal *O Povo*, Fortaleza-CE. 17 de junho de 1978.

Devido à sua desenvoltura com a arquitetura, desempenho que o fez ser tratado como arquiteto, a personalidade de Pinho estava estreitamente ligada com suas habilidades artísticas, às amizades com a elite e com artistas. A decoração de interiores e as artes plásticas se firmaram como opções efetivas de trabalho, de modo que o talento e a desenvoltura ampliaram seu ramo de atuação e as relações sociais (Figuras 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20).

É engraçado isso, eu já tinha pensado sobre isso. O meu pai, ele tinha uma personalidade única, eu acho, né? Ele, naquela época, ele tinha o cabelo grande, só gostava de andar de jeans, colocava uma bolsa de couro, uns colares assim, meio baianos... é... [...]; ao mesmo tempo gostava de jogar tênis – que é um negócio meio elitista, não é? Ele não mudava a personalidade dele, ele era muito inteligente, não é? Muita energia. E... e aí eu acho que ele veio com uma proposta aqui no Ceará de casas diferentes. Eu acho que, no início, foi diferente. Havia uma arquitetura muito tradicional, não é? Todo mundo fazendo muito parecido e ele quebrou isso, veio quebrar isso por causa da personalidade dele, eu acho. E aí, agregado a tudo isso, a questão da do relacionamento que ele tinha, não é?, facilidade de relacionamento, de fazer amigos, tal. Ele era polêmico; de vez em quando... o Lúcio Brasileiro botou ele em algumas dificuldades, porque ele fazia umas entrevistas com ele e ele dizia umas coisas assim, meio...<sup>44</sup>

A personalidade controversa não afetava os prováveis clientes e mantinha a fidelidade aos mais chegados. Em Fortaleza ocorre em nível semelhante esse delinear, tal qual vivenciou em Natal: a atuação profissional ligada às referências de amigos e clientes, aliada aos lugares de convívio e lazer significava manter-se no mercado. Um tipo de convívio que se misturava com desenvoltura entre o técnico e o apreciador de arte. Seu filho, Alberto Pinho, recorda algumas dessas relações, reveladoras de certo assistencialismo com faro sensível para negócios:

Papai foi amigo de Bandeira, de Manoel Bandeira<sup>45</sup>, de frequentar lá em casa. Chico Silva<sup>46</sup> era um dos protegidos dele. Como Chico era

<sup>44</sup> Paulo Pinho, entrevista em 29.03.2016 em Fortaleza.

<sup>45</sup> Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho, poeta, crítico literário e de arte, professor e tradutor. Pernambucano, nasceu em 1886 e faleceu em 1968. É de se interpor que, em 1968, Alberto Pinho estava com 17 anos de idade Arialdo Pinho já havia se separado da primeira mulher, Djanira.

<sup>46</sup> Chico da Silva era o codinome para Francisco Domingos da Silva, pintor *naif* brasileiro nascido em Cruzeiro do Sul – Alto Tejo – Acre em 1910 e falecido em Fortaleza em 1985. Fonte: <[http://www.pinturabrasileira.com/artistas\\_bio.asp?cod=156&in=1](http://www.pinturabrasileira.com/artistas_bio.asp?cod=156&in=1)>. Acesso em 16 de novembro de 2015.

uma pessoa mulherengo [sic], bebereão, farrista e um super artista, usava muito a proteção de papai para vender, para indicar os trabalhos dele, usá-los nas obras; papai sempre usou [...]. Eu mesmo, todo meu trabalho de arte inicial era todo encaminhado por ele<sup>47</sup>.

Pode-se inferir que as perspectivas relacionais de Arialdo Pinho imbricavam-se tanto na elite econômica quanto na política. A ver as versões anteriormente comentadas de sua vinda para a capital do Rio Grande do Norte, aos desenlaces tanto na sua capital quanto em Fortaleza. Fama, reconhecimento e referência num universo com pouco ou quase nenhum arquiteto formado, Pinho soube dialogar, por onde passou, com setores da sociedade que receberam o seu trabalho, *catapultando-o* para outros segmentos.

A clientela era ampla e diversificada, e seria, justamente, a mesma mirada pelos arquitetos *legítimos*. Da classe média aos mais abastados, surgiram vivendas, lojas, decoração residencial, ambientação de interiores, que incluíam seções como a sala, o banheiro e móveis – parte projetada por ele. A boa experiência relacional acabaria por desembocar, em paralelo, com outro segmento social de grande prestígio.

**Figura 14** - Evento na granja do empresário potiguar Aurino Suassuna.



Fonte: Acervo Alberto Pinho.

---

<sup>47</sup> Alberto Pinho, entrevista em 9.07.2015 em Fortaleza.

**Figura 15** - Djanira no Carnaval em Natal. Fotografias mostram a primeira esposa de Arialdo afeita às sociabilidades



Fonte: Acervo Alberto Pinho.

**Figuras 16 e 17** - O abraço ao amigo de década, Lúcio Brasileiro (de costas)



Fonte: Fotografia de autoria de J. Pontes, loja situada à rua Assunção 131. Acervo: Paulo Pinho.

**Figura 18** - Enquanto a maioria dos homens que aparecem na fotografia usavam camisa “de botão”, Pinho despojava-se com uma composição de malha com mangas curtas



Fonte: Acervo Alberto Pinho.

**Figura 19** - Inauguração da boutique de Djanira em Natal.  
O manequim futurista foi criação do prático



Fonte: Foto de Jaecy Emerenciano. Acervo Alberto Pinho.

**Figura 20** - Alberto e Arialdo quando do almoço oferecido pela família



Fonte: Jornal O Povo, coluna FAME, de Lúcio Brasileiro, 23.11.1895, acervo Arnaldo Pinho (neto).

## 2.5– *Creme no cream*

A despeito de sua ida para a capital do Ceará, Pinho efetivamente não corta os vínculos com Natal. Outras sensibilidades aflorariam durante sua moradia na cidade, tempo suficiente para penetrar nos círculos artísticos, mormente restritos a pequenos grupos intelectuais, e passa a atuar como protagonista de eventos com teores estéticos.

A cidade de Natal, nos primeiros dias de março de 1959 o seu I Salão de Artes Plásticas, nascido de um movimento que empreendemos ao lado do arquiteto Arialdo Pinho. Este há muito acalentava a idéia e assim reunimos vinte e seis artistas entre pintores, desenhistas, escultores. O público caloroso e numerosíssimo.

Houve Prêmios, quatro, assim discriminados: pintura moderna, pintura acadêmica, desenho, escultura. A Secretaria de Educação do Estado ofereceu os dois de Pintura, a Livraria de Walter Pereira o de Escultura e a Casa Waldick Lopes (móveis e decorações), ofereceu o de Desenho (PEREGRINO, 1989, p.155, 156)

Umberto Peregrino realça o transitar do prático pelo *cream de la cream* das artes natalenses, a ponto de o seu atelier ser ponto de encontro da “inteligência” local, onde teve a oportunidade de conhecer o artista plástico Newton Navarro (1928-1992). Este acontecimento dá sinais das possibilidades (e reconhecimento de potencial artístico) de Navarro e sinaliza o tipo de relação que Pinho tinha com esta categoria.

Por esses caminhos cheguei a Newton Navarro e soube então que era também pintor. Aí me guiou a informação e o voto do jovem arquiteto Arialdo Pinho, que na ocasião fazia uma revolução em Natal, a revolução do bom gosto e da técnica moderna associados à paisagem e à luz da cidade de que o arquiteto se tornou apaixonado (PEREGRINO, 1989, p. 163)

Projetos e relações sociais sempre delinearão referências profissionais que se mantiveram frequentes na vida pessoal e afetiva de Pinho. Como um novelo a desenrodilhar, o resultado desses encontros permanece até hoje no patrimônio cultural de Petrópolis e Tirol. Exemplo deste tipo de envolvimento, comum à trajetória do prático, Moacyr Gomes relata que Pinho era “companheiro de tertúlias” de um amigo seu de infância.

Quando eu cheguei aqui, ele já era uma figura conhecida na cidade; rapidamente a crônica social registrou a presença dele e tal, vários cronistas falavam dele e eu o conheci de perto porque eu era amigo de infância de um médico chamado [...] Eudes Caldas Moura, que morreu



parece-me há um ano, dois, atrás, e o Eudes era meu amigo de infância e convivia com Arialdo. Eudes gostava muito de arte e gostava de arquitetura, gostava de música, e então me apresentou ao Arialdo. Num desses encontros tô na casa dele e verifiquei que o Arialdo também é afeito à boa música, gostava de arquitetura, de conversar sobre arquitetura, sobre artes plásticas, e em princípio não me pareceu que fosse destituído de uma certa convivência universitária, porque ele conhecia bem a história da arquitetura, do Movimento de 22<sup>48</sup>

Nessa ligação artístico-relacional<sup>49</sup>, Arialdo finda por projetar a casa de Eudes Moura na avenida Marechal Hermes da Fonseca, em Tirol (o médico era presidente da Associação Médica do Estado). A residência de Moura, a ser abordada no Capítulo 5, atualmente sedia a Associação Médica do Rio Grande do Norte.

Vida e obra, por vezes, misturavam-se. O prático tornou-se conhecido, além da arquitetura e ambientação, por projetar cenários para espetáculos teatrais. Seu envolvimento faz com que participe, em 1955, do “Movimento de Teatro de Cultura de Natal”, que contava com profissionais de diversas áreas (Figura 21). Essa relação estreita denota o comungar tranquilo com interesses em comum com o grupo social o qual destinava o seu serviço.

---

<sup>48</sup> Moacyr Gomes, entrevista concedida em 17 de outubro de 2015.

<sup>49</sup> Na intimidade, de acordo com o filho Paulo, seu pai tinha predileção musical pela Bossa Nova e o movimento Jovem Guarda, com especial atenção a Roberto Carlos. Era dono de um extenso acervo de discos composto no gênero clássico e muitos álbuns de EP-48 rotações.

Figura 21 - Arialdo e o Teatro de Cultura de Natal

Lacce e Maura Mo-  
meio soprano Kleu-  
nafort, por sua vez,  
ntérprete principal de  
ium", com Maria Gil-  
men Pimentel, Lorete,  
e, Guilherme Damia-  
o primeiro bailarino  
Gray no papel do  
gem mudo que é a  
a tragédia a que o li-  
a música de Menotti  
duzem.

seção conclui  
a 16.ª página

Restaurante Colombo, uma casa para receber muitos visitantes ao Brasil.  
Antecipadamente digo-lhes, deste canto de coluna: muito e muito obri-  
gado. — P. C. M.

### MOVIMENTO

#### Teatro de Cultura de Natal

Foi fundado em 1955, por inspi-  
ração do teatrólogo Meira Pires,  
que reuniu em torno de sua idéia,  
figuras da maior projeção na so-  
ciedade natalense: Rui Moreno Pal-  
va, Aguinaldo Vasconcelos, Sérgio  
Severo Albuquerque Maranhão,  
Dural Paiva Filho, Luis Velga, Jo-  
sé Pires de Oliveira, Arialdo Pinho,  
Wilson de Oliveira Miranda, Antô-  
nio Freire, Etelvino Cunha, Pedro

Coeelho da Silva, médicos, engenhei-  
ros, arquitetos, banqueiros, etc. E à  
frente do movimento o nome na-  
cional do escritor Luís da Câmara  
Cascudo.

O modelo para a criação do Teat-  
ro Cultura de Natal — diz Wilson  
Jovino de Oliveira em artigo pu-  
blicado no "Diário de Natal", foi  
criar "uma escola de arte teatral,  
nos moldes do Teatro de Amadores  
de Pernambuco". O T. C. N. im-  
portou para a realização de seu es-  
petáculo inicial, com "Cândida"  
de Shaw, o dr. Walter de Olivei-  
ra, figura ilustre do T. A. P. E. o  
diretor escreveu que "todos os cui-  
dados foram tomados para que na-  
da faltasse. Desde o cenário à in-  
dumentária, dentro de sua época.  
O meu trabalho foi fácil de reali-  
zar, embora exigisse uma larga  
soma de tempo. Fácil pelo mate-  
rial humano que me foi dado es-  
colher dentre tantos elementos que  
ofereciam tantas outras qualidades,  
mas eu necessitava apenas de seis  
figurantes". E quem foram esses  
intérpretes de "Cândida"? A uni-  
versitária Procilia Cunha, a sra.  
Ilka de Alencar, o comerciante Rui  
Paiva, o estudante Ciro Tavares, o  
fisiologista Genivaldo Barros e o  
jornalista Celso Silveira.

gurrinos e cenários de Amisio-  
ros, deveria sair do cartaz.  
ximo dia 18 do corrente. E  
porém, do crescente sucesso  
tica e de público que a peça  
cançando, a direção do T.N.C.  
veu mantê-la encenada até o  
transferindo, desse modo, pa-  
meço de dezembro a estréia  
dilema de um médico", peça  
nard Shaw, traduzida por F.  
lhães Júnior, sob a direção  
Francis que será encenada em  
moração ao centenário de n-  
to do grande teatrólogo ingl-  
— Jaime Costa, na sua cu-  
porada no Municipal apre-  
público carioca um novo au-  
ta-se de J. Gama, cuja obra  
tréia foi um sucesso em São  
A peça "Copacabana S. A."  
sofreu a arbitrariedade da  
paulista com a sua proibição  
que se pode chamar uma  
momento, com fundo edu-  
num gênero totalmente difer-  
outras duas apresentadas no  
do Autor Brasileiro.

"Copacabana S. A." só r-  
cerá no cartaz durante três  
sua estréia está definiti-  
marcada para 23 do corrente

A Casa dos Artistas (Sindi-  
Atores Teatrais, Cenógrafos  
notécnicos do Rio de Janei-  
voca por nosso intermédio,  
os associados quites e em pl-  
dos seus direitos sindicais,  
reunirem em assembleia gen-  
ordinária, na sua sede socia-  
Senador Dantas, 103 — 1.ª  
xima segunda-feira, dia 19  
rente, — em primeira convo-  
14 horas ou em segunda co-  
às 15 horas, para tratarem  
guinte ordem do dia: a) lei-  
cução e votação da ata de  
anterior; b) interesses socia-

## TERRENOS E LOJAS EM RAMOS

MPRAM-SE terrenos, para pagamento à vista, com di-  
mínimas de 18 a 20 metros de frente por 28 metros de  
— se de esquina — e 20 a 22 metros de frente por 30  
los — se em meio de quarteirão — ou. lojas e pavimen-  
diatamente superiores com área global nunca inferior a  
n2., em edifício acabados ou em construção, localizados  
uintas ruas do bairro de Ramos:

OPOLDO REGO (até esquina Alberto Nepomuceno)  
RDOSO DE MORAIS (da Sargento Pinto Oliveira até  
rdoso de Moraes)  
ANOS (da Peçanha Póvoas até esquina Alberto Nepo-  
muceno)

CLIDES DE FARIAS (até Miguel Ferreira)  
OFESSOR LACE (até Miguel Ferreira)  
RELIANO LESSA (até Miguel Ferreira)

Indispensável o fornecimento da localização do terreno ou  
m a indicação dos recuos previstos pela Prefeitura. Exa-  
-se propostas de terrenos com casas antigas. Excusado  
star propostas quem não possui documentação legal em  
Resposta para o n.º 2.000, na redação deste Jornal.

3659

## UBOS DE TELEVISÃO

restauração pelo mesmo processo de fabricação

GARANTIA DE SEIS MESES

KRUEL, FRAGOZO & CIA. LTDA.

RUA DO SENADO, 202 — TEL. 32-6724

40405

### TEATRO DO TÚNEL

O Teatro do Túnel abrirá suas  
portas para o público, as 15 ho-  
ras do dia 25 do corrente, apre-  
sentando a peça infantil de Jorge  
Uranga "A Fada e o Saci" sob a  
direção do autor.

A renda desses espetáculos re-  
verterá em benefício do Recolhi-  
mento das Órfãs e Desvalidas de  
Santa Teresa, a fim de se cons-  
truir um Patronato para Moças.

O Teatro do Túnel está situado  
à Rua General Severiano, 159 de-  
frente ao Túnel do Pasmado,  
atrás do Estádio do Botafogo.

Esta seção conc-  
na 16.ª página



Fonte: Correio da Manhã, 18.11.1956, p. 19. Disponível em:

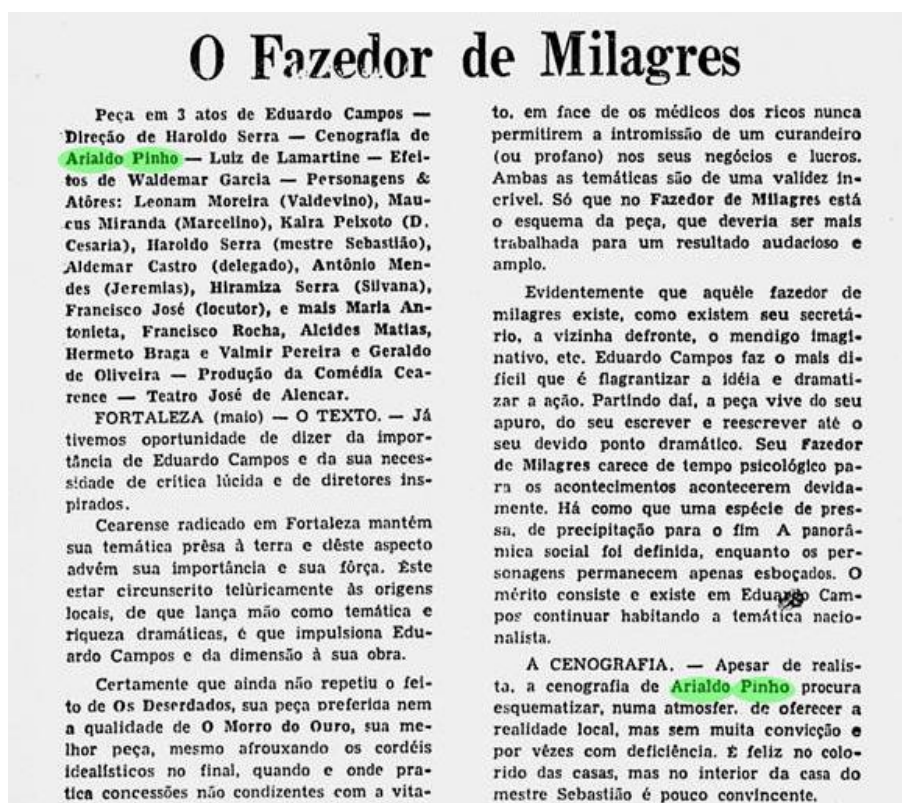
<[http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842\\_06&pagfis=83869&pesq=&url=http://memoria.bn.br/docreader#](http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_06&pagfis=83869&pesq=&url=http://memoria.bn.br/docreader#)> Acesso: 28 de maio de 2016.

O mesmo periódico cita, no ano seguinte, a contribuição de Pinho na montagem de uma peça de teatro em Fortaleza, dividindo a cenografia com Luiz de Lamartine (Figura 22). "O Fazedor de Milagres", espetáculo em três atos do grupo Comédia

Cearense dirigido por Eduardo Campos. A crítica, assinada por Van Jafa para o periódico *Correio da Manhã* (16 de maio de 1967), considera: “Apesar de realista, a cenografia de Arialdo Pinho procura esquematizar, numa atmosfera de oferecer a realidade local, mas sem muita convicção e por vezes com deficiência. É feliz no colorido das casas, mas no interior da casa do mestre Sebastião é pouco convincente”.

A decoração de interiores era um dos serviços mais requisitados pela sua clientela; a crítica ao espetáculo não significou prejuízo à carreira. A parceria que desenvolve com Flávio Phebo, também cenógrafo e premiado diretor de teatro atesta a consolidação profissional de Arialdo nessas áreas.

**Figura 22** - Citação como cenógrafo



Fonte: *Correio da Manhã*, 16 de maio de 1967, p. 2. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842\\_07&pasta=ano%20196&pesq=Arialdo%20Pinho](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&pasta=ano%20196&pesq=Arialdo%20Pinho)>. Acesso em 03.05. 2016.

A produção artística não fora uma característica relevante de sua historiografia, a ponto de “concorrer” com as outras habilidades. No entanto, sua produção relacionada às artes visuais foi incluída no livro *Uma visão da arte no Ceará (A Vision of Arts in Ceará)*, de autoria do artista plástico cearense Roberto Galvão. A

publicação, editada em 1987, traz, na página 119: “PINHO, Arialdo (Rio de Janeiro (RJ) - 1927 + 1985 (Fortaleza-Ce). Desenhista e escultor. Tomou parte de várias exposições coletivas, destacando-se o XX e o XXIII Salão Municipal de Abril, onde obteve premiação”. Também é citado na *Enciclopédia Itaú Cultural 15 anos*, nas habilidades desenhista e escultor, e no *Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos* volume 3, de autoria de Walmir Ayala e Carlos Cavalcanti.

## 2.6 – Dos milagres não materializados

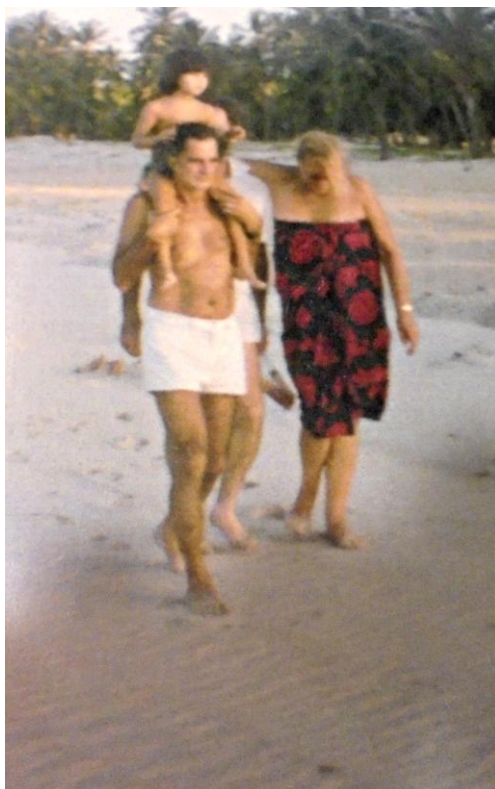
O corpo esguio e o fato de não fazer uso de bebida alcoólica e cigarro nunca foram garantias de saúde para Arialdo Pinho (Figura 23). Embora os esportes (tênis de quadra e de mesa, e xadrez) tivessem proporcionado para uma vida de bem estar físico e mental satisfatórios, alguns sinais, como problemas de saúde acometeram a retina em decorrência de desdobramentos de problemas vasculares. No decorrer da vida, manteve-se fiel à caminhada nos finais de semana na praia de Cumbuco (Figuras 24 e 25), local onde foi o principal projetista das residências da elite.

**Figura 23** - Um cachimbo, uma alusão



Fonte: Acervo Alberto Pinho.

**Figura 24** - Arialdo, Sulamita e um dos filhos do casal em fim de tarde no Cumbuco



Fonte: Acervo Alberto Pinho.

**Figura 25** - Hábito das caminhadas merecia nota em jornal

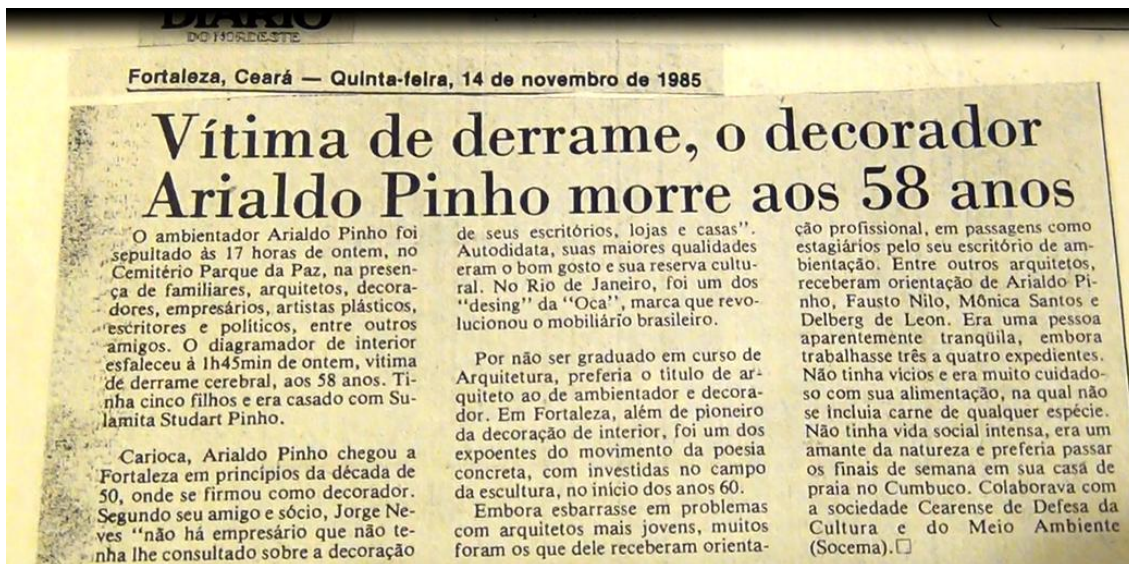
remanso, agora em nova fase, para  
o week-end. -●●●- Arialdo Pinho  
mantendo sua grande forma física  
no Cumbuco. -●●●- Regina Coeli  
Bocha na rota sulista. Compras para

Fonte: Coluna social “De A a Z”. Autor: Luiz Carlos Martins.  
Acervo Jornal *O Povo*, Fortaleza/CE, 21 de março, 1981.

Eram cerca de 13-14 horas do dia 12 de novembro de 1985 (Figura 26), quando Arialdo Pinho falece na praia de Cumbuco em decorrência de um derrame cerebral. A hipertensão havia sido a causa maior. Chamado às pressas, Lúcio Brasileiro, vizinho, descreve aqueles momentos: “Então mandaram me chamar no restaurante. E eu vim, entendeu? Eu providenciei... eu tinha uma kombi. Providenciei que a kombi levasse

ele... pra ele ir pra Caucaia (município próximo), mas, lá não quiseram ficar. Ele foi pra Fortaleza. Era caso liquidado, não havia mais salvação”.<sup>50</sup>

**Figura 26** - A vida decorada num papel



Fonte: Acervo Alberto Pinho.

Nos próximos capítulos avançar-se-á nos *muitos* Ariedos Pinho, retrocedendo na sua trajetória até este ponto. *A mão que forma, a prática reflete* traz as vicissitudes do prático junto às entidades de classe e sua relação com a arquitetura, da apropriação indevida à classe, o gerenciamento da carreira, etc. Temas a serem percorridos nas páginas vindouras.

<sup>50</sup> Lúcio Brasileiro, entrevista em 17.07.2015.

## CAPÍTULO 3 – A MÃO QUE FORMA, A PRÁTICA REFLETE

Este capítulo tem como base as Atas de Plenária do CREA-PE e CREA-CE, os depoimentos orais pertinentes à contextualização e entendimento acerca das instituições profissionais e as relações entre si, elegendo distintos momentos da história das entidades, uma breve atenção à evolução do ensino acadêmico, as dificuldades profissionais em se situarem como tal. Arialdo Pinho surge naquele instante em ebulição: dando prosseguimento à carreira, revela – e dialoga a sua maneira - as vicissitudes que o acompanharam a partir da década de 1950, seja estabelecendo relações, quiçá distanciando-se delas.

### 3.1 – Traço (há) risco

Os apontamentos iniciais elaborados a partir das fontes primárias obtidas no estado de Pernambuco no final da primeira metade do século XX revelam os trâmites que buscavam definir e situar as entidades representativas da engenharia e da arquitetura. Afirmção, reafirmação, demarcação de território, definição de atribuições e poder atrelavam-se aos CREAs, IABs regionais e nacional, além do Confea. Querelas eram recorrentes. Como exemplo representativo, tem-se o CREA da 5ª Região, quando envia cópia de um parecer informando a aprovação do projeto de lei do IAB “visando dar nova estruturação àquela profissão”. De acordo com o documento (Figura 27), já se faziam necessários novos direcionamentos à atividade e, mais ainda, explicita a necessidade de se criar os Conselhos para as Federações, ao mesmo tempo em que o campo de atuação. Porém, somente 51 anos depois seria efetivada a regulamentação do exercício da profissão arquitetural com a publicação da Lei nº 12.378 de 31 de dezembro de 2010<sup>51</sup>.

---

<sup>51</sup> Lindener Pareto Jr., em sua dissertação “O cotidiano em construção: os ‘práticos licenciados’ em São Paulo (1893-1933) (São Paulo, FAUUSP, 2011), reconstrói desde o final da segunda metade do século XIX até a década de 1933, através de publicações, livros de registros e leis municipais, decretos (e conflitos) inerentes aos “Práticos Licenciados”, locução identificatória aos construtores autônomos que não possuíam ensino superior, à margem de habilitação pelo poder público, porém, considerados competentes para o exercício da arquitetura. “A priori, poderíamos definir ‘Prático Licenciado’ como o arquiteto não diplomado, com licença de atuação por força da lei, registrado em repartição competente. [...] o termo ‘licenciado’ foi cunhado a partir da Lei Estadual n.2.022 de dezembro de 1924, que tentava

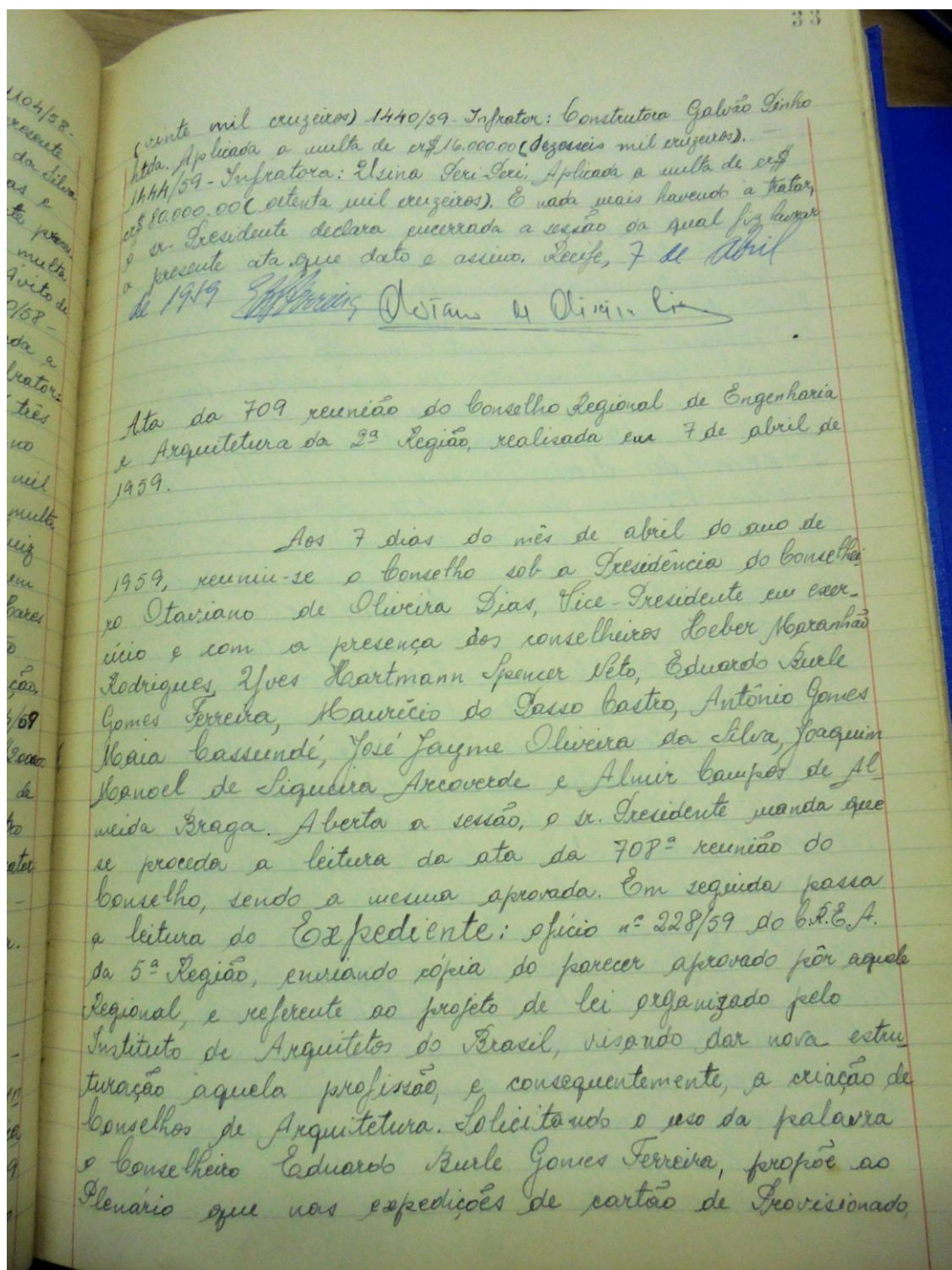
De modo que, se no século XXI ainda há brechas que investem contra o pleno e satisfatório cumprimento laboral, as leis e decretos deste período voltadas para essas atividades ainda teriam um longo caminho a se consumir em meio ao próprio entendimento de sua aplicação, revelando um cenário de disputas entre essas entidades de classe.

---

regulamentar a atuação dos profissionais da construção e que permitia o registro de 'leigos', desde que comprovassem cinco anos de experiência na profissão. O termo 'prático' é utilizado para designar o sujeito que exerce uma profissão sem 'habilitação adequada', no caso específico dos construtores aqui em questão, sem o diploma. Para não incorrer em anacronismo, uma vez que o termo 'Prático Licenciado' foi cunhado nos anos 1920 e especificamente utilizado nos registros municipais a partir de 1934, vale lembrar que tais sujeitos sem a 'habilitação adequada' eram os tradicionais mestres de obras, empreiteiros e construtores que desde as últimas décadas do século XIX dividiam com os poucos engenheiros e arquitetos diplomados o mercado da construção civil. Portanto, a condição de 'Prático Licenciado' se define a partir da contraposição em relação aos profissionais diplomados, fato que se exacerbou, como vimos, a partir do início do século XX, com a pressões das agremiações de classe (diga-se dos diplomados das instituições de ensino superior). Nesse sentido, a utilização da expressão é resultado do processo de transferência do discurso da competência sobre a profissão, ou seja, da depreciação da atuação do não diplomado na medida em que a institucionalização do ensino de engenharia e arquitetura passou a ditar as normas e os imperativos técnicos que definiam o acesso à profissão (P. 83,84). O termo está chantado nos Livros de Registro de Práticos Licenciados da construção - Prefeitura do Município de São Paulo – Diretoria de Obras e Viação – CREA (Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura), datas limite de 193401950, cujo texto traz duas categorias: "Práticos Licenciados" ou "Arquitetos Licenciados", que "constituem o ponto culminante dos embates pela regulamentação da profissão e a documentação mais importante encontrada em nossas pesquisas".



Figura 27 - A descentralização das entidades como tema



Fonte: Ata de Plenária nº 709, CREA 2ª Região, em 07 de abril de 1959.

No conteúdo dos livros de atas de plenária pertencentes ao CREA-PE, os assuntos envoltos com as atribuições dessas entidades eram recorrentes às sessões. Ora inquirindo, ora se manifestando via telegramas e, principalmente ofícios, são encontrados em demasia. Como exemplo, cita-se um trecho desses momentos onde se vê que a disputa entre elas ocorria além dos papéis de cada uma, os quais se buscava e não se chegavam ao consenso:

[...] Pedindo o uso da palavra o Conselheiro Maurício do Passo Castro, solicita informação sobre o motivo pelo qual o C.O.N.F.E.A. se insurgiu contra a aprovação do projeto de lei nº 4684, que destina 1% do total do custo das construções de Arquitetura Civil a cargo da União, ao Instituto de Arquitetos do Brasil, achando aquele Conselheiro, ser indevida aquela atitude do C.O.N.F.E.A. Respondendo a essa solicitação, o Conselheiro Celso da Fonsêca, diz que o C.O.N.F.E.A., como órgão fiscalizador, pode perfeitamente manifestar-se contra a aprovação ou não do projeto de lei, em lide. Voltando ao assunto da criação dos conselhos Federal e Regionais de Arquitetura, o Conselheiro Celso da Fonsêca, solicita aos srs. Presidentes do Club de Engenharia e do Sindicato dos Engenheiros, presentes à reunião como membros do Conselho, os seus pronunciamentos sobre os problemas da regulamentação das diversas profissões, enviando as suas opiniões ao C.O.N.F.E.A. Com o uso da palavra o conselheiro José Jayme Oliveira da Silva, solicita como membro do Instituto de Arquitetos do Brasil (Departamento de Pernambuco), ao sr. Presidente do Conselho, permissão para o comparecimento de uma comissão daquele Instituto à próxima reunião do C.R.E.A., afim-de, em conjunto com os Conselheiros deste Regional, discutirem os projetos [...] (ATA, 1959).

Esse tipo de prerrogativa foi recorrente em toda a década de 1950, sendo assunto em baila entre os Conselheiros do CREA da 2ª Região<sup>52</sup>, atualmente CREA-PE. A vultosidade desses assuntos e do conteúdo das imagens dessas páginas serão resumidas em tópicos a seguir. Em consequência, a dinamicidade temporal destas fontes está contemplada na narrativa do documentário, junto a outros temas abordados. Para este item, foram selecionados trechos de algumas dessas reuniões, alertado-se para os desdobramentos destes.

Assim, sendo elaborou-se, de maneira condensada, o Quadro1, cujos temas – elencados em ordem cronológica - ajudam a perceber alguns os caminhos que envolveram a arquitetura na época.

<sup>52</sup> Em 22 de maio de 1953, desliga-se o Ceará e incorpora-se Alagoas e a ilha de Fernando de Noronha (em definitivo a PE com a promulgação da Constituição de 1988). Fonte: <http://www.creape.org.br/confea-crea/> Acesso em 11 de agosto de 2016.)

**Quadro 1** – Perspectiva relacional das entidades de classe convergentes à arquitetura.

INSTITUIÇÃO	Nº DA ATA	DATA	ASSUNTO
CREA 2ª Região	519	19.06.1953	Das atribuições: a Associação Brasileira de Engenheiros Eletricistas envia carta a este Conselho informando o término do “projeto do Código de Etica Profissional do Engenheiro e do Arquiteto”, sujeitando-o a aprovação “das diversas Associações e Sindicatos de Engenharia e Arquitetura” do país. Ao propor diretrizes para tais profissões, esta proposição dos engenheiros eletricitas reflete a volatilidade do campo de trabalho na época e a necessidade de mediá-lo.
CREA 2ª Região	696	11.11.1958	O Conselho Superior e a Assembléia Nacional do Instituto de Arquitetos do Brasil elaboram novo projeto de lei voltado para o exercício da categoria. Por sua vez, o IAB-PE, dando prosseguimento à iniciativa do IAB-BR, envia documento ao CREA 2ª Região; o Presidente da reunião diz não haver necessidade da criação do Conselho dos Arquitetos, alegando a existência do Decreto 23.569. Na sessão, pede-se que Conselho Regional remeta cópia do projeto às Escolas, Associações de Classe, Prefeitura, e outras instituições, sendo, naquele momento, deliberada uma comissão para estudá-lo. Questionava-se a posição do Confea frente ao ocorrido.
CREA 2ª Região		02.12.1958	Em sessão extraordinária, considerou que tal projeto ia contra a legislação e prejudicava os interesses dos engenheiros e arquitetos, atentando para lutarem visando a “uma melhor definição de suas atribuições”, sugerindo a criação de um movimento contrário à proposta. Aos arquitetos,

			especificamente, atentou para as reformas curriculares nas escolas técnicas, sugerindo uma ampla articulação da classe com vistas às suas competências.
CREA 2ª Região	707	24.03.1959	Comunicado do CREA 5ª Região com parecer contrário a aprovação do projeto que cria os Conselhos de Arquitetos.
CREA 2ª Região	709	07.04.1959	CREA da 5ª Região envia parecer aprovando o projeto de lei organizado pelo IAB, com vistas a dar nova estruturação à profissão, e consequente criação dos CAs*. Em tentativa de “controle da classe”, o CREA da 2ª Região aprova a exigência de atestado de residência e policial para os cartões dos provisionados.
CREA 2ª Região		02.06.1959	É contrário ao projeto de lei que regula a profissão de arquiteto em tramitação no Legislativo Federal (disciplinada pelo Decreto Federal 23.569): unilateral, privilegia arquitetos em detrimento dos engenheiros, <u>“salienta a exclusiva competência outorgada ao arquiteto no projeto em pauta, para executar estudos, pareceres, peritagem, estimativas, desenhos, planos e projetos, bem como fiscalização das respectivas realizações; de planejamentos urbanos e regionais e edifícios e suas obras complementares”</u> [GRIFO MEU], apela ao CONFEA a iniciar movimento nacional dos engenheiros, contra “o projeto de desunião” (p. 40)
CREA 2ª Região	713	19.05.1959	CONFED, contra a proposta, requesta pronunciamento “junto ao Senado, Câmara Federal, Presidente da República, Ministérios Trabalho e Educação”, contrário ao projeto de lei da

			regulamentação da profissão de arquiteto. Como resposta, o silêncio negando a anuência do projeto citado <i>enquanto</i> concordava com a decisão do CONFEA <sup>53</sup> .
--	--	--	---

Fonte: Atas do CREA<sup>54</sup>.

Os ex-conselheiros do Confea, Fernando José de Medeiros Costa, Ângelo Marcos Arruda, Cláudio Forte Maiolino, e Gogliardo Vieira Maragno, também professores universitários, explicitam o tipo de querela entre a compreensão e a demarcação do poder de atuação das três profissões que, das entrelinhas, reverberariam à prática laboral da Arquitetura e Urbanismo.<sup>55</sup> De acordo com Arruda,

O Sistema Confea/Crea (Conselhos Federal e Estadual de Engenharia, Arquitetura e Agronomia), sempre entendeu que o artigo 28 dava, aos

<sup>53</sup>Dois momentos a considerar: em 1962, estabelecer-se um currículo mínimo, a ser validado nas 12 escolas de arquitetura vigentes na época, com vistas à formação mais abrangente. Sua grade curricular ampla perfazia 15 matérias, possibilitando conhecimentos não somente ao ensino técnico e à prática profissional, oferecendo opções que incluíam conceitos abstratos e contemporâneos à evolução da cidade, como: “cálculo; física aplicada; resistência dos materiais e estabilidade das construções; desenho e plástica; geometria descritiva; materiais de construção; técnicas de construção; história da arquitetura e da arte (arquitetura brasileira - técnicas tradicionais); teoria da arquitetura; estudos sociais e econômicos; sistemas estruturais; legislação, prática profissional e deontologia; evolução urbana; composição arquitetônica de interiores e exteriores; e planejamento”. Seis anos após, a Reforma Universitária gera o segundo Currículo Mínimo, implementado em 1969. Essa nova proposta trazia 13 matérias, que contemplavam (e direcionavam) duas vertentes para o ensino acadêmico: a Básica, abrangendo estética, plástica, desenho e outros meios de expressão, estudos sociais, história das artes e da arquitetura, física e matemática, e a Profissional, que incluía teoria da arquitetura e arquitetura brasileira, resistência dos materiais e estabilidade das construções, materiais de construção, detalhes e técnicas da construção, sistemas estruturais, instalações e equipamentos, higiene da habitação e planejamento arquitetônico. A setorização e escolha dessas matérias fazia-se fundamental para a formação do alunado, em virtude da condição implícita de se desmembrarem em disciplinas. É neste momento em que se adota o significado de Curso de Arquitetura e Urbanismo, “caracterizando a formação unificada e generalista e impedindo a sua fragmentação em áreas especializadas” (ARRUDA, Ângelo Marcos; MAIOLINO, Cláudio Forte; COSTA, Fernando José de Medeiros; MARAGNO, Gogliardo Vieira. Embasamento teórico sobre a atuação dos arquitetos e urbanistas. Sob a perspectiva histórica e das diretrizes curriculares. *Arquitextos*, São Paulo, ano 16, n. 183.04, Vitruvius, ago. 2015 <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.183/5658>). Acesso em 12.05.2016.

<sup>54</sup> As informações sintetizadas neste quadro foram elaboradas tendo como base as atas do CREA 2ª Região encontradas no acervo do CREA-PE.

<sup>55</sup>A arquiteta e doutora Barbara Irene Wasinski Prado contextualiza e faz um alerta: “Não há como na atualidade relacionar a R1010/2005CONFEA ou qualquer outro instrumento regulador da profissão de arquitetos e urbanistas ao Decreto Federal N° 23569, de 11 de dezembro de 1933 e ao Decreto-Lei N° 8.620, de 10 janeiro de 1946. Estes instrumentos hoje deixaram de cumprir sua função social, que era a de regular de fato o direito sobre as atribuições profissionais e as competências dos arquitetos e urbanistas, e até mesmo dos próprios engenheiros civis, pois as profissões evoluíram e distinguiram-se ao longo do tempo. É essencial e urgente a discussão no meio acadêmico para promover a atualização da regulamentação profissional. E é preciso observar especialmente as brechas deixadas” (Atividades de Paisagismo: Aspectos Legais Da Regulação Profissional Da Arquitetura E Urbanismo. Disponível em <<http://docplayer.com.br/7543415-Atividades-de-paisagismo-aspectos-legais-da-regulacao-profissional-da-arquitetura-e-urbanismo.html>>. Acesso: 29.05.2016).

engenheiros, atribuições em todas as áreas, inclusive a arquitetura; para o exercício de algumas atribuições da arquitetura, o engenheiro necessariamente teria de cumprir o artigo 29, nunca observado por aquele sistema. A falta de entendimento da atribuição profissional na área da Arquitetura e Urbanismo tem gerado erros de interpretação da legislação vigente em nosso país e como conseqüência, problemas nos processos licitatórios, via de regra, começando nos editais (ARRUDA *ibid.*, 2015)

Apesar das instituições de ensino da engenharia e arquitetura ainda não se constituírem opções de aprendizagem acadêmica local para os norte-riograndenses, o mercado de trabalho, apartir dos anos 1950 – e com mais veemência na década de 1960, começa a receber os profissionais formados em arquitetura e urbanismo, engenharia civil ou ainda os oriundos de engenharia e arquitetura, que regressavam do Rio de Janeiro e Recife. O expressivo contingente de recém-formados e o aumento da demanda por esses novos profissionais – a ver a capital do RN em franco espraiamento, necessitava de nova demanda:

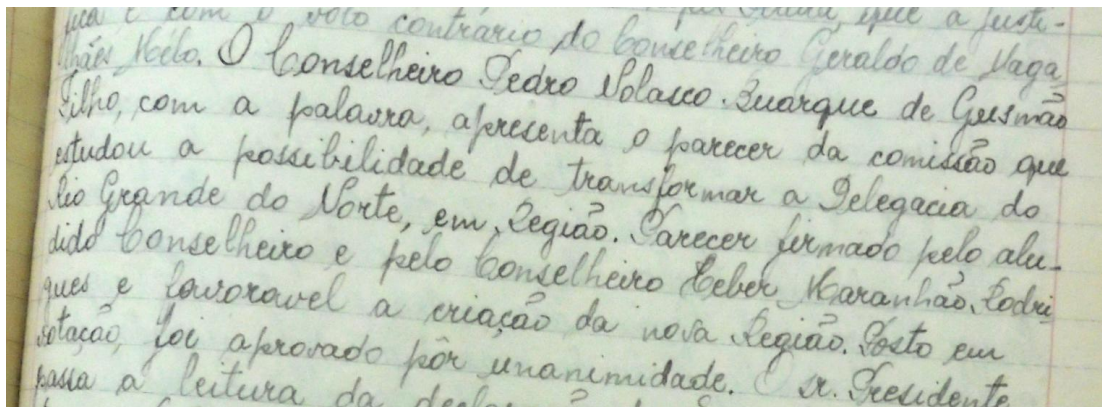
Do requerido pelas entidades de classe e escolas de engenharia da circunscrição; Considerando, finalmente, que a criação do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado do Rio Grande do Norte constitui providência necessária à execução da legislação regulamentadora do exercício das profissões do Engenheiro, do Arquiteto e do Engenheiro-Agrônomo (D.O., 1969).

Eis, portanto, que ocorre, em 10 de julho de 1969, o desmembramento oficial da jurisdição do CREA da 16ª Região (sediado em Recife/PE), por meio da Resolução 179<sup>56</sup>. Essa autonomia do CREA da 18ª Região estreitava laços, contatos e estabelecia conexões informativas com outras Delegacias e Conselhos de distintas regiões, como as que viriam a ocorrer num futuro próximo (Figura 28). No Rio Grande do Norte, a entidade perde a função de delegacia e torna-se Região em 1960, desvinculando-se definitivamente de Pernambuco.

---

<sup>56</sup> A publicação ocorreu no Diário Oficial, edição de 26 de agosto de 1969.

**Figura 28** - Uma nova etapa se abria no final da década de 1960,  
com a concretização do Conselho no Rio Grande do Norte



Fonte: Ata de Plenária nº 711, 22.11.1960, p. 162. Acervo CREA-PE.

Com a evolução da profissão em curso, as prerrogativas iam resultando em lacunas. Seria necessário estabelecer regras e objetivos para as classes de Arquiteto e Engenheiros. É como se a prática laboral do arquiteto e a compreensão acerca do seu trabalho - misto de procedimentos, (cons)ciência e ação – guiasse esse *saber* mover-se, permeado de querelas classicistas, intelectuais, éticas, intencionais e artísticas, acompanhando o desenvolvimento da sociedade e a definição dos papéis de cada envolvido nesse processo, no rastro dessas relações. Afinal, a profissão de arquiteto demarcava seu território, passando a vivenciar, naquele presente, o seu próprio futuro:

“As questões relativas à profissão e à formação profissional nos enviam, como não poderia deixar de ser, às questões referentes à divisão social do trabalho no processo de produção da arquitetura. Nessas circunstâncias, isto é, no quadro ideal traçado pelo arquiteto, ele ocupa, ou procura ocupar, ao máximo possível, uma posição que lhe permita desenvolver uma certa atividade, de forma exclusiva, tida como um direito seu, e definida no interior da organização do trabalho que melhor lhes corresponde. E para que o exercício da profissão, tal qual o pretendido, se faça na forma considerada a mais adequada, uma certa formação profissional, consubstanciada num certo saber, também exclusivo do arquiteto, torna-se necessária” [...] (BICCA, 1984. p.90)

O domínio técnico-científico dos saberes estava intrínseco ao capital, que, por sua vez, envolvia os grupos e a efetivação do processo produtivo, ao mesmo tempo em que o desenvolvimento das práticas no trabalho de campo gerava animosidade e disputa de território. Não havia pureza. Na seara da competitividade, a máscara escondia a vulgarização do conhecimento.

### 3.2 – Atinências projetuais

A classe dos profissionais da arquitetura é pragmática e, ao mesmo tempo, qualificada para criar os projetos assumindo a capacidade de gerenciar tecnicamente o canteiro de obras. Estas habilidades, bem sabiam, foram sendo sedimentadas na Academia:

São essas, via de regra, as invariáveis que constituem o centro ponto de convergência e concordância das várias representações pelas quais os arquitetos se autodefinem (como algo existente ou a criar) enquanto agentes do processo produtivo da arquitetura. Profissional que, deixando de lado a retórica e de um ponto de vista pragmático, se caracterizaria então pelo fato de possuir, ao mesmo tempo, as qualificações necessárias à elaboração de projetos de arquitetura, e as aptidões requeridas pelo exercício das atividades de ‘responsável técnico’ do canteiro. O que não poderia deixar de se refletir, é claro, no processo de formação dos arquitetos [...] (BICCA, 1984, p. 88)

Essa paternidade da autoria conceptual de um empreendimento edilício nem sempre foi esclarecida a contento, visto que, a compreensão e a amplitude dessa racionalidade, por muito tempo, rendeu calorosos embates, a começar pela ampla definição e reivindicação de muitos autores intelectuais que cruzavam a etimologia conceitual de algumas ciências exatas. Começemos por centralizar o significado de Projeto, essencial para se localizar a autoria e êxito vinculado às questões regulamentares:

O Projeto de Arquitetura é uma atividade resultante da ideia original que antecipa as respostas técnicos/construtivas, funcionais, culturais, estéticos, ambientais e sociológicas para a ordenação, organização e construção do habitat humano utilizando-se da representação gráfica e outros meios (Arruda et. al., *ibid.*, 2015).

Fundamental perceber a peculiaridade atinente aos vocábulos conjuntos. A incorporação de seu uso cotidiano à prática do conhecimento teórico-metodológico acirrou desdobramentos, de modo que houve a necessidade de se delimitar seus propósitos. Ou seja, restava a atinência conceitual. Arruda (2015) esclarece:

Quando o projeto atende parcialmente a aspectos relacionados acima, geralmente os técnicos e físicos apenas, caracteriza-se como Projeto de Edificação e não como Projeto de Arquitetura”. Uma vez compreendido os termos, o desdobramento dar-se-ia em outra relação, que iria ter nas bases curriculares. Dessa forma, para estes autores, “A



aquisição das competências e habilidades para o pleno atendimento dos requisitos decorrentes de um programa arquitetônico durante o processo de projeção se dá na formação, na graduação do profissional arquiteto e urbanista (Arruda et. al. 2015).

### 3.3 – *Em campo fértil*

Expressar talento, mostrar criatividade e ter a obra reconhecida seriam alusões positivas para qualquer profissional que gerenciasse sua carreira individualmente. Quando o indivíduo propõe-se a somar esforços e dividir os benefícios de um projeto (sejam eles positivos ou decepcionantes), há de se reconhecer esta característica objetiva e empreendedora. Em Natal, na década de 1950, não era impossível encontrar profissões cujos trabalhos envolvessem categorias correlatas. Na arquitetura (propositadamente deixando de fora o urbanismo), o mercado de trabalho do arquiteto tinha na figura do engenheiro um de seus protagonistas.

A chegada na cidade de engenheiros-arquitetos formados pela Escola de Engenharia do Recife, ou dos arquitetos e urbanistas oficialmente formados na Academia em outras capitais, encontra uma urbe cujos espaços vazios seriam ocupados por habitações modernistas de forma crescente e contínua. Este cenário já se mostrava promissor e receptivo àqueles profissionais que, se não possuísem um diploma, conseguiam se sobressair devido ao apuro técnico, arrojo e visão de futuro traduzidos em suas residências.

Cientes de suas capacidades intelectuais, os arquitetos *tortos*, conseguiam um feito salutar para o andamento da profissão. Se, em alguns momentos, foram incompreendidos por seus pares, noutros instantes, dialogavam em igual nível com estes, formando parcerias frutuosas que atestam talento e capacidade a este reconhecimento, e dá mostras dessa amistosa relação.

No cotejar das descobertas do trabalho de campo, semelhanças e antagonismos informacionais sugerem oportunamente novas visões que pinçam discussões que necessitam o saber sistemático da experiência labutar de Pinho. E, no mesmo sentido, fazem sobressair questões concretas que perpassam sua origem, pois, a identificação destas têm reflexo direto nas suas escolhas e oportunidades de trabalho e, por conseguinte, na estabilidade da moradia familiar. A competência para sistematizar

diferentes habilidades técnicas lhe conferia uma mobilidade e capacidade de desempenho de suas atividades, que foram fundamentais para o prático conseguir estabelecer laços afetivos e se estabelecer profissionalmente por onde passou.

Em Natal, mesmo sendo um dos pioneiros na arquitetura modernista residencial em sua fase madura e tendo montado dois escritórios durante o tempo em que viveu na capital, onde amealhou boa parte dos projetos destinados às vivendas das elites, Arialdo Pinho não centrou apenas em si o seu crescimento profissional pessoal. Quando da chegada dos recém-formados arquitetos Moacyr Gomes da Costa e Daniel Hollanda, por momentos formou-se um sólido triângulo, movido a respeito e diálogo de ideias. Haveria de ter espírito desprovido de competição. O objetivo era outro.

Eu cheguei comecei a fazer, em parte, uma concorrência, com ele, em parte uma parceria com ele, certo? Passamos a ser parceiros em alguns projetos; em outros eu fazia isoladamente ou ele fazia isoladamente. A verdade é que a minha impressão dele é que era um bom profissional, pra mim, era um bom companheiro, era um excelente conversador, tinha uma cultura razoável, fazia palestras interessantes sobre o tema específico, e nos dávamos muito bem.<sup>57</sup>

Gomes da Costa reitera, com este depoimento, que o momento pelo qual a arquitetura natalense se desenvolvia, em parte, deve-se a este tipo de iniciativa desprovida de vaidades, porém, repleta de propósitos. Decerto que, há de se ter em consciência, tal disponibilidade gera uma oportunidade plausível decorrente da insuficiência de profissionais deste tipo em Natal. “Eu tinha escritório com Daniel, eu não era associado a Pinho. Ele tinha o escritório dele, [...] e quando nós fazíamos um trabalho de parceria, a gente se juntava. Ou ia num ou ia no do outro [escritório]”<sup>58</sup>. De modo que essa noção de coletividade funcionava da seguinte maneira: cada um era por si, até que fosse preciso ser um por todos e todos dessem sua parcela de participação efetiva com esse cada um<sup>59</sup>.

---

<sup>57</sup> Entrevista em 17 de outubro de 2015.

<sup>58</sup> Entrevista em 17 de outubro de 2015.

<sup>59</sup> Delberg Ponce de León recorda os profissionais que dividiram projetos com Arialdo. León provoca a naturalidade dessa associação. Para ele, os arquitetos que lecionavam na universidade não tinham tempo para se dedicarem especificamente aos seus escritórios particulares, o que os levou a empreender pelo trabalho em grupo. Porém, aqueles momentos citados nas linhas anteriores consumir-se-iam, literalmente, na prática. Ele fora entrevistado em 15 de julho de 2015, à tarde, após o encontro com Fausto Nilo na manhã do mesmo dia.

Todavia, atendo-se ao conteúdo deste, o arquiteto natalense traz trecho de como o vínculo fraterno e a conviência com a classe política poderia render resultados positivos, quando da busca de novos horizontes de trabalho. Numa das situações, recorre a Pinho para que, com sua influência, aproxime-o do expoente máximo da política local com vistas à implantação de um projeto inédito para Natal. O diálogo que se segue assim se apresenta, na voz de Costa<sup>60</sup>:

‘Arialdo, você que é amigo do governador, me leve pra conversar com ele, que eu quero falar em nome dos esportistas de Natal, pra ver se a gente consegue levar essa idéia pra frente’. Arialdo me levou, realmente gozava de muito prestígio com o governador, que disse: ‘Olhe, e onde é que vocês querem fazer esse estádio?’<sup>61</sup>

O governador em questão era Sylvio Piza Pedroza, o mesmo político citado anteriormente na tese. Os estudos para um parque esportivo que incluía estádio de futebol, ginásio, piscina olímpica, pavilhão para receber atletas de fora, a ser erigido na Praia do Forte, zona urbana da cidade, frutificaram, com direito a uma robusta maquete confeccionada em Recife-PE e exposta no *stadium* Juvenal Lamartine, a praça esportiva que daria lugar à nova arena. Devido a querelas com o Exército Brasileiro, detentor daquela área, a proposta não saía das paredes do protótipo. Além disso, é o próprio Gomes quem associa os serviços de Pinho que em muito traduzem essa relação com o poder: “Ele passou a ser uma espécie de arquiteto oficioso do governo do estado, no período de Sylvio”<sup>62</sup>.

Há de se notar o vínculo com o poder político local (Figura 29), fato curioso – e, porque não dizer, instigante – de uma pessoa que conquistou respeito e espaço laboral com suas idéias avançadas para a época, apesar do curto período em que cá esteve. Momento este em que Natal vicejava os ecos da 2ª Guerra Mundial, acalentando novos desafios para o desenvolvimento físico de sua urbe e o bem-estar da população, como,

---

<sup>60</sup> Neste momento, entra em campo Daniel Hollanda, formado na Escola de Arquitetura da Universidade de Pernambuco.

<sup>61</sup> Entrevista concedida em 17 de outubro de 2015.

<sup>62</sup> Moacyr Gomes flerta com a possibilidade de que a ida de Pinho para Fortaleza definitivamente diz respeito ao fim do mandato de Sylvio Pedroza. O fechamento deste ciclo governamental teria causado insegurança profissional no prático, momento em que, supõe Gomes, surge um personagem que seria o responsável por esta mudança, convidando Arialdo Pinho para mudar de cidade. Entrevista concedida em 17 de outubro de 2015.

por exemplo, a promulgação de novas leis para a habitação e parcelamento do solo, incidindo diretamente nas leis que geriam a cidade:

[...] o Prefeito Djalma Maranhão, com o intuito de dotar a cidade de Natal, com um Código de Obras à altura do seu progresso e ao mesmo tempo evitar que mais tarde se reflitam em sua urbanização os erros que hoje ocorrem, designou uma comissão afim de elaborá-lo na qual se sobressaem dois nomes, o engenheiro Antônio Tejo e o arquiteto Arialdo Pinho. Em virtude das infrutíferas iniciativas de Djalma Maranhão, a única tentativa efetiva de fiscalização das edificações partiu do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA), que tratou de viabilizar análises e as conseqüentes intervenções sobre as habitações – impondo modificações e especificações a serem obedecidas nos projetos, bem como embargando os casos mais precários. A iniciativa do CREA foi automaticamente condenada e regulada pela administração local, alegando que a população carente não tinha condições de arcar com as exigências referentes aos padrões construtivos<sup>63</sup>

A gestão do prefeito Djalma Maranhão ocorre de 1956 à 1959. Inicia o trabalho no mesmo ano em que Sylvio Pedroza encerra o mandato no governo do Estado. A informação acerca dos serviços de Arialdo voltados para o urbanismo, sendo convocado a contribuir para o segmento de planejamento administrativo e técnico da cidade afere ao seu período de contrato de trabalho no DER, o que pode ter vinculado este convite. Ou seja, demonstra que havia respaldo institucional de setores oficiais para contratar profissionais sem formação acadêmica.

---

<sup>63</sup>Trecho do artigo “Uma Cidade Sem Planos? - O processo de institucionalização do planejamento urbano em Natal entre 1939 e 1967. Autores: Ana Caroline de Carvalho Lopes Dantas, Caliane Christie Oliveira de A. Silva, Francisco da Rocha Bezerra Júnior, Hélio Takashi Maciel de Farias, Aline Dantas de Araújo, UFPE/UFRN, em que os autores citam a fonte REUNIDOS..., 1956, p. 08. Disponível em: <<http://unuospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/1031/1006>>. Acesso em 12 agosto de 2015.

**Figura 29** - Posse do prefeito Djalma Maranhão, 1956



Fonte: Acervo Alberto Pinho.

Esta passagem é sintomática quando se percebe que o prático é o profissional escolhido para exercer, efetivamente, a função de arquiteto de um empreendimento de vulto. Mais que isto: denota o reconhecimento de sua capacidade profissional para a esfera executiva da época e, também, leva à comprovação de que não existia no mercado natalense este tipo de profissional com formação acadêmica até 1955, mas, por outro ângulo, abre-se toda uma esfera de público consumidor para as suas ideias, o que nem sempre seria aceito com benevolência pelos seus concorrentes.

Dessa maneira, em Natal a experiência se fez exitosa. Não houve acontecimentos relacionados ao trabalho que implicasse em reordenamento de suas funções; as circunstâncias foram favoráveis ao seu transitar no meio social e profissional na cidade. Todavia, em Fortaleza, inicialmente trabalhando de forma independente, o prático cresceu evoluiu em paralelo às oportunidades que surgiam e um período em que fora alvo de denúncias, fato que pôs em questionamento, agora no mercado de trabalho, suas conquistas e atitudes.

### *3.4 – Bela desconstrução*

O periódico *Correio da Manhã* (1901-1974), publicado no Rio de Janeiro, destinou consideráveis espaços a matérias voltadas para as artes e à arquitetura e

urbanismo, com entrevistas e fatos, por exemplo, alusivos à pujança da arquitetura modernista e seus protagonistas no Brasil e em outros países. Em suas páginas, tinha-se acesso à vinda de *Le Corbusier* ao país e o concurso do Edifício do Ministério da Educação e Saúde, o passo-a-passo - desde o projeto à conclusão - do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, as obras do aterro do Flamengo na mesma cidade, a tarde festiva que Roberto Burle Marx ofereceu em sua mansão onde compareceram de políticos aos expoentes da arquitetura nacional.

Quando se volta para a Escola Nacional de Belas Artes, publica, dentre assuntos diversos como as chamadas dos alunos à secretaria do curso, horários de provas, de inscrições, matrículas, como se extensão da agenda da instituição de ensino fosse. Dito isto, o jornal tornou-se mais uma fonte para se comprovar – ou não - a passagem de Arialdo Pinho pela Academia. Na busca por indícios desta natureza que porventura estivessem sido publicados em um veículo, examinaram-se as páginas virtuais das edições de 1940 até 1946 (não estavam disponíveis os anos de 1947 a 1950), e de 1951 a 1959<sup>64</sup>. Com base no Correio da Manhã, não se encontrou registro de sua passagem pela ENBA.

Em verificação junto aos arquivos do Museu Nacional, responsável pelo acervo digital da ENBA, foram pesquisados o livro de matrículas do 1º ano, as correspondências recebidas pela instituição entre 1930 e 1945, as atas de sessões da Congregação Arquitetura da Escola de 1931 à 1948, o livro de registro das atas da Congregação dos anos 1934 até 1945, as publicações de Compromisso de Honra de 1934 a 1949, as matrículas de 1934 a 1955 dos primeiros anos, Registros de Material (entrada e saída) de 1939 à 1943, o livro de Títulos, Premiações e Diplomas Expedidos entre 1903-1970, as inscrições no Concurso Prêmio de Viagem Donativo Caminhoá arquivadas de 1925 até 1950. Chama a atenção a pasta 6148, Frequência, Certidão e Matrícula, que atesta a importância da Escola no ensino da arquitetura no país: saíram de suas salas de aula expoentes como Lúcio Costa, Attilio Correia Lima, Paulo Candido, Pedro Paulo Bernardes, Paulo Henrique Lins, Oswaldo Gueldi e Affonso Eduardo Reidy<sup>65</sup>. Ressalta-se que, com controvérsias, nem todos os registros

---

<sup>64</sup> Fonte: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=089842>>. Acesso em 28 de maio de 2016.

<sup>65</sup>Lúcio Costa ministra a cadeira de Teoria e Prática dos Planos de Cidades, elencando dois motivos que o fizeram desistir: que “o Curso não funcionava absolutamente” e os “resultados estavam longe de serem satisfatórios”. A decisão pautou-se em questões de foro pessoal, de modo que, elegantemente, escondia a

contemplem a totalidade das turmas, entretanto, em nenhum deles consta Arialdo Pinho<sup>66</sup>.

### 3.5 – Audaciosas querelas

O arquiteto e urbanista, ex-professor José Neudson Bandeira Braga chega em 1959 em Fortaleza, depois de se formar no Rio de Janeiro, numa época em que as construtoras cearenses tinham os próprios profissionais para projetar e os engenheiros para assinar as plantas dos projetos – costume eminentemente habitual, dominavam a quase totalidade dos serviços desenvolvidos no campo de trabalho arquitetural. Os profissionais diplomados neste curso acadêmico eram escassos; completavam as opções os práticos “independentes”. O gradativo aumento dos arquitetos com diploma acadêmico, que retornavam das capitais para onde haviam ido cursar arquitetura e urbanismo, somar-se-ia ao início das atividades de ensino da Universidade Federal do Ceará em 1965<sup>67</sup>. Conjuntamente em algumas ocasiões, ou *atuando* individualmente, eles iriam possibilitar incisivas modificações na paisagem construída da cidade e no posicionamento político/ideológico desta classe. Esta ocasião descortina uma realidade não explicitada: os trâmites legais realizados (no caso referido) pela construção civil encontram brecha para a execução das suas funções fazendo uso dos serviços dos práticos, que assim, mantinham dupla função. Ou seja, havia um suporte mútuo entre essas categorias profissionais.

Quanto aos práticos, e aqui refiro-me especificamente a Arialdo Pinho, fazia uso de estratagemas para ascender e se manter na carreira (o que, sobremaneira, dirime suas qualidades profissionais). Os casos que envolvem suas atitudes orbitam em torno das

---

situação da Faculdade Nacional de Arquitetura, da estrutura física ao “baixo nível cultural dos alunos”. Assim, confidencia ao jornal em sua publicação de 19 de junho de 1957: “Percebi que estava desperdiçando esforço e tempo. Esforço em combater minha falta de jeito para lecionar e tempo cada vez mais necessário ao cumprimento de compromissos profissionais que reclamavam uma atuação mais efetiva de minha parte”.  
 Fonte: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_06&PagFis=74380&Pesq=Sal%C3%A3o%20de%20Arte](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_06&PagFis=74380&Pesq=Sal%C3%A3o%20de%20Arte)>.

<sup>66</sup> Disponível em <<http://www.eba.ufrj.br/>> Acesso em 25 de maio de 2015.

<sup>67</sup> Braga comenta que, antes da chegada de Pinho em Fortaleza, “começou bem em [19]55 esse boom aqui dos arquitetos cearenses. [...] Então, esse período de [19]55 a [19]60 é muito importante. Acácio Gil Borsoi. final de [19]50, começo de [19]60, faz aqui as maiores mansões de Fortaleza, dos milionários todos. Foram chamá-lo em Pernambuco pra vir fazer as mansões aqui”. Borsoi diplomou-se em 1949 pela Faculdade Nacional de Arquitetura, no Rio de Janeiro.

funções cabidas aos arquitetos nomeadamente formados em instituições de ensino superior. Durante a carreira, Arialdo não somente se apropriou do título nos projetos autorais, como levava adiante temas concernentes à categoria em conferências breves, inclusive, com chancela de entidades distintas do Rio Grande do Norte e do Ceará. Traçou um caminho sem se importar com as consequências inerentes ao uso da profissão.

Ele bebia, dormia, sonhava com arquitetura toda hora. Inclusive, fazia, como eu cheguei a ver algumas vezes, palestras para o Lions Clube, para o Rotary Clube, em reuniões, jantares formais da instituição, convidavam. Ele caiu na moda! Trocado em miúdo, ele virou a moda em Natal! E era convidado pra fazer palestra sobre o tema arquitetura com muita propriedade, com muito discernimento, o que tornava o diploma irrelevante diante do comportamento dele<sup>68</sup>.

Este fato narrado por Moacyr Gomes atenta para o transitar do prático junto às entidades congregacionais, mormente constituídas por um grupo restrito, quase sempre composto pela elite da cidade. Atesta, também, a receptividade na sociedade local e evidencia o interesse democratizando um tema vulgarnormal. O conteúdo destas palestras revelava um Arialdo Pinho ousado e destemido:

Ele começou a trazer a idéia do modernismo na arquitetura, inclusive nas suas palestras, contando como foi o movimento da nova arquitetura na Semana de Arte Moderna de [19]22, e quais foram as características que traduziam aquela arquitetura, o *piloti*, o *cobogó*, o *layout* distribuindo as zonas.<sup>69</sup>

O relato de Moacyr possibilita atribuir a Pinho como um porta-voz com domínio das manifestações artístico-culturais do país e os postulados da escola modernista, aventurando-se sem pudor ao codificar os alicerces dessa arquitetura. Mais ainda: que suas preleções direcionava-se para um potencial público contratante de suas obras. Então, esboçado esse controle, será neste momento em que nova empreitada irá reclamar tal objetividade, dando início às querelas pela disputa de território laboral. Gomes aprofunda a situação revelando a gênese do imbróglio:

---

<sup>68</sup> Moacyr Gomes, entrevista em 17 de outubro de 2015.

<sup>69</sup> Moacyr Gomes, entrevista em 17 de outubro de 2015.



Fernando Cisneiros [engenheiro]... usava o serviço dele [Arialdo] e assinava por ele. Então, por conta disso, essa história findou extrapolando esses limites. Tal coisa por que os funcionários do CREA eram engenheiro. [...] Então, obviamente, ele não teve diploma. [...] Então, isso se divulgou. Começaram a chegar outros arquitetos na época para se estabelecer aqui, 3 ou 4, chegaram formar uma tentativa de movimento para proibir a atuação dele. Eu discordei. Ora, veja bem: o *cara* tem nome, produz, é aceito pela sociedade local. Por que proibi-lo de trabalhar? Claro que existe um sistema de defesa da profissão; agora, se tivesse 10 caras desse tipo... concorrendo com os arquitetos daqui, valia fazer [...] Mas, naquele momento, ele não pesava na balança; pelo contrário, ajudava [...] a se produzir bons desenhistas [...].<sup>70</sup>

O depoimento do arquiteto potiguar, de Caicó-RN, explicita outros três instantes: Arialdo usava os serviços de um engenheiro para poder ter suas obras aprovadas pela prefeitura; o número de arquitetos atuava na cidade era reduzido; Moacyr tinha a oportunidade de usar o prestígio de ter cursado a Academia no RJ. Todavia, naquele momento, preferiu não fazê-lo, afinal, o prático não se configurava como uma ameaça à conquista de clientes natalense. Entretanto, no final da década de 1960 para o início da próxima, um grupo de arquitetos cearenses seria surpreendido por uma circunstância particular: “Veio um processo de Natal através do CREA, para Fortaleza, informar, porque sabia que ele [Arialdo Pinho] estava aqui”, recorda Neudson Braga. Na ocasião, quem leva a cópia do documento para Fortaleza fora o arquiteto/professor Ivan Britto, cujo motivo da vinda para a capital do Rio Grande do Norte estava relacionado a uma reunião deste Conselho.

[...] a cidade toda comentou. [...] O meio profissional todo ficou perplexo. [...] porque, de repente, uma pessoa que se dizia arquiteto e não é?! [...] a sociedade toda. Se você pegar a coluna social dessa época só fala dele como arquiteto. Os clientes, placas de obras, tudo isso foi documentado.<sup>71</sup>

A repercussão desta realidade é mais um indício de que o prático efetivamente tinha se estabelecido profissionalmente em Fortaleza. Assim como ocorreu em Natal, esteve presente em reuniões do IAB e participou de concursos para projetos de arquitetura discutindo de igual nível intelectual com outros arquitetos<sup>72</sup> e ministrou

<sup>70</sup> Moacyr Gomes, entrevista em 17 de outubro de 2015.

<sup>71</sup> Neudson Braga, entrevista em 31.03.2016.

<sup>72</sup> Braga revela que a única ocasião em que manteve contato com o prático fora uma reunião para discutir um concurso para a sede do Banco do Nordeste. Entrevista em 31.03.2016.

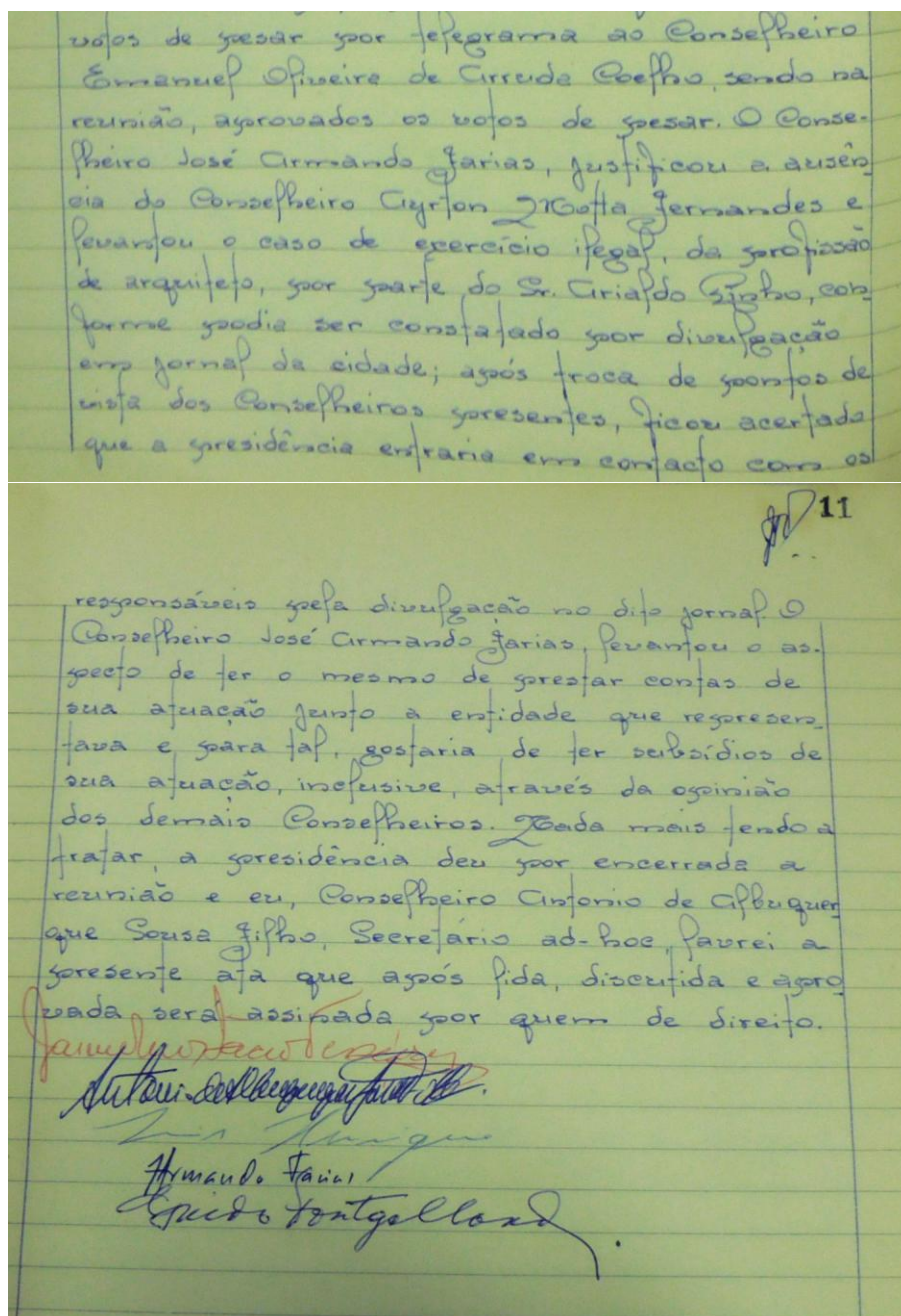
palestras não se esquivando de deixar as relações sociais que lhes eram tão caras, manifestando sua arquitetura e proatividade de maneira natural.

Esse desvirtuado curso já era previsto pela legislação trabalhista da época, pelo Artigo 76 da Lei nº 5.194, cujo teor expressa: “As pessoas não habilitadas que exercerem as profissões reguladas nesta lei, independentemente da multa estabelecida, estão sujeitas às penalidades previstas na Lei de Contravenções Penais”. Em 1969, tem-se a comunicação junto ao Conselho, das irregularidades cometidas por Pinho (atinando-se para a data, verifica-se que, de acordo com a chegada a Fortaleza, sua atuação no mercado perdura quase uma década livre das sanções legais). O fato dá-se pela divulgação das suas funções na imprensa local (Figuras 30 e 31); a sessão já o acusa de trabalhar ilegalmente como arquiteto. Ou seja: apesar da falta, a publicização em meio impresso era frequente.

As fontes documentais encontradas no CREA da 9ª Região, CREA-CE, não informam o desfecho da acusação acima. Todavia, no dia quatro de setembro do ano seguinte à primeira citação no Conselho, Arialdo é reincidente no mesmo tema (Figura 32), sendo denunciado por continuar atuando sem o registro da categoria. O assunto é retomado na sessão seguinte (Figura 33).

A única comprovação oficial de que houve julgamento de ação contra Pinho consta na ata do referido Conselho. Refere-se à citação cotejada no Processo de nº 1005/70, de interesse do próprio acusado, publicada em 22 de janeiro de 1971, pouco mais de quatro meses após a última denúncia (Figura 34). O objeto aponta que, apesar de ter infringido o “dispositivo legal”, o prático, após apresentar recurso, teve o processo arquivado e aprovado pelos Conselheiros.

**Figuras 30 e 31 - Exercício ilegal, entidade pede explicações a Pinho**



Fontes: Sessão nº 189 do C.R.E.A da 9ª Região, 21.08.1969, p. 10, 11. Acervo: CREA-CE.

**Figura 32 - Reincidência**

gostarem desta presidência e secretaria, segundo  
o Conselho designado para responder desta  
presidência, fez a apresentação dos novos mem-  
bros de carreira profissional, ao Conselho, que  
tinha sido remetido pelo CONFER. O Conselho  
deu a palavra ao Sr. Mauro Barros Gondim, advogado  
jurídico, que estava em poder da Sra. Simone  
Campos, que tinha sido designada para es-  
tudar a reestruturação do quadro adminis-  
trativo do CREA-9ª Região, sem apresentar nenhum  
subsídio. O Conselho designado para responder  
desta secretaria ficou encarregado de estabelecer  
novos contatos com a referida Sra. O Con-  
selheiro Reginaldo Mendes Rangel comunicou  
que o Sr. Arialdo Siqueira está utilizando o nome  
de Arquiteto sem a devida habilitação. O Con-  
selheiro designado para responder desta presi-  
dência comunicou que adotaria as providências  
cabíveis para o caso. O Conselho Claudio  
de Lima Riquelme, levantou o problema  
do advogado afirmando que o Conselho res-  
pondente da ausência de um assessor jurídico.  
O Conselho que responde desta presidência  
afirmou a falta dos demais Conselheiros, re-  
queriu que fosse adiada o problema. Foi por-  
tanto da Conselho José de Rocha Jurado, filho,  
foi acordado que deveria haver uma reunião  
especial para solucionar o caso do advogado.

O Conselho Claudio de  
Lima Riquelme solicitou a solicitação do Sr.  
Riquelme de candidato  
do Conselho Emanuel  
Carmo com o cargo  
em nome do CREA-9ª  
Região. Emanuel ficou  
impossibilitado de  
participar, Sr. Jaime  
Campos com o man-  
dato, entende a Sra.  
Simone Campos que não  
participou. O Conselho  
assumiu respondendo a  
sessão e Conselho  
designado, deu posse em  
19 de interesse de  
este e Agricultura  
possuía registro n.  
sentença desta. O  
aplicação de uma  
pena mínima. Cu-  
de interesse de 21  
dispositivo legal  
aplicação de m-  
mínimo. Aprovado.  
interesse de 10. (1  
tra). O relatório  
reacção de multa  
mo. Aprovado.

Fonte: Ata nº 280 do CREA 9ª Região lavrada em 4.09.1970, p. 47. Acervo: CREA-CE.

**Figura 33 - A presidência da entidade, após o assunto voltar a ser citado na sessão ordinária, informa que diretrizes estavam em andamento**

Conselheiro Reginaldo Mendes Rangel solicitou  
informações a respeito da acusação por ele  
formulada contra o Sr. Arialdo Siqueira. O Con-  
selheiro que responde desta presidência afirmou  
que tinha tomado as devidas providências. O  
Conselheiro que responde desta presidência, fi-  
z o problema do Advogado do CREA.  
Inicialmente, fez uma breve exposição sobre

Fonte: Ata nº 290 do CREA da 9ª Região. Acervo CREA-CE.

**Figura 34 - Começo, meio e fim de um processo**

c) Processo nº 1005/70 de interesse de Arialdo Si-  
queira que infringiu dispositivo legal e apresentou  
recurso. O relatório foi pelo arquivamento do pro-  
cesso. Aprovado. O Conselho Jaime Câmara

Fonte: Ata de plenária de 22.01.1971 do CREA da 9ª Região. Fonte: CREA-CE.

A trajetória de Arialdo Pinho alimentou dúvidas e gerou controvérsias. O prático se sustenta justamente pela fidelidade técnica aplicada aos projetos modernistas. A despeito dos diversos talentos individuais característicos a sua produção, os recordadores, no caso os arquitetos, professores e pesquisadores que contribuíram para este trabalho, reconhecem o seu interesse às leituras e às artes. Afora a esquivas de não ter o título acadêmico, driblou aspectos contraditórios e ilegais à carreira, pontuada por um maduro gerenciamento da própria imagem calcada no aspecto profissional. Neudson Braga testemunhou o florescimento da Universidade Federal do Ceará e a chegada dos colegas, eminentemente formados, que iriam compor o ensino universitário ao mesmo tempo em que atuavam no mercado arquitetural de Fortaleza, justamente, na segunda metade da década de 1960, quando assuntos voltados para a ética classista consolidava-se. Avaliando apenas o viés da atividade projetual de Arialdo, o ex-professor destaca e reconhece a objetividade e o *destemor* empreendido na capital do Ceará:

[...] sei realmente que ele fez muita coisa, muita coisa interessante. Um homem de talento, [...] se manifestava muito bem a despeito da própria profissão nas conversas que eu ouvia falar, então, era uma pessoa realmente interessante. Eu não sei realmente porque ele não utilizou o sistema que os outros fizeram, não é?, quer dizer, se acobertar de pessoas qualificadas para regularizar sua situação profissional.<sup>73</sup>

Conforme visto, a independência dessa atuação no mercado reclamou providências. O incômodo provocado pela ilegalidade, caso continuasse em franco exercício, já não mais seria plausível. De modo que, as críticas e a pressão oficial exigiriam um condicionante: a obrigatoriedade da assinatura dos projetos por um engenheiro. Este momento sinaliza o mesmo tipo de prerrogativa em evidência na década anterior, porém, o recurso havia para proteger o desenhista. Assim, a solução escolhida para continuar projetando era a única acessível (estava fora dos planos cursar uma universidade): Arialdo manteve uma parceria de longos anos com o arquiteto capixaba Jorge Neves<sup>74</sup>, profissional que pertenceu ao quadro docente da UFC. Juntos, iriam dividir muitos projetos, sendo um deles o mais notório e impactante para a época:

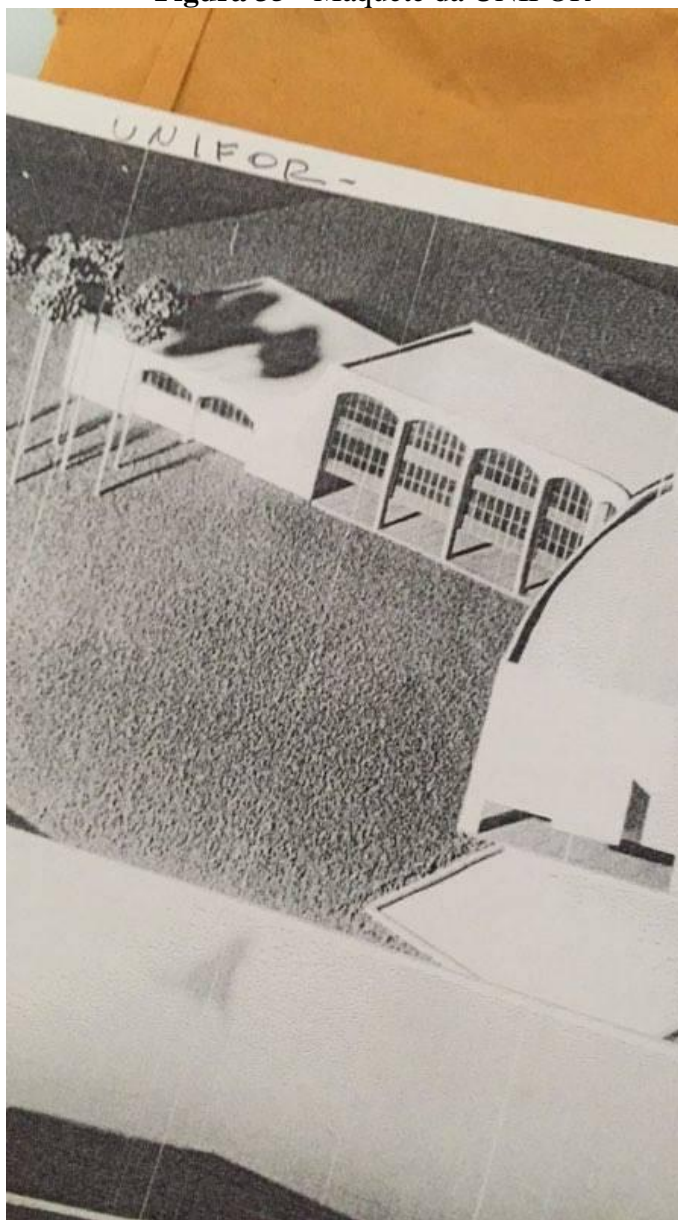
---

<sup>73</sup> Neudson Braga, entrevista em 31.03.2016.

<sup>74</sup> Jorge Bach Assumpção Neves nasceu em Santana do Livramento-ES. Formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre), com especialização em urbanismo em Bogotá, na Colômbia. Foi professor da Universidade Federal do Ceará, diretor de Engenharia da Caixa Econômica Federal e dirigiu a Companhia de Habitação do Ceará – COHAB. Pinho também fez parcerias com outros profissionais, entretanto, com períodos de trabalho inferiores à experiência com Neves.

a Unifor – Universidade de Fortaleza (Figuras 35 e 36), inaugurada em 21 de março de 1973. A instituição de ensino era mais um empreendimento do Grupo Edson Queiroz, o mesmo empresário que se tornou cliente e amigo de Arialdo logo quando de sua chegada em Fortaleza.

**Figura 35 - Maquete da UNIFOR**



Fonte: Acervo Arnaldo Pinho (neto).

**Figura 36** - Em primeiro plano, a capela da Unifor, com suas linhas modernas, cuja autoria do templo é creditada a Pinho, assim como, a reitoria e alguns setores de aulas



Fonte: [www.unifor.br](http://www.unifor.br). Acesso em 16.04.2016.

A parceria duradoura vivenciada com Neves rendeu significativas edificações empresariais na cidade. Neste convívio, ficou clara a divisão financeira: o oficial assinava as obras do prático, livrando-o de qualquer iniciativa que viesse a fragmentar a produção intelectual.

### *3.6. Mar verde, Céu azul*

No final da década de 1970 e início da seguinte, Arialdo continua publicizando os seus serviços na imprensa local, aparecendo na coluna social de Lúcio Brasileiro (a quase totalidade das aparições), e assumindo uma postura segura de si, no trato das informações e da própria imagem, tratada como grife (Figuras 37, 38, 39 e 40).

**Figura 37** - As inúmeras atribuições que designava a si estavam elencadas nas penalidades previstas na citada lei. Arialdo era, a depender do serviço, assumia a profissão de decorador, design, ambientalista. Para a assinatura dos projetos de móveis, assinou “ARIALDO PINHO - DIAGRAMAÇÃO DE INTERIORES”



Fonte: Acervo Alberto Pinho.



**Figura 38** - Anúncio de condomínio residencial “privê” na praia de Icarai, distante 22,40 quilômetros de Fortaleza, projetado por um Arialdo “ambientador”, início dos anos 1980, traz a proposta de segurança máxima e detalhes, como o uso de palhas, mobiliário em concreto (camas, armários e sofás), numa “versão cearense bem cosmopolita” e projetado “para quem quer estar em comunhão com a natureza”. Na área de lazer, um símbolo da juventude endinheirada do momento: quadra para patinação

# Arialdo Pinho,


**ele próprio, apresenta sua mais nova criação.**

“Quando a Construtora Mendes & Chaves me pediu que projetasse uma ambientação para o condomínio privê, mas privê mesmo, no Icarai eu senti a possibilidade de fazer uma proposta definitiva. E me apaixonei tanto pelo trabalho que faço questão de apresentá-lo. O Condomínio Privê das Dunas me deu liberdade para exercer a criatividade e conceber o que seria uma versão cearense de conceitos bem cosmopolitas. Partii de um espaço generoso e decidi integrar o projeto à paisagem exuberante e tropical. O resultado nos deixa emocionado. São apenas 19 casas, totalmente isoladas. É o que se pode chamar de privacidade levada às últimas consequências. Além de um padrão incrível de acabamento, as casas têm uma identidade. São casas de praia, com todo o charme que isso exige. Têm varandas, um lay-out arrojado e coerente para quem quer estar em comunhão com a natureza, em paz, além da vantagem de armários, sofás e camas de concreto, tudo muito prático, mas sem perder o charme. Ao projeto se integra uma área de lazer também de primeiríssima classe com piscina, sauna, quadras de esporte e para patinação, playground, palhoças dando o toque criativo do aproveitamento da palha. Tudo isto reflete uma preocupação da Construtora Mendes & Chaves e nossa com uma concepção arrojada e contemporânea, coerente com o ritmo do nosso tempo e com o nível de exigência de pessoas muito especiais. Por tudo isso eu fiz questão de apresentar — eu mesmo — esta ambientação. Eu me enviaço de ser seu autor”.




**Condomínio Privê das Dunas**

Planta do pavimento superior




Planta do pavimento inferior




- Casas com 2 pavimentos: 4 quartos (sendo 3 suítes), sala de jantar e estar, varandas, dependências de empregadas, área de serviço.
- Casas com 1 pavimento: 3 quartos (sendo 2 suítes), sala de jantar e estar, varanda em L, dependências de empregadas e área de serviço.
- Área de lazer com: piscina, playground, quadras de esporte, quadra de patins e dança, palhoças.
- Vaga na garagem para dois carros.

Lançamento da  
**Construtora Mendes & Chaves Ltda.**  
Av. Aguanambi, 795 - Fones: 231.2944 e 231.6844  
Financiamento garantido pelo Sistema Financeiro da Habitação.  
Recebemos seu FGTS.

Fonte: Jornal O Povo, Fortaleza-CE, 1983 [sem página]

Figura 39 - O mesmo anúncio titulado com a fala de Arialdo

Condomínio  
Privé das Dunas



**“Para quem quer estar em paz com a Natureza.”**  
Arialdo Pinho

Você atingiu um status econômico e social e agora quer gozar a vida, com liberdade e contato com a natureza. Chegou a hora de você conhecer o Condomínio Privé das Dunas, no Icaraí. Casas com 2 pavimentos: 4 quartos (3 suítes), sala de jantar e estar, varandas, dependências de empregadas, área de serviço. Casas com 1 pavimento: 3 quartos (2 suítes), sala de jantar e estar, varanda em L, dependências de empregada e área de serviço.

Área de lazer com piscina, playground, quadras de esportes, patins e dança, palhoças. Vaga na garagem para dois carros. Todo o projeto de ambientação com a assinatura de Arialdo Pinho.

Vendas:  
Construtora e Imobiliária Nossa Senhora de Fátima Ltda.  
**Construtora Mendes & Chaves Ltda.**  
Av. Aguanambi, 741 – Bairro de Fátima  
PABX 231.6844

Financiamento Garantido Sistema Financeiro de Habitação. Use seu FGTS.

Fonte: Jornal O Povo, Fortaleza-CE, 19.03.1983, p. 26.

Figura 40 - Selinho do escritório da Av. Monsenhor Tabosa, em Fortaleza, divulgava o serviço de ambientação

grandioso. Tudo bem brasileiro.

AS  
AS

das três PDS há eza em jejo do sta de ros da para o ado.

antes

**ARIALDO  
PINHO**  
ambientação  
MONSENHOR TABOSA, 71

RE

• O Passos há bit principi televis todas

• A progra Dilerm Sfat, esta v

Fonte: Jornal O Povo, Fortaleza-CE. Arquivo sem data e sem paginação.

Alguns documentos foram fornecidos por diferentes fontes: um dos netos de Arialdo, Arnaldo Pinho, cedeu algumas fotografias e documentos que estavam em poder da segunda esposa do avô, Sulamita Studart. Como partes do acervo, um documento datilografado, cópias de trabalhos publicados em revistas e fotografias, conforme devidamente apresentado em páginas anteriores da tese.

Dessas publicações, uma seria a casa de praia elencada para figurar numa revista de arquitetura, cujos créditos eram “Projeto de Arialdo Pinho” (Figura 41)<sup>75</sup> e em outra casa de veraneio, “O arquiteto Arialdo Pinho” (Figura 42).

**Figura 41** - Destaque de projeto em revista. No canto inferior direito, “PROJETO DE ARIALDO PINHO. FORTALEZA-CE”, sem mencionar a função



Fonte: Projetos Especiais Revista Casa & Jardim – Fortaleza. Acervo Arnaldo Pinho (neto).

<sup>75</sup> Supõe-se de que esta residência na praia do Cumbuco fora projetada para o alemão Hans Schmitdner, com quem Arialdo teve estreita relação. O prático foi autor de diversos projetos para a rede de lojas de departamentos, Casas Pernambucanas. Na publicação acima, o “sofá de alvenaria estofado com tecido estampado das Casas Pernambucanas”.

**Figura 42** - Projeto “em estilo moderno” na praia de Cumbuco. Ambientes integrados, cobertura aparente e estrutura em concreto armado. As pilastras e divisórias assemelham-se à residência projetada para a família Faria, em Natal



Fonte: Projetos Especiais Revista Casa & Jardim – Fortaleza. Acervo Arnaldo Pinho (neto).

“Aconhego em dois níveis”, o título de outra matéria fotográfica, traria o partido e os pormenores da edificação, em sóbrios ângulos em preto e branco, comuns a este tipo de veículo (Figura 43). Esta imagem é emblemática para se perceber pormenores “da imagem” de Aivaldo. Paulo Pinho cede diversas fotos da família para complementar e acrescentar novas informações à tese. Das diversas fotografias, apenas uma era em cores e se diferenciava das demais, exibindo diversas pessoas usando a área de lazer e a varanda da casa de praia projetada por Aivaldo na praia de Cumbuco, litoral norte do Ceará. Através dela, era possível perceber as sociabilidades que aconteciam no uso daqueles espaços: a felicidade de Sulamita à piscina, o casal sorridente posando como bebê sentados nas cadeiras de madeira em formato de “x”, sob a sombra da varanda que se voltava para área aberta, a mesa de “pingue-pongue”, xodó do dono da casa, que aparece de costas com outras pessoas no mesmo ambiente. Ou seja: uma cena típica de um domingo de Sol, que, entretanto, revelar-se-ia como a mesma imagem da revista de arquitetura (Figura 44). O desenho da piscina e a posição de sua escada, a cobertura aparente, o piso do ambiente e as pilastras trapezoidais, mormente identificadas nas duas ocasiões, trariam a inabitual situação: a revista elege o projeto da própria casa de praia do prático para a edição especial, omitindo esta informação.

**Figura 43** - Projeto retratado para uma matéria em revista de arquitetura do Ceará, não informa a inexistência de cliente; a real destinação seria a própria família



**Figuras 44** - A casa de praia da família de Arialdo Pinho e a área de lazer proporcionando diversos usos e sociabilidades



Fonte: Acervo Paulo Pinho.

Uma matéria publicada no Caderno Imobiliário de O Povo (Figura 45), veiculado semanalmente, dedica 50% do espaço para texto e uma grande foto do prático em seu escritório. Com vieses publicitários, trata de diversos assuntos relacionados à decoração de interiores, tanto, que Pinho é referenciado como decorador. De acordo com seu depoimento, tem-se o conhecimento da grandiosidade do seu escritório, composto por nove profissionais – dentre os funcionários, havia dois arquitetos: Eduardo Tadeu Orcioulo e Aristeu Franco Júnior. Detalhista e ligado às questões ambientais, revelou que “um projeto de ambientação pode chegar a ter entre 25 e 30 pranchas”. Na oportunidade, confidenciou a existência de uma prancheta no quarto de dormir, “por necessidade de rabiscar, pôr no papel tudo o que imagina”. A conversa entre o prático e o paisagista Roberto Burle-Marx em Fortaleza (Figura 46) também foi motivo de registro na imprensa.

Figura 45 - Assumindo a profissão de decorador numa matéria para Caderno de Decoração, Pinho divulga a quantidade de profissionais do escritório: nove

O POVO

Fortaleza, Ceará, Brasil - Sexta-feira, 18 de julho de 1980

33

# Arialdo Pinho: Sempre criando e projetando ambientes



Arialdo Pinho falou nesta semana ao Caderno Imobiliário sobre decoração. Ao invés de se restringir puramente ao plano das sugestões, ele fez uma análise dos problemas e das várias etapas de trabalho que envolvem um projeto de ambientação, mostrando ainda as implicações - algumas muito sérias - que o planejamento, a escolha de móveis, e sobretudo das cores, pode trazer aos habitantes de uma residência.

O decorador Arialdo Pinho esteve mostrando o rascunho de um projeto de ambientação, explicando as diversas fases que o mesmo encerra. Pelo menos pode ser observado que a maioria dos casos, as pessoas sentem dificuldades em exteriorizar essa preferência. É exemplificando para alguns, a preferência é dispensável ou luxo ou o requinte no quarto, enquanto que outros fazem questão de ter, até mesmo objetos de trabalho. Essas

pessoas, contudo, se inibem de "abrir o jogo", acontecendo que uma dona de casa pode desejar, em determinada dependência da casa, um objeto que lhe possa parecer estranho ao ambiente, então ele esconde esse desejo do projetista. Acontece, segundo Arialdo Pinho, que alguns psicólogos em defendido essa interação entre pessoa, ambiente e objetos. Acham os psicólogos que a não ocorrência dessa união pode acarretar frustrações e insatisfação. Para ilustrar, Arialdo disse que em sua casa há prancheta de desenho no quarto de dormir. Isto porque ele tem necessidade de "rabiscar, por no papel, tudo que imagina".

Igual cuidado - diz Arialdo Pinho - deve-se ter com relação às pessoas que convivem ou convivem em zona rural. Essas pessoas estão acostumadas a ter em suas residências grandes espaços. As salas são enormes, os quartos são grandes, e fica difícil, para estes proprietários, habitarem casas com cômodos de 3mx4m, por exemplo. É aí onde entra a sensibilidade do decorador, preenchendo adequadamente este espaço, através de um

trabalho orientado em função das preferências do proprietário.

**CONHECER ANTES** Segundo o decorador Arialdo Pinho, é de grande importância conhecer antes, essas tendências das pessoas. Um aspecto indispensável é o que se relaciona com o descobrimento das reações que as pessoas têm para com determinadas cores. Para ele, o importante não é apenas julgar que "cor combina com tal", "cadeira de tal cor", é bonita e vai bem. Mais importante, é saber se o proprietário de casa já decorou, convive bem com aquela cor. Para Arialdo e seus companheiros de trabalho, sem essa conversa antes, o profissional corre o risco de ter que também pode ocorrer quando se tem que enfrentar um prazo pequeno para entrega do projeto. É por isso, disse ele, que as pranchetas podem levar vários dias para serem detalhadas, no entanto, o projeto já sai com indicações quanto ao tipo e modelo de luminárias, de móveis estantes, e armários, tapetes, etc, tudo já inclusive com a referência do fabricante.



Arialdo Pinho, amadurece com sua equipe os conceitos sobre ambientação

**A SOLUÇÃO** Os arquitetos Eduardo Tadeu e Aristeu Franco, bem como o decorador Arialdo Pinho estão de acordo com um ponto de vista: o de que hoje é mais do que nunca necessário manter o homem ligado à natureza, preservando o verde existente e levando, na medida do possível, os elementos naturais para dentro de casa. Contudo, eles acham também que a atual estrutura arquitetônica das cidades não permite sendo a arquitetura de

interiores com base em peças naturais a solução. Dessa forma, eles julgam essencial a utilização de plantas, madeira, flores etc. Tudo que é elemento natural enriquece a decoração, proporcionando uma ambientação saudável e agradável aos habitantes.

Outra preocupação de Arialdo Pinho e sua equipe, diz respeito à preservação dos valores históricos. Para eles é de suma importância, ambientar uma edificação preservando suas características

originais. Assim, mesmo colocando tres, luminárias, móveis e arcos, armários e mesas, em desenho característicos da época original da época da construção. Caso bem recente, é o projeto de ambientação que eles estão elaborando para a Associação Comercial, no qual são conservadas todas as características próprias da época em que o prédio foi construído. Arialdo finalizou dizendo que a tendência é de que as construções passem, em ritmo acelerado, a

recrescerem na vertical, uma tendência inevitável, que permitirá a melhor convivência das famílias, e que portanto vai requerer, por parte de arquitetos e decoradores, um cuidado bem mais intenso na procura de soluções, que permitam levar a natureza para as dependências de apartamento. Isto será conseguido exatamente com a ambientação utilizando elementos naturais que unirá o útil ao agradável nesta era de progresso urbano.

## ESTANTE a solução para o cantinho inútil



Uma estante bem encaixada a primeira linha a ser definida no design do móvel é adaptá-lo ao espaço e à conformidade do vão. Executada em módulos de compensado de 20 mm de espessura com 32 cm de profundidade, forrados em laminado plástico. Todas as peças são perfuradas de maneira a possibilitar a regulagem de altura das prateleiras, cujas distâncias variam em múltiplos de 20 cm (ou seja, a base é sempre de 20 cm). Cada divisão, além dos nichos verticais para discos e da "colmeia" para garratas e/ou revistas enroladas, pode receber outros elementos, como gavetas e portas de vedação. Como se vê, o móvel permite mil e uma composições a partir de uma altura-base para cada compartimento.

"Estou terminando a construção de minha sala e gostaria de instalar uma estante para a decoração da sala, da TV, copa e cozinha. Na decoração da sala, quero um móvel em madeira, em cerâmica. Na cozinha, prefiro colocar gabinetes e armários em vidro, geladeira e armários."

Maria Amélia  
"Na sala de TV, acompanho o estilo de paredes e construo uma bancada, em tampo aglomerado que deverá formar, nas extremidades, as mesinhas laterais, com tampo em madeira. As divisórias, para assento e encosto, vão poder fazer em tecido bem bonito, estampado em tons de amarelo. Na copa, uso um conjunto de vime: a mesa redonda deverá ter tampo de vidro e o móvel abrigará toda a louça. Cortina de papel, em tons crus. Para a distribuição, na cozinha, siga o esquema indicado na planta."

Neste caderno temos um cantinho muito especial para as donas de casa, para os decoradores, para as pessoas de bom gosto. Vamos sempre mostrar soluções para alguns problemas que surgem quando você quer reformar ou construir uma casa, quando você quer colocar objetos adequados em ambientes.

Hoje, atendendo a uma consulta de uma leitora, já mostramos aqui uma sugestão para o uso do espaço existente na sala de TV e outra de uma estante bem encaixada, num vão estreito, aproveitável sob o plano de uma cômoda. Mantendo o cantinho não preso de um hall de passagem, sem muito desperdício, este móvel, modulado, pode reunir várias áreas e funções: biblioteca, adega, além de poder expor, abrigar, ornamentar e decorar, criando um traço de continuidade com o ambiente também modulado disposto na parede lateral.



Agora o negocio se fará com segurança

**VIM** Serviço de proteção imobiliária (SPI).

INVENTÁRIO - C/ FINANCIAMENTO INCLUSIVE - LOTEAMENTO - DESPEJO - RECUPERAÇÃO - REGULARIZAÇÃO - COM - PRA E VENDA (ATENDENDO A AUSENTES DO ESTADO) TUDO, EM IMÓVEIS, SOB A SUPERVISÃO DO ADVOGADO.

**VILEBALDO MONTEIRO**

UMA GARANTIA DE NEGÓCIO SEGURO SOB A FORMA LEGAL.

Palácio progress Conj. 312/314 - tel. 22675 73

**EDIFÍCIO GELSON PEREIRA**

**MORE BEM VIVAMELHOR APARTAMENTOS DE LUXO**

ARQUITETOS: Arquivista Paulo Cavalcanti e Eduardo Araújo Soares

CONSTRUTORA: CONSTRUCO

Dir.: José Roberto Cruz Cabral

**NO LADO DO ATLÂNTICO**

FINANCIAMENTO DE SEUS COM A MARGEM DE 20%

**EDIFÍCIO GELSON PEREIRA**

Blocos individuais  
Antena coletiva  
Centralização de gás  
Painéis eletrônicos  
Sub-estação abastecedora (estabilização-voltagem)

Suíte, dois quartos sociais, sala/jantar, quarto serviço e banheiro, copa/cozinha, serviço, garagem p/ dois veículos no subsolo, espaço p/ reuniões sociais, jardim, piscina e playground

Um projeto muito arrojado, dentro das exigências para se morar bem e viver melhor.

**FOUPANÇA A CONSTRUIR**

**PREMIOS** IMPREMIOS IMOBILIÁRIOS LTDA. Rua São Paulo, 33 - 11.000 - 608 Fones: 226-8648 e 221-9974

Também de vendas em: Fortaleza - Fone: 224.7113

**Figura 46** - Em Fortaleza, Roberto Burle-Marx faz visita ao colunista Lúcio Brasileiro. Na ocasião possibilita o encontro do prático com o paisagista



Fonte: Acervo Arnaldo Pinho [neto].

As informações publicadas nesta matéria permitem que se tenha conhecimento do tamanho e volume trabalho do escritório de Arialdo Pinho, comprovados pelos nove profissionais ao todo. Aos 53 anos, ele continuava produzindo nas áreas que dominava e, de acordo com a fonte documental acima, abria espaço laboral para outros talentos. Ou seja: a atitude formadora, que ainda marca fortemente as carreiras de Delberg Ponce e Fausto Nilo até os dias atuais.

O próximo capítulo irá mostrar como as ideias de Arialdo Pinho foram explicitadas nas habitações que projetou em Natal. Através do diálogo entre as iconografias e trechos dos depoimentos orais, será conhecida a sua contribuição para a produção modernista de Natal.



*Ode*

*Porque, enfim, tudo passa  
Não sabe o Tempo ter firmeza em nada  
E a nossa vida escassa  
Foge tão apressada  
Que quando se começa é acabada*

*Luís Vaz de Camões*

## CAPÍTULO 4 – PRÁTICAS POSSIBILIDADES

### *4.1 - Das ideias circundantes*

Os caminhos intelectuais seguidos por Pinho foram primordiais para a construção de seu repertório cultural, com repercussão nos resultados de seus projetos. Nas décadas de 1950 e 1960, circulavam no país diversos veículos impressos voltados para a arquitetura, ambientação e decoração, com temas plurais abrangendo engenharias como as elétricas e sanitária. Eram publicações regulares, que abasteciam diretamente três vertentes: os profissionais sem diploma, a clientela interessada nas novas formas de morar e disposta a contratar essa categoria, e o mercado consumidor de novas matérias-primas (pisos, revestimento de superfícies etc.). Destas, *Sugestões Arquitetura e Decoração* foi elencada como consoante a esse ideário possível de ser alcançado e vivido, de acordo com a didática publicação. Os alumbramentos intelectuais proporcionados pela extensa e diversificada biblioteca do prático e a influência que ele teve como formador de jovens desenhistas – e que viriam a ser arquitetos e urbanistas – complementam as questões propostas para a seção.

A abertura às ideias norteava o urbanismo internacional, aportando no Brasil na forma de congressos e exposições, que trouxe ao país nomes de relevo como Le Corbusier em 1929, com o intuito de propagar entre profissionais e na Academia as causas do urbanismo moderno no Rio de Janeiro e em São Paulo. A disseminação intelectual em crescente também se fazia estimulada pela chegada, nos grandes centros, de livros, artigos e revistas exclusivas voltadas para o tema, que contribuía para solidificar e formar um público específico, cuja pluralidade de acervos culturais permitia esboçar a erudição dos profissionais que consumiam e difundiam as ideias relacionadas ao desenvolvimento urbano. A professora Maria Cristina da Silva Leme (2009) traceja essa influência, como práxis de relevo a ser considerada. A pesquisadora anuncia sinais dessa prática:

Anotações às margens de obras da biblioteca de Luiz Ignácio de Anhaia Mello, doadas à FAU USP e de Prestes Maia na Biblioteca Municipal Kennedy, permitem acompanhar a forma como dialogam com as obras de urbanistas alemães, franceses, americanos, ingleses, adquiridas logo em seguida à data de sua publicação (LEME, 2009, v. 1, p.78).

A abrangência e a penetração de produções editoriais regulares nas duas citadas décadas foram trabalhadas por Fúlvio Teixeira Pereira (2008), cuja dissertação trata da propagação da arquitetura modernista na capital paraibana e elenca publicações que circulavam pelo país poucos anos depois do pós-Guerra:

Estimulada pela repercussão no exterior, por volta dos anos 1950, havia no país uma privilegiada divulgação da produção arquitetônica nacional. Nas palavras de Segawa (1982, p. 46): “Nunca o arquiteto brasileiro teve tantas publicações nacionais à disposição como na década dos anos 50 e início dos 60”. Revistas como *Habitat* (1950-1965), *Brasil Arquitetura Contemporânea* (1953-1958), *Arquitetura e Decoração* (1953-1958), *Forma* (1954-1955), *Módulo* (1955-1965), *Brasília* (1957-1962), *Bem Estar* (1958-1960), *IAB* (1958-1959), *Espaço* (1959-?), *Arquitetura*<sup>7</sup> (1961-1968) surgiram nesse momento e se uniram às publicações anteriores – como *Acrópole* (1938-1971) e *Arquitetura e Engenharia* (1946-1965) (PEREIRA, 2008, p. 17).

Pereira traz uma assertiva que permite compreender a diversidade de publicações voltadas para a classe, principalmente, quando se verifica que o conteúdo de alguns desses periódicos trazia embutido em seu perfil editorial, numa época em que, das sete escolas de arquitetura existentes no país, só duas funcionam na Região Nordeste na década de 1960: em Recife e Salvador. Ademais, essa diversificação revela a existência de público leitor para os assuntos abordados e mercado comercial de produtos voltados à arquitetura e construção, justificado pelos anúncios postados. Entre conteúdo e circulação, o pesquisador relata que as revistas que circulavam pelo território nacional eram objetivas quanto à mensagem, ao mesmo tempo em que as tornavam atrativas para um público mais abrangente do que o, a princípio, um observador desavisado não perceberia o alcance das mensagens ali impressas. De acordo com Pereira,

Soma-se a isso que tais divulgações não eram desprovidas do desejo de persuadir ou convencer seus leitores, fosse ao estabelecer modelos ou ao valorizar determinadas correntes em detrimento de outras. A

revista Acrópole, editada em São Paulo, é apontada por Segawa (2002, p. 152), como um importante instrumento para divulgar nacionalmente o que lá se realizava. E, conforme Serran (1988), “a revista Arquitetura (1961-68), editada no Rio de Janeiro, era o principal veículo que homogeneizava o pensamento da categoria” (PEREIRA, id. p.16)

Algumas publicações do gênero destinavam-se a um público leitor, levando-lhes conteúdos informativos com teores de convencimento ao que se propagava, naquele momento, como opção do viver/morar “moderno”, com propostas que abdicavam da mesmice e apego ao *velho* e antigo, incompatíveis com o que se esperava da *nova* família. Em algumas capitais, como ocorreu em Natal, essas edições já circulavam antes da chegada dos arquitetos formados ao mercado local, evidentemente, anos anteriores à criação do curso universitário. De modo que, a penetração dessas revistas atingia, na década de 1950, por exemplo, pequenas cidades da Região Nordeste:

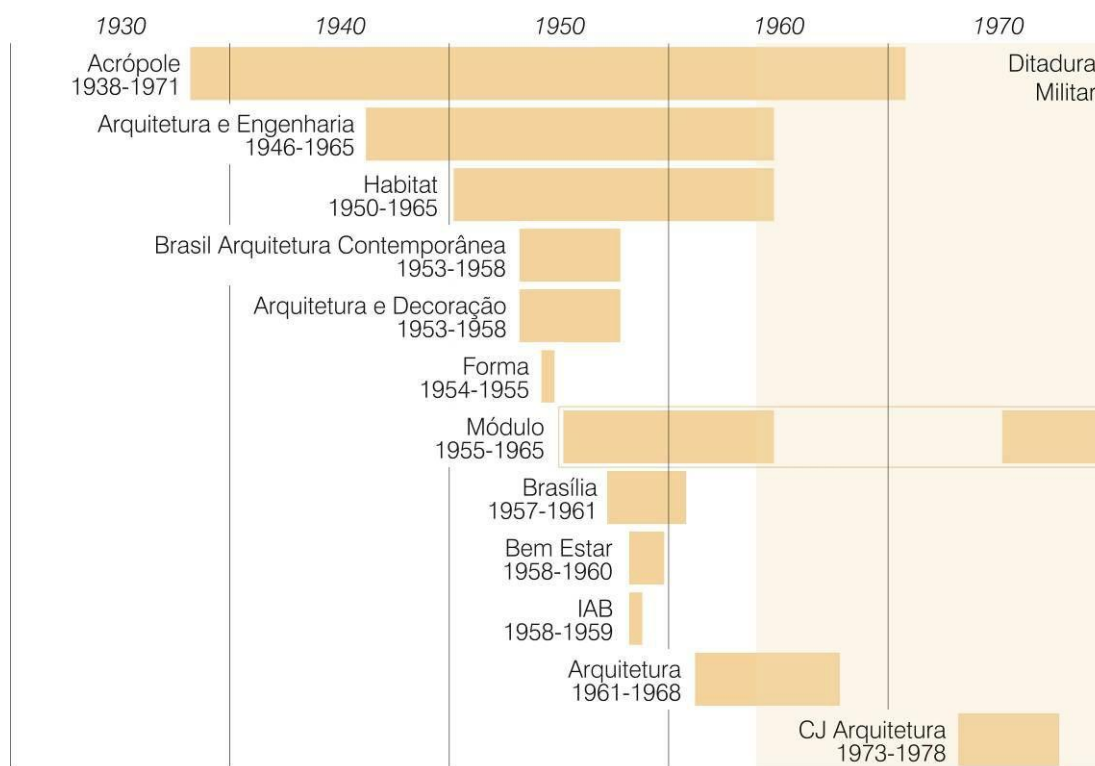
Conforme publicidade veiculada nesse mesmo título (ARQUITETURA agora..., 1968, p. 1), eram cerca de duas mil as cidades que recebiam seus exemplares e “acompanhavam o que se faz hoje [1968] no Brasil em matéria de arquitetura e planejamento”. Ilustravam essa afirmação desde cidade de porte médio ou situada na região mais desenvolvida, como Juiz de Fora/MG<sup>76</sup> e Parati/RJ, até pequenas cidades do interior do Nordeste, como Itapagé/CE e Pilar/PB [...] (PEREIRA, *ibid.*, p.17)

A possibilidade de comprar e escolher publicações desse gênero com circulação regular tornaram tais produções editoriais imprescindíveis para a criação arquitetural de alguns profissionais, como os engenheiros, e em especial, por serem produções com ilustrações e certo caráter didático, uma ferramenta eficiente para a prática dos desenhistas. Fúlvio Pereira registra as revistas em voga no País (Quadro 2); algumas, como a Acrópole, Habitat e Módulo, citadas por alguns recordadores e encontradas no acervo de Arialdo Pinho.

---

<sup>76</sup> Conforme Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2002d), no ano de 1968, a cidade de Juiz de Fora/MG tinha 194.135 habitantes, Parati/RJ, 16.085, Itapagé/CE, 31.601 e Pilar/PB, 15.056, enquanto João Pessoa, na mesma época, possuía 189.096 habitantes.

**Quadro 2** - Cinco décadas de publicações com assuntos voltadas para a arquitetura: Quadro histórico das revistas brasileiras de arquitetura.



Fonte: Fúlvio Teixeira de Barros Pereira. Difusão da arquitetura moderna na cidade de João Pessoa (1956-1974). Dados: REVISTAS..., 1963, p. 201-3; SEGAWA, 1982, p. 42, 47; SEGAWA, 2002, p. 130, 191. USP – São Carlos, 2008, p. 14.

Em Natal, a Agência Pernambucana consolidava-se como um dos principais locais onde se podia comprar revistas semanais se localizava no bairro da Ribeira, na pequena, porém a mais elegante da cidade avenida da cidade, Avenida Tavares de Lyra, que desembocava no cais do rio Potengi. Ali, a efervescência cultural da cidade ainda reverberava os ecos da sua *Belle Époque* tardia e os respingos recentes do findar da Segunda Guerra, quando o sítio transformou-se no epicentro do comércio, das decisões políticas, da cultura e lazer citadinos. Algumas obras tinham público fiel na cidade, consumidores de produções editoriais que chegavam da Região Sudeste e abasteciam o acervo do estabelecimento (Figura 49).

[...] vizinho ao famoso Cova da Onça, centro cultural da fofoca, do *gossips* de Natal [...] tudo que vinha de revista do Brasil e até do estrangeiro, se comprava na Agência Pernambucana. [...] As revistas de fora, preferencialmente da Argentina: tinha uma revista da Argentina chamada *Mi Casita*, uma série de desenhos de obras feitas em Buenos Aires, em Montevideu, e algumas do Brasil, onde havia um catálogo de projetos arquitetônicos para copiar. Então, esses *caras* [OS PRÁTICOS], como tinham talento para a arquitetura, natural, ao lerem uma revista como aquela: começavam a ver que a sala não era igual àquela que se fazia em Natal. [...] eles foram tirando conclusões. [...] sabiam expressar aquilo em forma de desenho.<sup>77</sup>

Não muito distante da Agência, localizava-se o Grande Hotel, meio de hospedagem de alto padrão, onde anos seguidos havia sido a casa da família do proprietário Teodorico Bezerra, pai do engenheiro Kleber Bezerra (futuro morador de residência projetada por Arialdo). Por sua vez, os frequentadores Fred Rossiter e seu irmão Carlos Sizenando, em “Dos Bondes ao Hippie Drive-In. Fragmentos do cotidiano da cidade do Natal” (2009), relatam curiosidades acerca da Agência:

A fonte de distribuição de revistas em Natal era a Agência Pernambucana, localizada na Avenida Tavares de Lira na Ribeira, pertencente a um amigo do meu pai chamado Luis Romão de Almeida (1900-1987). Esse cidadão já era conhecido por ter introduzido desde a época da II Guerra, o serviço de radiodifusão que reproduzia os noticiários da BBC de Londres, utilizando 23 alto-falantes espalhados por diversos pontos na Cidade Alta, Ribeira e até no Alecrim. Romão transmitia também avisos de interesse geral, músicas e algumas poucas notícias (ROSSITER, 2009, p.287).

A contribuição literária foi a maior escola e divulgação de periódicos para os práticos na década de 1950. Desperta-se à atenção para estes caminhos individuais que foram basais para a formação intelectual de Pinho. Vasto em suas ideias e hábil executor delas, valia-se dessas publicações impressas que o ajudaram a compor seu repertório cultural. Acerca dessa versatilidade, Moacyr Gomes ressalta ser restrita, em se comparando com os conhecimentos ofertados pela Academia. De modo que, a venda, principalmente, de revistas voltadas para a arquitetura, engenharia, mobiliário e técnicas construtivas era fator consolidado em Natal.

---

<sup>77</sup> Moacyr Gomes, entrevista concedida em 17 de outubro de 2015.

**Figura 47** - Recorte sobre foto da Agência Pernambucana



Fonte: <<https://www.facebook.com/flavio.resende.5?fref=ts>> Acesso em: 17.04.2016.

#### 4.2 – De Sugestões pronunciadas

Esta etapa da pesquisa proporcionou ascender a outro importante acervo: as publicações voltadas para a arquitetura pertencentes ao arquiteto e urbanista natalense Haroldo de Albuquerque Maranhão. Na ocasião, foi possível ter acesso a uma fonte até o momento não encontrada: a possibilidade de manusear, fotografar e filmar quatro exemplares da revista *Sugestões Arquitetura e Decoração*, publicada em 1956, cuja tiragem à época havia sido de 20 mil exemplares. Publicada pela Companhia Editora e Comercial F. Lemos, bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, era dirigida por três membros: Fernando Iehly de Lemos (fundador) e Eugênio Iehly de Lemos, ambos desenhistas, juntamente com o engenheiro Nilo Colonna dos Santos (Diretor Presidente da firma construtora Cavalcanti Junqueira S/A)<sup>78</sup>.

A numerosa equipe contava em seu quadro funcional com colaboradores com o responsável pela publicidade, desenhistas, retocadores, e projetos por F. I. Lemos & Cia. Ltda. Em suas páginas podiam ser encontradas seções com projetos (e detalhes desses), decoração, informações técnicas e material de construção, além de plantas, esquemas, perspectivas e questionário onde o cliente poderia preencher e solicitar o preço da obra. Percebem-se, inclusive, que a semelhanças visuais com algumas soluções contidas nas residências projetadas por Arialdo Pinho em Natal.

<sup>78</sup> Fonte: <<https://www.abbr.org.br/abbr/historico/historico.html>>. Acesso: 15.10.2016.

A revista trazia como proposta editorial “inspirar e estimular o desenvolvimento da nossa arquitetura, oferecendo, em suas páginas, elementos propícios a imprimirmos modernos e funcionais às construções civis, quer urbanas ou rurais”. A primeira Assembléia Geral de Constituição da empresa, ocorrida em 10 de setembro de 1949 e publicada no Diário Oficial da União<sup>79</sup> no dia 28 do referido mês, traz no Art. 2º o subsequente conteúdo:

O objeto da Companhia é: a) editar albuns e revistas instrutivas sobre arquitetura, decoração e engenharia; b) organizar e imprimir folhetos técnicos, comerciais e industriais; c) imprimir circulares, cartas, cartões e demais material de expediente ou propaganda; d) fazer e) vender estudos de propaganda; cópias e detalhes dos projetos que forem publicados nos albuns e revistas; f) executar outros quaisquer empreendimentos de interesse da Companhia relacionados com os itens acima (D.O.U, 1949, p.51)

Oficiosamente, porém, na convicção de ser contemporânea, porta-voz “amiga” do cliente (in)voluntário, chegava a classificar “o certo” e o “errado” das habitações (Figuras 48 e 49). Suas páginas eram preenchidas com informações técnicas, a pluralidade de opções de plantas, volumes, fachadas, dicas de manutenção de piso, anúncios que misturavam gravuras e textos, e fotografias das habitações, opções ao alcance de quem estava propenso a fazer parte daquele estilo de vida confortável, construído com matérias-primas não usuais, cuja vida, mesmo rural, poderia acompanhar o desenvolvimento da vida e das relações urbanas (Figura 50). *Sugestões Arquitetura e Decoração* trazia pequenos trechos em inglês e espanhol, notadamente em seções cuja nomenclatura tendia à internacionalização, subtendendo, assim, consonante à massificação desses termos.

Diferenciando-se de revistas em que a lombada continha grampos de metal para afixação das páginas, o volume número 6 trazia diversos croquis em policromia com encadernação em espiral, aparência de caderno, manuseio e conteúdo de apostila (Figura 51), didatismo (Figuras 52 e 53). A publicação também traz a casa moderna para a classe popular, passível de ser adquirida por este público; o bem imóvel e suas inovações era uma realidade possível, sugerindo modernidade à casa popular (Figura 54). O propenso proprietário encontraria, inclusive a planta com instalações elétricas e

---

<sup>79</sup>Fonte: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2672198/pg-51-seciao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-28-09-1949>>. Acesso em: 15.10.2016.



hidráulicas para a habitação popular (Figura 55), perspectivas humanizadas – inclusive – com o direcionamento do caminho a ser traçado para se adentrar (Figura 56), assumia sua linha editorial ao eleger o que, naquele momento, os editores consideravam o que era certo e errado no estilo. Não haveria espaço para o errado, não se poderia mais morar numa edificação antiquada, a vida e os novos tempos, de acordo o conteúdo de *Sugestões*, pediam outras conquistas, explicitadas na missão da publicação.

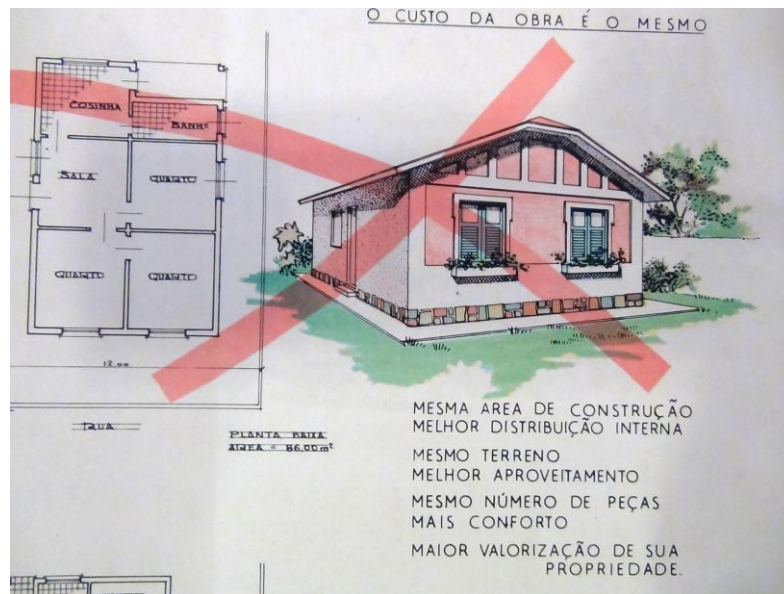
Não obstante houvesse dúvida acerca do investimento, a revista buscava dirimir estas questões; opções de tamanho, modelos e materiais de portas e janelas (Figura 57). Dicas de ambientação eram diversas. A satisfação do cliente era tratada pela linha editorial da revista, pelo teor de profissionalismo dos serviços que compunham inúmeras propostas, em tom de convencimento: “Apartamento bem estudado, negócio realizado”, diz a revista número 5, ou até mesmo em tom irônico (Figura 58).

**Figura 48** - À esquerda, o errado (com “fachada primitiva”)



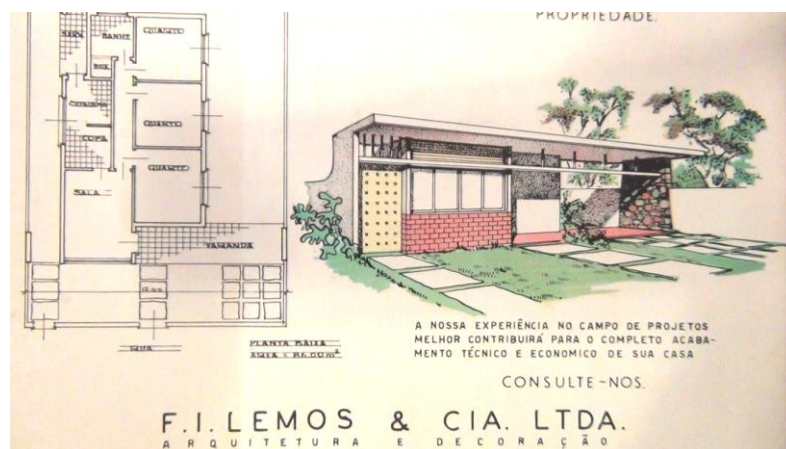
Fonte: *Sugestões Arquitetura e Decoração*, nº 6, 1956. Acervo Haroldo Maranhão.

**Figura 49** - No *frame*, o custo-benefício permanece e o programa organizava a distribuição dos compartimentos. Não haveria *espaço para o errado*



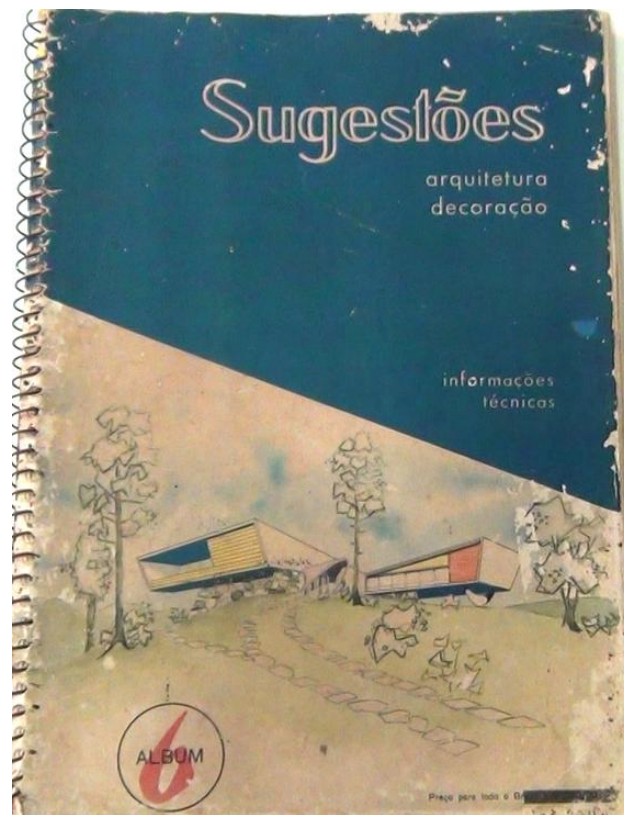
Fonte: Sugestões Arquitetura e Decoração, nº 06, 1956. Acervo Haroldo Maranhão.

**Figura 50** - Experiência com resultado



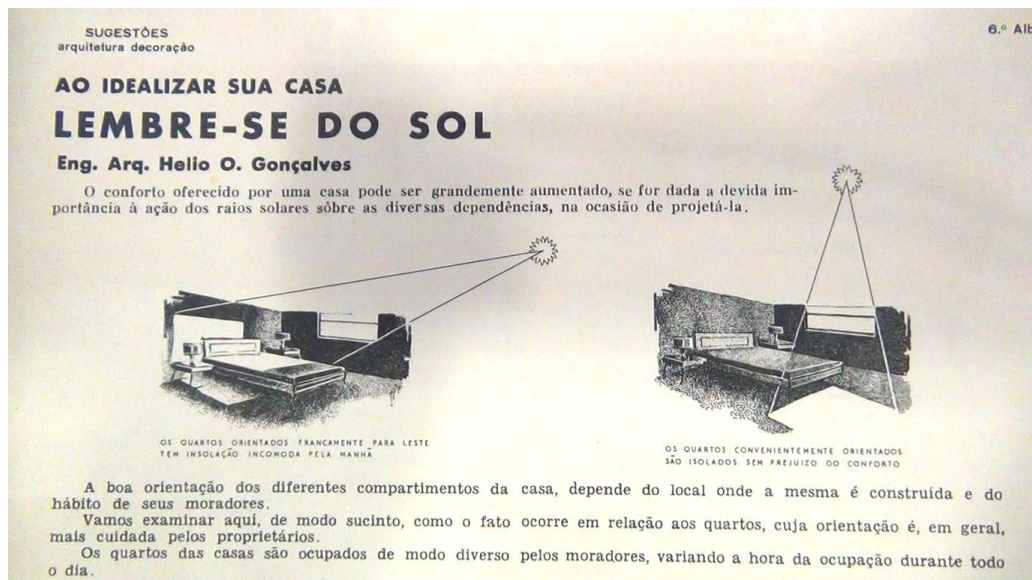
Fonte: Sugestões Arquitetura e Decoração, nº 6, 1956. Acervo Haroldo Maranhão.

**Figura 51-** Croquis em policromia com encadernação em espiral, visual de caderno, manuseio e conteúdo de apostila



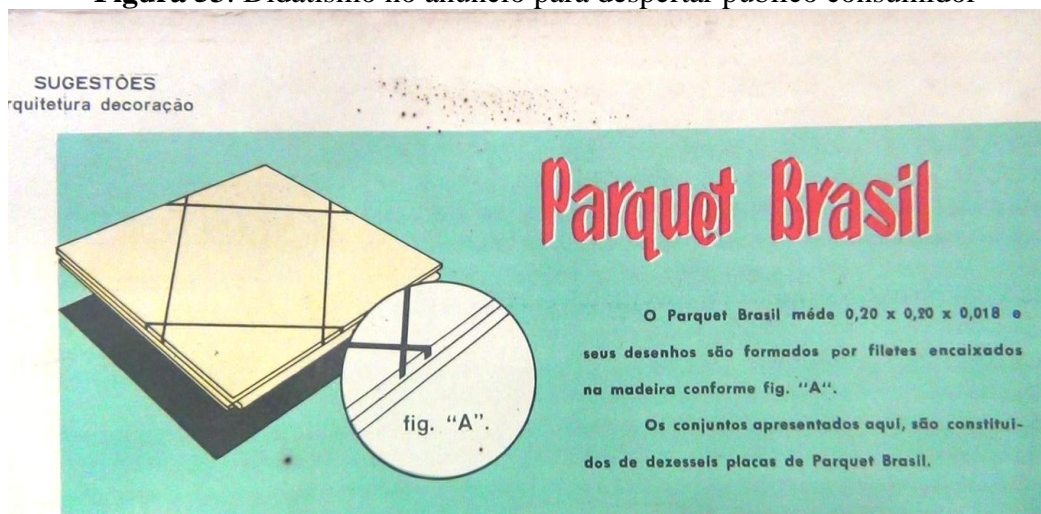
Fonte: Sugestões Arquitetura e Decoração, nº 6, 1956. Acervo Haroldo Maranhão.

**Figura 52 -** Incidência de luz e conforto térmico



Fonte: Sugestões Arquitetura e Decoração, nº 06, 1956. Acervo Haroldo Maranhão.

**Figura 53:** Didatismo no anúncio para despertar público consumidor



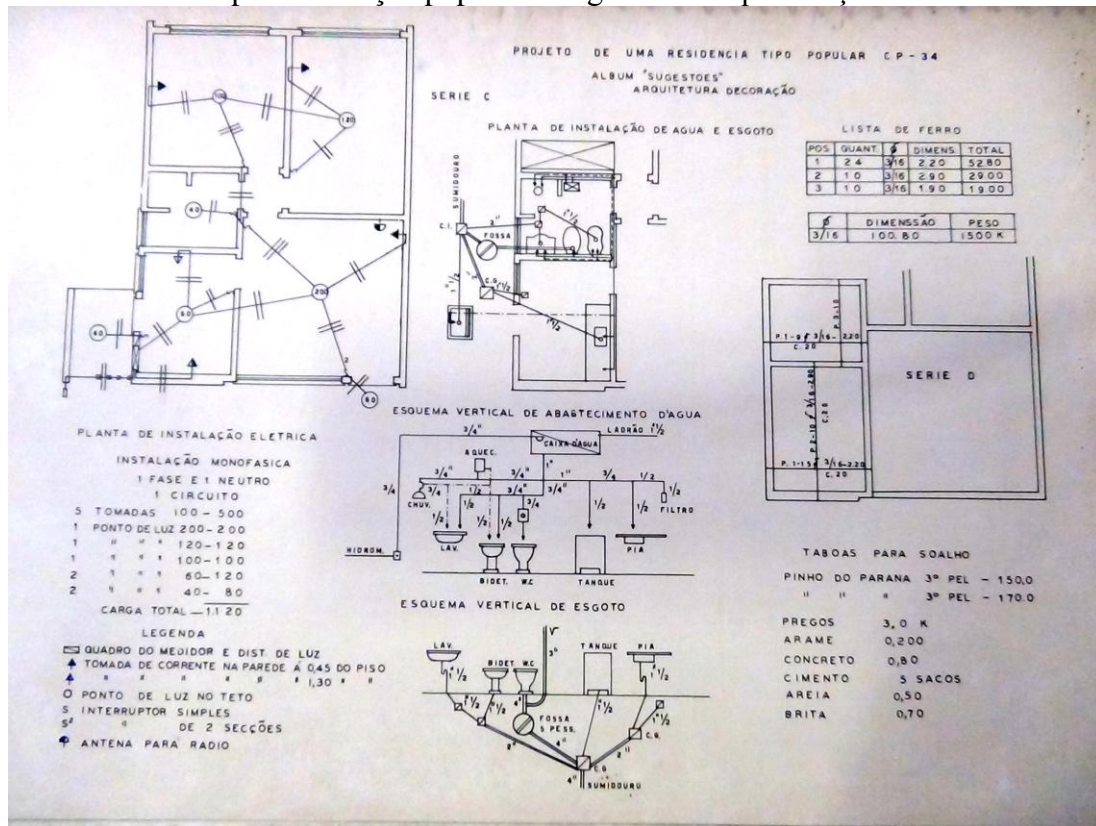
Fonte: Sugestões Arquitetura e Decoração, nº 06, 1956. Acervo Haroldo Maranhão.

**Figura 54 - Modesta - porém moderna - é a representação da "casa popular"**



Fonte: Sugestões Arquitetura e Decoração, nº 06, 1956. Acervo Haroldo Maranhão.

**Figura 55** - Plantas de instalações elétricas e hidráulicas para habitação popular. “Sugestões” da publicação



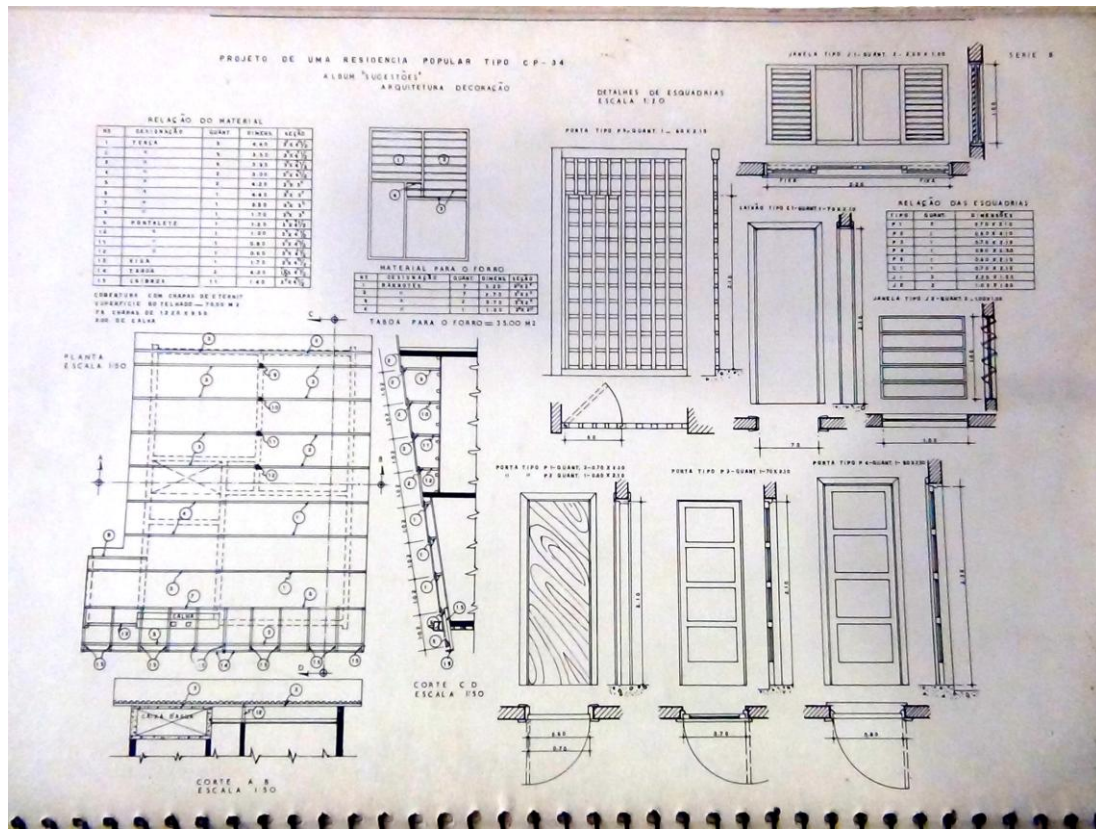
Fonte: Sugestões Arquitetura e Decoração, nº 6, 1956. Acervo Haroldo Maranhão.

**Figura 56** - Frame de gravura de residência projetada no estado do RJ traz o automóvel, volumes irregulares, o caminho pedonal.



Fonte: Sugestões Arquitetura e Decoração, nº 6, 1956. Acervo Haroldo Maranhão.

Figura 57 - Diferentes opções de janelas, portas e materiais



Fonte: Sugestões Arquitetura e Decoração, nº 6, 1956. Acervo Haroldo Maranhão.

Figura 58 - “Cada macaco no seu galho” e “o barato que sai caro”. Quem avisa amigo é



Fonte: Sugestões Arquitetura e Decoração, nº 6, 1956. Acervo Haroldo Maranhão.

### 4.3 - Alumbramentos materiais

Às voltas com a literatura e as impressões atinentes à variedade de títulos, essa percepção do aporte intelectual de Arialdo Pinho logo foi percebida pelos jovens desenhistas estagiários no escritório do prático na capital do Ceará. Fausto Nilo recorda o impacto que aquelas obras lhe causaram, tamanha quantidade e diversificação de temas, no escritório do Jalcy:

[...] quando eu vi aquela biblioteca que ele tinha, do tamanho dessa, mais ou menos, mas ali tinha Picasso, tinha Van Gogh, tinham coisas que eu só conseguia ver nas revistas Seleções; a biblioteca pública daqui era muito ruim, os livros eram velhos, e eu era louco por aquelas informações sobre pintura, sobre arquitetura, as revistas... eu vi que o cara tinha tudo ali<sup>80</sup>

Na curiosidade adolescente de Nilo, abria-se um mundo acessível de possibilidades de conhecimentos até então não experimentado por ele. Delberg Ponce confirma as diferentes nacionalidades das produções editoriais adquiridas pelo seu patrão: “Isso foi uma parte que marcou muito na minha vida: ele tinha muito livro de arquitetos, assinatura de revista. Acrópole eu conheci lá. [...] alemães, francesas [...] *Newsweek*<sup>81</sup>, japonesas”. Ponce recorda que Pinho “tinha um certo domínio” da língua estrangeira, revelando que o prático “arranhava” no inglês, visto que, “vez por outra versava ‘em cima’ da Enciclopédia Britânica”. O arquiteto informa que Arialdo recebia um representante paulista chamado Carlos Holden, e que ele próprio, Delberg, assinou uma revista alemã, com este representante, até 1965. Esse hábito cultural, tanto a compra quanto o consumo do conteúdo, estão presentes na memória de alguns dos filhos. Arialdo de Mello recorda: “[...] eu me lembro que conheci parte dos pintores do mundo, quando criança, era vendo aqueles livros [...] livros, livros, livros, livros [...] era uma coisa que ele tinha muito”. Por sua vez, o adolescente Paulo<sup>82</sup> elege um traço da personalidade do pai:

<sup>80</sup> A entrevista com os Fausto Nilo (e também com Delberg Ponce de Leon) ocorreu em 15 de julho de 2015 no escritório de cada um, em Fortaleza.

<sup>81</sup> Fundada em 1933 com o nome News-Week, é a segunda maior publicação semanal americana. Disponível em: <<http://tipografos.net/magazines/newsweek.html>>. Acesso em 14 de outubro de 2016.

<sup>82</sup> Paulo recorda uma viagem de férias com Arialdo para o interior de Minas Gerais. Na ocasião, testemunhou que o pai “comprava tudo o que era livro de Aleijadinho” e apresenta outro costume do prático: “Naquela época, ele gostava de fotografias; tinha aquele passador de slides [...] milhões [sic] de fotos. Catalogava tudo; era muito organizado”. Não investiguei tive acesso a estes registros.

[...] Ele adorava revistas. Comprava-as, ia numa banca específica lá em Fortaleza e as encomendava [...] toda semana ele vinha com umas 10 [...] Desde [O] Pasquim, todas essas revistas de casas, não é? [...] Culturalmente falando, eu acho que é a característica dele é essa, ele era muito curioso. Ele lia de tudo, estudava tudo, conversava sobre política... muito interessado em tudo, não só sobre arte [...].<sup>83</sup>

Moacyr Gomes relembra que o acevo adquirido por Pinho já na década de 1950 era praticado nos projetos dele em Natal. O arquiteto considera-o como um dedicado leitor de crônicas, estudioso das artes modernas no Brasil e, principalmente, acerca do tema arquitetura, cujos indícios se concretizavam da seguinte maneira:

[...] eram obras que obedeciam já ao conceito moderno do layout de uma casa, já não tinha mais o banheiro no fundo do quintal, já era dentro de casa, já tinha um zoneamento – refeitório *dum* lado, sala do outro -, já tinha a filosofia da abertura visual para o pátio interno. Enfim, tudo o que eu trazia da minha bagagem e na convivência com a arquitetura no Rio de Janeiro, ele já estava praticando aqui.<sup>84</sup>

As publicações da época eram um recurso essencial para a criação dos projetos dos práticos. Algumas serviam de manuais de estilo, possibilitando a feitura de cálculos e prospecções financeiras. Cabe ressaltar, conforme citado anteriormente, a franqueza do diálogo entre as duas partes interessadas: contratante e contratado. George Dantas salienta, entretanto, que tais publicações não seriam consumidas como manuais, eminentemente. O professor frisa outros motivos influenciadores desse processo, da gênese ao produto final:

[...] eu acho importante chamar a atenção pra isso: eles não estão só consumindo; realmente o termo não seria bem “consumir”, mas digerir criativamente. Percebemos isso na obra; eles não estão copiando. [...] a obra do Aivaldo Pinho, eu acho que é muito significativa nesse sentido. Poderíamos falar de vários outros [...] mas, para centrarmos mais na figura do Aivaldo Pinho, é significativo que ele está fazendo uma leitura criativa e refinada desse conhecimento que estava circulando, já... com muita difusão, com muita abrangência nos anos 50. Se isso era menor nos anos 30, 40, vai se tornando cada vez mais abrangente [...].<sup>85</sup>

<sup>83</sup> Paulo Pinho, entrevista em 29.03.2016 em Fortaleza.

<sup>84</sup> Até então, Gomes não tinha a informação de que Aivaldo Pinho não era arquiteto.

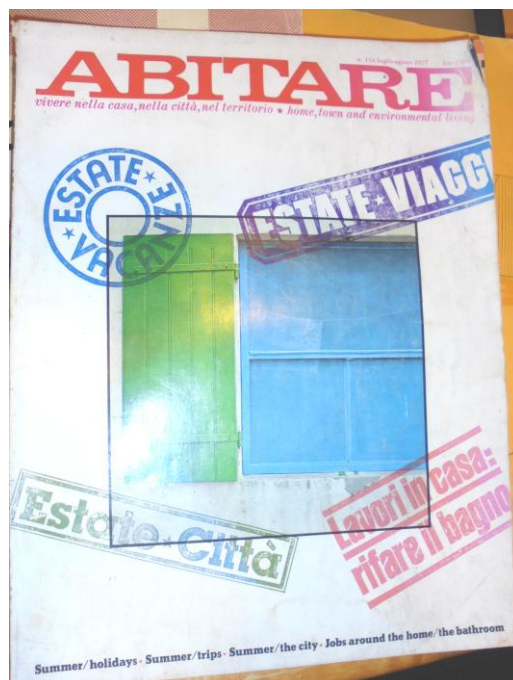
<sup>85</sup> George Dantas, entrevista dia 19.02.2016.



O repertório projetual e o desempenho às artes plásticas de Arialdo Pinho denota uma série de publicações que circulavam nas duas cidades, acervos estes que foram fundamentais para se traçar os vieses arquitetônicos que identificam suas obras. Em Fortaleza, fotografei e videografei o pouco que restou deste amplo acervo, de posse do filho Alberto, como as revistas *Abitare* (Figura 59), *Acrópole* (Figuras 60 e 61), *Módulo*, *Seleções*. Esta, cujos exemplares encontrados foram publicados em italiano e inglês, inicia a década de 1960 – mais exatamente no mercado em 1961, voltadas tanto para decoração e arquitetura. Destarte, a biblioteca do prático guardava diferentes produções editoriais com léxicos plurais (Figura 62).

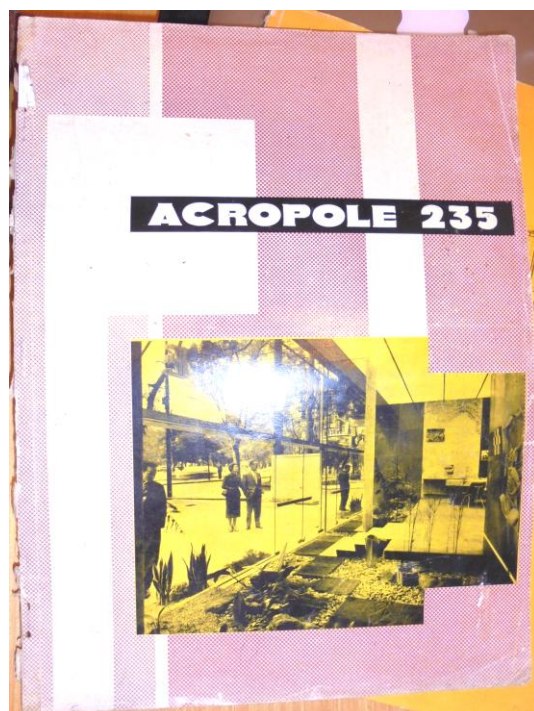
Algumas publicações mostravam o conteúdo descrito na capa, direcionando o público-alvo ao qual se destinava (Figuras 63 e 64), e outras publicações de conteúdo notadamente técnico, como “Tesouras de Telhado”, de autoria de J. C. Rego Monteiro, cujo miolo traz fotografias e projetos de diversos tipos de tesouras de madeira, cálculos, frestas etc., compilação geral que auxilia a compreender, também, funções trabalhistas ocupadas por Pinho, assim como, identificar as vertentes estilísticas e soluções contidas em seus projetos.

**Figura 59** - Edição 156, ano 1977, bilíngue



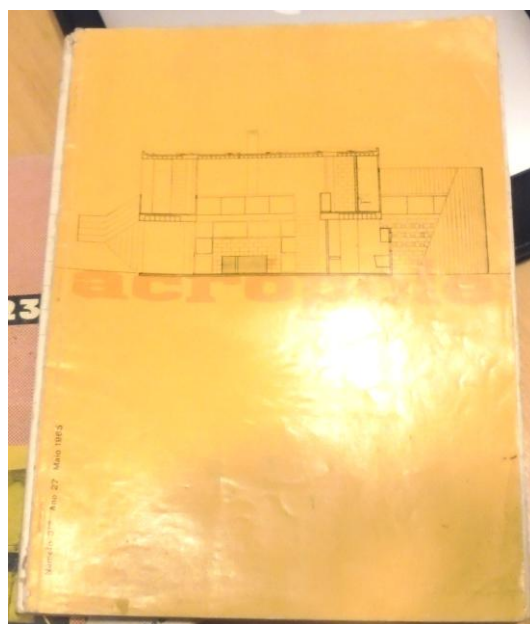
Fonte: Acervo Alberto Pinho.

**Figura 60** - Revista paulista veiculada de 1938 a 1971, referência na área



Fonte: Acervo Alberto Pinho.

**Figura 61** - Edição 317 da Acrópole, ano 27, de maio de 1965



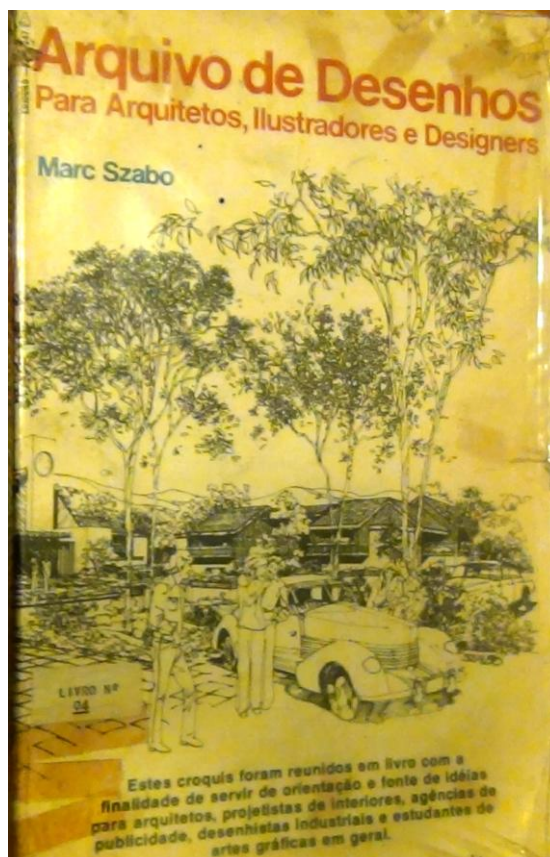
Fonte: Acervo Alberto Pinho

**Figura 62** - Revista suíça multilíngua AC110 La Revista del Fibrocemento, de 1984: mobiliário, habitações de elite, pisos, nos idiomas japonês, alemão, italiano e espanhol



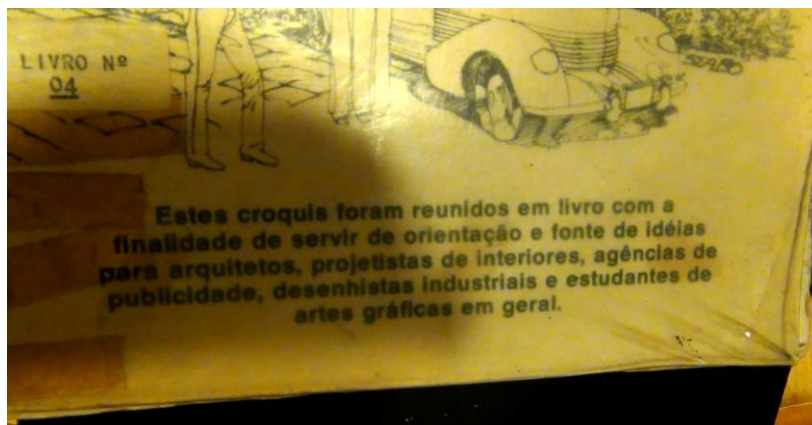
Fonte: Acervo Alberto Pinho.

**Figura 63** - Croquis para “arquitetos, projetistas de interiores, agências de publicidade, desenhistas industriais e estudantes de artes gráficas em geral”. Na identificação de Pinho, corresponde ao livro número 4, Arquivo de Desenhos - para Arquitetos, Ilustradores e Designers, de Marc Szabo, editado em 1976



Fonte: Acervo Alberto Pinho.

**Figura 64** - Detalhe da capa da figura anterior. Arquivo de Desenho, de Marc Szabo



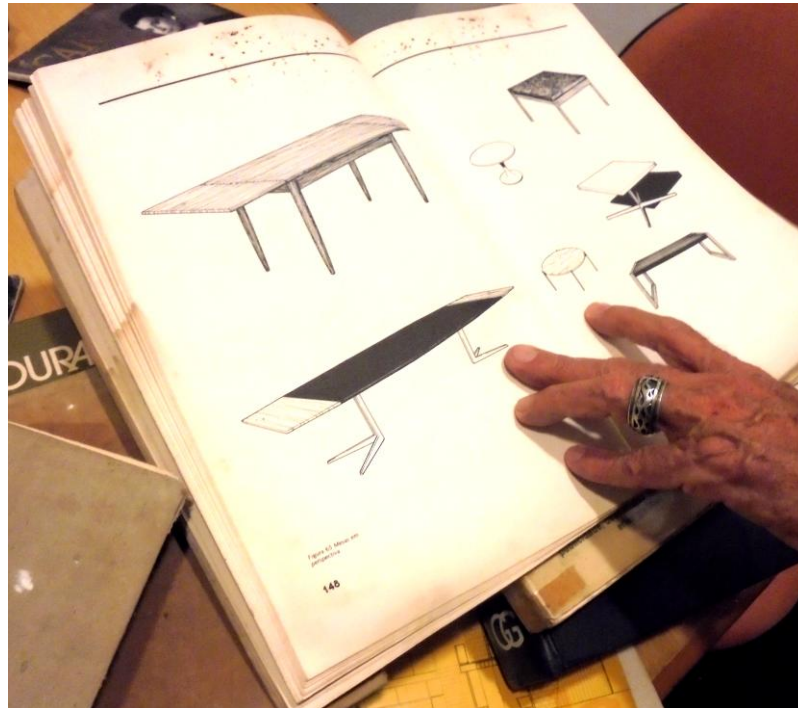
Fonte: Acervo Alberto Pinho.

Ressalta-se que o material preservado representa uma época em que não era comum o uso de fotografias em cores no miolo, ou seja, nas páginas internas. E, além deste pormenor, o espaço das colunas, muitas vezes continha uma extensa carga de texto. Algumas, levaram-me de pronto a lembrar, novamente, de seus projetos e semelhanças com a revista *Sugestões Arquitetura e Decoração*.

Dos livros, tive acesso a publicações voltadas especificamente para o desenho, com croquis, perspectivas, projetos (das opções “fazer como” às propostas já acabadas). As referências que restam estão guardadas no escritório residencial de seu filho Alberto<sup>86</sup>. Diversos tipos e modelos são assuntos principais de livros e revistas compunham o que restou do acervo. Temas variados e complexos, como urbanismo, projetos, desenhos, perspectiva [Figuras 65, 66, 67, 68, 69] e aspectos teóricos [Figura 70], eram escritos e apresentados em diferentes idiomas. Além dessa pluralidade linguística – Arialdo Pinho possuía um nível básico de inglês, de acordo com Paulo Pinho – há de se destacar que muitas destas publicavam apresentavam o mesmo conteúdo em diversas línguas-mãe, com ilustrações e fotografias. O índice de uma dessas produções editoriais detalhavam a perspectiva, do espaçamento às noções exata ou linear, axonométrica, cavaleira, dentre outras subdivisões, elencando a pluralidade e quantidade de opções analíticas fundamentais para o resultado final do projeto.

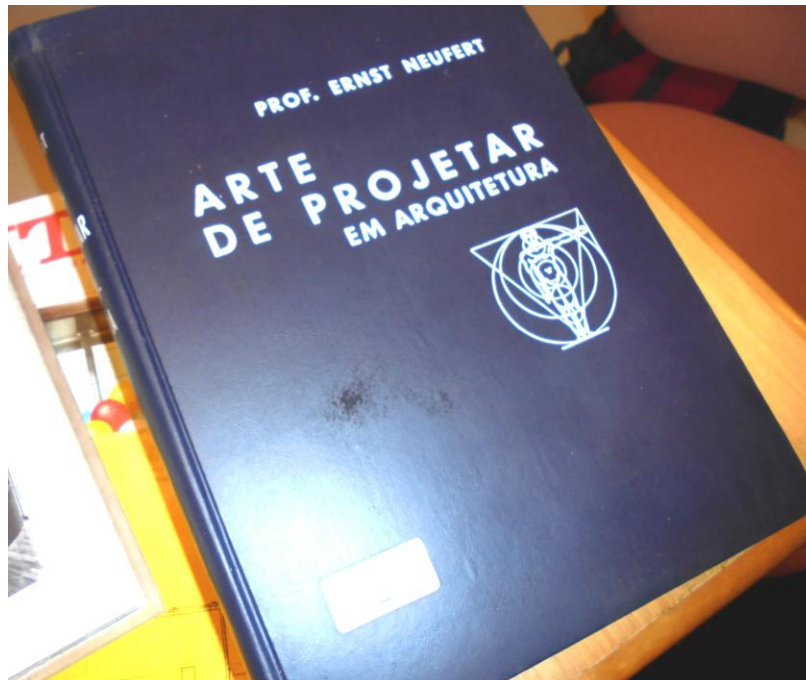
<sup>86</sup> Alberto Pinho confessa já ter se desfeito de muitas publicações relacionadas à intelectualidade do pai. Dificuldades de acondicionamento e problemas causados por térmites foram alguns dos motivos citados.

**Figura 65** - Móveis em perspectiva



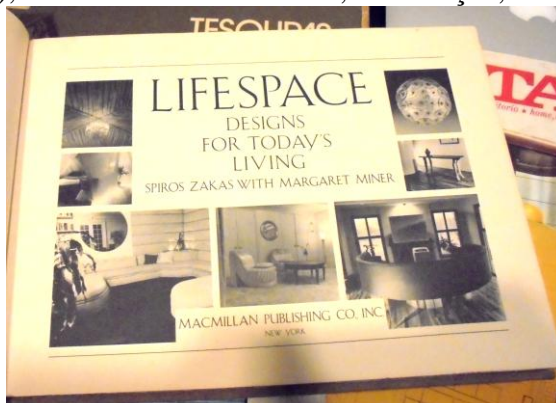
Fonte: Acervo Alberto Pinho.

**Figura 66** - Edição do professor alemão Neufert traz textos acerca de técnicas e soluções construtivas. Exemplar do acervo é etiquetado como “Livro nº 02”.



Fonte: Acervo Alberto Pinho

**Figura 67** - Publicação de *design* americana Lifespace, de 1977 (Spiros Zakas e Margareth Miner), reúne assuntos como cor, iluminação, funções da casa, móveis



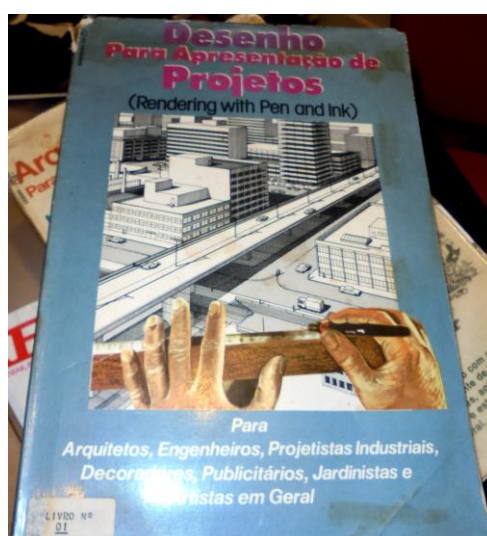
Fonte: Acervo Alberto Pinho

**Figura 68** – Instruções na obra do desenhista/quadrinista paraense Edmundo Rodrigues



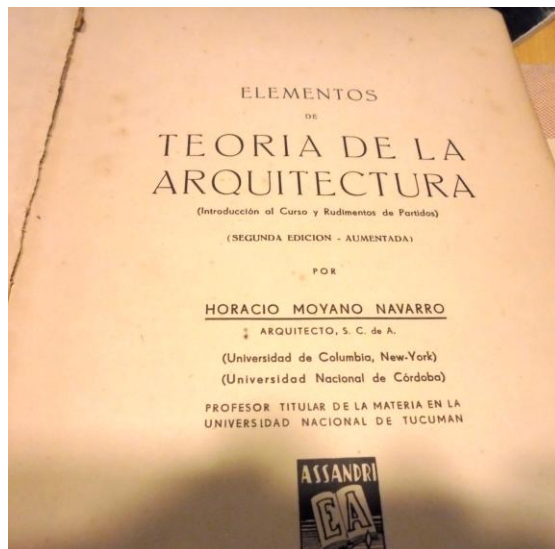
Fonte: Acervo Alberto Pinho.

**Figura 69** - Catalogado como livro nº 01, *Desenho Para Apresentação de Projetos*, de Robert W. Gill, traduzido em 1981, “Para Arquitetos, Engenheiros, Projetistas Industriais, Decoradores, Publicitários, Jardinistas e Artistas em Geral”



Fonte: Acervo Alberto Pinho.

**Figura 70** - *Elementos de Teoria de La Arquitectura – Introducción al curso y Rudimentos de Partidos*, de Horacio Moyano Navarro, ed. 1946



Fonte: Acervo Alberto Pinho.

Assim como a publicação voltada para o planejamento de mobílias encontrada no acervo de Alberto Pinho, somam-se aos indícios materiais dessa absorção intelectual de Arialdo as plantas (Figuras 71, 72 e 73) com diversos modelos e matérias-primas de mobiliários. A variedade de tipos/funções é confirmada por Fausto Nilo: “Ele desenhava móveis, que é fantástico isso, ousava desenhar móveis, cadeiras, que é uma coisa muito complexa. Fazia protótipo, fazia de novo, corrigia... primeira pessoa que eu vi fazer isso na minha vida foi ele”. Evidencia-se, contudo (ainda não descobri se a falta de tempo ou a escassez de mão de obra tenha contribuído), a predileção por sugerir nos projetos a inclusão de móveis de requinte, de grife, até porque, o prático teria estreita relação com a loja de móveis/galeria de arte OCA, fundada pelo arquiteto Sérgio Bernardes em 1955, no Rio de Janeiro<sup>87</sup>. Nilo recorda que seu patrão,

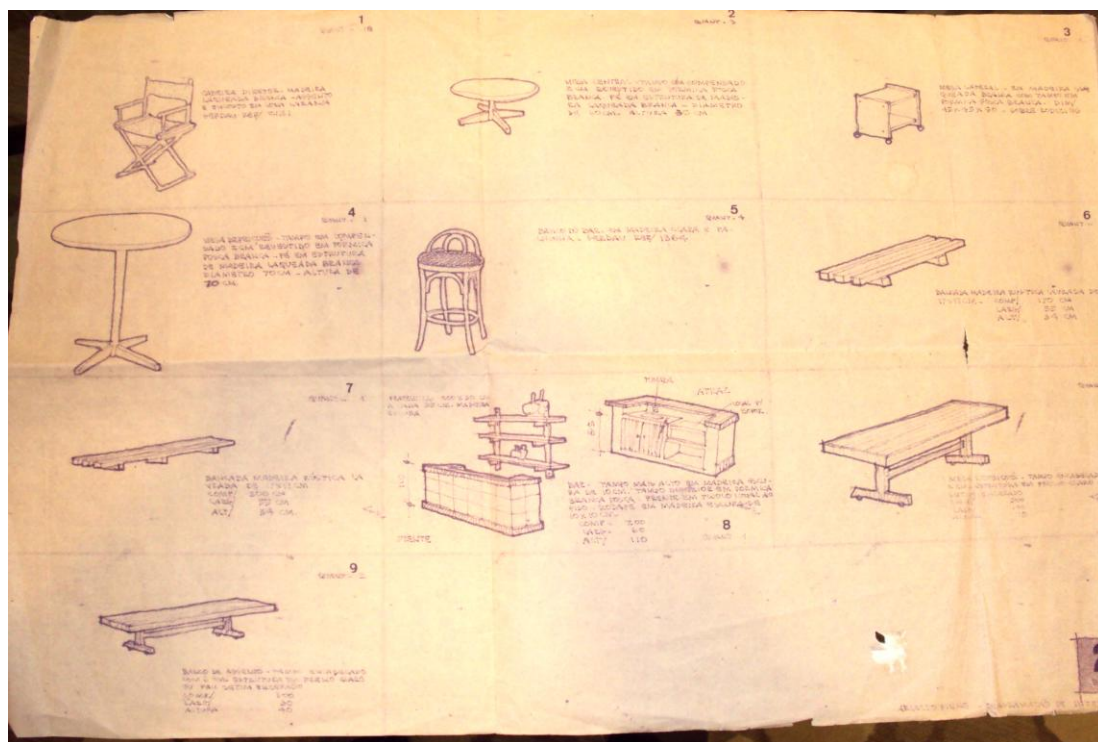
às vezes, mandava buscar fora. Ele tinha os catálogos de ateliê para escritório [...]especificava a Knoll internacional – aquela firma de móveis sofisticadíssimos – em alguns casos. Era uma pessoa com muita informação nessa área, não é? Acho até que o forte dele era interiores, com muita capacidade, bom gosto, informação... e

<sup>87</sup> Em contato com o escritório da OCA, fui informado que Bernardes desligou-se do empreendimento em 1968 (que, entretanto, continuou em funcionamento). A loja mudou de endereço em 1973 para o bairro carioca de Botafogo, confirmando a falta de ligação administrativa com momentos anteriores, significando a ausência de transferência de documentação durante a mudança.

residência. Eu não vou dizer que o Arialdo, por sua própria formação, pudesse ser, digamos assim, um arquiteto de cidade, porque ele não tem, digamos assim, essa formação teórica... mas residência ele resolvia muito bem<sup>88</sup>.

O arquiteto informa que Pinho fez parceria com a arquiteta e designer pernambucana Janete Costa, casada com o arquiteto Acácio Gil Borsoi. O casal desenvolveu trabalhos em Fortaleza. Uma dessas idas à capital, conheceram-se e a parceria reforça o veio de decoração e a preferência por artigos de luxo para comporem os ambientes dos imóveis da elite local: “[Arialdo...] era muito dedicado à trabalhar com interiores. Então, ela [Janete] veio várias vezes [...] fazer trabalho com ele, principalmente na escolha de mobiliário, naquele mobiliário importado da Knoll, essas coisas [...]”<sup>89</sup>, revela Nilo.

**Figura 71** - Projetos de móveis na única planta de Pinho encontrada em Fortaleza



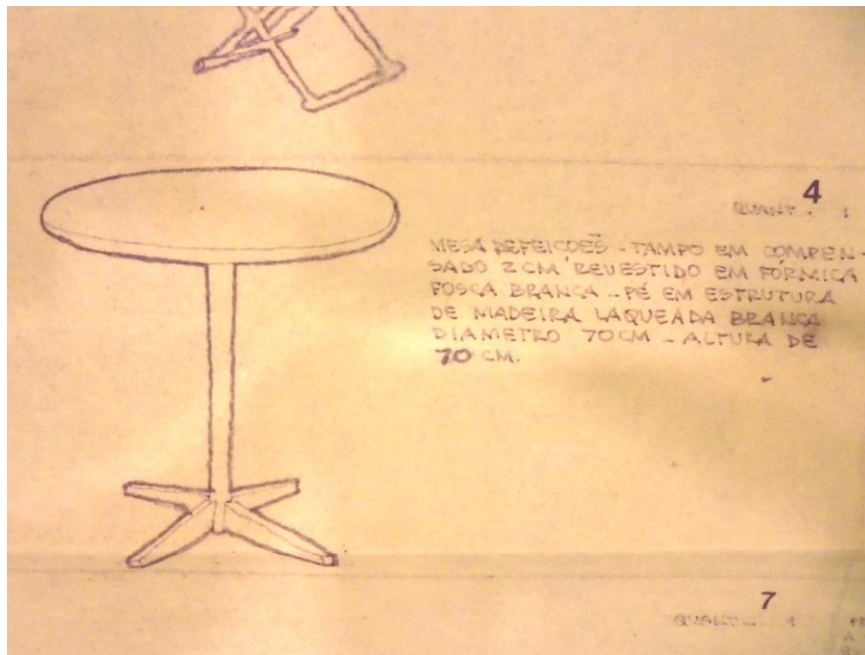
Fonte: Acervo Alberto Pinho.

<sup>88</sup> Entrevista em 15.07.2015.

<sup>89</sup> Grifos meus.



**Figura 72** - Mesa de refeições com tampo em compensado e revestido em fórmica, tem o pé de 70cm de altura em madeira laqueada branca



Fonte: Acervo Alberto Pinho.

**Figura 73** - Bancada baixa feito de madeira rústica



Fonte: Acervo Alberto Pinho.

#### 4.4 – Da formação

As diversas entrevistas realizadas para dar suporte a este trabalho reforçam uma característica de Arialdo Pinho: a de que não se limitava em guardar para si os conhecimentos adquiridos durante sua trajetória profissional. Depoimentos da boa relação e *desapego* ao capital cultural são observados nas falas dos recordadores. Sua passagem por Natal não contou com estagiários em seus escritórios, apesar de suas obras no Rio Grande do Norte terem pontuado quase uma década (incluindo os dois anos em que prestou serviço formalmente para o DER). Todavia, em Fortaleza, a inexistência de uma escola de arquitetura até meados da década de 1960 limitava o acesso ao curso superior, visto que o lugar mais próximo estava localizado a quase 800 quilômetros de distância, em Recife, Pernambuco.

Nessa época, o país ainda vivenciava o otimismo causado pela recém-inaugurada capital federal, retrato de um Brasil ousado, criativo, desafiante e confiante no futuro. Nos grandes centros urbanos, repercutiam obras de Oscar Niemeyer e Lucio Costa para Brasília: “Nas décadas de 40 e 50 do século XX a arquitetura e urbanismo brasileiro eram destaques nacional e internacional”, informa Ester Gutierrez (2013, p. 49). Porém, o sonho de se tornar arquiteto era restrito (falo aqui em específico, ressaltando que as faculdades de engenharia e arquitetura também existiam e abarcavam parte deste mercado, entretanto, a Escola de Arquitetura da Universidade do Ceará só sairia do papel após o Decreto nº 54.370 de 2 de outubro de 1964)<sup>90</sup>; situação financeira, nesses casos, era a condição primeva, restrita, quase sempre, às famílias que tinham mais condições de bancar os estudos do jovem longe de casa<sup>91</sup>.

Na impossibilidade de se realizar esse projeto, havia os cursos de desenho técnico por correspondência, com ofertas que iam de consertos à montagem de rádios, inglês, corte/costura e desenho técnico, dentre outras opções. A alternativa viável para quem podia pagar pelos fascículos semanais. Para alguns adolescentes, o progresso adquirido com essa experiência à distância foi determinante para o destino de alguns deles, quando se leva em conta a pouca idade desses desenhistas em formação.

---

<sup>90</sup> Fonte: <<http://www.fna.org.br/site/noticias/pagina/1787/Embasamento-teorico-sobre-a-atuacao-dos-arquitetos-e-urbanistas-sob-a-perspectiva-historica-e-das-diretrizes-curriculares>>. Acesso em 8.12.2015.

<sup>91</sup> Moacyr Gomes, quando vai ao RJ para se submeter ao curso superior, driblou a fome, morou em pensionatos, trabalhou para pagar os estudos prévios (para ver mais: O Menino do Poema de Concreto, escrito por seu irmão Carlos Roberto de Miranda Gomes em 2014).

Adolescentes na faixa dos 15 anos que cursavam a escola fundamental conciliavam o trabalho na cobertura do Jalcy (Figura 74), um dos primeiros edifícios do centro da capital do Ceará onde era possível descortinar o mar Atlântico. Na cobertura, o escritório mais imponente de Arialdo, frequentado – também - nos fins de tarde, pelos amigos, que iam em busca da boa conversa com vista para a cidade e o oceano.

**Figura 74** - *Rooftop* do Ed. Jalcy onde funcionou um dos escritórios de Pinho



Fonte: Recorte de fotomontagem do painel da exposição “Palavra e o Traço”, em cartaz no CCDM em homenagem ao arquiteto Fausto Nilo, julho de 2015.

Dois desses profissionais formados pela UFC continuam atuantes no mercado de trabalho da arquitetura e urbanismo: Delberg Ponce de Leon e Fausto Nilo. A relação de amizade entre ambos teve início no escritório do Jalcy, ainda no 4º andar, ocupando a sala 402 antes de o prático mudar-se para a cobertura. Ponce de Leon trabalhou como desenhista projetista no escritório de Pinho entre os 16 anos até os quase 20 (Figura 75). Ele não havia planejado ocupar uma das pranchetas; o convite/sugestão partiu de terceiros: “[...] esse amigo tinha um irmão que trabalhava já no escritório de Arialdo. Ele disse: ‘Olha Delberg, meu irmão quer me levar pra lá mas eu não tenho habilidade, se quiser ir...’ - ‘E eu vou pagar quanto?’ – ‘Não, não, você vai é ganhar dinheiro!

[...].”<sup>92</sup> Contudo, aquiesce e decide ter com o prático. “No corredor, vejo chegando aquela pessoa jovem; eu calculo, eu com 15-16, ia completar 17 logo depois, ele devia ter uns 32, o dobro da minha idade [...] muito elegante, alto, cabeça comprida [...]”. Ponce de Leon recorda que havia, ao menos, quatro desenhistas, um deles, Anfrísio Rocha, aposentado da Marinha do Brasil.

**Figura 75** - *Frame* de Delberg de Leon, adolescente, no escritório do Ed. Jalcy



Fonte: Acervo Delberg Ponce de Leon.

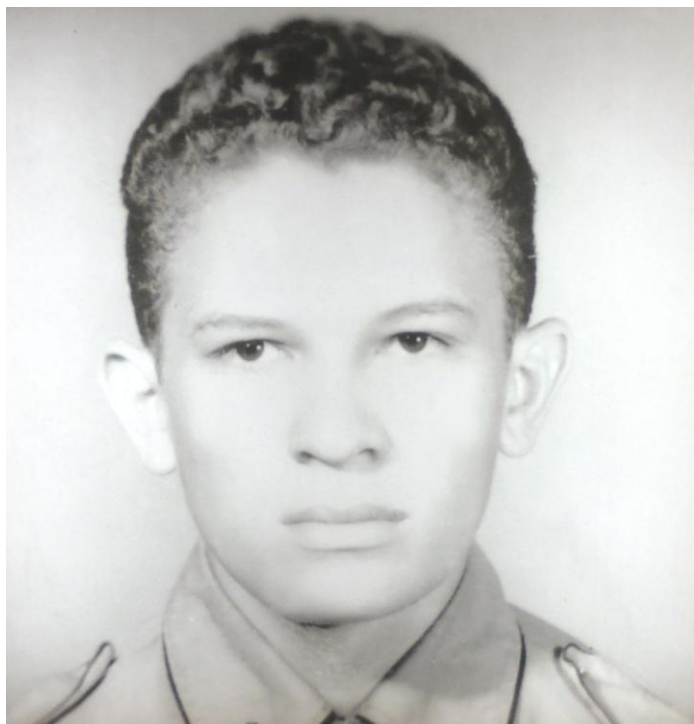
Acenando a oportunidade, tornou-se assíduo no escritório; alguns meses depois, passava a se destacar na função (um *imbroglio* entre os dois desenhistas mais experientes fez com que um deles pedisse demissão). Naquele momento, o reconhecimento se sistematizou com uma promoção: “Todo dia eu ia, até que tive uma autorização pra pegar uma prancheta, uma lapiseira e começar a fazer a ponta”. Os instrumentos de trabalho eram a régua T, plástico verde na prancheta, tira-linhas e uma lixa.

Se, para de Leon a experiência fazia-se promissora, para outro jovem, o enredo começaria a ser traçado seis meses depois de sua chegada ao Jalcy. Fausto Nilo (Figura 76), filho de dono de padaria e fabricante e vendedora de bolos, vindo de Quixeramobim, distante cerca de 210 quilômetros de distância de Fortaleza, residindo

<sup>92</sup> Entrevista concedida no dia 15.07.2015, em Fortaleza.

no centro da capital. Ingressa na UFC em 1965 aos 21 anos de idade, fazendo parte da primeira turma de arquitetos do CE formando-se em 1970. Entretanto, outros caminhos levaram-no até sua *escalada* à cobertura do edifício de nome próprio, até chegar ao curso universitário.

**Figura 76** - Fausto Nilo adolescente



Fonte: Exposição “A Palavra e o Traço”.

Morar em Fortaleza exigiu do arquiteto uma contrapartida: a mãe o impôs a ter uma renda. Para satisfazê-la, Nilo fez um curso de desenhista por correspondência chamado Radiotec Monitor, cujas apostilas traziam conteúdos que se voltavam para arquitetura e arquitetura modernista, incluindo detalhes de plantas e exercícios a reconhecê-las. Manteve a assiduidade na escola e continuou estudando os fascículos. O extenso relato é pertinente para justapor as voltas do adolescente para conseguir o primeiro emprego:

Vi um anúncio de jornal que precisava de um desenhista arquitetônico; era no edifício Jalcly [...] O endereço do escritório era na cobertura desse edifício, o que eu achei o máximo [...] por que eu

sempre morei em torno do centro, em 11 endereços centrais, então aquele edifício pra mim era um signo, eu não acreditei que eu poderia trabalhar na cobertura daquele prédio... foi o primeiro deslumbramento. E fui lá. [...] eu levei meu diploma. E lá, conheci o Arialdo. Era uma salinha [...] E ele tinha uma mesa, uma prancheta logo na entrada, *ali* um tapa-vista... umas cadeirinhas de espera, nós esperamos um pouco, e nós em pé – eu e minha mãe. Ele nos chamou, sentado ali na prancheta. Então mostrou um desenho de um desenhista que saiu do escritório... não o concluiu. Ele precisava que esse desenho fosse concluído. Eu fui treinado, no meu curso, com tiralinhas, ainda. Era uma coisa complicada: você tinha de tirar um parafusinho, abria, botava tinta nanquim, apertava. Então o traço era irregular, porque quando ele secava eu não conseguia a mesma gradação. Era um desenho muito feio, mal acabado, e eu não sabia que já existia as canetas alemãs, que você desenhava com muita precisão. Ele viu aquele desenho e perguntou se eu tinha condições de concluí-lo em uma semana. Aí, minha mãe disse assim: ‘Mostre seu diploma’. ‘Não, madame’ – [DISSE PINHO] naquela maneira bem carioca – ‘não precisa mostrar o diploma, quero saber se o menino faz ou não isso aqui em uma semana’. Eu disse: ‘Não, não tenho condições, eu não tenho ainda treino o bastante pra fazer esse tipo de desenho em uma semana’. Ele enrolou o desenho, agradeceu. Mas, eu vi que nas duas pranchetas que tinham lá havia um antigo desenhista no fundo, e um menino de uma sala vizinha à minha no liceu; olhou pra mim, cumprimentamo-nos, mas nós não éramos amigos, a gente se conhecia de vista. Fui embora, mas fiquei tão louco [...] por aquele lugar... não me conformei com isso.<sup>93</sup>

Outro dia, no Liceu, Nilo cruza com este conhecido, seu futuro parceiro profissional anos depois: Delberg Ponce. O jovem funcionário do escritório, curioso, interessa-se pela produção do colega, cuja diversificação de técnicas usava desde aquarela aos desenhos em nanquim; encanta-se e conta para o prático o que viu. Fausto conjectura a decisão de Arialdo: “[...] Ele adorava isso, essas coisas de arte, pessoas com talento; mandou me chamar e eu fui, levei meus desenhos. A partir daí, acho que ficamos lá uns 4 anos”, contextualiza os meandros percorridos até ser efetivado como desenhista do escritório, trabalhando como desenhista auxiliar do escritório de Pinho dos 15,5 anos até os 21 anos, quando é efetivado aluno do curso de arquitetura e urbanismo da UFC.

Em Fortaleza, havia uma relação de confiança entre o chefe e os jovens desenhistas. Estes, cientes da oportunidade de aprendizado, souberam dialogar com as situações que surgiam no decorrer desta vivência profissional. Como incentivo intelectual, Arialdo permitia que o escritório fosse local de estudos: fora do horário de

---

<sup>93</sup> Entrevista em 15.07.2015.

trabalho, as dependências poderiam ser usadas para os compromissos escolares. Com o passar do tempo, o trabalho em equipe começava a solidificar-se, em ambas as partes. Arialdo recompensava e confiava nos adolescentes, permitindo que eles adentrassem naquele novo universo de oportunidades e conquistas, conforme recorda Fausto:

Com pouco tempo, estávamos com um salário semanal excelente para um rapazinho [...]. E, ia domingo, para o escritório só pra olhar para livros e revistas, ficava até à tarde no começo, depois foi ficando mais acessível; eu as levava para casa. [Fausto] Confiava em nós. E, passamos a ser os três, os outros desenhistas saíram [...] [Fausto, Delberg e Pinho]. Fazíamos tudo.<sup>94</sup>

Essa função assumidamente não oficial de formador, desempenhada com atitudes que deixariam marcas nestes profissionais que viriam a exercer a arquitetura e urbanismo alguns anos depois, foi sendo costurado por Arialdo Pinho. A rotina de Delberg Ponce começava pela manhã, cumprindo as obrigações escolares no Liceu, dedicando as tardes ao escritório. Não raro, Delberg ficava até tarde da noite no escritório para ver os projetos e ter acesso ao acervo; pedia para o prático deixar a porta aberta para que pudesse sair. Assim como acontece com Nilo, Ponce compreende a oportunidade que se apresentava para eles e reconhece nessa gênese a reverberação que ocorreu ao longo de suas carreiras:

Muitos dos nossos procedimentos profissionais hoje aqui *nesta* mesa [...] são originários dos ensinamentos. Nossa postura hoje é muito em cima daquela pessoa que, com 16 anos, dois jovens [o arquiteto e Nilo], tiveram a oportunidade de alcançar o acesso ao trabalho dele. [...] Muitos colegas nossos, mesmo do nosso tempo, o escritório foi na época, antes da pré-escola, um lugar que a gente estudava lá, tinha uma sala disponível onde a gente fazia cursos para estudar para o vestibular. Chegamos a ser sete jovens com habilidade de desenho, desenhistas, alguns do Liceu, outros de outras escolas, mas que chegaram no primeiro vestibular oriundos do nosso grupo do escritório do Arialdo.<sup>95</sup>

---

<sup>94</sup> Entrevista em 15.07.2015. Grifos meus.

<sup>95</sup> Delberg Ponce, entrevista em 15.07.2015.

Arialdo Pinho observava que os adolescentes correspondiam aos seus incentivos intelectuais. O interesse demonstrado pelos jovens funcionários contribui para que ele coloque em ação uma característica de sua sistematização à arquitetura modernista, como as palestras ministradas em Natal acerca do tema deixam antever um aspecto seu perfil educativo<sup>96</sup> a ser evidenciado na vivência laboral destes jovens. Ao perceber a importância que teria na formação dos rapazes, se utilizava de procedimentos não usuais, instruindo profissionais com aptidão para a vivência fora do escritório imbricava em provocar estímulos não somente afeitos ao ambiente de trabalho. Assim, como recursos metodológicos, aplicava exercícios para despertar sensações, intuições, noções de perspectiva/espço, acabamento e autoria de projeto. Os recursos metodológicos incluíam estratégias que visavam a desenvolver a criatividade e *provocar* a memória dos desenhistas. Nilo recorda como eram esses processos exemplificando uma das predileções do prático no campo da arte - o cinema -, nesta reconstituição de um diálogo entre ambos.

[Arialdo] - ‘Vocês viram o filme de ontem no São Luiz? Como é... desenhe aquela estante que tinha na casa do personagem’... [Arialdo] - ‘Quantos metros você acha que tem aquilo ali?’. [Nilo] - ‘Está louco cara, isso tem 2 e meio’. [Arialdo] ‘Não, tem nada, pode medir’.<sup>97</sup>

Este processo desafiava ao mesmo tempo em que educava com o olhar, a percepção dos futuros arquitetos com técnicas fundamentais a serem postas em prática na profissão. Há de se ressaltar que as condições materiais de trabalho, o significado de estar no “topo” da cidade de então, mais a oportunidade de acesso às inúmeras produções editoriais, significavam a ascensão daqueles jovens para um mundo de obrigações e contato com culturas restritos a eles, naquelas condições oferecidas por Arialdo Pinho. Aspectos como pormenores de projeto, esquadrias, cálculos, geometria, estrutura, vedação, design, acabamento, eram lições presentes no dia a dia na cobertura do Jalcy.

Os projetos contratados iam além da planta baixa, incluindo do revestimento do piso ao teto, aos móveis modulados. A possibilidade de experienciar e cumprir a

---

<sup>96</sup> Em Fortaleza, Pinho também continua dando palestras sobre arquitetura; nas duas capitais, sua “postura” era altiva, confiante e seguro acerca dos assuntos abordados. Não se intimidava por estar a parte da classe diplomada.

<sup>97</sup> Fausto Nilo, entrevista em 15.07.2015. Grifos meus.



demanda de um escritório de arquitetura, cujos clientes iam além de futuros moradores de residências, foi basilar na formação profissional dos dois desenhistas. As atribuições delegadas a eles davam-lhes experiência e maturidade para ter com as exigências mormente relacionadas ao mercado de trabalho como profissionais posteriormente formados no ensino superior. Delberg Ponce elenca alguns porquês:

A característica do escritório de Arialdo era diferente dos demais. Foi isso o que nos deu chance – a mim e ao meu parceiro Fausto – de nos destacarmos no mercado, porque nós éramos chamados de detalhistas. Exemplo: uma obra, uma planta pra ser executada, fazia 1 por 50, escrevia [Trecho inteligível] esquadria, forro... lá, não! Lá, nós detalhávamos tudo: a fórmica [...], o parafuso, a luminária [...] era um mercado que não existia aqui. É tanto que, quando nós entramos pra faculdade, alguns professores nos contratavam – porque nunca paramos de trabalhar, eu e o Fausto – para detalhar todas as esquadrias da casa, os armários, o mobiliário da cozinha, os banheiros. Quer dizer, fora essas peças industrializadas, essas peças fixas, nós nos especializamos nisso.<sup>98</sup>

Arialdo, ciente da imaturidade destes funcionários frente às vicissitudes concernentes às outras frentes produtivas de seu escritório, atinha-se didaticamente as singularidades da manufatura, acabamento e funções de itens sugeridos além-planta, da matéria-prima ao produto final, contribuindo para estimular as sensibilidades dos seus desenhistas. Ou seja: não se limita a apresentar itens componentes de muitos de seus projetos, como fasquias de janelas e venezianas, com o acabamento nomeadamente finalizado aos adolescentes. Procedendo dessa maneira, o prático tirava-os da zona de conforto, apresentando o caminho artesanal e manufatureiro destes elementos em suas formas originais antes da técnica do manuseio, afinal, aprender a fazer era tão importante quanto ter a ideia e realizá-la.

Pinho permitia, assim, que os desenhistas experienciassem a técnica proporcionando diversos caminhos para o conhecimento, de modo que esta ferramenta educacional concernia àquela época, quando os projetos de arquitetura, a tecnologia de construção e os materiais disponíveis (conforto térmico, revestimento etc.) ainda tinham espaço no mercado em aceleração, porém, produzindo em escala mais reduzida. Fausto Nilo observa que esses recursos educacionais objetivavam ao aprendizado, mais que

<sup>98</sup> Delberg Ponce, entrevista em 15.07.2015. Grifo meu.

mera transmissão de conhecimento, refletiam na maturidade ao desempenhar as funções no escritório:

[...] a possibilidade de fazer essas venezianas, que é uma coisa que acabou, agora é tudo vidro, não tinha ar-condicionado nessa época. Então era um tipo de esquadria, janela, que você fazia toda de madeirinha regulável, chamada persiana, *nesse* formato. Ele detalhava isso muito bem. Ia na serraria, trazia aquelas seções pra a gente ver. Mandava-nos ir ao local olhar as peças que davam origem a isso, para podermos compreendê-las.<sup>99</sup>

O contato com o produto natural representa a interferência humana junto à natureza, onde seu efeito depois de concluído não se sobrepunha à condição original, de maneira que, conhecer as possibilidades de uso significava mais opções para o projeto. “A gente detalhava tudo. Eu cheguei a detalhar no escritório dele uma fachada toda de veneziana de peroba, uma coisa majestosa, não é? Ele ajudava e nós aprendemos a fazer [...]”. Em meados da década de 1960, Fortaleza ressentia-se de uma opção maior de profissionais afeitos às minúcias no trato do acabamento de matérias-primas usadas em projetos de arquitetura. Nilo revela que Pinho era um dos que se sobressaíam nesta função, pois, “ele sabia detalhar muito bem, o que era uma coisa pouco usual no Ceará naquela época; tinham alguns desenhistas que faziam – mais velhos – mas era uma coisa pouco comum”.

O didatismo implícito nestes momentos deixa claro que Pinho tinha interesse em manter um nível de desempenho satisfatório dos seus funcionários, valendo de estímulos subjetivos como forma de treinar a habilidade e propor acesso a outros tipos de conhecimento. Todavia, em se tratando de jovens em formação e desenvolvimento, a abrangência destes ensinamentos perduraria para além dos anos de experiência profissional contínua ensejados a partir da cobertura do edifício Jalcy.

A evolução de Delberg Ponce e Fausto Nilo resultava em aumento da produção do escritório, além de possibilitar mais tempo para Arialdo Pinho gerenciar o negócio, no entanto, sem a deixar de estimular o interesse e a manutenção da disciplina. As novas configurações das funções resultaram na dedicação do prático aos compromissos de trabalho fora daquele âmbito fechado. A partir daquele momento, ele deixa o *continuum* dos projetos sob a responsabilidade dos jovens e passa a objetivar as obras, conforme contextualiza Nilo: “[...] O Delberg já era mais detalhista, também transferiu pra mim

<sup>99</sup> Fausto Nilo, entrevista em 15.07.2015. Grifo meu.

um pouco o que ele ia descobrindo, e nós, juntos, passamos a apoiá-lo no escritório, de maneira que ele ficava livre [...] permitia-nos, às vezes, sugerir saídas para o projeto, dava uma melhorada, e assim ficamos muitos anos lá”. O arquiteto reconhece que esta relação e a atitude proativa de Arialdo ocorria afora da conveniência intrínseca às funções de cada um.

[...] uma coisa que eu me considero, que eu tenho tanto defeito: tenho dificuldade de transferir tarefas para os outros. Ele não. Comigo foi muito bacana: percebeu, foi *empurrando* coisa para eu fazer, elogiava: ‘Poxa, o garoto está arrasando’. E dali eu passei a ser o apresentador dos projetos do escritório dele.<sup>100</sup>

A autonomia projetual e a relação com os clientes eram situações bem definidas por Pinho, porém, essa independência nem sempre foi prerrogativa convergente. Ao defender as próprias ideias, valia-se de certa arrogância para rejeitar contraproposta do contratante, “do que ele acreditava, do ponto de vista de não ser o correto”, atesta Fausto Nilo. “Eu vi, muitas vezes, ele enrolar o papel e dizer: ‘Olhe, madame, leve o seu projeto, você deve procurar outra pessoa’”. Entretanto, este tipo de atitude revelava sobremaneira na vida profissional pós-escritório, de forma positiva, conforme diz acreditar o cearense. A autonomia e a escolha dos projetos, não aceitando todas as propostas, significaram aprendizado para Nilo, como a capacidade de rejeitar propostas, confiar na própria capacidade criativa e maturidade para gerenciar o próprio negócio.

Nesse ambiente de reciprocidade e confiança, reconhecia o potencial que obtinha no escritório em Fortaleza, a ponto de Pinho se ausentar durante o período de um ano para trabalhar na OCA, e cujo proprietário (Sérgio Rodrigues), a quem considerava “dono absoluto da posição, dado a sua extraordinária criatividade”<sup>101</sup>.

Durante o período em que esteve no Rio de Janeiro, o escritório na capital do Ceará ficou sob a direção dos seus dois pupilos, cabendo-lhes, inclusive, o acompanhamento das obras externas via contato telefônico entre Fortaleza e a capital do Rio de Janeiro. O contato entre empregador e empregados era inusitado, porém, configurava-se como a única opção dinâmica possível na época. Delberg de Leon relata:

<sup>100</sup> Fausto Nilo, entrevista em 15.07.2015. Grifo meu.

<sup>101</sup> Trecho de entrevista publicada no jornal *O Povo*, 1978.

[...] ficamos aqui, assumimos o escritório dele. Nós estávamos numa obra na Praça do Ferreira – que é a principal praça daqui – uma loja chamada Milano, 3, 4 pavimentos, sabe, a obra foi andando [...] e nós ficamos tocando a obra durante 1 ano.<sup>102</sup>

Depois de formados, a parceria entre os dois arquitetos mantém-se ativa, com comportamento e competências solidificados no de trabalho ainda estudantes, no escritório de período Arialdo. No que lhe concerne, Ponce de Leon frisa que “Muitos dos nossos procedimentos profissionais hoje aqui nesta mesa [...], são originários dos ensinamentos dele. Nossa postura hoje é muito em cima daquelas pessoas que, com 16 anos, dois jovens, tiveram a oportunidade de alcançar o acesso ao trabalho [De Pinho]”<sup>103</sup>. Antes subordinados, depois diplomados, os amigos “voltam” ao escritório, entretanto, na situação inversa a que caracterizou os anos antes da aprovação deles no curso da UFC. Numa delas, Nilo recorda: “Na faculdade, passei a trabalhar não só pra ele, mas também para outros arquitetos, mediante tarefa, que aí eu trabalhava num mês, ganhava um dinheirinho e podia ficar seis meses sem”. Em outras ocasiões, os dois desenvolvem trabalhos para o prático, contudo, como arquitetos independentes, sem vínculo de parceria. Tempos depois, Delberg Ponce e Fausto Nilo contratam Arialdo Pinho para projetar a ambientação de diversos projetos seus.

Arialdo Pinho possibilita aos descendentes diretos as mesmas oportunidades de emprego tal pôs emprática com Fausto Nilo e Delberg Ponce. Dos cinco filhos, dois tiveram relação com as artes. Arialdo de Mello recorda a época em que era subcontratado pelo pai: “[...] Ele *fez* uma fábrica de plástico... naquela época a primeira, perto do aeroporto antigo, e fiz todos os móveis... era uma fábrica grande [...] eu tinha 14 anos e meio”<sup>104</sup>, recorda. O prático sentia-se seguro para delegar atribuições funcionais a adolescentes, visto que, naquela época, as leis trabalhistas não haviam evoluído para as atuais prerrogativas empregatícias. Presume-se que a sua experiência em reconhecer potenciais colaboradores ainda jovens levava-o a oportunizar opções de renda remunerada. O empresário e político nos dias atuais, o filho mais velho aproveitou outras oportunidades oferecidas pelo prático: “[...] quando o meu pai fazia

<sup>102</sup> Delberg Ponce, entrevista em 15.07.2015.

<sup>103</sup> Grifo meu.

<sup>104</sup> Grifo meu.

Feira [de eventos], eu fazia os estandes – eu tinha 14, 15 anos [...]”<sup>105</sup>. Arialdo Pinho ampliava seus serviços neste mercado em ascensão em Fortaleza. Eram projetos que demandavam menos prerrogativas técnicas, entretanto, tempo e quantidade tornavam-se fatores de relevo. Para ter “controle” de suas obrigações para com os contratantes, montava o projeto, negociava-o e subcontratava o filho mais velho, já acostumado à familiaridade da pluralidade das demandas do escritório: “Eu montava e entregava pra ele pronto”.

Enveredando por caminhos empresariais distintos, o primogênito não perpetua a área de projetos, entretanto, seu irmão Alberto mantém uma carreira plural, iniciada na adolescência trabalhando para o pai:

O meu veio de ambientação vem dele, de fato, de aprender no exercício da vida, e toda casa sempre tinham muitos detalhes, que é onde eu podia ajudá-lo muito [na ambientação]. Eu tinha muita habilidade, gostava, produzia, trabalhava, tinha oficina, tinha tudo. Depois, montei um negócio de móveis, e onde eu desenhei móveis a vida toda e era um dos fornecedores para as suas ambientações. Ele desenhava e eu desenvolvia os projetos dos desenhos dele também [...].<sup>106</sup>

Alberto e Arialdo trabalharam juntos no parque aquático Beach Park, empreendimento que pertenceu a Arialdo de Mello. Essa relação professoral, ensinando e estimulando jovens talentos, independente das relações de parentesco, respeitando as aptidões de cada um, resultou em profissionais respeitados e reconhecidos, que souberam aproveitar as oportunidades (criativas) que lhes foram ofertadas.

---

<sup>105</sup> Grifo meu.

<sup>106</sup> Alberto ressalta que o planejamento de móveis também era uma das opções inclusas na carta projetual do progenitor. Entrevista em 9.07.2015 na residência dele. Grifo meu.

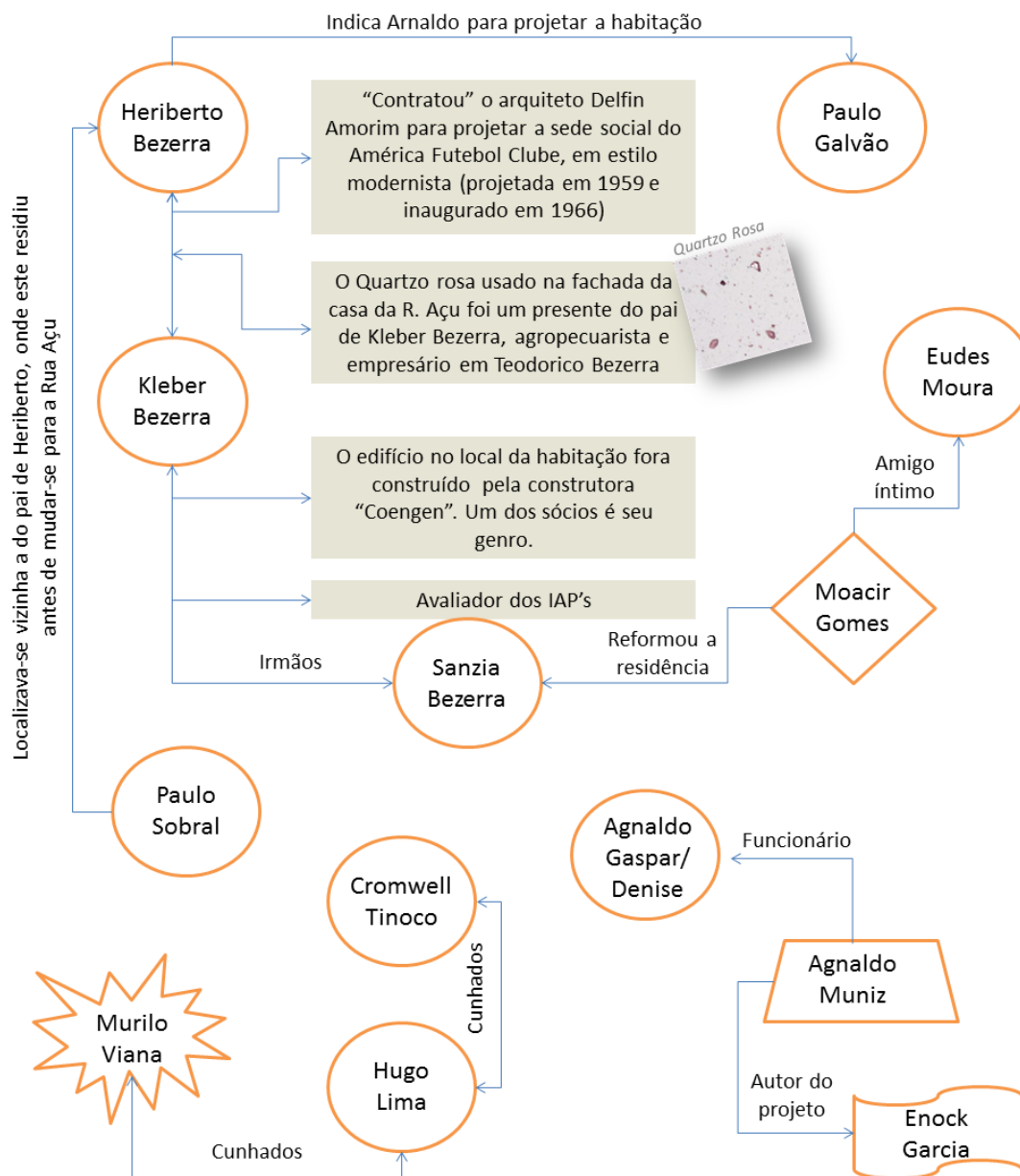
## CAPÍTULO 5 – MODERNIDADE SORTIDA

### *51 – Modernidade e pretensão*

As casas projetadas por Arialdo Pinho em Natal estão inseridas nas circunstâncias de uma Petrópolis e Tirol em acentuado processo de aceleração da mudança de sua paisagem construída. Elas envolvem alegrias e tristeza, ideias e reapropriações, reconhecimento e ocaso. Parar, observar e admirar seria o primeiro passo; abrangê-los seria o próximo. Ela nasce a partir da representação criativa materializada na paisagem, mantendo-se viva por meio de dois testemunhos: nas recordações e na presença edificada, compondo a historiografia da cidade. É nítida a rapidez dessa evolução patrimonial na efemeridade comum a diversos tipos de reuso/requalificação destinados às residências. O resultado dessas apropriações mostra-se mais evidente quando há a oportunidade de contemplá-las com mais atenção, identificando e relacionando-as entre passado e presente, projeto e prática, função e (re)uso. Isto é, intentar traçar um viés entre os criadores e as suas produções como os desdobramentos que se apresentam na capital do Estado do Rio Grande do Norte neste um quarto do século XXI.

As vivendas projetadas por ele em Natal, com inclusão de um dos dois projetos no interior do Estado, quando se privilegiaram os relatos orais baseados em recordadores com vínculos relacionais – familiares, trabalho, amizade – (Figura 77), mais as considerações do professor/pesquisador George Dantas (DARQ/PPGAU-UFRN) acerca desses projetos. Alguns destes momentos, contemplados pela profundidade e abrangência do audiovisual, são representados por imagens cujos sentimentos, sensações e interações com os dispositivos ao registrar em foto e vídeo o acervo edilício de Pinho.

**Figura 77 - Perspectiva relacional da clientela de Pinho**



Fonte: O pesquisador.

Para contemplar a biografia profissional de Arnaldo Pinho privilegiou-se o acervo edilício em Natal, passível de reconhecimento e confirmados pelos depoimentos orais, fatos que delinearão esta parte da pesquisa na capital do Rio Grande do Norte, constituindo-se imprescindíveis para arrematar outras fontes primárias disponibilizadas pelos recordadores. Foi surgindo a casa de dona Maria da Conceição Bezerra ainda no projeto original (a testada imponente no alicive artificial), bem como, a fachada de 1954 da residência do casal Denise e Arnaldo Gaspar, na avenida Marechal Deodoro da

Fonseca; a casa da família do médico Paulo Sobral, de 1955, na rua Mossoró (atualmente um grande edifício multifamiliar em fase final de conclusão), a remota foto aérea do bairro de Tirol, onde já se percebia, solitária no entorno, a residência do médico Eudes Caldas Moura (Associação Médica do RN), na ainda longínqua avenida Marechal Hermes da Fonseca, os cobogós da residência do engenheiro Kleber Bezerra em Petrópolis, o jovem estagiário Delberg Ponce no escritório de Arialdo em Fortaleza.

Chegar até este momento solidificado pelas descobertas crescentes que pontuaram os caminhos que segui, harmonizando as informações teóricas, práticas e testemunhos orais, elaboraram olhares que se imbricaram plástica e criticamente acerca do patrimônio edificado, disciplinados para a educação arquitetural. Estes aspectos, em constante, granjearam a contribuição do fazer documentário, permitindo abrir-me o olhar e a compreensão no âmbito desse patrimônio cultural construído.

Aferir a clientela contratante dos projetos do prático revela as condições sócio-econômicas deste público, tanto que, foi possível averiguar e relacionar algumas profissões destas pessoas em Natal: os médicos Eudes Caldas Moura, Heriberto Bezerra e Paulo Sobral; advogado Cromwell Tinoco, industriários Osmundo Faria e descendentes da família Salustino, engenheiros Arnaldo Gaspar, Kleber Bezerra, e sua irmã, Sânzia (as habitações destes dois últimos já estavam edificadas quando mudaram-se; os pais contrataram Pinho para fazer o projeto), agropecuarista Hugo Lima. Moacyr Gomes contextualiza os sujeitos à época:

[...] Naquela época, nos anos 50, aqui em Natal... eu vou falar uma coisa que eu acho que é meio grosseira, assim, mas seriam novos ricos... pessoas já ligadas com esse tipo de arquitetura que naquele momento se fazia, assim, [com] crescimento mesmo, na arquitetura residencial, no caso, modernista. Então, essas pessoas aqui já tinham essa cabeça: 'Ah, é porque está na moda, vamos fazer' [...] e muitas vezes a frente da casa era uma garagem, que antigamente não era. Você tinha de fazer um oitão para quem tinha carro. Era raro. Quase, quase ninguém tinha. Então, quando você tinha um veículo automotor, você tinha um oitão lateral de 2 metros e meio a 3 metros, aonde você procurava a garagem, era no fundo do terreno. Imagine como era difícil você sair de ré num oitão de 2 metros e pouco. Aí, isso mudou tudo! aí começamos a fazer casas em que a garagem estava no primeiro plano, a parte principal tinha um jardim ao lado onde você entrava. Então, mudou. Formalmente, conceitualmente e



funcionalmente, mudou. E ele foi praticamente um dos que introduziram esse tipo de coisa. Agradou, então ele começou a ser procurado.<sup>107</sup>

*a) Avenida Marechal Hermes da Fonseca, número 1174. Ano: 1951*

Nos caminhos percorridos por Tirol e Petrópolis (Figura 78), algumas vivendas me atraíram a atenção por distintos motivos. Dentre elas, uma se destacava, seja pelo volume, ou pelo efeito visual das pedrinhas do revestimento externo, ou por conta das reentrâncias na lateral. Alta e sólida. O primeiro projeto arquitetural de Pinho em Natal data de 1951 (Figura 79). Contratado pelo comerciante Amaro Mesquita, a habitação fora ocupada pelo casal Osmundo Faria e Janete Mesquita de Faria.

**Figura 78** - Em 15 anos, o prisma sobre prisma, como a edificação solta no lote, as soluções para a testada, com uso de madeira, vidro e a empena. Nota-se a inclusão de condicionadores de ar.



Fonte: <registro de 2001, em [http://musaufnrn.wixsite.com/iconesmodernistas/hermes-1174?lightbox=image\\_1hz8](http://musaufnrn.wixsite.com/iconesmodernistas/hermes-1174?lightbox=image_1hz8)>. Acesso em 1 de agosto de 2016.

---

<sup>107</sup> Moacyr Gomes, entrevista em 25.10.2015 no escritório de sua residência.

Moacyr Gomes aponta a classe social da clientela do prático na capital do Estado:

Era toda a sociedade: os médicos, as pessoas... os comerciantes, a classe média, a firma de Galvão Mesquita, que era o pai da mulher do Osmundo Farias - avó do atual governador - eram comerciantes de muito prestígio na cidade e toda a associação comercial, era, logicamente, conduzida a procurar os préstimos do profissional que estava em plena ascensão.<sup>108</sup>

Era nesta paisagem da Natal, 64 anos depois de construída, que aconteceu a captação de imagens da habitação. Por diversas vezes, seja por meio das câmeras dos dispositivos filmadora, fotográfico e aparelho celular, o trânsito intenso, o barulho da rua e a sensação de estar sendo notado enquanto me equilibrava no canteiro central da avenida ou mesmo quando a atravessava para aproveitar a brecha entre os automóveis, aconteceram. Durante alguns registros, houve instantes em que a chegada do crepúsculo deu sinais de comprometimento a esses momentos, em virtude de a habitação direcionar-se para o nascente e a falta de iluminação apressava os registros. Algumas dessas incursões resultaram na documentação visual da rua Doutor João Chaves, onde Arialdo havia residido, e que situava à lateral esquerda da vivenda. Estar localizada num lote de esquina permitiu que se aproximasse da edificação com enquadramento suficiente para registrar a volumetria, todavia, proporcionados de acordo com a capacidade focal e de aprofundamento inerentes a cada dispositivo.

**Figura 79** - Uma ainda tranquila avenida Mal. Hermes da Fonseca, Tirol, sentido Petrópolis. À esquerda, em primeiro plano, pequeno trecho da residência



Fonte: <https://www.facebook.com/flavio.resende.5?fref=ts>. Acesso: 04.04.2016.

<sup>108</sup> Moacyr Gomes, entrevista em 25.10.2015 no escritório de sua residência.

Munido a filmadora, utilizei o recurso do *zoom in* para aproximar os detalhes das soluções empreendidas e os pormenores dos revestimentos em pedras, as esquadrias das janelas, as portas e, principalmente, o estágio inicial de abandono, com a queda do revestimento, pixações e outras avarias ainda disponíveis. O *zoom out* permitiu que, de um detalhe “estético-facial”, se afastasse lentamente até apresentar a grandiosidade do projeto. Era uma habitação ainda imponente, principalmente por estar na esquina do lote e acima do rés do chão. As reentrâncias laterais, os recortes nada monótonos, a altura da caixa, puderam ser aproximados e afastados, afeitando a uma curiosidade no olhar quase invasivo, meu.

O professor George Alexandre Dantas contextualiza o projeto desta habitação relacionando-o às possibilidades em voga no início da década de 1950 nas principais capitais do país. Algumas delas eminentemente aplicadas por Aivaldo para a vivenda de Tirol, denotando a aplicação da cartilha modernista em diálogo com o clima e a posição do lote na esquina, em um declive.

[...] é inegável que ela acaba tendo uma fachada principal por questões de orientação – está voltada para a (Avenida) Hermes da Fonseca – orientação mais adequada por motivos de insolação, de ventilação [...] é uma solução mais refinada, de um tipo de tratamento volumétrico que vai ser tornar corrente nesse período. Você tem, por exemplo, Acácio Gil Borsoi desenvolvendo esse tipo de linguagem no Recife, João Pessoa e mesmo aqui pra gente em Natal, de fazer esse paralelepípedo pra garantir essa característica do volume [...] e garantir a inclinação da água, que é importante pro nosso clima por conta das chuvas e da insolação, mas ele garante essa inclinação das águas mantendo dentro de uma linguagem mais abstrata, que é uma característica mais da arquitetura modernista. E quando ele faz isso, basta recuar o acesso pros quartos, criando uma idéia de varanda, e com isso garante, também o sombreamento e a proteção. É um tipo de artifício, é uma estratégia projetual que foi se tornando recorrente, não é? E, mais uma vez, não é uma fórmula pronta, é uma estratégia que você adequa a casa situação.<sup>109</sup>

A imponente testada voltada para os olhos dos passantes, com a empena, o pé-direito que mantém (e acentua) a presença da edificação, originalmente com muro e pequena grade, com revestimento em pedra, emolduravam o conjunto. O que não se “sabia”, ou mesmo percebia, era a lateral proposta por soluções bastante diversas do que

<sup>109</sup> George Dantas, entrevista dia 19.02.2016.

se observava da avenida, com janelas em fita com beiral, entradas independentes; uma delas, sob marquise em balanço.

[...] tem a fachada lateral e a superior [...] ele vai colocar essa pedra marcando o volume térreo, e com isso ele dá aquela sensação de ficar mais escuro, assenta e libera esse volume de branco. Dá mais leveza! É, uma estratégia projetual também interessante, às vezes só com mudança de textura; reforça a idéia de zoneamento, de separação espacial das partes que compõem a casa.<sup>110</sup>

Aos olhos dos passantes, a habitação, pela própria dimensão dos prismas e os recuos laterais, destacava-se da rua. Todavia, ao ser observada com mais atenção, via-se o quanto era discreta e instigadora da curiosidade, aqui, no caso, aflorada pela pesquisa de campo.

Estas sugestões intencionais vistas no zoneamento dos dois pavimentos (Figuras 80 e 81) foram sendo apagadas gradativamente. Ademais, tal velocidade de mudanças obedecia a “urgência” inerente a cada nova função destinada à habitação. Assim como ocorreu em outras experiências de documentação iconográfica para o doutoramento, o reuso sinalizava dois caminhos de ascensão e ocaso observados no patrimônio cultural dos bairros percorridos e vivenciados em campo: 1) quando “partia-se” de um estágio de (pré)abandono, as novas faces receberiam uma aplicação estética que as deixavam próximas ao irreconhecível; 2) Em sentido inverso, o último reuso, como se exaurisse as forças tecnológicas e históricas da habitação, transformava-a no retrato do abandono, caminhando para a morte anunciada a ser chantada em sólidos alicerces e ornadas em panos de vidro.

---

<sup>110</sup> George Dantas, entrevista dia 19.02.2016.



bem ao lado da habitação. Esta falta de percepção ao patrimônio construído também ocorria – confesso, sem culpa – com a maioria das residências projetadas por Arialdo. Explico: esquecemos que um dia estivemos tão próximos de algumas edificações de relevo da cidade (isto, independentemente de serem as habitações da pesquisa), e esquecemos porque, mesmo que prestemos atenção, não há conhecimento sobre tal. Massificamos intimamente com o olhar, que se apaga quando nos afastamos ou mesmo vivenciamos momentos junto às habitações, por exemplo. Formas, cores, longe, perto, feias ou bonitas, importantes ou esquecidas, ficam para trás na memória de um dia em que foram, ao menos, paisagem edificada a compor o caminho pedonal. Até que, uma fotografia antiga nos remeta ao longínquo ontem, localizando a pessoa que fomos naquela cidade tão nossa, tão próxima e, ironicamente, pretérita, formatando a “cegueira” de não se aperceber do que compõe o nosso entorno.

A necessidade de documentar a habitação (Figuras 82, 83 e 84) fez-me voltar os olhos para aquela casa que *só* era diferente. Aquela que, à noite, eu via da janela do 30º andar, com as placas iluminadas que sustentavam o nome das empresas captaneadas pelo ex-morador, engenheiro Arnaldo Gaspar. Outra oportunidade surgiu quando fui visitar um amigo no edifício do INSS, quando pude fotografar do 13º andar e ter a noção da ocupação da habitação no lote, e a relação com a vizinhança, inclusive o terreno vizinho onde outrora existiam os citados chalés. A movimentação dos passantes, dos inúmeros automóveis, bicicletas, alguns vendedores ambulantes, obrigavam-me a aguardar o melhor momento de registro. Em uma das ocasiões, tive de pedir permissão ao vigilante diurno para fazê-lo. Nem sempre dava tempo para fotografar, tal exposição pessoal: havia de escolher filmar ou fotografar.

**Figura 82** – Na testada, pilotis, pedra de Parelhas e avenida de paralelepípedo



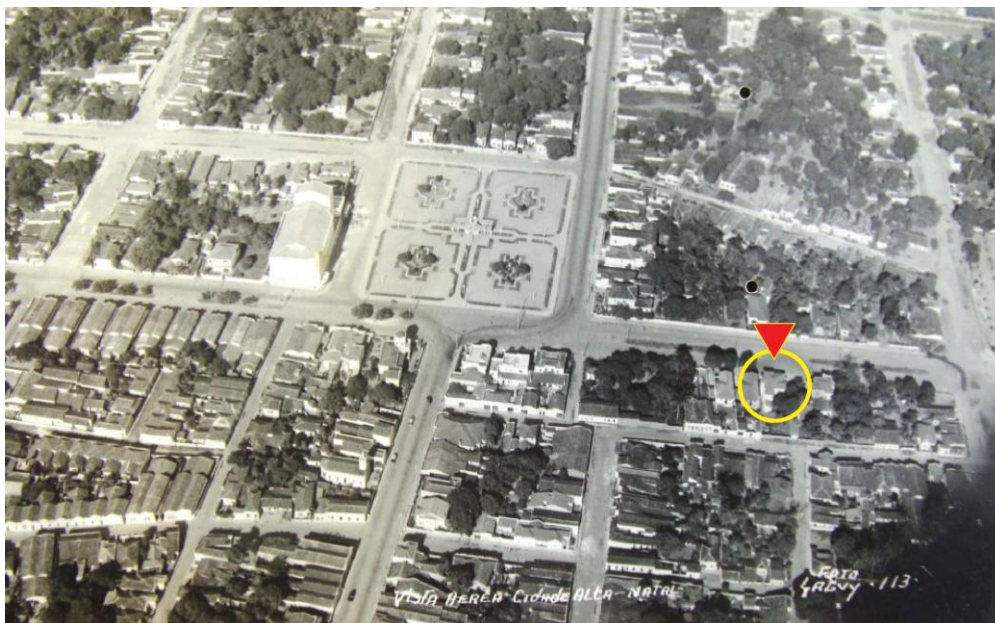
Fonte: Acervo Denise Gaspar.

**Figura 83** - Outro ângulo da habitação, que se destaca pelos dois pavimentos



Fonte: acervo Fred Rossiter.

**Figura 84** - Ao centro a praça Pio X. Notar o terreno arborizado ao lado onde fora construída a residência (ângulo aproximado)



Fonte: acervo Fred Rossiter.

Eleger ângulos e enquadramentos nas *condições* que a avenida oferecia obrigava-me a escolhas rápidas e objetivas: “Filmar o quê?”. A lente da câmera filmadora não era uma grande angular; a do aparelho celular, idem. A fotográfica também tinha esta limitação. Caso eu andasse para trás, no canteiro central, os galhos das árvores cobririam o enquadramento... e se eu resolvesse atravessar para a calçada da pista contrária, perderia a visão do pavimento térreo da habitação. A decisão fora a mesma das outras experiências: não desistir, e principalmente, não boicotar o trabalho. Fazer. Ponto.

Sabia que deveria ter uma função além da estética. “[...] com uma fachada e o volume principal superior com três módulos [...] ele desdobra esse módulo e dá ideia de que é maior, mais longitudinal, porque faz uma espécie de *solarium* que é protegido por um guarda-corpo vazado e [usa] pequenos brises”, explica o professor Dantas. Analisando algumas fotografias de campo da ex-vivenda, Dantas revela algumas escolhas do prático para a família Gaspar:



Essa volumetria mais alongada no pavimento superior, com uma proporção bem modernista, meio corbusiana, eleva a estrutura dando uma idéia de pilotis, recua o pavimento [...] trabalha o pavimento térreo para com isso garantir sombreamento, proteção à insolação com essas aberturas, agora um arranjo, é... um pouco mais convencional da planta [...]. Essa abertura maior com as reentrâncias garante maior dinamismo na composição. [...] em vez de águas inclinadas, ornamentação, que seriam as soluções mais acadêmicas, tem um dinamismo com esse jogo de avanços, reentrâncias, recorte, torna a volumetria mais interessante e trabalha com o recuo também; é um veículo mais adequado do ponto de vista ambiental, no lado esquerdo da fachada [...].<sup>112</sup>

Conforme adentrava no estado da arte e começava a vivenciar as ruas de forma mais curiosa, observadora, contraditoriamente introspecta, percebi que algumas soluções contidas nos projetos de Arialdo Pinho também eram as mesmas escolhidas por Aguinaldo Muniz, por exemplo, e seriam intensificados no decorrer da própria década retratada na pesquisa, prolongando-se nas duas posteriores na cidade, como o uso ornamental de revestimentos interno e externo, com forte apelo decorativo. O calcário rosa ou “pedra de Parelhas” – pavimento térreo, face exterior na vivenda de caso -, o quartzo, com diferentes granulações e matizes, era de fácil identificação. George Dantas ressalta a abrangência dessa matéria-prima nos projetos:

Esse uso da pedra Parelhas em especial acabou virando uma característica da produção – e em Natal pelo acesso ao material [...] e o Arialdo Pinho está ajudando a divulgar, a compor essa característica, que vai ser muito usual no mínimo até o início dos anos [19]80, o uso intensivo desse material,... depois, quando se diversifica esse mercado de construção civil [...] vai aumentar o cardápio de materiais, [a] textura, mas ele ajuda a consolidá-lo.<sup>113</sup>

Fazer uso de materiais regionais para compor tanto estrutural como funcionalmente – incluindo efeitos decorativos – os projetos, não foi uma alternativa exclusiva de Arialdo Pinho para suprir a falta de outras opções nomeadamente características da composição estrutural das habitações modernistas. Na decoração e movelaria, a opção de escolha mais próxima era em Recife, Pernambuco. Entretanto, na conjuntura prática da tese, assim como, na impossibilidade de cotejar a gênese da ideia primeva, originária, tem-se como testemunha a fôrma e a forma presentes na

<sup>112</sup> George Dantas, entrevista dia 19.02.2016.

<sup>113</sup> George Dantas, entrevista dia 19.02.2016.

materialização desse patrimônio construído. A habitação da rua Mossoró possibilitará entrever.

*c) Rua Mossoró – Ano: 1955*

A vivenda número 510 da rua Mossoró (Figura 85), em Tirol, já limite com Petrópolis, fora projetada para o médico Paulo Sobral e a professora pernambucana Abigail Nobre. Na metade da década, era a “Última casa a ser erguida naquele trecho da Mossoró, e não a primeira a ser derrubada. Antes dela, coisa dos anos 1990, a casa vizinha, Mossoró 520, do comerciante Antônio Justino Bezerra<sup>114</sup>, cedeu espaço para a construção do condomínio Villa Lobos”, informa o jornalista Gustavo Sobral (2011, p.12). Arialdo Pinho projeta a habitação para uma numerosa família: além do casal, mais três filhas, duas tias e ainda uma criança de colo.

De acordo com a publicação, o motivo para a contratação dos serviços arquiteturais de Pinho continuava desconhecido, assim como, os valores financeiros do seu serviço. Entretanto, os caminhos percorridos pela família para a aquisição do terreno e a obra efetivamente sair dos traços do prático exigiu que o futuro proprietário recorresse ao empréstimo financeiro. Para começar a ocupar o lote daquela que estava se consolidando como importante via secundária da região, o sonho da casa própria se materializaria em parcelas:

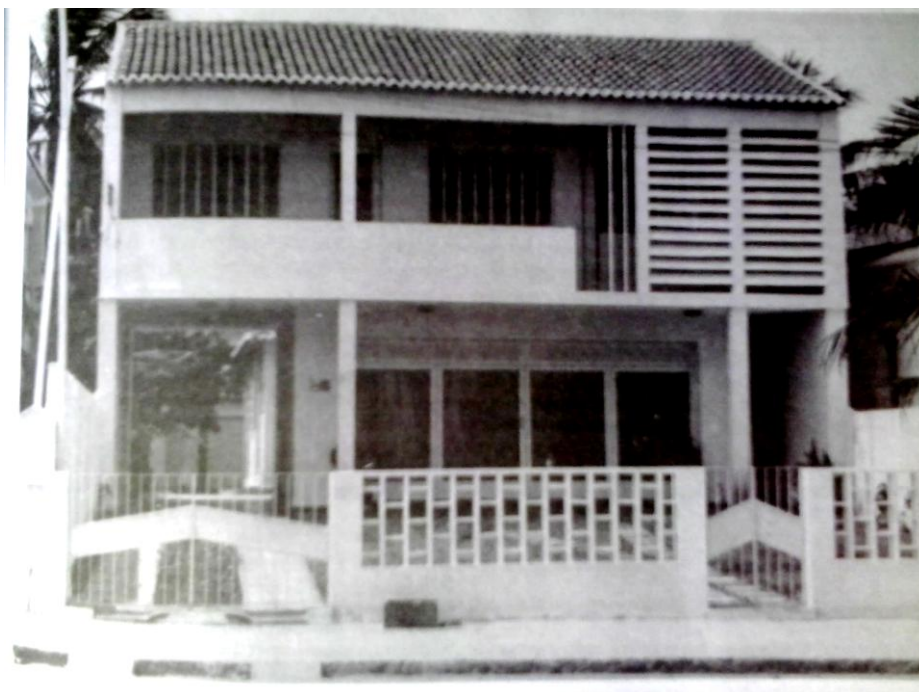
O contrato de empreitada foi firmado com o construtor e engenheiro civil Gentil Ferreira de Souza, cunhado de dr. Paulo. No terreno se construiria um prédio residencial de dois pavimentos a ser entregue 280 dias após o início da obra, condicionada à concessão do financiamento pela Caixa Econômica Federal do Rio Grande do Norte. No contrato, uma cláusula especificava que nenhuma modificação do projeto e especificações poderá ser feito por ordem dos proprietários. A Caixa Econômica tinha direito de fiscalizar a execução da obra. A construção estava orçada em CR\$ 400.000 (quatrocentos mil cruzeiros), e a Caixa financiou CR\$ 300.000 (trezentos mil cruzeiros). A casa começou assim: alicerce e aterros, depois estrutura e placa de forro; cobertura e reboco das paredes internas; instalações sanitárias; ladrilhos, portas, janelas e armários. Por fim, o habite-se e as chaves (SOBRAL, id., p.13)

---

<sup>114</sup> Antonio Justino vem a ser o pai do pediatra Eriberto Bezerra, que havia de ser colega do obstetra Sobral, no hospital Miguel Couto (atual Maternidade Escola Januário Cicco), em Natal (SOBRAL, 2011, p.13).

O pequeno trecho entre a avenida Prudente de Moraes e a rua Campos Sales é a divisa dos dois bairros. A habitação da família Sobral, de acordo com a única fotografia divulgada/publicada denota uma linguagem visual distinta dos outros projetos de Arialdo Pinho. De aspecto tropical, mais aberta, assemelhava-se a casa de praia nordestina. Árvore frondosa no fundo do lote, coqueiros a ladeá-la, a garagem vazada, a *chegada* próxima à rua, eram algumas referências visuais possibilitadas pelo documento. “[...] Ele toma partido de uma tradição secular que é a lógica da varanda dentro dessa nova linguagem. [...] Um leitor desapercibido poderia olhar para a casa rapidamente e achar que ela é um pouco mais tradicional”, contextualiza, “aos olhos de hoje” as referências do ontem, George Dantas.

**Figura 85** - Aspecto praiano atinente os pavimentos e o telhado complementam o volume modernista. Apesar do recuo, aparenta ser mais próxima da rua



Fonte: Livro Arquitetura Moderna Potiguar.

Arialdo dialoga com materiais locais, como o fez na habitação da família Faria em 1951 e usará amplamente nas residências que projeta na praia de Cumbuco, no Ceará. Para o exemplar de Tirol, pequenos “conjuntos” de soluções elencadas buscam a aparência estética voltada para a rua, enquanto cumpre dosar as incidências de

luminosidade e ventilação. Ao mirar o registro fotográfico, o professor Dantas atenta para alguns itens:

[...] o pilotis demarcado pela idéia de varanda. Recua o pavimento térreo, protege uma das laterais com o que seriam brises horizontais [...] e assim, não deixa de trabalhar com as grandes esquadrias, tentando abrir ao máximo. Isso é uma idéia fundamental, quer dizer, a casa tem esse caráter do modernismo fortemente enraizado já, mas com todos esses ganhos; a idéia da transparência, da abertura, é fundamental, de ter essa predominância dos vazios sobre os cheios. É algo importante na produção modernista - mesmo na modernista européia - e como isso é adaptado para o Brasil, para garantir uma abertura que ventile, mas protegê-las para que a insolação não torne [o ambiente] insuportável.<sup>115</sup>

O olhar acadêmico traz a carga teórica fundamental para essa compreensão dos ditames empreendidos por Aivaldo Pinho, porporcionando o estiramento de discussões antes desconhecidas por quem não é oriundo da arquitetura e urbanismo. Só assim, pode-se juntar peças que compuseram parte da vivenda, no caso, a fachada, quando a única alternativa possível era ter como objeto uma fotografia... da fotografia.

Outra coisa que é interessante nessa casa é essa diferença da composição do que é pavimento térreo e do que é o pavimento superior. [...] Essa modulação não é simétrica – não tem um ritmo “A A A”. Quebra de acordo com a necessidade de função e de proteção [...] e reforça essa quebra [...], o que torna mais interessante ainda essa composição. Não fica amarrado a esse tipo de ditame acadêmico e que muitas vezes, até, os modernistas utilizavam para controlar a composição. [...] Ele faz amarrações que, me parece ter um sentido funcional de proteção. Então há um ritmo no pavimento térreo, assimétrico; e em cima é um ritmo mais simétrico, que quebra um pouco essa leitura de baixo [...] Muitas vezes se fugia desse tipo de arranjo [...].<sup>116</sup>

Se o aspecto externo poderia denotar uma proximidade de estilo com um vernáculo *mezzo* praia-urbano, Aivaldo Pinho propõe para o interior da habitação a aplicação em voga para a escola modernista: matizes diversas, revestimentos idem; atenção especial à escada e um programa adaptado às necessidades da família e, assim como propôs para a residência Bezerra, um espaço específico para o patriarca exercer, caso fosse preciso, a profissão.

<sup>115</sup> George Dantas, entrevista dia 19.02.2016. Grifo meu.

<sup>116</sup> George Dantas, entrevista dia 19.02.2016.

[...] A escada era revestida de marmorite. A sala de jantar, de ladrilho preto e branco. No escritório, estante de livros, cadeira giratória, piso de taco [...]. Os novos hábitos moldavam o formato das casas. A televisão exigia espaço na sala de estar para tevê; a ascensão do profissional liberal, um gabinete de trabalho em casa; a privacidade impunha a separação dos quartos em ala própria. Na casa moderna de dois pavimentos, a área íntima ficava reservada ao segundo andar. O hábito de receber fazia necessária uma sala de visitas separada da sala de jantar e da cozinha, que ganhava copa para as refeições diárias (SOBRAL, *ibid.*, p. 23,24).

Gustavo Sobral relata que os móveis da moderna casa haviam sido projetados pela proprietária, ou seja, Pinho ainda não inclui a ambientação do interior dos espaços internos para a casa da rua Mossoró, função que desempenharia até o fim da vida em Fortaleza. Isto leva a outra conjectura: a interpretação da dona da casa do que *se considerava* modernismo na arquitetura, visto que, naquela ocasião, estaria em voga sua bagagem cultural, que “poderia ou não”, combinar com a proposta da concepção da vivenda.

Depreende-se o volume do investimento também pela iniciativa esmerada da família em compor a mobília e decorar os compartimentos propostos no programa. Petrópolis e Tirol tiveram uma urbanização lenta, fato que pode ter significado certa imponência/reconhecimento dessas habitações que não se assemelhavam aos chalezinhos usuais, naquela paisagem natural para uma transformação edificada. Entretanto, se um dia a ex-Cidade Nova se espalhou lenta em direção à zona Leste, o Século XXI acentua o sentido inverso dessa ocupação: assiste ao reaparecimento de muitos destes lotes, parte deles em terrenos onde antes havia habitações; outra sob novas formas, tamanhos e funções<sup>117</sup> e a ausência delas na paisagem cultural da cidade.

Os pais do engenheiro Kleber de Carvalho Bezerra encomendam a Arialdo o projeto para duas habitações (1955-1956) em Petrópolis, destinadas ao casal de filhos. A residência voltava-se para a rua Trairi; a de sua irmã, Sânzia, para a rua Tuiuti. Ambas, unidas com um portão de acesso no fundo do lote, que ladeavam a avenida Marechal Hermes da Fonseca. Para a moradia do engenheiro<sup>118</sup>, Arialdo mantém a

<sup>117</sup> Muitos anos antes da demolição dos chalezinhos vizinhos à residência, lembro-me deles, inclusive, do casarão na esquina onde, antes de ser demolido, havia sido uma casa de recepções no meio da década de 1980. Gostaria muito de lembrar-me da casa Sobral. Eu não tinha maturidade para tal.

<sup>118</sup> Kleber de Carvalho Bezerra, como engenheiro civil, foi avaliador das unidades dos IAPs.

lateral da habitação com árvores e espaço livre até a calçada da avenida, protegida por um muro com grade de ferro. A jardineira se estendia até o frontal. O costume rural de manter o galinheiro como item integrante do projeto moderno novamente irá se repetir na proposta.

A família de Kleber Bezerra viveu na habitação de 1960 até 1994. A mudança para um apartamento em outra área nobre da cidade, na zona Sul, fora uma decisão atípica, em se considerando os motivos mormente recorrentes às mudanças de endereços, ocasionados, por exemplo, por questões relacionadas à segurança pública, altas despesas de manutenção e a diminuição dos entes familiares a continuar na vivenda unifamiliar, cujos descendentes contraíam matrimônio e iriam empreender vida nova em outro imóvel. “Minha casa era fraquinha”, comenta o engenheiro, cuja opinião assim classificava o bem: “A nossa era uma casa mais modesta. Depois, a de minha irmã, por exemplo, transformou-se numa casa muito boa”, revela. Ele diz acreditar que tal qualidade não estimulou uma pressão por parte do mercado imobiliário para a família *trocar* de moradia.

Um condomínio residencial em sistema de auto-serviço<sup>119</sup>, com 45 apartamentos toma lugar no lote de esquina da rua Trairi, onde a família viveu por 34 anos, quando recebeu a casa nova, construída em terreno negociado com o construtor Ciro Bezerra. À época, a região chamava-se, informalmente, Cirolândia, em alusão a Barreto, responsável por comercializar grande parte dos lotes, chegando a construir vivendas com as mesmas características tipológicas. Apesar de não seguir normas de técnicas de formatação e, por vezes, misturar informação de sua autoria com depoimentos, como o faz com o arquiteto Moacyr Gomes no trecho a seguir, Gustavo Sobral publica que a Cirolândia (codinome posterior ao momento, informa):

[...] Uma experiência nova para a cidade, nos anos 1950, partiu do empresário Ciro Barreto de Paiva, que em Petrópolis, entre as ruas Potengi e Trairi, fronteira com o morro de Mãe Luiza, construiu condomínio de casas, conjunto habitacional, o primeiro do gênero na cidade. Conjunto de casas com financiamento da Caixa, um

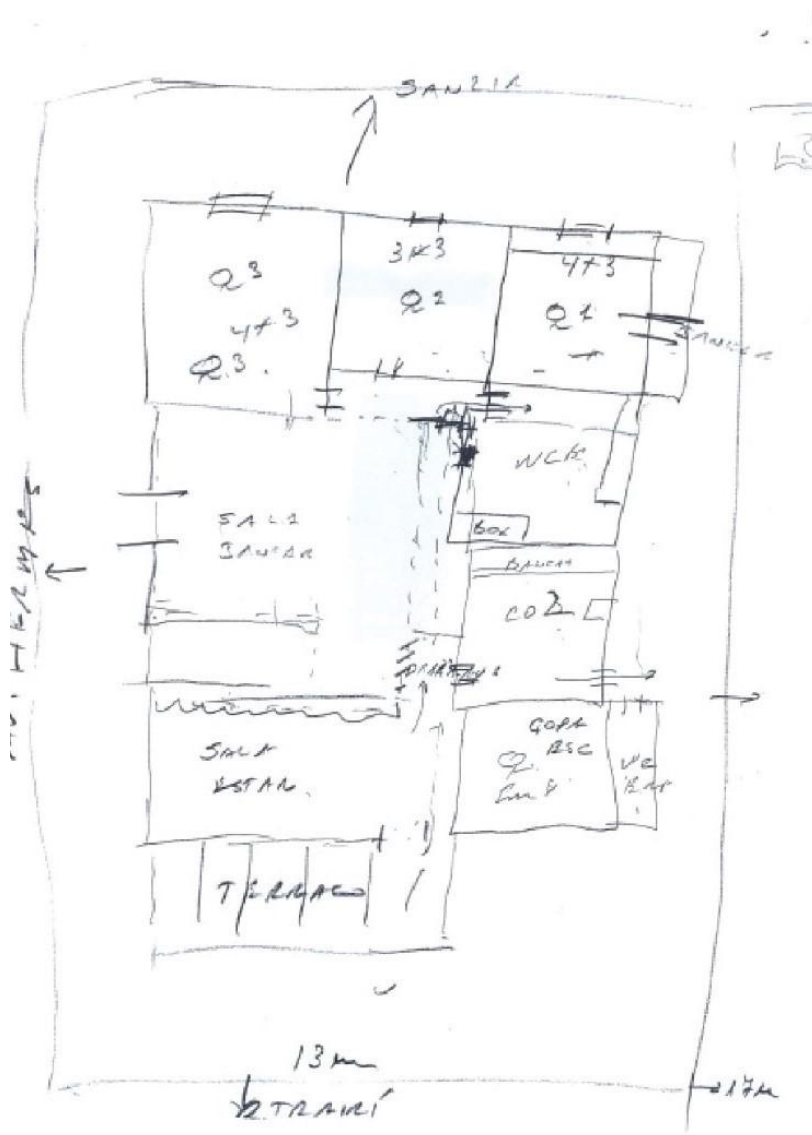
---

<sup>119</sup> O Petrópolis Residence é um produto da construtora COENGEN - Comércio e Engenharia, cujo sócio é genro de Kleber Bezerra. A empresa ocupa a ex-residência número 454 da rua Seridó, em Petrópolis, classificada pela historiografia acadêmica como a primeira habitação modernista da cidade (1938). O imóvel pertence à família Medeiros. Entrevistei Hercília Medeiros, descendente do médico Pedro Coelho, proprietário.

condomínio aberto, porque as ruas eram públicas. Havia quatro ou cinco padrões de projetos, o sujeito escolhia e executava [...] (SOBRAL, *ibid.*, p.12)

Ao mudar-se para a habitação, o engenheiro empreende, sob sua autoria, a primeira e única reforma do imóvel. Na sua compreensão, o projeto continha falhas que se evidenciaram no uso diário, como os quartos e a área social voltados para o poente. Na nova proposta, a cozinha receberia a incidência solar. Durante uma das entrevistas concedidas à pesquisa, Kleber Bezerra acorre às lembranças e desenha a planta da habitação naquele momento imaginada (Figura 86).

**Figura 86** - Planta de reforma empreendida pelo engenheiro



Fonte: O pesquisador.

Registrei o momento, com ele setorizando e identificando janelas, cobogós, área aberta etc., aludindo às fotografias de família que havia me mostrado anteriormente. Vez ou outra, ao se confundir, apagava trechos da reconstituição no papel, porém, de pronto realocizava os cômodos, exibindo uma certeza de que a proposta traria mais conforto para a família.

*d) Rua Tuiuti – Ano: 1955 (Segundo Semestre)/1966 (Primeiro Semestre)*

Apesar de ter na lembrança a habitação, a mim me parecia uma construção da década de 1980. Algumas vezes, mesmo anteriormente ao doutoramento, caminhei na alta calçada da lateral, acima do nível da movimentada avenida Marechal Hermes da Fonseca. Tinha em mente que aquele trecho, as ruas alagavam rapidamente com a mais tenra chuva. A minha observação “despreocupada” nunca me fez questionar, ter algum “juízo de valor” acerca daquela vivenda, tampouco, sabia que aquele exemplar não era o “original”: “Eles fizeram uma reforma, praticamente colocaram abaixo e fizeram outra. O autor do projeto foi Moacyr Gomes. Ele é muito amigo de meu cunhado e foi autor do projeto. Uma casa muito boa e que hoje tá abandonada lá”, esclarece Kleber Bezerra<sup>120</sup>. Gomes vem a ser compadre do proprietário da vivenda (Figura 87). Ele confirma e explica as circunstâncias:

A casa de Hélio Nelson, foi também projeto de Arialdo, muito tempo depois, lá para os anos [19]60, ele me pediu um projeto de mudança, de reforma da casa; acrescentei mais algumas coisas. Por uma questão de ética eu teria de ter uma correspondência com o Arialdo, perguntando se ele me autorizaria a fazer a reforma. Não tinha o endereço dele, então terminei fazendo a reforma.<sup>121</sup>

O arquiteto relembra a boa relação que manteve com Pinho, dizendo acreditar que o bom vínculo com o colega anos antes dirimisse a atitude de empreender as mudanças na vivenda.

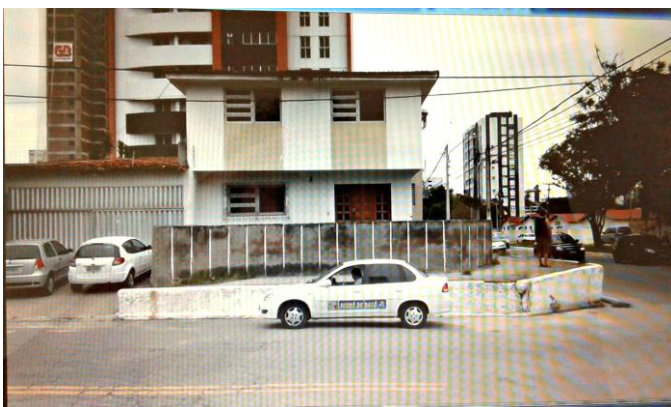
---

<sup>120</sup> Kleber Bezerra, entrevista em 9.12.2016.

<sup>121</sup> Kleber Bezerra, entrevista em 9.12.2016. Grifo meu.



**Figura 87** - Em *frame*, a habitação de Sânzia Bezerra, em 2014, na rua Tuiuti, após reforma por Moacyr Gomes. O prédio atrás é onde se localizava a casa de Kleber



Fonte: Acervo do pesquisador.

O casal Hélio Nelson e Sânzia receberam a habitação como presente dos pais dela. O irmão da proprietária ganha a sua vivenda partilhando o mesmo momento e o mesmo autor do projeto, cuja testada voltar-se-ia para a rua Trairi. Durante a pesquisa de campo, fui informado oficiosamente que havia a possibilidade de a habitação ser demolida e o seu destino seria “virar” um edifício e os proprietários receberem algumas unidades habitacionais como moeda de troca. Em 2014, eles não mais residiam na casa.

e) *Av. Marechal Hermes da Fonseca, número 1396 - Tirol*<sup>122</sup>

A fotografia aérea de Tirol, com Petrópolis em seguida e o Atlântico mais ao fundo, permite compreender o espraiamento da cidade na década de 1950 e a ocupação do solo. As ruas em grelha, entretanto, seriam ocupadas, primeiro, com moradias unifamiliares, e a vegetação, de certa maneira, resistia à ocupação. A residência da família Caldas Moura não tinha vizinhos quando se mudaram para Tirol. À sua esquerda, o amplo terreno do Aero Futebol Clube e todo o entorno da habitação, incluindo o outro lado da “pista”, área lentamente ocupada pelo Batalhão do 16º Batalhão de Infantaria Motorizado (Figura 88).

**Figura 88** - O adensamento de Petrópolis e, à esquerda, a habitação dos Moura, num trecho distante de um Tirol com grandes vazios



Fonte: Acervo Fred Rossiter.

Arialdo tinha relação de amizade com o presidente da Associação Médica do RN, Eudes Caldas Moura. O interesse por arte era preferência compartilhada por ambos.

<sup>122</sup> Não se conseguiu obter a data do projeto da residência.

Esta característica é lembrada por Moacyr Gomes, amigo pessoal de Moura, a quem apresenta o prático ao arquiteto: “Eles eram companheiros de tertúlias”. De modo que, a vivenda projetada por Pinho iria receber uma família cuja rotina, resumia-se aos afazeres *para os lados distantes* de Petrópolis.

Considero um dos projetos mais “enigmáticos” de Arialdo Pinho em Natal. Para documentar o edifício, tudo e nada despertavam-me a atenção. Tudo, o volume e a testada, principalmente o pavimento superior e o muro lateral do lado oposto, com cobogós “estranhos” (Figuras 89 e 90). O nada: justamente não ter o autor do projeto ali na frente, no canteiro central, a explicar-me suas elucubrações. Esclareço, porém, a ausência de juízo de valor nas minhas. O autor da obra consegue aproveitar a boa largura do lote para trabalhar o primeiro andar. Propensa ao confinamento e excessivamente protegida. Sinto que transmito as minhas idiossincrasias para a imagem, durante um dos processos de filmagem; com a fotografia, a separação física e interpretativa é nítida, perceptível, ou seja, o registro visual é frio.

**Figuras 89 e 90** - Os canteiros ornamentais ainda preservados no lote



Fonte: Acervo Musa.

Dantas, ao ter acesso à imagem estática por meio do programa de/para edição e apresentação, traça algumas considerações acerca desta última fotografia:

[...] Percebe-se que foi uma obra que teve mais recurso, e permitiu ao autor do projeto avançar e trabalhar melhor com esses painéis, [com] aquela abertura que está ao lado do volume principal. Mais uma vez... esse recurso do volume fazendo a empena invertida, e ele recua para garantir a proteção [...] das esquadrias, que estão voltadas para a [avenida] Hermes da Fonseca.<sup>123</sup>

<sup>123</sup> George Dantas, entrevista dia 19.02.2016.

Pinho teve mais liberdade para criar num lote com proporções mais generosas, projetando uma habitação que, na época, localizava-se distante da área adensada. Estas circunstâncias instigam a alguns fatos, como: a família Caldas Moura tinha recursos financeiros suficientes (automóvel, por exemplo) que permitissem suprir as necessidades de deslocamento; se o habitar moderno previa uma fachada que *se mostrasse* à rua, esta característica não deve ter surtido efeito de pronto. Outras questões como iluminação pública também deveriam ser consideradas. Nenhuma delas fora empecilho para a mudança da rua Seridó para o distante novo endereço.

f) *Avenida Prudente de Moraes – Ano: 1957*

**Figura 91** – A casa cor de rosa



Fonte: Acervo do pesquisador.

A casa cor de rosa (Figura 91) em 2014. Assim era conhecida a habitação de dois pavimentos projetada num estreito lote de esquina na avenida Prudente de Moraes, entre as ruas Açú e Jundiáí, para o bacharel em direito Cromwell Tinoco e Ilca Dantas Tinoco. O terreno havia sido uma doação do sogro João Berkman Dantas. Entretanto, o casal não pode assumir a nova morada em virtude do falecimento da esposa. Na época, o advogado morava na casa vizinha e, mesmo após a construção, preferiu não se mudar para o imóvel. Tempos depois, casa-se com a irmã de Ilca, Maria Dulce. A vivenda modernista, alugada por muitos anos, só receberá pela primeira vez os Tinoco (cinco filhos no total) praticamente na metade da década de 1960, quando deixam a rua São

Tomé, na Cidade Alta, para o valorizado Tirol, a um quarteirão de distância da ex-praça Pio X, uma das duas áreas de lazer projetadas no início do século XX para a Cidade Nova.

O imóvel, à época, cadastrado com o número 669, trazia um programa tradicional caro à arquitetura modernista, separando a ala íntima do setor social. Assim, o pavimento térreo trazia uma sala de visita (Figura 92) e de jantar em vão único, banheiro, quarto com janela voltada para a rua, quarto com janela voltada para o quintal, copa e cozinha juntas, despensa e área de serviço; no quintal, quarto de empregada, garagem para o automóvel, “que dava para uma área e já chegava ao terraço de entrada”, informa Heloisa Maria Dantas Tinoco<sup>124</sup>, uma das filhas do advogado. No quintal, Pinho reserva espaço a ser destinado para o galinheiro. Os aposentos da família ocupavam o andar superior: três quartos, um banheiro, quartinho e terraço. Um muro com cerca de 40 centímetros limitava a casa da avenida, ainda de paralelepípedo, onde as crianças sentavam-se para “contar as marcas de carro”.

**Figura 92** - Heloisa (na extremidade direita) nos 15 anos da irmã, na sala da vivenda



Fonte: Acervo Heloisa Tinoco.

Arialdo continua com seu estilo artístico ao incluir soluções voltadas para o conforto térmico e trata as superfícies com aplicações de cores e revestimentos com cores. De modo que, a recordadora ressalta algumas novidades que atraíam a atenção para a vivenda, dentre elas “A fachada, que tinha uma parede de quartzo cor de rosa, assim como todo o ‘recheio’ do muro”. Além do efeito visual causado pelo brilho deste

---

<sup>124</sup> Entrevista em 28.10.2016.

tipo de revestimento com rocha proveniente do interior do Rio Grande do Norte, “havia uns buracos nos quartos e na fachada da casa, para a ventilação; o espaço entre o forro e o telhado era muito grande, cabia um adulto quase em pé. A casa era muito, muito ventilada”, comenta. Heloisa Tinoco diz acreditar que houve financiamento para a construção da habitação: “Sei que meu avô materno deu o terreno, mas acho que meu pai não teria condições de construir com recursos próprios”.

A incorporação de acessórios – aparatos para condicionamento de ar ou para a dosagem racional da insolação – à superfície arquitetônica é levada ao extremo: tudo aquilo que serve à mecânica do edifício e de algum modo revela a vida que se desenvolve em seu interior é reportado ao plano, a fim de que a função se qualifique como forma e a forma seja determinada pela evidência da perfeição técnica da função. Há uma tendência a ampliar a superfície em altura e largura; e não raro aquela superfície se apresenta como um grande painel de comando em que os elementos se movem, compondo-se e descompondo-se como lâminas que mudam de cor sob a incidência da lua (nota 2). Se devêssemos indicar as analogias ou as implicações inconscientes destas formas arquitetônicas, deveríamos referir-nos aos arquivos, às máquinas calculadoras, aos quadros de avisos dos grandes escritórios: e concluir que esta arquitetura quer ser antes expressão de uma organização que de uma função”. (ARGAN, 2002. p. 172).

O projeto da vivenda traz as soluções que denotam opções por materiais disponíveis em grande quantidade no mercado; além disso, a exiguidade da largura do lote requer adaptações para o aproveitamento espacial do terreno. Os esforços realizados seguem uma linha dialógica da arquitetura modernista empreendida por Pinho para clientes de Natal, como a disposição do prisma sobre prisma e a adaptação de materiais, de sorte que, considera George Dantas, é possível inquirir que a vivenda de Cromwell Tinoco “tem menos recursos do ponto de vista orçamentário”. O professor remete às condições materiais/financeiras como prováveis (e potenciais) fatores determinantes das escolhas plástico-formais do edifício, visto que Arialdo

não deixa de trabalhar com a ideia de dois volumes [...] de ter soluções que mostram conhecimento mais avançado. [...] o pano de cobogó era daquele mais comum, mas, mesmo assim, trabalha-o como elemento plástico, de textura, valorizado na fachada, não está escondido [...] e uma esquadria também mais comum, de madeira, como se fosse uma grande janela em fita. Busca compensar uma falta de recurso com certas estratégias de composição.<sup>125</sup>

<sup>125</sup> George Dantas, entrevista dia 19.02.2016.

A “casa da Prudente” ainda pertence à família Tinoco, entretanto, em meados de 1981-1982, o proprietário resolve mudar-se para um edifício de apartamentos e aluga a vivenda, que mudara de inquilino diversas vezes. Um dos reusos ocorrido extirpa justamente o que Heloisa elenca como uma das criações mais bonitas da casa: um dos inquilinos, de nacionalidade uruguaia, arrancou os quartzos que compunham a fachada e o muro. Atualmente, a edificação dá lugar a uma creche, cujo estado atual encontra-se “completamente desfigurada”, diz a ex-moradora. Às vistas, o vermelho presente na testada da habitação é uma referência, ainda que distante, da proposta original: “A casa sempre foi cor de rosa. Papai nunca quis – nem aceitou- mudar a cor”, informa Heloisa. O destino da casa: será herança para as duas filhas de um dos descendentes de Cromwell Tinoco. Estudantes de veterinária e engenharia, há a possibilidade de novas interferências, cujo reuso, a princípio, daria lugar a um *pet-shop* ou escritório de engenharia.

g) *Rua Açú – Ano: 1954*

Os irmãos Carlos Sizenando Rossiter Pinheiro e Fred Sizenando Rossiter, moradores da avenida Afonso Pena, trecho de Petrópolis, quando crianças/adolescentes, costumavam eleger lugares sucetíveis para as brincadeiras com sua turma. A ocupação gradativa e não uniforme dos lotes de Tirol e Petrópolis facultava a utilização de alguns desses espaços para o lazer. Não muito distante da divisa entre estes bairros, o terreno citado no depoimento, publicado em *Dos Bondes ao Hippie Drive-in. Fragmentos do cotidiano da cidade do Natal*, viria a ser erigida a habitação do profissional da medicina, que atendia na Cidade Alta.

O Cruzeiro da Rua Açú. Em período de ‘entressafra’ do Bangu, eu e Carlos começamos a bater peladas com outro grupo de amigos que moravam no trecho entre as Ruas Açú, Mossoró e Rodrigues Alves na proximidade do Colégio Nossa Senhora de Fátima. As peladas ocorriam em locais variados como o terreno do médico Heriberto Bezerra, pai de Cláudio, localizado na Rua Açú, ou ainda no areal que existia no meio do cruzamento da Rodrigues Alves com Trairi (PINHEIRO, ROSSITER, 2009, p. 337)

Maria da Conceição Negreiros Falcão Bezerra, 85 anos, natural de Serrinha, Bahia, veio para Natal aos 22 anos, quando casou-se com o médico Heriberto Ferreira Bezerra, dia 8 de dezembro de 1950. Conheceram-se em 1947, quando o marido cursava medicina em Salvador, depois de ter iniciado a graduação em Recife. O casal teve outros endereços até aportar em definitivo na rua Açú. O terreno pertencia ao também médico Olavo Medeiros e fora adquirido em 1952. Heriberto Bezerra era o pediatra das crianças de Arialdo Pinho. As diferenças profissionais e as necessidades uniram os dois profissionais. Dona Maria recorda a conversa que ela e o marido tiveram com o prático acerca da futura morada: “Começamos a conversar, veio a ideia. [Heriberto] disse: ‘Ah, estou até querendo fazer uma casa’. [Pinho] ‘Vamos desenhar’. Ele fez um preço melhor [...]”. A construção teve início em 1953 e foi finalizada em 1954<sup>126</sup>.

Ele estava aqui no auge; chegou do Rio e [...] não sei se [trabalhava no] DNOCS [...]. Nós fomos a ele, ele foi olhou o terreno, fez a planta da casa, nós gostamos. Você se lembra que naquele tempo os quartos não tinham suíte né, então uma das primeiras modificações, com a gente já morando lá, foi fazer a suíte no nosso quarto, por que tinha pano *para as mangas*, era um banheiro enorme, o banheiro era daqui pra lá, tinha banheira até tudo, que agora nem se usa mais, então é uma casa que graças a Deus nós fomos felizes, moramos quarenta e sete anos nessa casa”.<sup>127</sup>

Para compor a habitação, o diálogo entre o casal e o prático fora profícuo, com as sugestões sendo acatadas pelo contratado, denotando maturidade – projetual, inclusive – na concepção do imóvel para um casal cujo matrimônio ainda era recente, e a primeira casa própria efetivamente, além do sonho da conquista financeira, carregava as expectativas de um futuro planejado. Diferentemente do Arialdo seletivo com relação aos clientes em Fortaleza, em Natal, para a residência de dona Maria Bezerra (Figura 93), de acordo com ela, o diálogo fora permeado por respeito mútuo, possibilitando que a futura habitação fosse contemplada com soluções “diferenciadas” das habitações que compunham a paisagem da cidade da época, entretanto, incluindo propostas que iam além do programa desejado pelo casal.

<sup>126</sup> Quando dona Maria explica as fotos e eu filmo, ela fala que a casa terminou de ser construída em 1956]. Entrevista em 4.06.2014.

<sup>127</sup> Maria da Conceição Bezerra, entrevista em 4.06.2014.



**Figura 93** - *Frame* de fotografia com elementos originais, como os pilotis em circunferência, as varandas e o paisagismo, em 1958



Fonte: Acervo Maria da Conceição Bezerra.

Ele perguntou: “Como é que vocês querem?” Dissemos: “Nós queremos uma casa de primeiro andar que sempre gostou de primeiro andar [...] em cima, o mínimo de três quartos, [...] o nosso, nos temos um casal de filhos, então cada um no seu quarto, e em baixo um quarto pra hóspede” por que até por doença, chega uma pessoa adoece não fica subindo e descendo, [...] e em baixo um banheiro também, quer dizer era lavabo e também servia para o hospede.<sup>128</sup>

Ressalta-se a singularidade relacional imbuída nos encontros entre o prático e o responsável pela construção, visto que, o acompanhamento durou o tempo de edificação da obra. Além de exigir novos parâmetros para o cálculo estrutural, o manejo e a aplicação de matérias-primas não usuais requeria precisão, técnica e esmero, assim como, atenção especial do projetista.

---

<sup>128</sup>Maria da Conceição Bezerra, entrevista em 4.06.2014.

[...] ele assim, dava assistência: ‘isso aqui está bom; não, isso nao está’. Por exemplo, fizemos a sala; [ela] tinha uma parede toda de pedra que todo mundo a achava lindíssima, e ali nós botamos [...] uma escada [...] muito moderna, que ele fez. Era assim: os degraus presos na parede e soltos com o corrimão, e mármore, e saindo dessa parede [...] de pedra. Teodorico deu, que era tio dele; vieram de Irapuru [...].<sup>129</sup>

Dona Maria recorda que, “naquele tempo você sabe, era com dinheirinho medido, pesado e contado”, motivo do extenso tempo dependido até a conclusão da residência. Ao término desta, Moacyr Gomes recebe um convite para conhecer a obra:

[...] Eu me lembro que fui com ele lá nesta casa. [...] Já construída, mas em véspera de ser habitada. [...] foi quando eu conheci Arialdo. Eu estava vendo as obras mais recentes dele. E era projeto dele. Era o que trazia a maior quantidade de características daquele modernismo que se pregava: tinha um *piloti* fininho na frente, uma empena inclinada, a varanda saliente, caracteristicamente, as coberturas *butterfly*: tinha a empena máxima na frente; ela ia descendo, uma calha no meio, como se fosse uma asa de borboleta.<sup>130</sup>

A habitação destacava-se na paisagem de um Tirol em crescimento, na rua Açú ainda de barro. “O povo comentava, chamava, olhava. [...] Essa mangueira lindíssima dava [mangas] que era um *horror*. [...] Ninguém dava *vencimento*. O povo olhava... ‘menino, que casa!’”, relata a proprietária. O volume prismático sugerido por Arialdo Pinho tinha semelhanças com alguns croquis que ilustravam o miolo de “Sugestões...”.

[...] tinha muito vidro e povo dizia: ‘ave Maria! voce tem coragem de [morar] com esses vidros todos?’. Mas, o doutor Arialdo disse: ‘É muito mais seguro, por que você quebrando um vidro desse era uma escândalo!’. E era vidro que você não cortava, era *crystal* que não cortava com lâmina; era preciso pedra, [alguma] coisa para quebrar, assim mesmo ficava todo esmigalhado mas e os dono acordava, então achava isso e ele nos convenceu de fazer. Era tudo de vidro, tanto que você tinha que botar cortina por causa do sol, por causa [da necessidade de proteção] das crianças.<sup>131</sup>

Morar na habitação evidenciava novos costumes e desafiava a curiosidade alheia. Nesse catálogo de novidades, outro item que também despertava interesse na

<sup>129</sup> Teodorico é o pai do engenheiro Kleber Bezerra.

<sup>130</sup> Moacyr Gomes, entrevista em 25.10.2015, no escritório de sua residência.

<sup>131</sup> Maria da Conceição Bezerra, entrevista em 4.06.2014. Grifos meus.

casa da rua Açú era a escada. Maria Bezerra, em inúmeras ocasiões, era inquirida a explicar a sensação que os outros tinham para si acerca do estilo dos degraus sem série: “[...] chamava a atenção essa escada. [...] *todo mundo*: ‘Você não tem medo?’. [a escada] era fixada na parede... era solta, em mármore, e com acabamento de jacarandá”. George Dantas tece algumas soluções atinentes no projeto:

[nesta habitação] ele ainda consegue um resultado melhor, porque trabalha com recuo maior, solta mais esse volume [...] toma partido dessa solução fazendo a inclinação, o chanfro que permite fazer recuo, faz as vezes de beiral, de telhado. [...] mas por meio das soluções plásticas garante as proteções, a insolação. [...] faz sentido ter o terraço externo; tem-se acesso à sala/da sala, e a separação muito clara: o que é a zona social; a zona de serviço está toda posicionada atrás, e pela escada dá-se acesso à zona íntima, totalmente separada uma da outra. [...] em cima há 3 quartos e 1 banheiro tão somente. Um banheiro grande com closet; com tudo isso, e [ainda] faz um mezanino.<sup>132</sup>

Presidente do América Futebol Clube (cujo projeto modernista da sede coube ao arquiteto e professor lusitano Delfim Amorim), o pediatra Heriberto Bezerra costumava receber os amigos no local preferido para as tertúlias semanais (Figura 94) e recorda que a escolha de qual ambiente teria destaque no programa da habitação partiu de uma conversa entre o futuro proprietário e o prático, quando ‘Heriberto disse: doutor Arialdo Pinho, uma das coisas que eu faço questão [é a] casa levantada, ou seja, você subir pra casa ficar... [elevada no lote], e nós tínhamos dez membros,[precisava de espaço] muito grande para a gente ficar [...] e poder colocar cadeira [...]’.<sup>133</sup>

Para os momentos de lazer na habitação, Arialdo Pinho propõe um bar interno e outro no amplo quintal, mais a sala, eram preteridos pela aprazível conversa “de calçada”, cada qual com a sua cadeira, na ventilada varanda frontal, no ponto alto do lote artificial, ladeada pelos pilotis; o jardim com a sombra da frondosa e fértil mangueira, e o lago amebóide, voltados para a rua, espécie de discreto camarote masculino.

[...] dificilmente a gente usava *essa* sala. Dizia-se assim: “Menino, essa sala é só de [...] amostra”. Mas é que o povo preferia [a varanda], mais ventilada e tudo. Outra coisa, um defeito: se você abrisse tudo, derrubava tudo, se fechasse ficava; às vezes eu deixava a porta aberta

<sup>132</sup> George Dantas, entrevista dia 19.02.2016. Grifos meus.

<sup>133</sup> Maria da Conceição Bezerra, entrevista em 4.06.2014. Grifos meus.

pra quem quisesse entrar [...] ou ir ao sanitário, que tinha o lavabo. Mas era assim, só homem e raramente a mulher ia [...]. Às vezes, quando ia [alguma mulher] era melhor pra mim, que eu tinha o que conversar, mas geralmente eram só eles.<sup>134</sup>

Embora satisfeitos com a morada, com o passar do tempo surgiram novos desejos vinculados ao conforto e praticidade não imaginados por Pinho na concepção da habitação, fatos só percebidos com a vivência diária:

[..] sentimos que estava precisando de um banheiro. Aquele grande para os dois meninos, ficava mais perto, era assim, digamos, nosso quarto era aqui o banheiro ela lá longe, e tinha os dois quartos [...] então dali a gente já puxou e fez, podia puxar, o quarto era muito grande e dava pra fazer, graças a Deus fizemos esse.<sup>135</sup>

Enquanto habitada, a casa da rua Açú também passaria por outras reformas anos após ser projetada. As interferências foram além de propostas estético-visuais-funcionais, como na mudança dos pilotis circulares para o quadrado, “para ficar mais bonito, e [com] mármore. Terraço bonito não é uma coisa pintada, que com o tempo ficava logo feio; a pintura tinha que fazer quase todo ano porque chovia, molhava e não resistia”<sup>136</sup>. A modernidade<sup>137</sup> proposta durava até a próxima necessidade, como a repaginação na testada e nos pilotis: “Deu muito mais classe”.

**Figura 94** - Início dos anos 1970, com reforma nos pilotis



Fonte: Acervo Maria da Conceição Bezerra.

<sup>134</sup> Maria da Conceição Bezerra, entrevista em 4.06.2014. Grifos meus.

<sup>135</sup> Maria da Conceição Bezerra, entrevista em 4.06.2014. Grifos meus.

<sup>136</sup> Grifo meu.

<sup>137</sup> Abstenho-me de aprofundar o conceito; o uso, no caso, está ligado à idéia de novidade.

Um novo acabamento interno propôs nova feição ao muro lateral, incluiu-se outra uma sala, aproveitamento do mezanino para o banheiro e *closet* do casal – e ampliação do quarto, fechamento de passagem criada especificamente para que o pediatra atendesse à clientela em outro compartimento, troca do revestimento original para lambri. Após a compra do terreno por trás do lote, a garagem passa para os fundos, onde havia espaço suficiente para os dois automóveis fazerem a manobra no quintal<sup>138</sup>. Dentre estas e outras, o aterramento de um dos símbolos ornamentais da arquitetura modernista:

Era novidade esse laguinho. Na Copa do Mundo de [19]58 [...] a turma de lá do América ia pra lá [casa]. Os caras [...] tomando banho. [...] 30 centímetros, mas era desagradável você cair dentro. [...] Era beleza! Dava muita graça, mas nós fechamos quando fomos mudar o piso do terraço, de tanto o povo cair dentro. A *pessoa*, às vezes, dizia: ‘Olha o lago, olha aí, meu filho!’. [...] chegava bem animado, *tchibum*, todo de roupa [gesticulando a queda alheia involuntária no pequeno tanque].<sup>139</sup>

Pouco mais de 20 anos depois de construída, a pequena grade mural deu lugar a outra cerca de ferro adequada aos “novos” tempos: mais alta, delimita o espaço de fora do lote com o interno. Em 2002, moravam na habitação o casal, três empregados e dois cães. Os filhos casaram e mudaram-se. A insegurança e as despesas foram os motivos para a venda do imóvel, que passou a ser escola de línguas e, posteriormente, imobiliária. Muitos anos antes de a ex-residência encontrar-se abandonada, ela viria a ser a única que me despertava curiosidade na rua Açú. Atenção esta, que se valia de um curso de línguas famoso na cidade, cuja placa ocupava toda a testada, no primeiro andar. A logomarca, no imaginário, contribuiu para esta lembrança. Durante a pesquisa de campo, eram visíveis os vidros quebrados, partes do teto dando sinais de desabamento, a vegetação crescida e o grande display com a logomarca do comércio despencado.

<sup>138</sup> Claudio Negreiros Bezerra e Mildred, filhos do casal, participaram indiretamente do segundo encontro com a recordadora. De acordo com Claudio, “o que ele [o pai] gastou de dinheiro, em reforma e em atualização, dava pra você fazer umas três casas”. Grifo meu.

<sup>139</sup> Maria da Conceição Bezerra, entrevista em 4.06.2014. Grifos meus.

*h) Avenida. Mal. Deodoro da Fonseca – Ano: 1955 (Projeto) – Finalização: Réveillon 1959/1960*

Documentar com imagens a *discreta* habitação em 2014, protegida por uma frondosa mangueira, remete-me à sua localização quase vizinha ao ex-Cinema Rio Grande<sup>140</sup>, um dos ícones da art-déco da cidade (primordial para se conhecer a historiografia dos espaços de lazer da cidade). A festa de inauguração da vivenda aconteceu na passagem de 1959 para 1960, reunindo a família do médico Paulo Pinheiro Galvão, sua esposa e as três crianças.

Os detalhes decorativos internos, a repetição do lago amebóide - dessa vez sob a escada -, o vão embutido com pequenas luzes em efeito futurista para se exibir as bebidas, além do próprio programa proposto, denotam o emprego de uma grande quantidade de elementos artísticos na vivenda da família. Pinho aproveita diversas superfícies da habitação para aplicar matérias-primas com texturas e feitura distintas.

Parte da residência, recuada no lote irregular, está “ocultada” por uma grande árvore frutífera. Durante a pesquisa de campo, percebi que um ponto de ônibus e alguns vendedores ambulantes ocupavam quase a totalidade da calçada defronte. Contudo, nos finais de semana e à noite, o comércio informal desobstruía a entrada, quando o silêncio noturno e a baixa frequência de passantes “adormeciam” a vivenda.

Arialdo Pinho não assina o projeto da residência, conforme explicita a folha número 6 do Departamento de Saneamento do Estado. Os trâmites legais e a responsabilidade pela construção couberam ao engenheiro Nilson Rocha de Oliveira, um dos primeiros professores da Escola de Engenharia de Natal, juntamente com o recordador Kleber Bezerra<sup>141</sup>. A informação da real autoria foi confirmada por um dos descendentes de Paulo Galvão, Nelson Galvão.

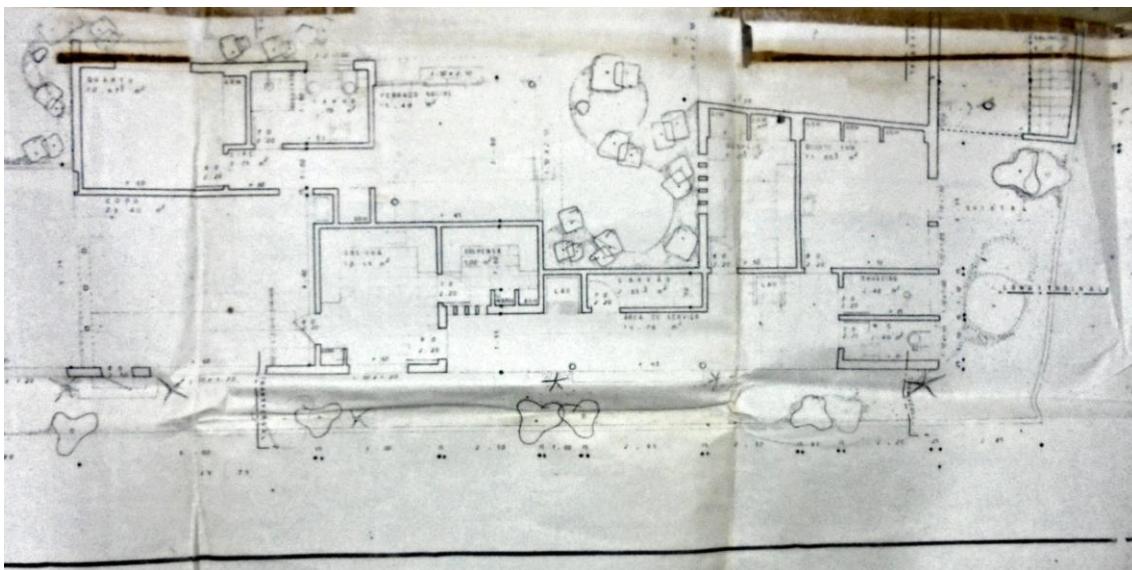
Na habitação (Figuras 95 e 96), solta num lote cuja testada era maior do que o comprimento dos fundos, vemos: varanda lateral, escritório, sala de jantar, sala de estar com bar, quarto com banheiro, terraço social, copa, cozinha, despensa com armários, quarto de despejo com armários, quarto de empregada com armários e banheiro

<sup>140</sup> O proprietário do cine era o engenheiro Moacyr Maia, autor do CRNT. A sala de espetáculos foi inaugurada em 1949; desde 2009 é alugado à Igreja Internacional da Graça de Deus.

<sup>141</sup> Fonte: <<http://www.crea-rn.org.br/artigos/ver/120>>. Acesso em 12 de outubro de 2016.

dividindo entre o chuveiro e o vaso sanitário, área de serviço com lavanderia e espaço para guardar carvão, além do quintal e do galinheiro<sup>142</sup>. No andar superior, varanda frontal e lateral; esta, abria-se em generoso guarda-corpo para o pátio social do térreo e, do lado oposto, uma grande abertura que dava a sensação de proximidade com o cinema.

**Figura 95-** Planta longitudinal da habitação



Fonte: Acervo Nelson Galvão.

O professor Dantas tece algumas considerações acerca de alguns elementos plásticos/estruturais contidos na vivenda:

[...] tem ainda um detalhe de muxarabi protegendo... além do guarda-corpo com as pequenas aberturas circulares permitindo passar ventilação [...] que são as fasquias de madeiras trançadas. [...] O volume principal também está destacado; sustenta o volume principal – o pavimento superior – sob pilotis, e pilotis mesmo, com a idéia de colunas ciculares, não é, sessão circular, e com isso permite recuar o pavimento inferior e proteger, né, da insolação/insolação? Já tem esquadrias bem maiores, permite abrir mais, ventilar mais.<sup>143</sup>

Uma vez dentro da habitação, impressionam-me as cores do piso e dos revestimentos. A grandiosidade da habitação, cujas pessoas na calçada dão às costas

<sup>142</sup> Nelson Galvão informa que a habitação tinha três lagos, muro frontal e sala de costura.

<sup>143</sup> George Dantas, entrevista dia 19.02.2016. Grifos meus.

para elas, enquanto os passantes como eu, principalmente quando o sentido do deslocamento se faz na direção norte, não se apercebem do edifício. De modo que, o prático “não economiza” na utilização de matizes com o nítido efeito decorativo, inclusive, no piso de alguns compartimentos, como nas salas de jantar e estar. Nesta, a face de uma das paredes é revestida de quartzo rosa, rugoso porém aplainado; um grande painel com figuras trapezoidais multicores composto por diferentes rochas emolduram uma figura central amebóide.

**Figura 96** - Edificação com reforma no piso superior, à esquerda



Fonte: Acervo do pesquisador.

Entretanto, não somente o setor social receberia cores vibrantes com intuitos decorativos; o banheiro do pavimento superior receberia algumas matizes, como azul, rosa, preto. A escada com guarda corpo em madeira e ferro retorcido, os degraus em mármore rosa (outrora protegidos por um tapete). A modernidade presente na proposta ia além dos elementos visuais. Arialdo Pinho criou uma espécie de campainha, lançando mão de um mecanismo de alerta que se assemelhava ao equipamento retratado na película *Meu Tio*<sup>144</sup>, além de propor especial atenção ao setor social da vivenda (Fotos 97, 98 e 99).

<sup>144</sup> *Meu Tio*, comédia franco-italiana (1958), filme do cineasta Jacques Tati, trata da casa moderna e as implicações que este habitar “impunha” ao dia-a-dia da família, desconstruído com a chegada do sr. Hulot (o próprio cineasta). Em uma das cenas, o automatismo para abrir e fechar portões e a comunicação para a identificação “de segurança”, traz um mecanismo que se assemelha a um interfone. *Meu Tio* foi exibido no projeto *A Cidade Moderna em Cena*.



**Figura 97** - Cobogós, muxarabis e elementos vazados no pavimento superior



Fonte: Acervo do pesquisador.

**Figura 98** - Escada em mármore, guarda-corpo de madeira polida



Fonte: Acervo do pesquisador.

**Figura 99** - Na sala de jantar, o dispositivo de chamadas, no canto superior direito



Fonte: Acervo do pesquisador.

## 5.2 – Modernidade agrária

### a) 1957 – Fazenda Cunhaú – Município de Canguaretama

Fora do perímetro urbano, encontram-se duas criações de Arialdo Pinho datadas dos anos 1950. As relações sociais conquistadas pelo profissional levaram-no a projetar duas residências distante da capital: uma delas, para a família Villarin<sup>145</sup>, na praia da Barra do Cunhaú, e a residência do agropecuarista Hugo de Araújo Lima e sua esposa Darcília Dantas de Araújo Lima, em 1957, para o casal seus três filhos pequenos (mais três completariam a família posteriormente), na fazenda localizada no município de Canguaretama, distante 90 quilômetros de Natal.

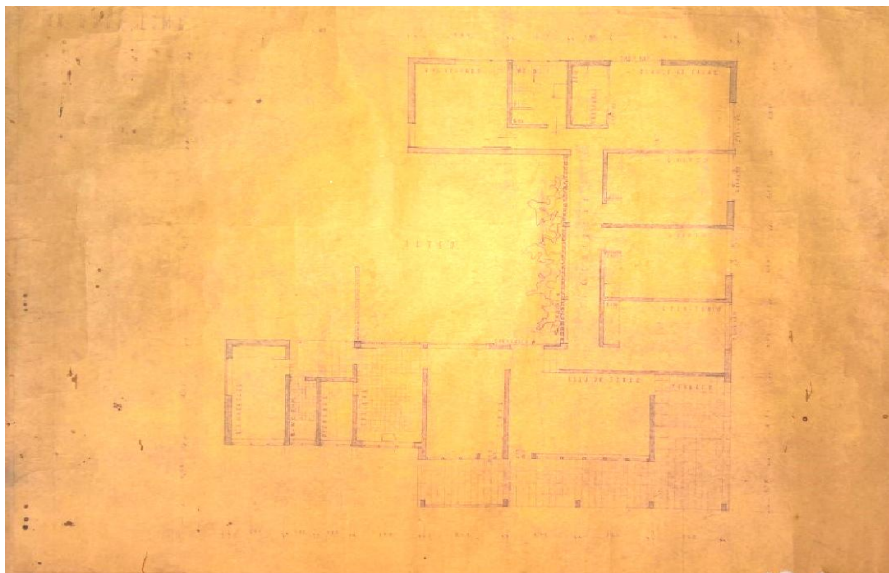
Na época, a propriedade era um dos engenhos da região que produziam açúcar mascavo; em paralelo à sazonalidade da cana de açúcar, a criação de gado era outra opção de renda dos Lima. “Meu pai, quando construiu a casa do Cunhaú, tinha 26 anos de idade, de forma que era um homem no começo da vida. [...] a planta foi feita por Arialdo, devido o mesmo ser muito amigo de Murilo<sup>146</sup>, cunhado do meu pai”, conta

<sup>145</sup> Ilca Liguori e o arquiteto Flavio Gois informaram (em outubro de 2016) que a casa na praia da Barra do Cunhaú, pertencente a Canguaretama, havia passado por uma grande reforma em 2015, apagando quase que por completo a edificação à beira do rio Curimataú.

<sup>146</sup> Arialdo de Mello Pinho, em entrevista para a tese, recorda da presença de Murilo e a amizade que seu pai mantinha com a família do oficial. A tia a qual Ilca refere-se é Carmem Lima Barbosa Vianna, casada

uma das filhas Ilca Dantas de Araújo Lima Liguori<sup>147</sup>. “Uma tia (irmã do meu pai), que era muito amiga de Arialdo Pinho, relatou-me que ele fez a planta da casa em 1956” (Figura 100).

**Figura 100** - Planta original da casa



Fonte: Acervo Ilca Liguori.

Para a casa da fazenda (Figuras 101 e 102), Arialdo propõe uma habitação de pavimento único com cinco quartos, um banheiro, salas de visita (com forro de gesso ainda mantido) e refeição, duas cozinhas (com fogão a gás na interna e à lenha na externa, além de despensa e dependência de empregada agregado ao mesmo edifício. Uma área interna para o jardim, em formato da letra “U” e *brises-soleil* de concreto diferenciava a habitação das demais da região, vernaculares: “As venezianas, na parte frontal da casa [chamavam a atenção] por ser diferente das casas de fazendas, e depois porque o mestre de obras que a construiu, até falecer há uns 15 anos, comentava que foi a etapa mais difícil da construção”<sup>148</sup>, relembra Ilca. Em 1974, uma reforma extinguiu a dependência de empregados e uma das cozinhas. As interferências possibilitaram o redimensionamento da sala de refeições e a construção de mais um banheiro, além a inclusão de forro de laje nos quartos; as portas e janelas, originais, conservam os

---

com Murilo. Conversas telefônicas entre as duas (Carmem reside no Rio de Janeiro capital) revelam que a Marinha transfere Murilo novamente para a capital do RJ, vindo a falecer em 1970 aos 47 anos de idade.

<sup>147</sup> Entrevista em 28.10.2016.

<sup>148</sup> Grifo meu.

mecanismos de abertura e fechadura: a primeira, com trilho e a outra, basculante, os brises.

**Figura 101** – Casa modernista de fazenda em 2016



Fonte: Acervo do pesquisador.

**Figura 102** - Cumeeira invertida



Fonte: Acervo do Pesquisador.

A família reside na vivenda de setembro de 1957 até agosto de 1964, quando parte dela se muda para a capital do Rio Grande do Norte para acompanhar as necessidades escolares dos filhos. Nesta época, o patriarca permanecia na fazenda e durante a semana, mudava de endereço aos finais de semana, quando se juntava a todos em Natal. Nas férias, todos permaneciam juntos na propriedade rural. A fazenda pertenceu a Jerônimo de Albuquerque Maranhão, comprador da propriedade em 1604, ano da fundação da casa (senhorial) de Cunhaú, onde hoje está localizada a fazenda homônima. Efeméride católica marca a historiografia do engenho Cunhaú: o morticínio dos fiéis pelos índios tapuias em obediência a Jacob Rabbi, representante do governo holandês, na capela de Nossa Senhora das Candeias em 16 de julho de 1645, episódio conhecido como “massacre dos mártires de Cunhaú”.

Devido ao preço do açúcar bruto em declínio, os engenhos do município e da região gradativamente encerravam suas atividades. Em 1972, o engenho dos Lima tornou-se “fogo-morto”, expressão que significa a desativação da produção. Era o antepenúltimo do estado, cuja produção canavieira passou a ser objetivada. A família faz visita periódica à fazenda e mantém a habitação em bom estado de conservação.

Décadas depois de ter deixado Natal, Arialdo Pinho volta à capital com Sulamita, Paulo e Hans Schmidtner, das Casas Pernambucanas. O filho, mesmo criança à época, diz lembrar de um fim de semana na capital do Rio Grande do Norte. Hospedados no Hotel Internacional Reis Magos, o mais luxuoso de então, a programação na capital, de acordo com Paulo, incluiu longos passeios: “Eu me lembro que a gente rodou muito em Natal nessa época”. A viagem de Fortaleza para Natal foi feita no automóvel de Pinho, fator que propiciou liberdade de deslocamento. “Ele foi em todas as casas”. Isto quer dizer que o prático, depois de muito tempo, havia revisitado criações arquiteturais suas, cuja abordagem assim se realizava: “[...] papai descia... Lembro que ele ia falar *com...* batia na porta... Aí o Hans falava: ‘Vem Arialdo! O Arialdo fala demais. Vamos embora’. O papai falava muito”<sup>149</sup>.

Em Natal ou Fortaleza, Arialdo Pinho desenvolve uma carreira profissional permeada de nuances, concretizadas com peculiaridades nomeadamente ligadas à experiência vivenciada nestas duas capitais. Oficiosamente, o único projeto residencial

---

<sup>149</sup> Grifo meu.

modernista em satisfatórias condições de preservação (Figura 103) localiza-se na avenida Virgílio Távora, cujo proprietário Vander Piazzoli<sup>150</sup>, ainda reside com a esposa. O muro posteriormente alteado não permitiu gravar mais detalhes da habitação.

Figura 103 - *Frame* de gravação feita de dentro do automóvel



Fonte: Acervo do pesquisador.

Os resultados dessas conquistas materiais, intelectuais e pessoais serão apresentados na Conclusão da pesquisa, sendo, para isto, reservadas as próximas e derradeiras páginas.

---

<sup>150</sup> Não fora possível confirmar a grafia correta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essência indissolúvel à história das cidades, o patrimônio edificado testemunha o desenvolvimento da sociedade e da arquitetura e urbanismo. Numa concepção relacional, a dinamicidade acelerada das mudanças ocorridas no território urbano conflui para a reconfiguração da paisagem construída, facultando percepções que dimanam num diálogo quase sempre permeado de conflitos e silêncios. O esclarecimento destes aspectos propiciados pela veemência das trajetórias profissional e biográfica relacionaram-se, por seu turno, à contribuição da memória, que, vinculada às possibilidades investigativas dos relatos orais, podem ser captadas de distintas maneiras; uma delas, em momentos atuais, atingiria um grande público: o audiovisual. Estas condições podem se constituir basais no registro e construção de uma narrativa de pesquisa com vistas à materialização de lacunas historiográficas, emergindo ausências que compreendem algumas categorias profissionais pouco evidenciadas.

Fazem parte destes aspectos a formação do profissional arquiteto e o reconhecimento oficial da profissão, que passa, no plano da operacionalização, pelo estabelecimento da regularização de suas atribuições que o define diante das práticas das áreas afins. Daí induz ao corporativismo imposto muitas vezes pela delimitação da atuação em um mercado competitivo e restritivo aos que podem pagar pelos seus serviços.

Focada em determinadas áreas centrais do país, a opção acadêmica de ensino específico em arquitetura desvinculada das escolas de belas artes ou politécnicas, se firma no Nordeste em finais da década de 1950, nas cidades de Salvador e Recife. Este fato ressalta a ambivalência desigual na prestação de serviços atinentes aos projetos edifícios, nomeadamente outorgados a outros projetistas e a poucos arquitetos existentes, muitos vindos de fora da região ou do país.

Tal insuficiência de especificidade autoral constitui-se emblemática para o reconhecimento, repercutindo sobremaneira nos poderes das entidades representativas da arquitetura e da engenharia; as categorias afins, não regulamentadas, continuavam à margem desse (re)conhecimento, provocando uma definição das atribuições profissionais dos sujeitos e suas instituições representativas, organizando-se na criação e

fortalecimento dos CREAs, IABs (nacional e regional) e Sistema Confea. Entretanto, a prática laboral, permeada de idiosincrasias, não dirimiu o corporativismo nem sempre evidenciado dessas categorias.

Essa disputa corporativa tem influência em alguns aspectos ligados ao reconhecimento do patrimônio edificado. Este, por seu turno, mantém-se atrelado a tais querelas e, uma vez creditado o mérito da paternidade das criações projetuais, delega-se à memória não construída a importância dos profissionais sem formação universitária na configuração da paisagem construída das cidades. De modo que, esta conjuntura, envolta em conflitos, consensos e interesses, atenta para a necessidade de se descortinar cenários pré-concebidos que delegavam a determinadas categorias profissionais ao acaso.

Esse quadro tomou forma numa conjuntura de privilégios, onde parte da elite cidadina habitava os lotes que recebiam, gradativamente, essas vivendas. Assim, este campo afunilou a investigação particular aos caminhos profissionais de Arialdo Pinho. A compreensão e os vieses delineadores de sua trajetória profissional – aportando experiências vividas em outras cidades do Brasil – evidenciam que ele encontrou em Natal as condições favoráveis para implementar o seu trabalho em virtude das relações sociais que obteve com a elite local, permitindo o aclaramento e a aceitação da arquitetura modernista pelos partícipes desse grupo. Ao mesmo tempo, o exercício de suas habilidades profissionais concorre com a chegada dos arquitetos possuidores de diploma acadêmico, num momento em que se fortalecem e se delineiam as atribuições da categoria.

Por seu turno, movido pelas amizades e automarketing, Pinho, ao chegar à capital do Ceará no final dos anos de 1950, desenvolve projetos para uma clientela com aportes financeiros opulentos, sensibilidade e interesse no *status* de ser moderna, atributos suficientes para que demarcasse seu espaço. Dessemelhante de seu campo de atuação em Natal, o mercado arquitetural da principal urbe cearense apresenta uma demanda sempre crescente, fruto da dinâmica econômica da cidade, permitindo-o granjear significativos empreendimentos particulares ou de grupos empresariais.

Arialdo Pinho teve participação efetiva na formação profissional e intelectual dos frequentadores e colaboradores de seu escritório. Estimular a disciplina, as sensibilidades e noções espaciais, a curiosidade e o respeito no ambiente de trabalho



foram elementos delineadores da carreira dos aprendizes que, uma vez assumindo o posto de projetistas, aprenderam a conhecer a aplicabilidade e a função de matérias-primas a tornarem-se opções diferenciadas das ideias. A independência autoral e a atitude proativa ao lidar com os clientes, defendendo as propostas contidas em seus projetos – não aceitando conceitos preconcebidos de parte de seu público, também se constituíram influências para a carreira dos jovens principiantes, futuros arquitetos.

Seu repertório projetual incorpora aportes das publicações que circulavam em Natal e em Fortaleza, especificamente produções editoriais veiculadas durante a década de 1950. Entretanto, por sua formação autodidata, apropriava-se *pari passu* com veemência as informações acerca da arquitetura modernista por meio das produções editoriais distribuídas em diversas capitais do país e que foram fundamentais para se perceber diálogos arquitetônicos identificáveis em suas obras. Desse conjunto, se destaca a revista *Sugestões Arquitetura e Decoração*, citada neste trabalho, cujo conteúdo didático assumia os preceitos vigentes da arquitetura como as opções mais indicadas, em se tratando de habitar.

Não consta formalmente que o prático detinha conhecimentos em línguas estrangeiras, entretanto, foi encontrada uma bibliografia com exemplares em diferentes idiomas no que restou de seu acervo. Além de publicações na língua inglesa, havia também edições japonesa e alemã, num leque de livros técnicos. Este acervo fundamentou seus conhecimentos e possibilitou uma intensa experiência prática, visto que, ao ministrar palestras para entidades e participar de certames projetuais, chega a discorrer acerca da arquitetura, permeando discussão em paridade com profissionais da área. Entretanto, tal independência e desenvoltura fizeram-no alvo de críticas e denúncias partidas de arquitetos e urbanistas nomeadamente formados pela Academia. Em decorrência disso, foi alvo de denúncias junto ao CREA-CE na década de 1960, visto que, esquivava-se à formação universitária, fato tratado por ele com irrelevância perante a opinião pública, clientes e arquitetos.

Pinho consegue inserir suas propostas criativas em razão de sua clientela. Esta, além do poder aquisitivo suficiente, abria-se – num momento inicial – para receber suas propostas com inovações projetuais e arquitetônicas. Das habitações projetadas e construídas em Natal, instituídas pelo parentesco ou indicações por conhecimento,

caracterizam um mosaico restrito, não episódico, dessa (de)marcação. Nessa perspectiva, os liames empíricos revelam a consanguinidade em primeiro grau entre os irmãos, primos e amigos no rol de seus clientes. Averiguou-se que a produção arquitetural se direcionara para clientes de diversas categorias profissionais ou grupos vinculados a setores da economia e da política. Este público estava propenso às novidades que sustentavam a arquitetura modernista, investindo em um tipo de moradia que propunha mudanças quanto ao uso e contribuía, grosso modo, para o surgimento de novos costumes, novas espacialidades, novas maneiras de habitar. No entanto, certos hábitos culturais chegaram a impedir que determinadas inovações fossem aproveitadas em sua plenitude limitando as propostas contidas nestes elementos diferenciados, ao mesmo tempo em que, aos poucos, deixavam de ser apreendidos pela população.

Numa espécie de “licença artística poética” avessa aos preceitos da arquitetura modernista, encontraram-se elementos repetitivos em seus projetos residenciais. O prático assumia as cores e formas proporcionadas pela composição estética de rochas oriundas de jazidas do Rio Grande do Norte, como a aplicação de quartzo rosa, por exemplo, na parede de uma cozinha da habitação, externamente na fachada de um pavimento térreo e em trecho da testada também do térreo de outra residência. Diversos matizes coloridos com texturas e formatos trabalhados de acordo com o “impacto” específico a cada vivenda. Moacyr Gomes pontifica singularidades importantes da produção do prático, contextualizando as edificações existentes na Natal de então, cuja elaboração era implementada “com uma calha central, que era uma característica do projeto do Aivaldo Pinho. Era o telhado contrário. Todas as casas anteriores a ele, a cumeeira era assim [representação gestual com vértice para cima]; as casas que ele fez a cumeeira era assim [representação gestual com vértice para baixo], o contrário”.

As vivendas elencadas trazem alguns elementos relevantes de um momento da arquitetura brasileira. O crítico Mário Pedrosa (2002), ao comentar acerca da “tendência entre arquitetos” de darem especial teor de diferenciação atinentes “as pesquisas plásticas no plano das superfícies, talvez em detrimento de um pensamento espacial mais articulado e mais aprofundado, nos jogos dos volumes e dos espaços interiores”, quando das querelas entre a “integração funcional e plástica”, que ainda carecem de soluções. Tal processo se faz perceber pela maneira que “as tentativas de revestimento das paredes em mosaico com azulejo, por exemplo, velha e encantadora arte portuguesa

transplantada para o Brasil colonial e morta no século passado, ainda não deram resultados convincentes” (PEDROSA, 2002, p. 193). Quase como uma experimentação, o emprego em marcha dessas possibilidades visuais frenava a dinamicidade solicitadas no programa moderno, evolução em cascata acentuada pela forma plástica das habitações, para “fazer parte de uma forma”, tal remete Giulio Carlo Argan (2003, p. 174).

Elementos plásticos decorativos repetiam-se, como os lagos em formato amebóide. Num destacado exemplo, três destes decoravam ambientes internos e externos; um, sob a escada com guarda-corpo em madeira polida e estrutura de ferro retorcido. A modernidade presente na proposta ia além dos elementos visuais. Arialdo Pinho criou uma campainha para a vivenda, lançando mão de um mecanismo de alerta. A paleta plural estava presente em toda a habitação, principalmente no setor social receberia cores vibrantes com intuitos decorativos; o banheiro do pavimento superior receberia alguns matizes, como azul, rosa, preto. Por outro espectro, contribui para “massificar” elementos naturais como o quartzo rosa e a “pedra de Parelhas” num momento pré-comercialização efetiva e uso projetual, a se intensificar nos anos 1970 e 1980. Como situa George Dantas:

é importante enfatizar e isso já foi muito bem reconhecido, que a arquitetura brasileira era muito boa porque a arquitetura média brasileira era muito boa! Não era porque nós tínhamos quatro, cinco, seis grandes nomes da arquitetura, mas porque tínhamos dezenas de bons profissionais... e já nos anos [19]50 a maior parte deles formados. Mas [...] muitos bons profissionais sem formação em escolas [...] eu queria chegar nesse ponto do Arialdo Pinho. Ele pode não ser esse *farol* que ilumina novos caminhos, mas também não é um mero repetidor. A obra dele, não só o projeto, revela um conhecimento refinado desse vocabulário novo, dessa linguagem, da concepção espacial nova em vários projetos<sup>151</sup>.

Esse saber notório de Pinho, construído pela auto-formação intelectual e curiosidade puderam ser observados no imóvel rural analisado, o qual em nada se assemelha às vivendas vernaculares e coloniais, características deste tipo de habitação. Em uma das soluções ele repete, na forma de *brises* fixos semelhantes a uma habitação de Tirol, as aberturas cilíndricas manifestadas em soluções para o conforto térmico.

---

<sup>151</sup> Entrevista concedida em 19.02.2016 no HCUrb.

Através dos brise-soleil, a imaginação plástica de nossos arquitetos recriou as fachadas e, através das paredes fenestradas, as tramas, os claustros, o cobogó, os painéis montados sobre chassis deram o toque próprio à nossa arquitetura moderna, feito de encanto, graça audaciosa e de nervosismo. Isso terminou por criar uma espécie de tendência entre nossos arquitetos, que se distinguem pela atenção dada às pesquisas plásticas no plano das superfícies, talvez em detrimento de um pensamento espacial mais articulado e mais aprofundado, nos jogos dos volumes e dos espaços interiores (PEDROSA, 2002, p.102).

Ausentes não somente de propostas para grupos de baixo poder aquisitivo, os projetos do desenhista também não *permitted* que dialogassem mais amplamente com a cidade. O domínio da técnica passava ao largo das questões sociais, ao meio urbano e outros temas caros à formação acadêmica dos arquitetos urbanistas, mormente incluídas na grade curricular deste campo disciplinar. Suas manifestações arquiteturais privilegiavam a elite e os grupos de poder, cujo desabrochar da criatividade e intelectualidade não alcançou outros grupos e camadas populares.

Pode-se afirmar que Arialdo Pinho, ao longo da carreira desenvolvendo projetos de arquitetura, soube direcionar as investidas relacionais que repercutiriam na sua atuação nesta profissão até o fim da sua vida. O aprofundamento na trajetória de um profissional cujo reconhecimento da carreira mantivera-se coadjuvante em se comparando a arquitetos e urbanistas nomeadamente detentores de diploma universitário possibilitou perceber, ampliar e interpretar um vasto campo acerca da profissão. De modo que, surgiram diversas particularidades do prático que ressaltaram características pessoais e profissionais, algumas vezes explicando-se uma à outra, entretanto, independentes se mostraram em demais ocasiões. Se, por um lado, soube dialogar com as idiosincrasias próprias de uma clientela conquistada, no entanto exerceu importante papel de formador de aprendizes da arquitetura.

Valeu-se de um consumo cultural de publicações editoriais multilíngues não somente voltadas para assuntos técnicos, cujos aportes solidificaram sua autonomia e introduziam particularidades nas inovações projetuais e arquitetônicas do momento. Ao situar sua atuação junto à categoria “formal”, obteve reconhecimentos e gerou dissabores relacionados ao uso indevido da profissão, particularidades que provocaram embates com profissionais e entidades associativas de defesa da atividade especializada e de regulamentação das atribuições inerentes à categoria. Diferentemente das

prerrogativas mormente acadêmicas, sua incursão pela arquitetura não se estendeu às questões urbanas e nem às casas populares, definindo bem o público elitizado que sempre ofereceu seus serviços.

Toda essa conjuntura envolve o personagem prático Arialdo Pinho. Acerca da lacuna de seu não reconhecimento, Frederico Holanda<sup>152</sup> diz haver uma “tradição de alijamento da literatura e do registro das pessoas que não são formalmente reconhecidas pela corporação profissional [...]”. O professor atenta para essa categoria que, apesar de passar ao largo do registro representativo, mantém-se abjuradas às colaborações referenciadas à produção arquitetural, “e que, no entanto, deram uma contribuição significativa”. O conflito evidencia – não cabendo aqui argumentar a dual relação entre a formalização da profissão e a oficialização acadêmica – essa (con)vivência, cuja repercussão às avessas requer proposições da categoria, conforme provoca Holanda: “A nossa obrigação é tentar entender a contribuição da arquitetura de fato que é feita por esses profissionais”.

Constatada a democratização deste conhecimento, depreende-se que os recursos audiovisuais facultaram traçar o período em que viveu em Natal e Fortaleza costurado pelos relatos orais, imagens fotográficas e gravadas das edificações por ele projetadas, além das influências que exerceu como formador intelectual. Esta trama relacional e seus conflitos, assim como, suas ruínas, seus ocasos e seus silêncios, foram evidenciados durante a pesquisa empírica, cuja participação de recordadores através dos relatos orais, juntamente com o trabalho de campo em paralelo, umbilicaram o documentário “Uma trajetória des-viável – o percurso profissional de Arialdo Pinho entre Natal e Fortaleza”, outro produto fruto da pesquisa que fundamenta esta tese.

---

<sup>152</sup>Frederico de Holanda foi entrevistado em 03.03.2016 na UFRN.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício. Sobre a Memória das cidades. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs.). **A produção do Espaço Urbano: Agente e Processos, Escalas e Desafios**. São Paulo: Contexto, 2011.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

ALMEIDA, Adriana Leal de. CARVALHO, Juliano Loureiro de. **Augusto Reynaldo, introdutor e difusor da arquitetura residencial moderna em Campina Grande-PB**. João Pessoa, 3º DOCOMOMO N-NE, 2010.

ALMEIDA, Adriana Leal de. **Difusão da Arquitetura Moderna em Campina Grande-PB: necessidades e desafios para preservação de um patrimônio ameaçado**. 3º DOCOMOMO N-NE, João Pessoa, 2010.

ALMEIDA, Adriana Leal. CARVALHO, Juliano Loureiro de. **Augusto Reynaldo, introdutor e difusor da arquitetura residencial moderna em Campina Grande-PB**. 3º Docomomo N -NE 2010.

ALMEIDA, Caliane Christie Oliveira de. LIMA, Luiza Maria Medeiros de; FERREIRA, Ângela Lucia. O corpo técnico das CAPs e IAPs e a inserção de inovações na moradia urbana (Nordeste, décadas de 1940-60). In: PEIXOTO, Elane Ribeiro; DERNTL, Maria Fernanda; PALAZZO, Pedro Paulo; TREVISAN, Ricardo (Orgs.) **Tempos e escalas da cidade e do urbanismo: Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Brasília, DF: Universidade Brasília- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014. Disponível em: <<http://www.shcu2014.com.br/content/corpo-tecnico-das-caps-e-iaps-e-insercao-inovacoes-na-moradia-urbana-nordeste-decadas-1940>>

ALMEIDA, Caliane et. al. O corpo técnico das CAPs e IAPs e a inserção de inovações na moradia urbana (Nordeste, décadas de 1940-60). In: PEIXOTO, Elane Ribeiro; DERNTL, Maria Fernanda; PALAZZO, Pedro Paulo; TREVISAN, Ricardo (Orgs.) **Tempos e escalas da cidade e do urbanismo: Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Brasília, DF: Universidade Brasília- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014. Disponível em: <<http://www.shcu2014.com.br/content/corpo-tecnico-das-caps-e-iaps-e-insercao-inovacoes-na-moradia-urbana-nordeste-decadas-1940>>.

ALVES, Mariana Gonçalves Reynaldo. **Augusto Reynaldo: resgate de uma obra**. (Trabalho Final de Graduação) Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

ANDRADE, Ana Isabel de Souza L. et. al. **José Américo: uma fotobiografia**. João Pessoa: Ideia, 2014.

ANDRADE, Ana Isabel de Souza L., ARAGÃO, Maria do Socorro S. de, SANTOS, Neide Medeiros. **Conversando sobre Augusto dos Anjos: uma história oral**. João Pessoa: Ideia, 2009.

ARGAN, Giulio Carlo. *Arquitetura moderna no Brasil*. In: **Depoimento de uma geração**. Arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac & Naify 2003.

ARIALDO, Pinho. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2016. Verbete da Enciclopédia. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22513/arialdo-pinho>>. Acesso: 22 de junho de 2016.

ARRUDA, Ângelo Marcos; MAIOLINO, Cláudio Forte; COSTA, Fernando José de Medeiros; MARAGNO, Gogliardo Vieira. **Embasamento teórico sobre a atuação dos arquitetos e urbanistas**. Sob a perspectiva histórica e das diretrizes curriculares. *Arquitextos*, São Paulo, ano 16, n. 183.04, Vitruvius, ago. 2015 (<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.183/5658>). Acesso em 12.05.2016.

Associação Brasileira de Escolas de Arquitetura. **Sobre a História do Ensino de Arquitetura no Brasil**. São Paulo, 1977.

AYALA, Walmir (org.). *Dicionário brasileiro de artistas plásticos*. Brasília: MEC / INL, 1980. v.4: Q a Z. (Dicionários especializados, 5).

BICCA, Paulo. **Arquiteto a máscara e a face**. São Paulo: Projeto Editores Associados, 1984.

BORGES, Vany Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 203-235.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3ª Ed. – São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A Ilusão Biográfica*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coords.). **Usos e Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BRIGHENTI, Andrea M., CAMPOS, Ricardo, SPINELLI, Luciano (Orgs.). *Identidade, imagem e representação na metrópole*. In: **Uma Cidade de Imagens**: Produções e consumos visuais em meio urbano. Lisboa: Mundos Sociais, 2011.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales**. 1929-1989. A Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: UNESP, 1989.

CALDAS, Dorian Gray. **Artes plásticas do Rio Grande do Norte – 1920 – 1989**. Natal, UFRN/Editora Universitária/FUNPEC/SESC, 1989.

CALVO, Daniel Malet. *A Gênese Traumática do Património em Lisboa: Símbolos e representações urbanas nos bairros típicos depois do terramoto de 1755*. In.:

**Seminário de Investigação.** Lisboa no CESNOVA (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas). Institut Français Portugal: 2014.

CAMPOS, C. M. **A circulação do ideário urbanístico na América do Sul na primeira metade do século XX: interpretações e conceitos.** XII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, Porto Alegre.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade.** São Paulo: Contexto, 2011.

CAPEL, HORÁCIO. *Prólogo.* In: **Surge et Ambula: a construção de uma cidade moderna** (Natal, 1890-1940). Natal, RN: EDUFRN, 2006.

CAPELATO, Maria Helena [et al.]. **História e Cinema – Dimensões históricas do audiovisual.** (Org). 2ª ed. São Paulo: Alameda, 2011. Apresentação.

CARUSO; POPPOVIC (2010) apud HAGEMMEYER. **História & Audiovisual.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CARVALHO, César Augusto de. O uso de fotografias de família. In: **Antropologia & Imagem.** PEIXOTO, Clarice Ehlers (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

CARVALHO, Juliano Loureiro de; ALMEIDA, Adriana Leal de. **Augusto Reynaldo, introdutor e difusor da arquitetura residencial moderna em Campina Grande-PB.** 3º Docomomo N/NE, João Pessoa, Paraíba, 2010.

CAVALCANTI, Lauro (Org.). **Quando o Brasil era Moderno – Guia da Arquitetura 1928-1960.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio.** São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CHOAY, Françoise. **O Patrimônio em Questão – Antologia para um bom combate.** Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2011.

CORADINI, Lisabete. **Quando fomos modernos.** Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 13, vol. 20(1+2), 2009.

COSTA, João Pedro. **Bairro de Alvalade: Um Paradigma no Urbanismo Português.** 4ª edição. Livros Horizonte, Lisboa-Pt, 2010.

CUNHA, et. al. **Dois registros de arquitetura através de modelo geométrico tridimensional digital.** As casas modernas de Augusto Reynaldo em Campina Grande-PB. Disponível em: <http://www.lppm.com.br/sites/default/files/livros/Arqdoc%20II%20%20As%20casas%20modernas%20de%20Augusto%20Reynaldo.pdf>.> Acesso em 29 de novembro de 2015.

CZAJKOWSKI, Jorge. (Org) **Guia da Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro /** Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.



DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido. Tradição e transformação do documentário cinematográfico.** Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

EMERENCIANO, João Gothardo Dantas (Org). **Natal Não-Há-Tal: Aspectos da História da Cidade do Natal/** Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo, Natal: Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística, 2007.

FERNANDES, José Manuel; PINHEIRO, Maria Lucia. (orgs.) **Portugal, Brasil, África – Urbanismo e Arquitetura - Ecletismo ao Modernismo.** Caleidoscópio – Edições e Artes Gráficas, S/A. Casal de Cambra, Portugal, 2013.

FERREIRA, Angela Lúcia A. **De la producción del espacio urbano a la creación de territorios en la ciudad. Un estudio sobre la constitución de lo urbano en Natal, Brasil.** 1996. 599 p. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia Humana, Universidad de Barcelona, Barcelona, Espanha, 1996.

FERREIRA, Angela Lucia, EDUARDO, Anna Rachel Baracho, DANTAS, George Alexandre Ferreira, LOPES, Ana Caroline de Carvalho. **Uma cidade sã e bela: a trajetória do saneamento de Natal – 1850 a 1969.** Natal: IAB/RN, CREA/RN, 2008, p. 96,97.

FERREIRA, Angela Lucia; DANTAS, George A. F. (Org). **Surge et Ambula: A construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940).** Natal, RN: EDFURN, 2006.

FERREIRA, Angela Lucia; DANTAS, George A. F. *Retratos do plano da cidade: a modernização urbana de Natal na década de 1920.* In: **Natal: intervenções urbanísticas, morfologia e gestão da cidade.** Giovana Paiva de Oliveira; Angela Lúcia Ferreira. (Org.). Natal: EDUFURN, 2006.

FRANCO, Ruy Eduardo Debs. **Artacho Jurado. Arquitetura Proibida.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

GALVÃO, Roberto. **Uma visão da arte no Ceará.** Fortaleza: Galeria Ignez Fiuza: GRAFISA, 1987.

GIEDION, Sigfried. O Brasil e a Arquitetura Contemporânea. In: **Depoimento de uma geração.** Arquitetura moderna brasileira, XAVIER, Alberto (org.). Cosac & Naify, São Paulo, 2002.

GIEDION, Sigfried. *O Brasil e a Arquitetura Contemporânea.* In: **Depoimento de uma geração. Arquitetura moderna brasileira,** XAVIER, Alberto (org.). São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

GOMES, Carlos Roberto de Miranda. **O menino do poema de concreto.** Natal: Edições Sebo Vermelho, 2014.

GORELIK, Adrián. **Lo Moderno en Debate:** Ciudad, Modernidad, Modernización. Universitas Humanista, Bogotá, n. 56.

GUTIERREZ, Esther Judite Bendjouya (Org.), MONTEIRO, Reis Goes, JUNIOR, Wilson Ribeiro do S. **A construção de um novo olhar sobre o ensino de arquitetura e urbanismo** no Brasil: os 40 anos da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo [https://issuu.com/gogli/docs/livro\\_abea\\_com\\_isbn\\_digital\\_03-dez](https://issuu.com/gogli/docs/livro_abea_com_isbn_digital_03-dez). Acesso em 4 de junho de 2016.

HAGEMEYER, Rafael Rosa. **Historia & Audiovisual**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOLANDA, Frederico de. **10 Mandamentos da Arquitetura**. Brasília: FRBH, 2015.

JÚNIOR, Lindener Pareto. **O cotidiano em construção**: os “práticos licenciados” em São Paulo (1893-1933) / Lindener Pareto Jr. – São Paulo, 2011.

LANCASTRE, Maria José de. **Fernando Pessoa – Uma fotobiografia**. Imprensa Nacional – Casa da Moeda e Centro de Estudos Pessoaanos, Cascais, 1981.

LEITE, Julieta. **A cidade como escrita**: O aporte da comunicação na leitura do espaço urbano. *Arquitextos*, São Paulo, 06.067, Vitruvius, dez 2005.

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coords.). **Usos e Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. Cap. 12.

LIMA, Luiza Maria M. **Modernismo à prestação: traços e linhas da arquitetura nas moradias financiadas pelos IAPS (Natal, décadas de 1940-60)**. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

MARQUES, Olavo. Imagens, paisagens e tempos na metrópole contemporânea. In: **Produções e consumos visuais em meio urbano**. Ricardo Campos, Andrea Mubi Brighenti e Luciano Spinelli (Org.). Editora Mundos Sociais, Lisboa-Pt, 2011.

MEIHY, José Carlos S. Bom. **Recortes da Memória**: lembranças, compromissos e explicações sobre a EPM/UNIFESP na perspectiva da história oral. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

MELO, Alexandra Consulin Seabra de. **Yes, nós temos arquitetura moderna! Reconstituição e análise da arquitetura residencial moderna em Natal das décadas de 50 e 60** (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

MENEZES, Marlucci, RAMOS, Tânia. Por onde caminha o moderno: registros topológicos e uso do espaço público no Bairro de Alvalade em Lisboa. In: **Arquitetura Urbanismo Design** – metodologias e métodos de investigação. Edição Caleidoscópio, Lisboa-Pt, 2011.

MENEZES, Marlucci. Mouraria: onde mora o cotidiano na invenção do patrimônio urbano? In: **Seminário de Investigação Lisboa no CESNOVA** (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas). Institut Français Portugal. Julho, 2014.

METZ, Christian. **A significação do cinema**. Sao Paulo: Perspectiva, 1972.

METZ, Christian. **Linguagem e cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

MIRANDA, João Mauricio Fernandes de. **Evolução Urbana de Natal em 400 Anos: 1599 – 1999**. Natal, RN. Prefeitura do Natal, 1999.

MOREIRA, F. D. (org.). **Arquitetura Moderna no Norte e Nordeste do Brasil**: universalidade e diversidade. Recife: Fasa, 2007.

MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte história na obra de Marc Ferro. CAPELLATO, Maria Helena et al. In: **História e Cinema: dimensões históricas do audiovisual**. 2ª ed. São Paulo: Alameda, 2011.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, 1981.

OLIVIERI, Silvana. **Quando o cinema vira urbanismo: o documentário como ferramenta de abordagem da cidade**. Salvador: EDUFBA, PPGAU; Florianópolis: ANPUR, 2011.

ORTEGOSA, Sandra Mara. **Cidade e memória: do urbanismo “arrasa-quarteirão” à questão do lugar**. Arqtextos, São Paulo, 2012.

PEDROSA, Mário. Arquitetura moderna no Brasil. In: **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. XAVIER, Alberto (org.). São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

PEDROZA, Sylvio Piza. **Pensamento e Ação. Marcos de uma trajetória de governo**. Natal, Fundação José Augusto, 1984.

PEIXOTO, Clarice Ehlers (Org.). **Antropologia & Imagem**, volume 1: narrativas diversas. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

PEREGRINO, Umberto. **Crônica de uma cidade chamada Natal**. Natal: Clima Editora, 1989.

PEREIRA, Fúlvio Teixeira de Barros. **Difusão da arquitetura moderna na cidade de João Pessoa (1956-1974)**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo -- Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2008. - São Carlos, 2008.

PINHEIRO, Carlos Sizenando Rossiter; PINHEIRO, Fred Sizenando Rossiter. **Dos Bondes ao Hippie Drive-In: Fragmentos do cotidiano da cidade do Natal**. Natal, RN: EDUFRRN, 2009.

PIZZA, Antonio. **La construcción del pasado**. Madrid: Celeste, 2000.

PRADO, Barbara Irene Wasinski. **Atividades de Paisagismo: Aspectos Legais da regulação profissional da arquitetura e urbanismo**. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/7543415-Atividades-de-paisagismo-aspectos-legais-da-regulacao-profissional-da-arquitetura-e-urbanismo.html>>. Acesso em 29 de julho de 2016.

PUIG, Emili Ferrando. **Fuentes orales e investigación histórica: Orientaciones metodológicas para crear fuentes orales de calidad em el contexto de um proyecto de investigación histórica**. Barcelona: Del Serbal, 2006.

QUEIROZ, Marcus Vinicius Dantas de; ROCHA, Fabiano de Melo Duarte. *Caminhos da arquitetura moderna em campina grande: emergência, difusão e a produção dos anos 1950*. In: MOREIRA, F. D. (org.). **Arquitetura Moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade**. Recife: Fasa, 2007.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas Afinal...o que é Mesmo Documentario?** Senac, 2008.

RIVAS, Carolina. **Cine Paso a Paso – Metodología del autoconocimiento. Zona cero y La vida se amputa en seco**. Creadores Contemporaneos, D.F. Mexico, 2010.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

RODRIGUES José Delgado (Org.) Artis - Instituto Da História Da Arte, Laboratório Nacional De Engenharia Civil. **De Viollet-le-Duc à Carta de Veneza: Teoria e Prática do Restauro no Espaço Ibero-Americano** - Livro de Atas. Lisboa : LNEC- Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2014.

RODRIGUES, Mariana Leal. Entre receitas e simpatias, doces e venenos: o uso do vídeo na pesquisa com mulheres de 60 anos ou mais. PEIXOTO, Clarice E. (Org.) In: **Antropologia & Imagens**. Narrativas diversas. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

ROSSI, Aldo. **La Arquitectura de la Ciudad**. Coleccion Arquitectura y Critica. Editorial Gustavo Gili, S.A., 1971, Rosellón, 87-89, Barcelona, Espanha.

ROUANET, Sergio Paulo. A Cidade Iluminista. In.: Cléia, ZETTEL, CHIAVO, Jayme (Coord.). **Memória, Cidade e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. **Engenheiro Aarão Reis: o progresso como missao**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997.

SANTOS, Paulo F. **Quatro Séculos de Arquitetura**. Rio de Janeiro, IAB, 1981. Disponível em: <<http://www.iab.org.br/historia>>. Acesso 13 de junho de 2016.

- SANTOS, Paulo F. **Quatro Séculos de Arquitetura**. Rio de Janeiro, IAB, 1981.
- SANTOS, Pedro Antônio de L. A questão sanitária e o disciplinamento de Natal: 1850 – 1935. In: FERREIRA, Ângela Lúcia de Araújo, OLIVEIRA, Giovana Paiva de (Org.). **Natal: intervenções urbanísticas, morfologia e gestão da cidade**. Natal, RN: EDUFRRN, 2006.
- SCHIAVO, Cléia, ZETTEL, Jayme (coord.). **Memória, cidade e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1997.
- SILVA, Márcia Regina Barros da. A Pesquisa na Escola Paulista de Medicina: uma Construção de Significados. In: **Recortes da Memória: Lembranças, Compromissos e Explicações sobre a EPM/UNIFESP na Perspectiva da História Oral**. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.
- SILVA, Zélia Lopes da. (org.). **Arquivos, Patrimônio e Memória: Trajetória e Perspectivas**. São Paulo: UNESP: FAPESP, 1999.
- SOBRAL, Gustavo. **Arquitetura Moderna Potiguar**. EDUFRRN – Editora da UFRN, Natal-RN, 2011.
- SOUZA, Itamar de. **Nova História de Natal**. 2 ed. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2008 .
- TAKEUCHI, Washington Cesar, Umberto, Hugo (Org.). **Circulando pela Arquitetura Moderna de Curitiba**. Projeto Leituras do Amanhã. Curitiba, 2016.
- TAVARES, Frederico Augusto Luna. **No Tempo dos Brotos: juventude e diversão em Petrópolis e no Tirol (1945-1960)**. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.
- TELLES, Augusto da Silva. **Arquitetura no Brasil. Critério de ensino**. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCOLAS DE ARQUITETURA. Boletim nº 5, julho de 1977. Acervo da ABEA, pp. 2-4. In: GUTIERREZ, Esther Judite B. (Org.), MONTEIRO, Reis Goes, JUNIOR, Wilson Ribeiro do S. **A construção de um novo olhar sobre o ensino de Arquitetura e Urbanismo no Brasil: Os 40 anos da ABEA**. Brasília: ABEA, 2013. Disponível em: <[https://issuu.com/gogli/docs/livro\\_abea\\_com\\_isbn\\_digital\\_03-dez](https://issuu.com/gogli/docs/livro_abea_com_isbn_digital_03-dez)>. Acesso em: 4 de junho de 2016. Acesso em 4 de junho de 2016.
- TOSTÕES, Ana. O Bairro de Alvalade. In: **O Livro de Lisboa**. MOITA, Irisalva (Coord.). Lisboa: Edições Horizonte, 1998.
- TRAVERSO, Enzo, **El pasado, instrucciones de uso: Historia, memória, política**. Madrid: Marcial Pons, 2007. Politopias, n.10.
- TRIGUEIRO, E. CAPPI, F., NASCIMENTO, M. **Modernismo potiguar: vida, reprodução e quase morte**. 3º DOCOMOMO NNE, João Pessoa: UFPB, 2010.

TRIGUEIRO, E. FEIJÓ, P. **Arquitetura em cidades ‘sempre novas’: breve mostra de arquitetura moderna pelas ruas de Natal**. 4º DOCOMOMO NNE, Natal: UFRN, 2012.

UMBERTO, Hugo, SUZUKI, Juliana (orgs.). **Residência Belotti**: uma casa vermelha em Curitiba. Londrina: Kan, 2015.

URBANO, Luís. **Bloco das Águas Livres** - A Perfect Buiding e DVD Como Se Desenha Uma Casa, de Luís Urbano. Lisboa: Single 01, Editions A + A Books, 2014.

VILAS BOAS, Naylor Barbosa. **Fotografia e Cidade: Trajetórias Simbióticas**. III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva São Paulo, 2014.

ZEVI, Bruno, XAVIER, Alberto (Org.). A moda lecorbusiana no Brasil. In: **Depoimento de uma geração**. Arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e Esquecimento**. São Paulo, Editora Hucitec, 1997.

## APÊNDICES<sup>153</sup>

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**

**CENTRO DE TECNOLOGIA**

**DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA**

**Grupo de Pesquisa História da Cidade, do Território e do Urbanismo - UCurb**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA – EX-MORADOR/EX-PROPRIETÁRIO**

#### **Projeto de Pesquisa**

Circulação de idéias: os IAPs e a introdução de inovações arquitetônicas em natal (1940-1960)

#### **Pesquisadores:**

Frederico Augusto Luna Tavares (Doutorando PPGAU/UFRN)

Luiza Medeiros de Lima (Mestranda PPGAU/UFRN)

**Resumo do Projeto:** A pesquisa compreende duas linhas de análise: 1) Compreender o processo de introdução de ideias inovadoras na arquitetura e no urbanismo na cidade de Natal/RN, principalmente nas décadas de 1940-1960 e no âmbito da moradia, por meio da reconstituição as trajetórias profissionais de engenheiros e arquitetos que atuaram na cidade nesse período; 2) Investigar a relação entre memória, patrimônio e identidade dos natalenses no que diz respeito ao patrimônio modernista, mais especificamente o residencial, produzido nos anos 1940-1970 nos bairros de Tirol e Petrópolis.

### **BLOCO 01**

#### **Origem e família**

1. Nome?
2. Idade?
3. Local de nascimento?
4. Nome dos pais?
5. Profissão dos pais?
6. Onde morou (com a família)?
7. Como era essa casa?

---

<sup>153</sup> Os demais roteiros de entrevistas, assim como seus conteúdos e as autorizações para o uso do material e sua divulgação, encontram-se devidamente catalogados. Eles fazem parte de um dossiê pertencente ao acervo do HCUrb, encontrando-se estão à disposição para consultas.

8. Conhecia os vizinhos?
9. As casas eram semelhantes, do mesmo estilo?
10. Onde estudou?
11. Estado civil?
12. Filhos?
13. Onde mora?
14. Profissão?

### **História da casa**

15. Quando o sr. adquiriu ou foi morar naquela casa?
16. Foi o primeiro proprietário ou morador?

[Se **SIM** seguir com as perguntas, se responder **NÃO** saltar para **40**]

17. Foi o sr./sra./ pais que mandaram construir?
18. Se sim, a quem encomendou o projeto?
19. Lembra quem foi responsável pela obra?
20. Quando foi a construção?
21. Quais eram as ideias/desejos para essa casa?
22. Ficou satisfeito com o projeto/resultado? (**RESPONDER SE FOI O CONSTRUTOR**)
23. Lembra qual a opinião de outras pessoas sobre o prédio?
24. Ele era semelhante aos da região ou diferente?
25. Os móveis foram encomendados?
26. Tinha garagem? A família tinha automóvel? Qual?
27. Quem morava na casa?
28. Tinham empregados?
29. Havia algum espaço de lazer (piscina, boate, sala de música, de jogos etc.)
30. Recebiam visitas com frequência?
31. Como recebiam essas visitas? Havia dias específicos e um local específico para isso?
32. A cozinha era muito usada pela família? Como espaço de convivência?
33. E por visitas?
34. Você acha que a forma da casa influenciou na relação com a vizinhança?
35. E com quem passa na rua?
36. Havia jardins?
37. Fale sobre eles. Como eram? Como se utilizava?
38. Ainda existem?
39. Eram comuns nas redondezas?

[Perguntar **40 a 47** somente se respondeu **NÃO a 15**]

40. Foi o primeiro morador? Quem o possuiu antes?
41. teve alguma relação com a arquitetura?
42. Fale um pouco sobre suas memórias daquele espaço.
43. Acha que essa edificação teve alguma importância ou causou impacto na época que foi construída?
44. Em sua opinião, ela segue algum estilo ou tem alguma característica especial?
45. Como o sr./sra. a definiria?



46. Existem lembranças importantes da sua vida associadas a esse lugar?
47. Isso significa algo para você?
48. Por que resolveu vender ou alugar o imóvel?
  
49. O sr./sra. fez alguma alteração ou reforma?
50. Se sim, qual era seu objetivo?
51. Como era antes da obra?
52. Teve a intenção de preservar algo do original?
  
53. Porque vendeu ou deixou o prédio?
54. Sente saudades de algo relacionado àquela morada?
55. Qual sua percepção da situação atual desse lugar (casa/região)?
56. Gostaria de dizer algo mais sobre a casa?

### **História de Natal**

57. Qual a lembrança mais antiga que o sr./sra. tem daquela/dessa região da cidade?
58. O sr./sra. costumava frequentá-la?
59. Era considerada uma área nobre?
60. Como era o acesso?
61. Era fácil chegar ao centro, locais de trabalho, lazer (clubes, praças, praia, cinema...), comércio?
62. Como eram as edificações na região (casas, clubes, cinema, etc.)?
63. Identificava alguma semelhança entre essas edificações?
64. Para você, algum estilo arquitetônico caracterizou as casas em Natal, mais ou menos entre as décadas de 1950-1970?
65. Como era Natal nessa época?
66. Lembra-se dos limites da cidade?
67. E do bairro?
68. Lembra-se de edificações, em geral, marcantes, inovadoras da época?
69. Alguma casa?
70. Qual?
  
71. Lembra-se das Caixas e Institutos de Aposentadoria e Pensões (IAPI, IAPC, IAPB, IPASE, IAPFESP, IAPTEC, CAPESP-RN)?
72. De alguma vila ou conjunto residencial? [Paulo Gentile, Conjuntos do IPASE I, II, Conjunto Nova Tirol, Vila Henrique Ebóli...]
  
- [Se responder **NÃO**, saltar para o próximo bloco]
  
73. Se sim, fale um pouco sobre eles.
74. O sr./sra. teve algum tipo de vínculo com esses órgãos? [associado, funcionário?]
75. Conheceu alguém que trabalhou lá ou morou em casas de vila/conjunto ou financiadas?
76. Alguma vez recebeu financiamento para construção, reforma ou aquisição de casa por meio dos institutos e Caixas?

77. Se sim, fale um pouco sobre isso.
78. Como foi?
79. Quando?

## **BLOCO 02**

### **Transformações recentes na cidade, memória e patrimônio modernista**

Algumas edificações importantes dos anos 1940, 50, 60 e 1970, de vulto, desapareceram da paisagem natalense, como o ABC Clube (hoje CCAB Petrópolis), o estádio Machado, a sede do América FC está sendo aos poucos dilapidada, o Hotel dos Reis Magos encontra-se abandonado e pode vir a ser demolido.

1. O que o sr./sra. acha disso?
2. Porque isso acontece?
3. Para o sr./sra., haveria alguma alternativa para preservar tais edificações?
4. As pessoas reconhecem seu valor histórico?
5. Qual sua avaliação desse processo de modificação ou derrubada do acervo modernista da cidade?
6. Para você, o que é memória?
7. Natalense tem memória?
8. Em Natal, o que merece ficar para a memória, em termos de construções?

### **O natalense, identidade e patrimônio histórico**

9. Defina o que é patrimônio histórico.
10. O natalense sabe o que é patrimônio e identifica-lo?
11. Ele sabe valorizá-lo?
12. Algumas/Quais casas ou outros tipos de edificação na cidade mereceriam ser tombadas? Por quê?
13. As edificações modernistas merecem ser tratadas como patrimônio histórico e serem preservadas?
14. Cite uma (ou algumas) que o sr. considera ícone neste sentido.
15. Por quê?
16. O sr.(a) se considera parte de um grupo (social, sócio-econômico, intelectual, profissional)?
17. Defina o que é identidade (identidade é reconhecer no outro algumas características).
18. Como o sr(a) a reconhece?
19. Dizem que o natalense não tem identidade. Fale sobre isso.

## TERMO DE CESSÃO DE ENTREVISTA

Natal, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Professora Dra. Angela Lúcia Ferreira

Eu, \_\_\_\_\_, estado civil \_\_\_\_\_, portador(a) da carteira de identidade nº. \_\_\_\_\_, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista gravada na data de \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, no âmbito do Projeto de Pesquisa “Circulação de Ideias: os IAPse a introdução de inovações arquitetônicas e urbanísticas em Natal (décadas de 1940 a 1960)”, podendo ser utilizada integralmente, sem restrições de prazos, citações e meios de divulgação, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso da gravação a terceiros, ficando vinculado o controle do Grupo de Pesquisa História da Cidade, do Território e do Urbanismo (HCURB), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa cessão, subscrevo a presente.

---

Assinatura do Donatário

## RELAÇÕES GENEALÓGICAS DE ARIALDO PINHO

